



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CRITICA

NESTOR VICTOR

asub

OS DE HOJE

FIGURAS DO MOVIMENTO
MODERNISTA BRASILEIRO



Cultura
Moderna

OS DE HOJE

FIGURAS DO
MOVIMENTO
MODERNISTA
BRASILEIRO



*Este livro foi composto e
impresso nas oficinas de
José Magalhães, á Rua
Quirino de Andrade, 59
S. Paulo — 1938.*

NESTOR VICTOR OS DE HOJE

FIGURAS DO MÓVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO



CULTURA MODERNA

(Sociedade Editora Ltda.) — SÃO PAULO
RUA SÃO BENTO N. 51 — (Edifício Martinelli)
CAIXA POSTAL 749 — TELEFONE 2-8000

OBRAS DE NESTOR VICTOR

CRITICA

- "*Cruz e Souza*" 1899.
"A Hora", 1900.
"Tres Romancistas do Norte", 1915.
"Farias Brito", 1917.
"A Critica de Hontem", 1919.
"Cartas a Gente Nova" 1924.
"Os de Hoje" 1938.

VIAGEM

- "Paris" 1.^a ed. 1911, 2.^a ed. 1913.
"A Terra do Futuro" 1915.

ENSAIOS E PENSAMENTO

- "O Elogio da Creança" 1.^a ed| 1915, 2.^a ed. 1922
"Folhas que ficam" Emoções e pensamentos, 1920
"O Elogio do Amigo" 1921.

POESIA

- "A Cruz e Souza", 1900.
"Transfigurações". (1888-1898), 1902.

CONTO, NOVELLA, ROMANCE

- "Signos", contos, 1897.
"Amigos", romance, 1900.
"Parasita" novella, (in "Feira Literaria") 1928.

TRADUCÇÃO

- "A Sabedoria e o Destino" Maeterlinck, 1903.

I N D I C E

	Pag.
GRAÇA ARANHA:	
<i>antes da guerra:</i>	11
<i>depois da guerra:</i> ..	22
JACKSON DE FIGUEIREDO	35
RAUL DE LEONI	47
TASSO DA SILVEIRA:	
<i>Inquietação (a proposito das "Allegorias do Homem Novo")</i>	59
<i>Um leader do vanguardismo (a proposito de "Alegria Creadora")</i>	76
<i>"As Imagens Accesas"</i>	85
GILKA MACHADO	99
MURILLO ARAUJO	107
PLINIO SALGADO	119
ANDRADE MURICY	127
JOSE AMERICO DE ALMEIDA ..	146
BARRETTO FILHO	138
MARIO DE ANDRADE	156
<i>"Clan do Jaboty"</i>	161
<i>"Macunaima"</i>	167
TRISTÃO DE ATHAYDE:	
<i>"Estudos" 1.ª Série</i>	177
<i>"Estudos" 2.ª Série</i>	188

	Pag.
LOUVORES AO BRÁSIL:	
<i>"A' Margem da Historia da Republica"</i>	198
ADELINO MAGALHÃES:	
<i>"Os Violões"</i>	202
<i>"Casos e Impressões"</i>	206
O BRASIL QUE FOI, QUE E'	
E QUE VAE SER	
<i>Vanguardismo e romantismo</i>	209
<i>Prosa</i>	218
JORGE DE LIMA:	
<i>"Poemas"</i>	228
<i>"Essa negra Fulô"</i>	225
<i>"Novos Poemas"</i>	239
9 POETAS NUEVOS DEL BRASIL,	
<i>de Enrique Bustamante y Ballivián</i>	243
TODOS ROMANTICOS:	
<i>Cassiano Ricardo</i>	
<i>Wellington Brandão</i>	252
LETRAS BAHIANAS	260
LUIZ DELGADO	269
NOSSAS LETRAS NO CENTENARIO DE	
JOSE' DE ALENCAR	274
CARLOS DA VEIGA LIMA	279
UM VANGUARDISTA:	
<i>Manoel de Abreu</i>	284
UM VANGUARDISTA MENINO:	
<i>Guilherme de Castro e Silva</i>	296
DOIS NOVELLISTAS:	
<i>Menotti del Picchia;</i>	
<i>Jayme Ballão Junior</i>	310
RODRIGUES DE ABREU.	
UM POUCO DE CHRONICA	
DA VIDA LITERARIA	323
<i>Indice dos nomes citados</i>	329

PREFACIO

Nestor Victor faleceu em 13 de Outubro de 1932, deixando, além do que estava editado, copiosa obra critica dispersa em jornaes e revistas. Essa materia, enfeixada em volumes, duplicará a sua bibliografia no genero.

Nascido em Paranaguá, principal cidade litoranea do Paraná, a 12 de Abril de 1868, Nestor Victor dos Santos não era um velho, ao morrer. Sessenta e quatro annos não é idade excessivamente avançada; mas a vida fôra, para ele, intensa e duramente vivida. Espirito de agudeza e de requinte, psicologo nato, era francamente poeta na existencia quotidiana, abstraído na ebriedade literaria e em forte atividade introspectiva. Ninguem, no entanto, trabalhou mais do que ele para assegurar o necessario, e no mais ingrato trabalho: lições da manhã á noite, das 7 ou 8 ás 22 horas diariamente, durante trinta ou quarenta annos. Nunca lhe coube em partilha alguma sinecura amavel: era, sempre e só, a liçõesinhá, a ser descontada si faltasse. Destino tão irmão do daquelle admiravel César Franck, que ele tanto admirava, e que como ele, viveu preso a um labôr inglorio, e como ele forçado a dispender os seus preciosos momentos, a recalcar a mais nobre musica, no afan anonimo.

Dentro daquelle obscuro ritmo de vida, Nestor Victor mantinha uma inextinguivel vitalidade secreta, de sensibilidade e de espirito. Professor apenas, não procurou posições, e até daquellas que lhe foram proporcionadas (vice-

diretor do Colégio Pedro II, aos 22 anos, e deputado estadual, no Paraná, em varias legislaturas) se afastou sem saudade. O seu verdadeiro destino foi o de homem de letras. Esse autor, nunca chamado para os cenaculos letrados officiais, teve, no entretanto, função primordial, provincial, na evolução do fenomeno literario, entre nós. Muito moço, a amizade de Cruz e Souza e de Emiliano Pernetta levou-o ao amago do movimento renovador da sensibilidade literaria brasileira que, do Simbolismo, veiu alcançar o chamado "Modernismo" Já no limiar da velhice, vivia entre os novos, moço como eles, mais vivaz do que muitos deles. Na sua primeira fase foi o nosso unico critico do simbolismo e do impressionismo, capaz de escrever, com propriedade e espirito autonomo, sobre Nietzsche ou Ibsen, Novalis ou Maeterlinck, Carrière ou Barrès.

"Acerca de letras estrangeiras, escreveu Sylvio Romero, não possuímos nada superior nem que se compare ao que escreveu de Ibsen, de Mauricio Barrès, de Edmundo Rostand, e especialmente de Mauricio Maeterlinck. Bastavam estes quatro largos ensaios para ser colocado na primeira plana entre os nossos criticos". E acrescenta, ainda a proposito da obra de Nestor Victor, que ela devera ser universalmente difundida "para que se saiba lá fóra a que ponto a inteligencia brasileira tem attingido de atilamento e penetração".

Mais de vinte e cinco annos depois de ter Sylvio Romero externado esse julgamento definitivo, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) escreveu (Jornal do Commercio, 8-11-1936: "Nota sobre a evolução da critica literaria no Brasil): "Fase estetica. Começára esse novo espirito da critica literaria, com uma figura da mesma geração daquelles tres (Sylvio Romero, José Verissimo, Araripe Junior), mas que participára já de um movimento literario moderno, para o tempo — o simbolismo. Quero referir-me a Nestor Victor, figura a que não foi feita ainda toda a justiça na historia de nossas letras. Nestor Victor foi o critico do simbolismo em nossas letras, não só porque foi contemporaneo dele, mas ainda porque soube fazer ás suas figuras literarias, a

justiça que nem sempre lhes foi feita nos arcaivos da critica consagrada.”

“Nestor Victor reagiu contra o naturalismo critico, então corrente, deslocando a critica literaria para a região do subjetivismo, do impressionismo, para onde a haviam deslocado em França, os criticos contemporaneos da reacção simbolista nas letras. O espiritualismo critico de Nestor Victor, — que ficou um tanto confinado dentro do ambito do proprio movimento simbolista, sem chegar a dar-nos nem mesmo a obra que seria o coroamento da sua vida — a Historia do Simbolismo no Brasil — o espiritualismo literario do critico da geração post-naturalista anunciou entretanto o novo espirito que em breve animaria a nossa critica literaria.”

“Com a geração seguinte, que ficará na historia de nossas letras como a do “modernismo” literario e cuja compreensão só lentamente vencerá os preconceitos com que ainda é julgada — com essa nova geração é que se abrirá a fase que Nestor Victor annunciára a fase a que chamamos de estética na evolução de nossa critica”

Já em “Cartas à Gente Nova”, (1924), Nestor Victor dava o exemplo dum espirito aberto ao esforço cultural da geração que transmutou o clima intelectual do Brasil. Nas longas cartas aos moços manifestava-se uma magnanimidade admiravel, um desvelo edificante pela gente nova que lhe ia revelando a viabilidade dum mundo com que ele sonhára trinta anos antes. Acolhia os valores da geração do após-guerra com inextinguivel curiosidade desinteressada. Não lhe maculava a attitude nenhuma ambição pessoal, nenhuma ansia de prestigio e influencia. Falava aos moços de igual para igual, sem exagerar o natural desencanto e a conformidade triste que a velhice traz.

Este livro: “OS DE HOJE” equivale, como testemunho de uma vida, de um alto destino literario, áquella obra juvenil de que tratava Sylvio Romero.

O espetaculo que Nestor Victor apresenta ao Brasil, neste volume (que em vida começára a organizar, e a que já dera o titulo que tem), é dum interesse inapreciavel. Nele vemos

exercer-se numa alta equanimidade, a serena intenção de justiça, e sobretudo o mais radicado e persistente amor á vida das letras de que ha vestigios nos nossos anaes literarios. Com que olhos despreconceituosos ele encara essa geração enfant terrible do Modernismo! E com que comovedora simpatia!

O valor d'esse gesto prima o acerto dos julgamentos. Porque é preciso explicar: Nestor Victor via a novissima literatura forçosamente de fóra. Vinha de outros tempos. O ideal dos precusores sempre se sente decepcionado, pelo menos insatisfeito com a sua realização. Entretanto, e por isso mesmo, é a postura de Nestor Victor preciosa, feita de renuncia a qualquer vaidade.

Nenhuma intenção nas paginas que se vão lêr, senão a de participar da vida, e nela infundir um pouco do seu calôr de alma, em troca da desatenta brutalidade de quasi todos esses de hoje, indiferentes á luminosa generosidade daqueles olhos inteligentes de velho com que tão amorosamente os acompanhava.

OS EDITORES.

GRÇA ARANHA

ANTES DA GUERRA.

Camille Bruno disse, na *Revue de l'Amerique Latine*, a proposito de *Malazarte*, que Graça Aranha acabava de obrigar o Brasil "a aceitar o sým-bolismo dramático pela magia de um canto dialogado." Achava elle essa criação do nosso patriótico "brilhante e louca como uma comedia de Shakespeare, fantasista e terna como um proverbio de Musset, pensativa e triste como um drama de Maeterlinck" Poderia ser mais preciso se lembrasse o *Peer Gynt*, de H. Ibsen, de onde parece vir directamente *Malazarte*.

Antes, porém, de produzir esse drama, realmente obra bem nos moldes do symbolismo, já nos dera Graça Aranha *Chanaan*, romance que por seu fulgor e sua exaltação poemática faz-nos lembrar de Gabriel D'Annunzio, característico symbolista.

Pelo tempo em que elle appareceu, ainda José Verissimo, na *Revista Brasileira*, hostilizava aquelles que tinham vindo com o poeta do *Missal*, dos *Bregueis* e que traziam com este a mesma ansia de renovação.

Foi uma luta surda, mas no intimo apaixonadissima, essa dos nossos symbolistas com os natu-

ralistas e parnasianos, mas luta quasi apenas de bastidores, pois mal podiam os *novos*, então, fazer-se ouvir na imprensa, quasi toda açambarcada pelos outros. Estes, mal deixavam transparecer aqui fóra, por tactica, a paixão que contra os dissidentes importunos os dominava.

Não havia remedio senão oppôr á compressão o vitriolo do sarcasmo, nas conversas dos cafés e nas referencias positivas ou transparentes que se lhes endereçavam em jornaes e revistas de pequena circulação.

O publico mal se apercebia da contenda e nem lhe era possivel calcular-lhe o alcance, medir-lhe a intensidade intima.

Tanto mais quando os proprios revolucionarios, quasi todos, com o nephelibatismo, que por contagio lhes transmittiram os *novos* de Portugal, em breve passaram antes a divertir do que a emocionar o leitor commum.

Nem assim, comtudo, aos *velhos* deixavam de lhes doer os causticos que os chacoteados, mas orgulhosos, intransigentes adversarios vinham, como fosse possivel, pespegando-lhes á nuca.

Sentiam elles, além disso, que nem tudo havia de ser passageira atoarda, escandalo só para fazer escandalo, por parte dessa gente que lhes vinha hostile. Já na Europa uma critica mais lucida que a de começo, valorisando a corrente nova, e os ple-nos successos que varios dos representantes desta alcançavam, ia abrindo-lhes pouco a pouco os olhos. Obrigavam-nos a voltar atrás das tolices que tinham perpetrado, falando aqui sobre os symbolistas de lá.

Foi quando Graça Aranha, amigo de Verissimo, de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, de

Taunay, creadores ou sustentadores da *Revista Brasileira*, inesperadamente publicou *Chanaan*.

Bem moço ainda, elle fôra, no entanto, completamente estranho a todo o movimento symbolista que se fizera no Brasil até então. Filho do norte, não tinha nome nas letras antes de vir para o Rio, embora quando estudante houvesse ganho relações e sympathias calorosas no grupo dos da chamada Escola do Recife. Por isso mesmo era natural fosse pelo menos indifferente aos iniciadores do movimento novo, anti-scientificistas quanto se pôde ser. Sylvio Romero só quasi no fim da vida é que os enguliu.

Assim, já fallecera Cruz e Souza, ainda quasi completamente negado, quando Graça Aranha com seu romance, de feição bem symbolista, alcançava um fulminante successo.

— Tem afinal o Brasil seu novo romancista!

E' o que Verissimo exclamou, esfregando as mãos de contente, e o acompanharam na exclamativa com a mesma alegria intima seus amigos de pról, frequentadores assíduos da *Revista Brasileira*.

Effectivamente, o valor de *Chanaan*, embora lendo esse livro a gente sentisse ao ouvido uma musica nova e se visse sob a magia de um colorido e de um calor imprevidos no Brasil, era dessas cousas que se impõem. A novidade, aqui, vinha na dosagem que não desorienta, antes estimula os espiritos a identificar-se com a visão do artista.

Antes de tudo, eloquencia, e até certa palavrosidade metaphorica não lhe faltavam. Isso, porém, é muito da nossa raça. Vem de longe. Estando-se attento, *Chanaan* não deixa mesmo de lembrar longinquamente o verbalismo gracioso de *Iracema*.

Mas por isso mesmo Verissimo e seus amigos viam no livro desse moço do norte uma secreta continuidade á novellistica que nos deram os românticos, sobretudo aquelle magico e genial cearense.

Nada, porém, nestas paginas, do irrisorio nephelibatismo que viera pretenciosamente, no verso, no conto, na fantasia, querendo atordoar os espiritos, cobrindo de apodos quem pretendesse embargar-lhe o passo.

E' claro: por nephelibatismo, e da peor especie, tomavam tudo o que fizera e já tinha publicado o estranho autor d'*O Emparedado* e de *Vilões que choram*. Não havia discernimento para separar o profundamente e victoriosamente novo, do muito e muito ouropel que, de permeio com isso, por instantes apenas luzira, como se fosse ouro, aos olhos dos da seita. Ainda até hoje, nem todos puderam ver claramente o phenomeno do symbolismo entre nós e fazer-lhe a necessaria justiça.

Além disso, a lingua, em Graça Aranha, melodiosa, quente, harmonica era comtudo sem ousadias, disciplinada, conseguintemente, ainda por esse lado sem quebrar com a tradição, de que os chamados *novos* riam a bom rir, com neologismos e barbaridades syntacticas de arripiar.

Não foi, assim, apenas porque o livro tivesse qualidades irresistiveis; mas, também, porque elles podiam, sem quebra de logica essencial em seus principios estheticos, levar para seus arraiaes este outro *novo*, estranho aos symbolistas de patente e amigo delles, que os *velhos* receberam com extraordinario alvoroço, em claque cerrada, *Chanaan*.

Sabe-se: o symbolismo, oppondo-se á obsessão pela sciencia, dos naturalistas, e, realmente tão ne-

buloso em certos dos seus representantes, parecendo até nem ter propriamente sentido, ser mais musica em palavras, quando não fosse extravagancia apenas, é que renunciou, no entanto, todo aquelle grande movimento de idéas intuitivistas que se oppoz ao intellectualismo. Este, com toda a sua pretensão, cairá finalmente numa aridez que estava amenorando o homem, empobrecendo-o, porque adormentara nelle seus mais altos instinctos, com o excessivo predominio da razão.

Nietzsche, idealizando o Super-Homem, em *Zarathustra*, sob aquella fórma tão sua, ainda flagrantemente symbolista, difficil de entender-se, porém ainda assim mesmo impressionando, arrebatando, empolgando os espiritos como nenhum outro á sua hora, produziu o protesto mais genial que já se fez contra essa quasi absurda ablação de taes instinctos.

Bergson, tambem de apreensão ingrata e ainda mais, muito mais resistente a reduzir-se a formulas que nos fiquem estaveis e claras na memoria, porque veiu creando aos poucos uma philosophia por esforço da intuição, integrou esse novo movimento de idéas, que dentro em pouco alteava toda a atmospherá espirital do occidente.

O imperialismo, de um lado, mas a reacção espiritalista de outro, expressando-se num pathos que traduzia o calor e a fé, embora mais ou menos ingenua, das almas, foram as consequencias immediatas dessa como resurreição do espirito.

O proprio Nietzsche, Ibsen, Tolstoi, Dostoievsky, Maeterlinck, Verhaeren, D'Annunzio, por ultimo Romain Rolland, o recém-divulgado Whitman, Tagore foram, até vir a guerra, dos typos mais representativos entre esses exaltados espiritos. Todos elles precusores (os mais velhos) ou então os productos, mais ou menos directos, da es-

cola symbolista, pelo menos devido á onda de mysticismo que se desprende com essa nova sensibilidade esthetica.

Graça Aranha levantou resolutamente sua antena para entrar em communicação com o mundo intellectual já no periodo em que o abstruso nephelibatismo dos poetas dera essa plena floração.

Elle não vinha para o verso, vinha para a prosa. Não vinha para a pura emoção, vinha principalmente para o pensamento, que em seu espirito transpunha as raias do Brasil, sendo, por indole, de um interesse mundial.

Os monistas de Pernambuco é que primeiro lhe despertaram a intelligencia deixando para sempre a marca dessa influencia inicial.

A sensibilidade, porém, que é predominante em Graça Aranha, quem lh'a exaltou foram os Ib-sens, foram os Nietzsches, foram os D'Annunzios, poetas de proporções para serem planetarios porém poetas da prosa mais do que do verso, cheios de pensamento, mas não menos de exaltação.

Foram elles, pois, que na verdade o fecundaram para poder por sua vez crear, e nesses typos é que elle poz ambiciosamente os olhos, pensando no seu futuro, esquecido, ás horas de arrebatamento, de que nascera no Brasil.

Chanaan já foi escripta em parte na Inglaterra. Suas intimas relações com Verissimo e os outros prestigiosos collaboradores da *Revista Brasileira* proporcionaram a Graça Aranha um posto de secretario de legação. Foram amigos uteis, que o punham propriamente no mundo, para communicar-se com o qual na verdade elle nascera.

Seu romance de estréa necessariamente atordou lá no intimo, ainda, esses velhos, alarmados com toda aquella nova corrente européa a que por força o sentiram, sem bem explicar, mais ou menos filiado. O proprio atiladissimo Nabuco, em uma carta escripta ao seu joven amigo, dizia-lhe: "Não o acho muito claro... O seu pensamento nunca cabe todo na expressão, e o que resta d'elle, além do que ella nos transmite, parece mais ainda do que o que percebemos."

Mas no essencial, que era a forma, pode *Chanaan* tranquillisal-os, rejubilal-os, até, como se viu, porque já não era mais indispensavel para ser da hora manter solidariedade, na technica, com o symbolismo das *Evocações*, em Cruz e Souza. Tudo se ampliara, se humanara, tanto que o abraçadabrante Sar Péladan, por exemplo, já caira da moda.

Até aos seus proprios antigos mestres da Escola do Recife, Graça dava um signal de que não os abandonara, ao menos com aquella irresistivel admiração pela cultura germanica, tão inseparavel d'elles, tambem, por principios. Todos sabem: não ha um typo dolycho-louro em *Chanaan* que, ao menos de certo modo, não revele superioridade, emquanto se mostram inferiores e, muitas vezes, até odiosos quasi todos os brasileiros em contacto com elles.

Chanaan já está hoje definitivamente julgado. Geralmente agora se aceita o que eu disse quando elle saiu.

E' romance de uma fabula muito simples, que chega a ser ingenua.

Dos seus personagens principaes, Maria lembra Margarida, no *Fausto*, de Goethe. Milkau é uma criação muito sympathica mas muito artificial; é antes um simples porta-voz do autor. Até

na criação do magnifico Lentz não ha sufficiente humanidade. Em conjuncto, fica muito aquem do nobre, embora duro symbolo que o romancista quiz produzir; é, antes um *detraqué*, que não pode ser tomado muito a sério. Quantas figuras destacem-se da humanidade que tumultua no livro tem senões muito faceis de apontar. O juiz municipal e o escrivão — personagens de segunda ordem — foram os mais bem delineados. Os costumes da colonia que ali se estudam Graça apanhou-os bem pela rama, e a alma, então, que ha nella quasi não foi intimamente escrutada. Não é só a falta relativa de verdade, de naturalidade na criação dos typos e no estabelecimento dos conflictos o que torna o romance, como romance, menos empolgante. Graça Aranha quiz dar uma idéa completa quanto possivel do Brasil do momento e fez o livro á fórma antiga: a dos poemas classicos que sempre representam uma synthese mais ou menos rebuscada.

Mas, com tudo isso, *Chanaan* é um bello panorama, feito com grande talento e legitima vibração. Suas quentes, fulgurantes paysagens não sahem mais da vista, e a musica da sua phrase nos ficou para sempre no ouvido, como no intimo da nossa alma, seu lyrismo, que mais do que a lyra lembra os oementes violinos.

E' indispensavel lembrar-se um outro seu bonito aspecto.

Quando elle veiu já tinha o symbolismo, diga-se ainda uma vez, transposto o periodo nephelibata, que tal se deve chamar, como parece que mostrei acima, não só para nos rirmos delle, mas muito para sua gloria tambem.

Com o decorrer de algum tempo Graça talvez já tenha esmaecido. Seu talento é desses que por sua natureza e sua plasticidade são logo acceitos

na novidade que trazem e interessam vivamente a uma sociedade inteira. Esses taes porém, com o tempo mais ou menos passam, não trazendo força de originalidade capaz de projectal-os palpitan-tes no futuro.

Poetas como Cruz e Souza e alguns outros do symbolismo, entre nós, espiritos mais profundos, ao contrario, mais transcendentés, na realidade mais poetas, mais adivinhos, portanto sobretudo em correspondencia com o que ha de vir, só vivem plenamente e fulguram em todo o seu esplendor, muitas vezes, quando, pela obra daquelles outros, os vindouros já estão em condições para na verdade admiral-os, sentindo-os como que seus contemporaneos.

Mas por isso mesmo, era necessario a critica aclarasse entre nós quanto possivel o valor daquelles quasi asphyxiados no momento, para que, até certo ponto ao menos, o publico os pudesse ver.

Alguns episodios houve que corresponderam a tal solicitação, pelo menos na medida que a gente adversa não pôde impedir. Se o velho e grande Sylvio Romero, como depois outros, tambem vindos do naturalismo, acabaram por sancionar o movimento consagrando suas figuras primaciaes, foi muito em consequencia de quanto fizeram os amigos que á primeira hora taes poetas malsinados conquistaram e dos discipulos que esses amigos já tinham feito.

Além disso, porém, os criticos do symbolismo, aqui, divulgaram, estudando-lhes as obras, os nomes dos vultos que na Europa já tinham por tal modo ampliado o movimento que mal podiam os olhos communs discernir nas theorias paradoxaes de um Rimbaud, de um Verlaine, de um Mallarmé, os principios impulsionadores de tudo aquillo.

Divulgaram-nos e fizeram ver o nexo existente entre uns e outros, precusores ou epigonos.

Já tínhamos, pois, ultrapassado a chamada critica scientifica, a critica dilettante e a mesquinha critica didactica, de preocupação com futricas grammaticaes e lexicas, velhacamente ladroazinha no peso, com postiza gravidade apenas quando julgava a gente nova, altiva, insubmissa.

Tiveramos, no romance a intellectualidade aguda, com o encanto de uma como illuminação a *giorno* em seu estylo, representada pelo singular e infeliz Raul Pompeia. Esse, pensador e intimamente melancolico, fazia contraste com os outros, e por isso acabou como acabou.

Tínhamos ainda aquelle diabolico quanto veneravel Machado de Assis, que, em vez de persistir na sua primeira paixão pelos autores portuguezes, foi um revoltado, entre os intimos, contra o pacovio arremedo brasileiro aos Eça, aos Ramalho, aos Fialho de Almeida, contra a propria myopia que se manifestava pela incondicional admiração dos nossos, votada a Guerra Junqueiro. Elle desviou-se tambem da literatura franceza, tão unilateralmente seguida aqui, adaptando-se muito mais, por seu temperamento, ao *humor* inglez.

Mas, na verdade, *Chanaan* foi o primeiro romance em que, por suas preocupações sociaes e philosophicas um autor daqui estabeleceu mais intimidade entre o nosso pensamento e o pensamento mundial, bem da hora, e isto na altura da mesma.

Os moços que hoje vão fazer conferencias em Paris, revelando, pelo menos, que aqui já se conhece tanto Strawinsky como Jean Cocteau, que somos admiradores de André Gide, como de Paul Valéry, devem lembrar-se: foram os sympolistas quem primeiro acertou aqui os relógios, mais ou

menos, pelo relógio europeu. Até o parnasianismo levavamos dez, vinte, trinta annos, para começar na imitação do que por lá já de ha muito passara.

Certo, só depois de ministro e aproveitando primeiro a monção que as larguezas intelligentes de Rio Branco permittiam, e depois com a guerra, quando a França precisava agradar todos os seus amigos, foi que Graça Aranha realisou quanto possível, o sonho de ser homem de letras, entendendo-se com o mundo europeu.

Malazarte, indo á scena em Pariz, valeu-lhe um *succés d'estime*, sem nenhuma mesquinhez por parte dos francezes. E' um fruto enfesadozinho como poema para theatro, embora se veja, ainda assim, que é feito por um homem de grante talento.

Mas, de qualquer modo, ganhou altas relações o nosso patricio, teve elogios de um Bergson, de um Ferrero, de um Mauclair, de um Régnier e tantos outros. Publicou em francez *Chanaan* e trechos de *Esthetica da Vida*.

Pelo menos de si mesmo fez a propaganda que poudes e o Brasil passou a ter um representante "parisiense", isto é, conhecido e prezado entre os intellectuaes de lá, de Paris, como tantos outros, sul-americanos, o são. Já não é pouco, para uma terra, nas condições da nossa, cujos governos quasi nunca proporcionam taes cousas aos homens que na verdade têm valor, sobretudo sendo homens de letras.

Voltando para o Brasil, como teve por fim de voltar, era elle o brasileiro mais em destaque lá fóra entre quantos intellectuaes no momento contavamos. Não sei mesmo de outro que tivesse podido conseguir tanto noutros tempos.

A proposito do seu outro romance "A Viagem Maravilhosa", recentemente publicado, veremos como as cousas lhe têm corrido aqui depois.

DEPOIS DA GUERRA

Rebentou a guerra, mas da sangueira immensa o que surgiu foi o *profiteur*.

Em ponto colossal, foi *profiteur* Lenine, como o foram os judeus de Wall Street, em Nova York, arrebatando metade do ouro que ha no mundo.

Em vez da victoria dos organizadores imperia-
listas, que o particularismo inspirou, o que houve foi a perspectiva da desarticulação, da derrocada com que o mongoloide communario sonhava e que o infantil americano, noutra sentido, tanto podia ajudar, por amor á novidade por espirito de *sport*. Tanto mais estando agora em condições de americanisar o mundo.

Tambem a Roma, principalmente, é que aproveitou a reacção espiritualista vinda com a anteguerra.

Tinha-se de reagir contra os anarchistas, contra os Soviets, não com idéas vagas: tinha-se de reagir com o dogma. Ao menos politicamente.

Dahi, não tardou o fascismo, e com elle as indifereçaveis dictaduras ou, pelo menos, em toda parte, os governos de mão forte. Politica objectiva, desenganado pragmatismo afinal.

Os communistas vinham realmente perigosos, acima de tudo porque foi para elles que passou a chamma do mysticismo. Não houve quem o não sentisse.

Era indispensavel o mundo capitalista oppôr-lhe ao menos, esta organização, se quizerem gros-

seira, prosaica, obscurantista, mas, pelo menos de momento, eticaz.

Deante desse novo mundo, pesadão e positivo, o symbolismo palavroso e ideologico tinha de se ir, como se foi.

Das suas figuras literarias mais altamente representativas, que ainda vivem, D'Annunzio é um melancolico principe, açaimado attentiosamente por Mussolini, vivendo quasi que só de recordações. Maeterlinck fez-se naturalista-amador e um curioso nas questões do alto espiritismo. Assim, produz todo anno um volume ainda vendavel, embora já certa vez declarasse que não escreveria mais.

E' o peor para os *velhos*: quem não sahiu do periodo da guerra com grande fortuna ou ao menos com altos honorarios estaveis, tem de *cavar*, como se diz hoje, seja que modo fôr.

Além disso, os *novos* de agora, em toda parte, vieram deprimindo-os, querendo escorraçal-os como nunca se viu

Graça Aranha não pode mais ser "parisiense". Lá ficaram aquelles grandes homens com quem convivera, ficou o mundo com que tão bem se entendia.

Pareceu que elle não se impressionara com o facto de haver passado o symbolismo. E' que pelo menos aqui no Brasil, o nosso patricio nunca se julgou da grei.

"A Esthetica de Vida", que lá escreveu antes de vir, ainda sahiu num tom bem quente. Esse appello, porém, ao "segredo do sentimento espectacular do mundo", á "concepção esthetica do Universo, para que serena seja a nossa postura impassivel deante da vida e da morte", já não parece o recurso extremo de quem não quer desesperar? E' o appello do amargo Schopenhauer, afinal, por

modo mais amplo, porém ainda menos garantido, porque para Graça Aranha “a belleza em si, certamente, não existe, mas resta-nos a suprema aspiração esthetica, o desejo de que tudo seja bello”.

Depois, embora já se relacionando com os *novos* de Paris graças ao espirito de sociabilidade e de adaptação que mostrou tão cedo, quando captou a *sympathia* e confiança dos *velhos* no Brasil, elle, no entanto, nesse mesmo volume onde vem “A Esthetica”, parece não estar com essa gente pelos beijos. Acha que “o cubismo é lateral e insufficiente” Que a esculptura “ainda é anthropologica, com Rodin, ou classica, com os outros” Que a poesia “ainda está em Régnier, Valery e Claudel” Como o romance “em Gide, Rosny e Proust” Que a unica “manifestação de mocidade, de espirito novo, no mundo, depois da guerra e durante a guerra é a musica moderna franceza”, cujo movimento, ainda assim, “foi iniciado por Debussy” — um symbolista. Pronuncia-se tambem contra o pragmatismo. Confirma ser um agnostico e vê-se que continúa monista.

Seja com fôr, veiu para o Brasil propagar direito “A Esthetica da Vida”, combater aqui de perto “o terror cosmico” que mata o brasileiro e contagiar-nos da “perpetua alegria” em que vive “aquelle que transforma em belleza todas as emoções”

Lança então a novidade do “objectivismo dinamico”. A seu ver, este caracteriza a arte moderna nas suas derradeiras aspirações. A razão desse objectivismo está “na concepção esthetica do Universo”, isto é, na sua philosophia, delle. São por emquanto ainda aspirações, é certo. “O cubismo, diz Aranha, não chegou a realisar essa suprema desforra” A poesia não se emancipou do sentimentalismo, mesmo nas poesias de um Appoli-

naire e seus epigonos. Só “a musica de Strawinsky ostenta esse modernismo esthetico”. Strawinsky convertera-se, com certeza, á philosophia de Graça Aranha, cuja idéa diz Gaultier que é sua inicialmente.

No Brasil não se entendeu bem o que fosse o “objectivismo dinamico”. Pelo que se pode perceber parecia ser a transmissão “dos sentimentos vagos que o conhecimento esthetico do Universò proporciona”

Mas isso em tudo e por tudo é muito vago, muito symbolista, como a propria guindada idéa philosophica, no fundo materialista, de que deriva.

Em todo caso, ao menos pelo bonito papel que representara em Paris, Graça merecia promoção, a que fosse possivel, aposentado como já estava. O fracasso de “Malazarte” quasi nada queria dizer, porque no theatro qual foi o brasileiro que já fez uma obra prima?

Mas não lhe deram nem a pasta do Exterior.

Ainda por cima, não tardou muito lá foi elle parar no Quartel Central da Policia, onde o encontrei folheando o velho e risonho Omar Kayan. Foi por occasião de uma tentativa revolucionaria que a candidatura Bernardes provocara. Diziam-no envolvido no gorado levante por querer dessem-lhe seus companheiros de conjura a pasta que o governo legal não se lembrara de offerecer-lhe.

Nem os confrades da Academia de Letras, parece, impressionaram-se muito com a “A Esthetica da Vida” O “objectivismo dinamico”, então, que parece falar de actividade e de renovação, devia até mesmo pol-os de orelha em pé. Uns delles chegaram a querer appellidal-o de Malazarte (aproveitando o titulo do seu drama), porque elle propoz no mesmo tomo d’“A Esthetica” esta idéa,

que julgava uma aspiração magnífica: a da “união política de Portugal e do Brasil”

Ora, essas cousas eram, na verdade, para fazel-o desesperar do espirito velho desta terra.

Bem que lá no intimo elle vivia suspirando por aquelle nosso Brasil de ha uns annos atrás, do tempo em que sahiu “Chanaan”, quando, entre outros o grande Machado e o grande Nabuco fizeram-lhe extraordinarios elogios.

A prova está na bella conferencia que realisonou em São Paulo sobre este ultimo e no prefacio, tambem tão brilhante, que escreveu para o volume de correspondencias entre esses dous vultos, por elle proprio, se não me engano, organizado e entregue ao editor.

Mas tudo mudara agora. A Academia eram esses e outros que se foram. Por isso, naquelle tempo elle condescendera em ir para lá, como nos contou depois.

Voltou-se então resolutamente para os *novos* e foi fazer aquella conferencia com que inaugurou a Semana de Arte Moderna, no Theatro Municipal de São Paulo.

Riu-se á cara dos burguezes que ali compareceram e foram encontrar-se com aquella “agglomeração de horrores”, como elle disse, convencidos, no entanto, esses retardatarios de que “a Arte ainda é o Bello” Ensinou-lhes então que nenhum preconceito é mais perturbador á concepção da Arte que o da Belleza. “Ella é — explicou-lhes — outra maravilha que não a Belleza. E’ a realização da nossa integração no cosmos”

Deu assim uma lição aos barbaros e braço forte aos jovens autores daquellas cousas mais ou menos inspiradas pelos impressionistas ou pelos

cubistas de Paris. Estes, no fundo, como se viu, não bem accordes com a "concepção esthetica do Universo", elle os achava de uma arte lateral, insufficiente. O que, portanto, não pensaria dos seus imitadores? Não era, porém, ali que elle devia expôr seu sentimento intimo.

Innegavelmente, tal prestigioso apoio aos moços da arte plastica, como da poesia, das letras em geral, estimulou-os, alvoroçou-os como um alcool forte.

Se o "futurismo" já tinha, sem pedir licença a Graça Aranha, feito suas primeiras esturdices em São Paulo, com programma proprio, o apoio caloroso que ora recebia do celebrado autor de "Chanaan", ministro, academico, e, além disso, vindo como vinha cheio de elogios que lhe fizeram em Paris, deu-lhe gaz para explodir como explodiu.

Elles procediam do dadaismo, que em seu inicio fizera tacita symbiose com a furia destruido dos maximalistas na Russia. Eram iconoclastas por natureza. Haviam de rir á socapa do velho ingenuo que lhes vinha dar a mão. Mas Lenine tambem foi assim: até se prestou a ser policial para melhor solapar.

Acabaram arrastando o embriagado symbolista — embriagado com o proprio entusiasmo que proporcionara aos moços — áquella engraçadissima scena da Academia, aqui no Rio. Ao moral do collega rebellado respondeu vivendo Coelho Netto, impertigadozinho na sua phantasia de "ultimo grego". Falando aos academicos, Graça Aranha os ameaçava agora com "o movimento espirital modernista", incluindo neste o proprio Jackson de Figueiredo, catholico de quatro costados, cujo programma reaccionario não o podia illudir. Abrangia assim toda a gente moça que vi-

nha contra elle tambem, e que não era só contra o espirito academico. Pelo contrario, com este varios delles (academicos ainda inconscientes) haviam de acommodar-se depois. Mas parece que Graça esperava então salvá-los afinal com o seu "objectivismo dinamico", convertel-os ás suas theorias, como convertera em Paris o grande russo Strawinsky...

Depois foi o que se viu. Despedindo-se da Academia, de cujos pingues *jetons* nobremente desdenhou, era, não tardava muito, deposto da chefia dos "futuristas" por Mario de Andrade, com aquella irreverencia, para não dizer aquelle desbragamento tão da ethica vinda com a hora actual.

Ainda agora, lançando sob reclamos magnificos, como sempre, "A Viagem Maravilhosa", não conseguiu, comtudo, fazer certos moços lembrarem-se de que elle "foi o elo mais forte e mais vivo entre a sua geração e a delles" Estas palavras escrevera o sr Tristão de Athayde na polyanthéa glorificadora que os dous unicos discipulos ainda fieis ao mestre symbolista, publicaram nas vespas do livro sahir.

Inclusive o proprio sr. Tristão, foram inexoraveis com elle.

Os moços têm razão de certo ponto de vista. Hoje não se póde estar com meias medidas. A gente tem de ser quasi incondicionalmente e violentamente o que é. Embora applaudindo hontem com grande calor o caminho seguido, por exemplo, em "Amar, verbo intransitivo", ou em "Macunaima", de Mario de Andrade, com ligeiras restricções ao que elles têm desnecessariamente de fescennino, e hoje condemnando implacavelmente os "gózados" com que se excita o amor li-

vre em vertiginosos *raids* até a Tijuca ou a Penha. Ao contrario, o que se faz é tido apenas, quando muito, por sensatozinho, por cousa vã do tempo do esthetismo.

Graça Aranha é camarada, não ha duvida. "Foi elle o primeiro que os ensinou a ser moços", como disse ainda o mesmo sr. Athayde. Mas ter certa condescendencia com elle, não o deixar inteiramente nú em praça publica, fôra tibieza, fôra a gente comprometter o nome que vae fazendo...

Os academicos que já escreveram sobre o livro, isto é, aquelles que Graça abandonou pelos moços, tiveram, com maldade *glacée* ou por politica, seja como fôr, mais cortezia com elle.

Não ha duvida. junto a "Chanaan", que no caso compararei a um elegante *bungalow*, "A Viagem Maravilhosa" lembra, mas é uma esparramada estancia colonial.

Nada tem, no seu conjuncto, do "objectivismo dynamico", que o autor implicitamente se compromettera a revelar-nos por modo concreto para melhor o comprehendermos.

Contamos hoje, talvez, mais de dez ou doze escriptores novos de muito mais dynamismo quando nos ferem a imaginação com paysagens que passam vertiginosas, alacres, feitas em estylo trepidante, syncopado. Ou então que contam as cousas geralmente muito mais breves, mas explosivas, lembrando certos comprimidos quando nos cahem ao estomago.

Em "A Viagem Maravilhosa" ha paginas magistraes, como as do primeiro capitulo, inclusive o monologo interior, ou a de quando os amantes realisam pela primeira vez o sonho de quem ama. ou ainda a de quando chega a provinciana Ritinha, tão pittoresca. E' preciso tambem não esquecer a

da macumba, realmente vigorosa. Ao carnaval, com que fecha o livro, prefiro o de Mario de Andrade: é mais cinematográfico e tem mais *gostosura*.

Mas tudo o que é de melhor, aqui, é muito acabado, muito opposto á theoria da "transmissão dos sentimentos vagos". E' antes realismo, embora do bom.

Eu sei, ha muitos moços agora, entre os de mais cultura, que por principios não querem ouvir falar em revolução. Compreendo que elles condemnem "A Vida Maravilhosa". Philippe — verdadeiro porta-voz do autor — diz lá que a revolução é necessaria "como disciplina moral" E acrescenta: "Ou a revolução permanente, ou a estagnação na podridão" O livro parece de um revoltoso impenitente.

Mas com o geral dos brasileiros não acontece outro tanto. Depois que veio a Republica, desapparecendo a gangorra que representavam os dous partidos com se revesarem no poder, em cada habitante das cidades, pelo menos, ha, de regra, um revoltoso em perspectiva. A questão é estar de cima ou de baixo. Quem está de baixo vive desejando que *ponham* a procissão na rua.

Quando rebenta uma mashorca, ficam todos pensando que possa ter chegado a hora da *libertação*: quer dizer, de alcançarem elles bom emprego.

Passada a crise, foi mais um accidente politico que ficou para trás. Querer aproveitá-lo em romance é um erro esthetico.

Os revoltosos de Graça Aranha em "A Viagem Maravilhosa" resultam insignificantes. O proprio Philippe, e talvez elle mais do que todos os outros, porque deixa o barulho por uma questão de mulher, não é figura que inspire muita *sympathia*. E

o modo por que tudo acaba, antes é mais uma lição de prudencia para a mocidade do que um incitamento perigoso.

Afinal é a obra que se amesquinha com isso, é ao romance que essa complicação de amor com politica prejudica.

O proprio autor, que em "Chanaan" e nos seus ensaios se pintara a si mesmo como um theorista fumegante, mas com os olhos lá muito no alto, sahê diminuido destas paginas.

Accrescente-se ao que já foi dito: os defeitos de "Chanaan", referidos muito por cima em meu folhetim anterior, aqui se reproduzem em ponto grande.

O enredo não será infantil, como naquelle; mas, não desperta a sympathia geral.

A sociedade brasileira ainda não accêita sem certa repugnancia a "ineffavel unidade" a que chegaram Thereza e Philippe nas condições em que ella se realisou. Acha-se que fôra até melhor para o moço ver-se aŕahido por uma mulher sem compromissos. Tem-se pena, ao menos, de que a senhora não fosse capaz de maior espirito de sacrificio pela filha, de que não se mostrasse dotada de mais resignação christã. A viagem maravilhosa, pela libertação e a alegria que o amor é capaz de trazer, no caso não faz inveja a ninguem. Os dous amantes, coitados soffrem a valer.

Até o tremendo Radagazio, marido de Thereza, não parecerá tão insupportavel a muitas das nossas damas como pareceu a Thereza depois de conhecer Philippe. Elle bem que a convidava para ir ás festas: ella é que não queria. E até *falar bonito*, isso lhe falava. Não faltarão leitores que achem muito carregado o lapis quando o autor desenha aquella personagem, como tambem a nau-

seabunda negra Balbina. Dir-se-ia que elle tem por esses typos ogerisa pessoal. Já com a estalajadeira que hospeda Maria, em "Chanaan", recebe-se a mesma impressão.

Penalisa a criação do typo daquella pobre creança, o Jujú, que parece vir no romance por moda, porque se fala muito hoje nos casos freudianos. Além disso, bem que os amantes o podiam ter salvo: sabendo por que é que elle estava doente, como sabiam, era apenas mandarem-no distrahir, passar, por exemplo, uns mezes na fazenda de São Paulo, em que Philippe tinha parte.

A propria moça, Rittinha, fica menos sympathica, servindo afinal de onze letras nos irregulares amores de Thereza.

Além disso, ha falta da naturalidade na criação dos typos. Não os sentimos de carne e osso. Os secundarios, ainda assim, resultam mais bem delineados, tal qual como em "Chanaan"

Tambem como este, "A Viagem Maravilhosa" foi livro feito á maneira dos poemas classicos: nelle quiz Graça Aranha reproduzir, tanto quanto possivel, o Brasil do momento. Mas aqui foi peor, cansa muito mais. Concorrem para isso umas quantas descrições muito frouxas no estylo, como a da ressaca na praia do Russell, ou excessivamente informativas, como a das fazendas de S. Paulo.

O defeito maior da obra, porém, é que faltou ao artista vibração sustentada de principio a fim, que é o que permittiria unir-se tudo bem, correspondendo-se todas as partes entre si. Dahi a impressão de edificio cujas paredes vão sendo acrescentadas ás que já estão feitas, sem um plano previo, sem architectura propriamente dita. Vae a gente lendo o livro porque enfim cada capitulo interessa por um ou outro aspecto. Sinceramente, porém, o que mais se deseja é chegar ao fim.

Os moços, em todo caso, deviam lembrar-se que o symbolismo passou, perdeu o gaz, tanto que neste livro, quando o autor quer apparecer com seus bordões phareologicos metaphoricos, (e apparece tantas vezes), fica insupportavel. O proprio Gabriel D'Annunzio e o proprio Maeterlinck já não são o que foram.

Além disto, é para ponderar-se: Graça soffrendo a indelicadeza que soffreu da nossa gente politica, tão rude, não podia ser sympathico aos que de ha uns nove annos para cá se vêm succedendo sem haver quasi modificação real em cousa alguma.

Nem siquer os *novos* das letras, com excepções rarissimas, lhe ficaram fieis. Antes commetteram com elle a ingratidão que ninguem desconhece.

Essas e outras cousas da vida, inclusive a edade, vão fazendo mossa, ainda mesmo em um como elle, que, armado com a theoria da "Esthetica", pode ficar "impasivel deante da Vida e da Morte" Mas impasivel é um modo de falar: todos somos creaturas humanas.

Eu, por mim, não tive muita desillusão com "A Viagem Maravilhosa" Porque pensava em tudo isto, quando me diziam que elle estava escrevendo um grande romance.

"O Globo", de 28/4 e 5/5 de 1930).

JACKSON DE FIGUEIREDO

Farias Brito, durante os poucos annos de vida que teve no Rio, não foi um querido, mas também não foi um antipathizado pelo nosso meio intellectual.

Querido não podia ser. Ainda muito moço, lá no norte, quando quasi todos os academicos de Recife eram monistas á feição de Tobias Barreto e juravam por este, por Sylvio Romero e outros seus apologistas e continuadores, já vinha elle declaradamente espiritualista, com desmedida coragem.

Aqui no Rio, por então, o positivismo e o spencerismo dominavam. Nas letras, o parnasianismo e o naturalismo. Mas, quando enfim elle se mudou para cá, já tinha criado certa atmospheria de tolerancia para os dissidentes do pensamento materialista ou que orçava por isso.

Jackson de Figueiredo vindo também do norte e chegando tão joven ao Rio, dentro em pouco publicava "Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito", as paginas de critica mais consideraveis, como taes, escriptas sobre a obra daquelle mestre até então.

Concorreu elle, assim, ainda em vida do philosopho, para que essa poderosa individualidade não fosse abafada pela "incomprehensão e indiffe-

rença do meio”, como eu disse em carta que por essa ocasião lhe escrevi.

De outro lado, nas letras, foi elle o primeiro joven que, já sufficientemente amadurecido, deu-me clara e dynamogena visão do que poderia ser meu papel no contacto que eu iniciava com os moços, pela communhão em que ambos os nossos espiritos puderam entrar.

Esta se tornou em breve patente com o apoio que lhe dei desde a publicação de seu opusculo sobre Garcia Rosa, um delicado poeta do norte. Jackson proporcionava-me abrir-se, assim, nova phase na minha vida intellectual.

Taes ligações, se o caracterisavam, já nesse tempo, como um r. paz de coragem, não o incompatibilisariam com a atmosphaera da occasião.

Pelo que me diz respeito, meu caminho, desde o inicio, quando me liguei com Cruz e Souza, eu o vim abrindo tambem por modo nada timido, interessando-me sobretudo pelos injustiçados e esquecidos. Mas nunca soffri propriamente o que se chama a repulsa, quer da imprensa, quer da maioria dos criticos. Ao contrario, cedo me deram mais do que eu merecia, ao menos no conceito que se fez de mim. Tambem não podia, portanto, ser sua ligação commigo que o tornasse mal visto no Rio.

Mas, quando elle, não muito depois, editava outro opusculo “A questão social na philosophia de Farias Brito”, que fallecera recentemente, já era um catholico militante e dissentia francamente do nosso grande amigo, a cuja memoria não obstante, esse novo trabalho representava uma fervorosa homenagem.

Continuasse a viver o philosopho e entre ambos não se poderia dar uma separação, mau grado

essa divergencia. E' bem possivel, até, que Faria Brito se fizesse tambem catholico, porque a verdade é que tudo indica estar elle evoluindo nesse sentido quando se aproximava de sua hora final.

Eu, que ainda vivo e outro dia acompanhei o caixão do meu querido Jackson sentindo-me dolorosamente atraçoado pelo destino, porque elle era um daquelles com que eu contava para levarem os despojos meus aonde os seus ficaram, eu nunca pude separar-me d'elle. Idéas não separam corações, se estes por si continuam a corresponder-se.

* * *

Catholico, elle continuou a ser no catholicismo quem fóra d'elle t'ha sido antes. Entender-me-ão daqui a pouco.

Já dera esse passo quando publicou um ensaio sobre Pascal, trabalho esse cuja altura nunca o de outro escriptor catholico attingira no Brasil.

Essas eram as primeiras paginas em que os representantes da hora nas nossas letras ouviam um militante da Igreja falar-lhes com a sympathia e o interesse de um irmão sem ser menos catholico por isso. Jackson, assim, restabelecia no Brasil o contacto entre a religião e as letras, de facto interrompido desde que o romantismo se fóra.

Além disso, o modo equitativo, mesmo generoso por que elle tratou do grande dissidente do catholicismo, e até dos proprios jansenistas; cujo espirito inspirára as "Cartas Provinciaes", predispoz logo contra elle os representantes ferrenhos da orthodoxia entre nós. O fumegante debate que muito mais tarde houve entre Jackson e Carlos de Laet, outro catholico fervoroso, pôde-se dar, talvez, pelas primeiras impressões que este recebera do seu novel correligionario.

“Pascal e a inquietação moderna” suscitou menos interesse em nosso meio literario do que fóra do do Brasil. Foi, comtudo, de uma alta significativa como característica da nossa mentalidade nova, quando lá no velho mundo o movimento religioso já se tornára um dos signaes mais indiscutíveis do tempo.

Antes de Jackson apparecer, comtudo ninguem podia imaginar se animasse um joven do mundo das letras a assumir essa attitude, que os precedentes aqui não explicavam.

Tanto mais estranho era o caso quando ninguem dentre os moços a cuja camada elle pertencia dera ainda noutras espheras tão eminente prova de valor. Fôra-lhe facil ganhar fama e fazer brilhante carreira desde logo — parecia — aproveitando seus dotes excepçionaes, se tomasse outro rumo.

Afigurava-se ainda então aos nossos scepticos e epicuristas que a questão religiosa estava para sempre morta e já era até ridicula, em face do progresso, que elles confundem com a civilisação.

Ainda neste momento, quando o catholicismo vae conseguindo ser tão da moda, em nosso meio, quanto fóra o positivismo ha quarenta annos, achase que tratar d'elle, que defendel-o é proprio de padres e de um ou outro velho medalhão.

Jackson de Figueiredo, pois, embora se fizesse desde logo, por esse modo, um “leader” do novo pensamento brasileiro, ficou, por assim dizer, no limbo, em comparação com outros homens de letras de sua idade, no que respeita ao renome. Passou a ser considerado geralmente no mundo intellectual como um anomalo, cujos intuitos, obscurantistas, valiam por uma quebra de solidariedade com o espirito do seu tempo. Poucos — é verdade

que os mais altos — dos seus coetaneos reconheceram immediatamente que dentre elles nenhum culminava nem promettia mais do que esse apparente abstruso.

★ ★ ★

Jackson via tudo isso, sentia tudo isso, mas, com o cenho fechado, antipoda a todas as facéis ambições, propositadamente antipathico a todas as sensibilidades accomodaticias, como que tinha a volupia dos que dominam pelo imprevisto, pelo abalo que causam ás almas em temerosos assaltos. Em tal sentido, havia nelle qualquer coisa do bandoleiro do norte feito soldado de Christo.

Não quiz limitar-se a ser um catholico escriptor. Fez-se um escriptor catholico e um activo proselytista criando um organ de propaganda, "A Ordem" e um centro, a que deu o nome de D. Vital, daquelle moço ultramontano que, na historia do catholicismo em nossa terra, já quando esta era independente, é o vulto mais impressionador entre quantos já tomaram a sério aqui sua missão apostolica.

Ainda mais: num diario do Rio, aberta a questão da candidatura Bernardes, bateu-se por esta, e depois enfrentou com todo o movimento revolucionario que a esse homem se oppoz, chegando a aceitar, em certo momento, a posição de chefe da censura, para dar uma prova de que não media sacrificio na causa porque vinha combatendo.

Em meio a tudo isso, varios livros e opusculos seus appareciam, alguns de literatura desinteressada, a maior parte em defesa do catholicismo, ou de caracter politico

Não dava um passo, por assim dizer, que deixasse de justificar no terreno dos principios. Nas

letras era pela finalidade constructiva, com caracter bem nacional, na politica era pela ordem a todo transe. Foi quasi unicamente desse ponto de vista que se collocou em favor do homem mais antipathizado entre quantos aqui já exerceram a presidencia da Republica. Em linha geral, era um acerrimo reaccionario contra os principios da Revolução Franceza.

* * *

Em Jackson de Figueiredo havia ainda um communario, no sentido que deu a esta palavra Le Play, e isso tambem como homem do norte que era.

Elle tinha a capacidade de congregar, de associar, e de dominar associando e congregando. De dominar sobretudo, pelo affecto, que quasi não transparecia em seu semblante, um tanto á fascista, mas que se sentia por fluidos e que empolgava irresistivelmente.

Tinha uma acção de presença a cujo prestigio mysterioso quem chegasse a bem conhecer aquelle moço, não podia fugir por completo.

Servir, proteger, em certos casos até os que o haviam combatido, era uma fonte de satisfação para elle.

Não raro seu lar tinha algo das çasas patriarchaes, cheias de hospedes, de amigos e de parentes.

O Centro D. Vital, como criação no meio da nossa indiferença geral em materia de religião, é coisa a que só elle conseguiria dar o corpo que deu. As dezenas de moços, quasi todos intellectuaes, que em torno de Jackson se congregaram em ardente actividade de catholicos praticantes, ninguem imaginara pudessem apparecer com tal feição antes de vel-os assim reunidos.

Tambem estendia consideravelmente suas relações fóra do circulo catholico.

Havia entre seus amigos homens de feição muito diversa da que tinha aquella natureza vulcanica e mesmo oppostas aos seus extremos principios. A verdade, no entanto, é que dentre todos esses (por mim mesmo eu falo) talvez nenhum tenha influido nelle como sentido a influencia daquelle espirito profundo e caracteristicamente varonil.

O segredo de Jackson para prender-nos estava em que, através da tumultuaria complexidade que lhe era propria, com seus defeitos e suas qualidades, elle representava aos nossos olhos o espectáculo de uma natureza como poucos neste mundo se encontram.

Tinha olhos de aguia para vêr os homens, instincto seguro para sentil-os, e um vivo poder para chamar a si, para vincular a si os que trouxessem de qualquer modo affinidade com elle.

Como quer que fosse, era um arbitro dos valores da sociedade em que vivia, estimando altamente, muitas vezes, de si para si, impiedosos adversarios, que ia fazendo na sua vida de lutador.

Assim, a quem soubesse quem era elle, vêr-se distinguido por Jackson não podia ser coisa indifferente. Elle era uma dessas poucas testemunhas que, quando faltam, aos que com ellas contavam na vida, causa-lhes a impressão de que tenham ficado num absurdo isolamento. Valia mais, a essa luz, do que vale toda uma multidão.

Assim se explica como, apesar da singularidade de suas attitudes, conseguiu vêr-se apoiado até seus ultimos dias por forças que, quando nada, nunca deixaram de proclamar sua estima e sua admiração por elle contrariando embora, por ventura, a geral opinião ou paixão do momento.



No proprio mundo catholico um espirito extremado como foi o seu, mais severo com os da egreja do que com o mundo que lhe é estranho, como tantas vezes demonstrou, e tendo mesmo uma concepção do catholicismo á de Maistre, que não se coaduna com a indole tolerante propria ao nosso paiz, elle não era nada commodo: contrariava, intranquillisava muita gente.

A imprensa que reflecte sobretudo as paixões politicas do instante, essa então, quasi toda, de ha uns tempos para cá, atacava-o, ou, peor ainda, boycottava-o systematicamente evitando publicar-lhe o nome, sequer.

O periodo revolucionario de que ora ainda restam consequencias, incendendo como incendeu os espiritos, trazendo a uma grande parte da Sociedade os soffrimentos que trouxe, explica se houvesse adoptado essa estrategia em taes espheras.

Além disso, é preciso tambem reconhecer-se que ainda não se podia bem apprehender, geralmente, o phenomeno ,tão novo, que este moço representou entre nós. Sua originalidade e sua importancia muitos até agora não puderam alcançal-as e ainda com o correr dos dias será difficil tornarem-se ellas muito evidentes.

Jackson de Figueiredo representou uma figura, no terreno para que veiu, de certo modo analoga á dos chamados futuristas, daqui, por menos que o pareça. Não é em vão que entre estes e elle, através e apesar de tudo, sempre houve certo entendimento, certa sympathia.

Como a esses mocos, coube-lhe a elle não poder ainda representar um typo bem definido, bem crystallizado sob todos os seus aspectos. A hora que passou é uma; a hora que a succedeu é

outra, mas em grande parte ainda está sendo feita. Os que vão personificá-la no seu início, perante o futuro, participam, natural, inevitavelmente, de tal incompletação, por isso mesmo que ella, nas suas feições, é nova de mais. Estamos descrevendo uma curva. De certo ponto em diante revelar-se-á a quem então viver um horizonte tão estranho como áquelle marítimo, Balboa, que deparou surprehendido com o Pacifico.

E' curioso vêr-se. Como puro pensador Jackson é o mais eminente entre quantos de sua idade appareceram no Brasil. Como pamphletario ou como simples jornalista foi inferior a muitos da sua geração.

Por que? Porque, justamente esses não traziam tanta originalidade no seu modo de ser. Ideas altas demais, attitudes que obedecem a intuitos transcendentales não podem ser justificadas em rapidas chronicas que todo o mundo deve persuadir para satisfazerem os seus fins.

Jackson de Figueiredo foi no Brasil um Charles Maurras temporão ainda. Não encontrou no publico a elite com a qual a gente da "Action Française" se entende e que lhes serve de intermediaria entre elles e a multidão. A acção do nosso curioso patricio na imprensa foi exaltada, mas resultou confusa, pouco impressionadora. Não faltou quem tomasse seus gestos pelos de um ambicioso apenas singularmente antipathico. Estranhava-se que um "literato" se mettesse a representar aquelle papel e muitos lhe votavam decidida aversão.

Victima da fatalidade que o levou tão cedo, nem sua morte desarmou os animos por completo.

Elle não teve o que se pode chamar muito boa imprensa. Não houve retalições odiosas, coisa que em França, por exemplo, seria inevitavel.

A multidão, sempre generosa diante de fatalidades assim, condeu-se de facto, lendo á porta dos jornaes os boletins que se iam affixando até o momento em que os funebres despojos do moço lutador foram afinal restituídos pelas ondas que tinham arrebatado aquella preciosa vida. Mais não podia ser, quando apenas raras columnas se abriram para dizer que perda effectivamente resultava daquelle accidente estúpido e brutal.

Em compensação, a Cathedral, onde, com serviço de primeira ordem, se realisou a missa do sétimo dia, horas antes apenas dos funeraes, estava literalmente cheia, e é difficil assistir-se a um espectáculo dessa ordem mais commovedor do que foram esses dois.

Naquelle massa compacta não havia um assistente que alli tivesse vindo por simples formalidade social. A gente grada, desde o arcebispo, que a tudo presidiu, como os mais humildes, tinham os olhos marejados de lagrimas, ou, se não podiam por decoro. externar desse modo o sentimento que lhes ia no intimo, ainda mais consternação fazia vel-os a custo conter-se.

Admirava que um moço, cuja vida correra nas condições que expuz, numa metropole onde poucos annos, relativamente viveu, sem que jámais houvesse, ao menos, exercido um posto em que se tornasse de todos conhecido, pudesse proporcionar, morrendo, um espectáculo assim tão raro.

Até baixar o caixão, no cemiterio, até que a terra tombou sobre elle, e pôde-se levantar afinal uma columna de corôas e palmas sobre aquella sepultura, num cahir de tarde melancolico, ainda assim maravilhosamente lindo, a compunção em torno foi na verdade a que merecia suscitar, arrancado á vida, um joven heróe.

Ainda hoje no circulo de suas relações, sobretudo no meio de que elle foi o criador, como que não se comprehende que elle se tivesse ido, como que se espera por elle, achando-se absurdo que, sem Jackson, a vida prosiga.

* * *

Quem vê a feição que a hora vae tomando por toda parte, que a tendencia geral é para as grandes fusões, seja entre libertarios, seja entre os que se lhes oppõem, tudo em crescente intolerancia e com animo cada vez mais acerado, com mais truculencia, comprehende que esse proselytista inflammado pela causa da ordem, pelos principios basicos que nos são tradicionaes do ponto de vista religioso, pelos sentimentos nacionalistas que preservam da dissolução, não inventou por si um novo rythmo, mas foi o primeiro, com tanto vigor, a querer tornar-nos solidarios, dentro de suas crenças e convicções, com o rythmo do mundo que nasce.

E' possivel e eu creio mesmo que, filhos da America, nossa visão não coincidirá jámais com a que inspiraram ou antes despertaram os de Mestre nesse extremado representativo da alma severa e dramatica do norte.

Mas, por isso mesmo que elle, joven e sêm previo apoio algum, atirou a barra para alem da linha a que se possa chegar um dia, seu vulto de precursor talvez que fique inegalavel no arrojado — consequentemente mais symbolico e mais interessante.

Se houvesse como podermos reparar em nós o que só o tempo repara, a fé em que assim ha de ser fôra, para seus amigos, que o choram, de um consolo efficaz.

RAUL DE LEONI

Desde o romantismo não nos têm faltado poetas pensadores, a começar por quem o iniciou de verdade — Domingos de Magalhães.

Deve-se-lhe até um livro de philosophia, *Factos do Espirito Humano*, pelo qual, valha o que valer essa obra, figura elle tambem como um iniciador na historia do pensamento brasileiro.

Gonçalves Dias é animado por forte sopro de pantheismo ou entrega-se á meditação em muitas das suas poesias.

Alvares de Azevedo, morrendo aos vinte e um annos, é uma nebulosa descommunal. Suas paginas, tantas dellas com fundos traços de poesia, mas outras, embora tumultuarias, tão carregadas de pensamento, fazem-nos entrever nelle a organização mais poderosa, mais genial que até hoje em nossas letras surgiu, embora para desaparecer quasi apenas como uma promessa, em relação ao que pudera dar.

Já no ultimo periodo que teve o romantismo, Tobias Barreto foi outra individualidade que logo revelou pendor philosophico accentuado. Não se pode caracterizal-o como poeta, sem pôr em relevo tambem esse traço.

Mas tal feição, nelle, só vem a predominar mais tarde, quando, abandonado o verso, Tobias se constitue como creador da chamada escola do Recife. Hoje fôra impossivel fazer a historia das idéas no Brasil, sem incluil-o entre os seus typos mais representativos.

Tambem em nenhum dos poetas já referidos sobrepõe-se a outras tal inclinação.

Domingos de Magalhães vale como um iniciador de escola. Gonçalves Dias como a voz mais definitivamente brasileira antes que apparecessem Alencar e Castro Alves. Alvares de Azevedo, como o portador de uma sensibilidade nova em nossa poesia, a dos chamados *filhos do seculo*, que Byron e Musset tinham imposto na Europa. Tobias foi o poeta academico, tomada esta palavra em um novo sentido — o poeta dos improvisos das declamações no theatro, cercado por seus collegas e logo depois seus discipulos, estudantes de Direito. Então, as Escolas Superiores eram órgãos de cultura desinteressada, estranha aos seus respectivos programmas.

O unico romantico que na realidade só tem valor pelo pensamento, no verso, mas que com elle ganhou individualidade propria e notavel, é Aureliano Lessa. Mas por isso mesmo ficou na penumbra.

Assim acontece um tanto a Augusto de Lima, o unico que foi poeta, de facto, entre os chamados *scientificistas*, parallellos aos parnasianos.

Dar-se-ia o mesmo com Hermes Fontes e Augusto dos Anjos, caracteristicos *evolucionistas*, da gente vinda ainda outro dia, se ao ultimo não o salvasse a nota macabra e lancinantemente pessimista, lembrando, tardia, Rollinat, e ao primeiro o largo lyrismo ou o grande sopro, que ao melhor de sua obra garantem.

Tasso da Silveira é o mais pensador dos poetas da vanguarda actual, mas também por tal motivo não tem a vulgarisação que outros seus coetaneos já alcançaram.

Para os que se avizinhem dos Sully Prudhomme, dos Paul Valery, dos Anthero de Quental, não temos atmospheria favoravel aqui no Brasil.

Aqui o poeta ha de prender quasi exclusivamente pelos sentidos, ou então ha de recorrer á eloquencia, que é outra arte, senão ao barulho, para dominar.

O proprio Schiller, popular por excellencia na Allemanha, Shelley, que é a personificação da poesia na Inglaterra, ambos, no entanto, tão emotivos como illuminados de intelligencia, não poderiam ter grande voga entre nós.

* * *

Com Raul de Leoni, que foi poeta á força de amar o Pensamento, como nenhum outro já o tinha sido no Brasil, dá-se, no entanto, um facto singular.

Fallecendo tão cedo, apenas com 31 annos, viveu, ainda assim, afastado bom tempo, pela molestia, dos meios literarios. Isso, porém, “não lhe diminuiu nunca o prestigio, que era igual nas duas correntes oppostas em que ficou dividida a nossa poesia — uma inflammada de espirito renovador, a outra docil aos velhos modelos da geração anterior”.

Affirma-o com todo o fundamento o Sr. Rodrigo de Andrade no prefacio de “Luz Mediterraenea”, agora em segunda edição, que encerra toda a obra poetica, até os ineditos encontrados entre os papeis daquella figura, tão singular, ainda mais por esse poder de captação e sympathia.

Não é difficil, comtudo, explical-o.

Quem quer que leia o livro de Raul, com a capacidade apenas necessaria para appreender um verdadeiro poeta moderno, intensamente culto, mas nada esoterico, nem mesmo obscuro, ha de por força entendel-o.

Não é só entender: tem de submetter-se ao seu encanto, tem de sentir a hypnose em que sobretudo os lyricos meridionaes nos deliciam. Ha bastantes numeros em *Luz Mediterranea* que não correspondem a tanto. O poeta não teve tempo de desabrochar por igual. Mas no seu conjunto o volume empolga, estonteia.

Bastara nos encontrassemos com aquella sanguinea que é "Florença" para não mais nos esquecermos de tal artista. As paginas desse breve poema serão impereciveis nas nossas letras. Agora, toda a anthologia que se fizer da poesia brasileira, com criterio lato e rigoroso, ha de contel-a. Quem viu "o Lyrio Vermelho de Florença", quem a viu com olhos de ver, quasi não comprehende como por suggestão de leituras, apenas, este moço pôde nol-a fazer ver de novo, como numa placa illuminada, palpitante do que ella maravilhosa-mente é.

A "Ode a um Poeta Morto", que elle offereceu á memoria de Olavo Bilac, tem a amplitude e a complexidade luxuriosa de uma coroa a que devera acompanhar como distico, unico capaz de responder-lhe, aquella phrase que um piloto, no tempo de Tiberio, ouviu reboar no seio da noite: "O grande Pan morreu" Pan unicamente é que a merece.

"Nocturno", em que elle nos conta sua grande aventura de ephebo, quando pela primeira vez

“contemplava o mundo”, esquecido de si, até o amanhecer, num parque antigo, é o idyllio de um espirito com a “fantasmagoria universal” e tem alguma cousa de épico.

“De um fantasma”, com que o livro termina, representa uma criação fluidica de espiritualidade comparavel á “euphoria de um anjo”, é certo, a que elle se refere. Só se pode produzi-la neste mundo chegando á sensação do quasi irreal, pelo incomparavel prestigio da idéa, se esta foï o nosso pabulo e a nossa gloria, como com aquelle espirito intrepido aconteceu.

Ora, basta encontrarmo-nos com essas paginas para abstrairmo-nos de qualquer outro aspecto proprio ao “semeador de harmonia e de belleza” que as fez ou reconhecemos que nelle tudo se converte em poesia.

O colorista sonoro e claro que ha em tal natureza, enriquecida esta, a mais, por um magico verbalismo, de emphase bem latina e de uma elegancia quasi classica, porém subtilmente nova, vehiculisa em Raul o pensador por tal modo que torna inevitavel a carreira triumphal aberta a este nome.

* * *

Depois, afinal, que vem a ser seu pensamento?

Diz elle, no “Portico”:

*“Revedo-se num seculo submerso,
Meu pensamento, sempre muito humano,
E’ uma cidade grega decadente,
Do tempo de Luciano,*

*Que, gloriosa e serena,
Sorrindo da palavra nazarena,
Foi desaparecendo lentamente,
No mais suave crepusculo das cousas..."*

E em

CHRISTIANISMO

*"Sonho um christianismo singular
Cheio de amor divino e de prazer humano;
O Horto de Maguas,, sob um céo virgiliano,
A beatitude com mais luz e com mais ar..."*

*"Um pequeno mosteiro em meio de um pomar,
Entre loureiros — rosa e vinhas de todo o anno,
Num mysticismo lyrico, a sonhar
Na orla florida e azul de um lago italiano..."*

*Um christianismo sem renuncia e sem martyrios,
Sem a pureza melancolica dos lyrios,
Temperado na graça natural..."*

*"Christianismo de bom humor, que não existe,
Onde a Tristeza fosse um peccado venial,
Onde a virtude não precisasse ser triste..."*

Estamos vendo: na questão basica, de que as philosophias procedem, seu pensamento, que é, como elle diz, ainda no "Portico",

*"Cidade de virtudes indulgentes
...vive na volupia e na sabedoria,
Brincando com as idéas"*

Se é tal a diluencia deste espirito, no concernente ás suas crenças, é explicavel o que elle confessa em

CONFUSÃO

*“Alma estranha esta que abrigo,
Esta que o Acaso me deu,
Tem tantas almas consigo,
Que eu não sei bem quem sou eu.*

*“Jamais na Vida consigo
Ter de mim o que é só meu,
Para supremo castigo
Eu sou meu proprio Protheu.*

*“De instante a instante, a me olhar,
Sinto, num pezar profundo,
A alma a mudar... a mudar...*

*“Parece que estão, assim,
Todas as almas do mundo
Lutando dentro de mim...”*

Vem dahi

A ULTIMA CANÇÃO DO HOMEM

*“Rei da Creação, por mim mesmo aclamado,
Quiz, vencendo o Destino, ser o Rei
De todo esse universo illimitado
Das idéas que nunca alcançarei...”*

*“Intelligencia. esse anjo rebellado
Tombou sem ter sabido a eterna lei:
Pensei demais e, agora, apenas sei
Que tudo que eu pensei estava errado..*

*“De tudo, então, ficou somente em mim
O pavor tenebroso de pensar,
Porque as idéas nunca tinham fim...”*

*“Que mais resta da furia mallograda?
Um bailado de phrases a cantar...
A vaidade das formas. e mais nada...”*

Os parnasianos não se apresentaram assim. Pelo menos com Lecomte de Lisle, que iniciou a escola e deu-lhe a impulso e prestigio decisivos, propunha-se uma volta á Grecia antiga, á belleza do ideal hellenò, em contraste com o de “uma arte de segunda mão, hybrida e incoherente... barulhenta comedia levada em proveito de uma autolatria de emprestimo”, como elle julgava o romantismo. Era pelo menos, esse, um pensamento alto e definido.

Mas depois de Lecomte só Heredia, o “discipulo bem-amado”, com o objectivação e synthese maravilhosa dos nobres “Trophéos”, ainda sustentava com bravura, embora já sem a mesma magnificencia, essa reacção para o alto.

Acabam os parnasianos na burguezia bonacheira de que foi representativo Coppée, ou na virtuosidade abundante, mas vasia de pensamento, que ha no verso de Catulle Mendés, casada á vulgarisação de uma libertinagem que se inspira em desmoralizador epicurismo, como a dos pequenos contos, quasi innumeraveis, desse mesmo Catulle, traduzidos e imitados por quantas literaturas subsidiarias prestam á França tributo no mundo inteiro.

Antes dessa gente já Théophile Gautier e Banville, romanticos de transição, aquelle colorista e imaginativo precioso, este cheio de maestria no achado das rimas ricas, mas ambos sem alto vôo, trazendo accentuado pendor para a arte pela arte, preparavam o terreno que os parnasianos desta segunda camada, despreocupados de um ideal superior, bateram.

Mas foram justamente estes precusores e aquelles epigonos de Lecomte e Heredia que mais influiram no parnasianismo daqui, tanto quanto no Brasil tivemos parnasianos. Sabe-se, não ha uma grande figura nas nossas letras classificada como tal que não tenha muito de romantica, quando nada no seu rythmo interior. Isso livrou, aliás, os melhores desses nossos poetas, pelo menos em boa parte, da impassibilidade, da frieza proprias á escola, e que estariam em contraste com a nossa tempera tropical

Mas, ainda pelo ardor do nosso sangue, esse rastro de romantismo, que não pôde deixar aqui de accusar-se bem vivo, levou-os, a quasi todos para o sensualismo que Raul de Leoni sanciona, maravilhado, na "Ode a um poeta", offerecida á memoria do mais representativo delles sob tal aspecto.

Não é só nesse poema que o autor de *Luz Mediteranea* revela as affinidades suas com a gente "docil aos velhos modelos da geração anterior". Desde o "Portico" que elle se diz "irmão de Epicuro", e, pois,

"Alma de origem attica, pagã"

Dos parnasianos, que acabaram na arte pela arte, o que é um euphemismo, sobretudo no Brasil, onde elles caracteristicamente antes foram amoraes do que simples joalheiros encantados com o rythmo e com a rima ou com a cor, delles, para os *esthetistas*, a cuja familia pertence Leoni, não vae grande distancia. Do amor da arte pela arte para o amor do esthetico pelo esthetico a transição é natural, tanto mais quando a estes, vindos depois dos outros, se ligam pelo sensualismo e pela amoralidade.

Raul confessa:

*“Tenho o prazer subtil do pensamento
E a serena elegancia das idéas”*

Willian Morris, por exemplo, poeta e pintor primitivista de cuja escola veio o *esthetismo*, já desenhava typos de salas gothicas, egypcias ou budhistas para *appartements*, pois, se essa gente obedece a regras, não é exclusivista e toma o que lhe apraz, onde quer que elle se ache. Tanto no terreno das idéas como em tudo o mais. E' ella de um seleccionismo a que só o bom gosto dita lei, porque de um voluptuoso caracteristico.

Ora, isso não é para repugnar ao parnasiano epicurista e sceptico. Pode que elle accete até com entusiasmo D'Annunzio ou mesmo Oscar Wilde, emquanto não está nos seus instinctos ir, por exemplo, com um symbolista como é Mallarmé ou um decadente como Rimbaud.

Mas, se por um lado os *esthetistas* não vieram de costas para os parnasianos, prendendo-os a estes até certo amor ao classismo (não fossem elles os arbitros do gosto), por outro, amando o pensamento, embora tragam tambem um fundo voluptuario, elles até em parte se confundem com os adversarios da gente do Parnaso, que são os symbolistas. Ha sonetos em Raul de Leoni que fazem lembrar os de Cruz e Souza. E' um delles

A HORA CINZENTA

*“Desce um longo poente de elegia
Sobre as mansas paysagens resignadas;
Uma humanissima melancolia
Embalsama as distancias desoladas.*

*“Longe, num sino antigo, a Ave Maria
Abençôa a alma ingenua das estradas;
Andam surdinas de anjos e de fadas
Na penumbra nastalgica, macia..*

*“Espiritualidades commoventes
Sobem da terra triste, em reticencia,
Pela tarde somnambula, imprecisa...*

*“Os sentidos se esfumam, a alma é essencia.
E entre fugas de sombras transcendentés,
O Pensamento se volatiliza...”*

O symbolismo, como o parnasianismo, tambem se foi: A vaga idealisação era igualmente incompativel com este momento em que estamos, anti-intellectualista por excellencia. Temos agora o supra-realismo, isto é, a expressão da vida sub-consciénte. Mas ahí já se trata da região dos instinctos, opposta quanto pode ser á Torre de Marfim.

O vanguardismo, porém, entre nós, ou vem do symbolismo ou vem dos parnasianos. Destes procedem, por exemplo, Guilherme de Almeida e Mario de Andrade; daquelles, Murillo Araujo, Tasso da Silveira e Ronald de Carvalho.

O poeta de *Luz Mediterranea*, no seu caleidoscopico modo de ser, que o *esthetismo* permite, se não requer, até glorifica o

INSTINCTO

*“Gloria ao Instincto, a logica fatal
Das cousas, lei eterna da creação,
Mais sabia que o ascetismo de Pascal
Mais bella do que o sonho de Platão!*

*“Pura sabedoria natural,
Que move os seres pelo coração,
Dentro da formidável illusão
Da phantasmagoria universal!*

*“E’s a minha verdade, e a ti entrego,
Ao teu sereno fatalismo cego
A minha linda e tragica innocencia!*

*“O’ soberano interprete de tudo,
Invencivel Oedipo, eterno e mudo,
De todas as esphinges da Existencia!”*

Raul de Leoni, pois, no Brasil, não encontra agora entre os poetas seus irmãos alguém com quem não se ligue por algum laço, sendo, no entanto, que de facto tem feição propria, tem effectivamente independencia.

Mas a razão principal do successo cada vez mais amplo que vae alcançando seu livro está no facto de que elle era alguém com quem a nova geração tinha orgulho de contar. Está em que não ha, repito, quem o leia e tenha capacidade para commover-se deante de uma obra de arte, que não veja no seu desaparecimento a perda, ainda tão cedo, de um que tinha realmente nascido poeta e o foi esplendido, na vertigem estonteante, para o pensador nelle implicito, que o seu momento lhe impoz.

TASSO DA SILVEIRA

Inquietação

(Conferencia a proposito de "Allegorias do Homem Novo")

No mundo inteiro a mesma cousa.

Nunca appareceu tanta gente nova em todos os campos da actividade e nunca mudaram tão rapidamente as tendencias.

E' como se a guerra houvesse levado tudo o que era, e chegassm, não se sabe de onde, novos occupantes, e cujos olhos o que estava é como se nunca tivesse estado, o que foi como si não fosse.

O após-guerra, em tal sentido, é de uma ingenuidade que estonteia.

E por toda parte essas forças novas, num movimento que mal se pode acompanhar e — a verdade é essa — um movimento que empolga, que enfebrecce, pondo-nos a garganta secca.

Ha, em tudo isso, muito de aparentemente novo apenas, senão de abstruso, inviavel e até ridiculo.

Na philosophia, na alta sciencia, nas artes, nas letras, na vida social, na vida politica, nada nos satisfaz, nada nos tranquillisa propriamente. Mas

é certo que muita cousa tem sua substancia, para quem ainda não perdeu contacto com a vida. Cada espectaculo, no seu conjuncto, nos vae alimentando o bastante para procurarmos, curiosos, outro espectaculo, e de tudo vamos haurindo estimulo para ainda acceitar o dia de amanhã. Tudo isso, até em certa hypnose, quando não seja numa delicia, numa modestia de quem sente, cada vez mais, que vae sendo arrastado, em vez de arrastar, mas modestia que não é capitulação vergonhosa, porque ora, como nunca, cedemos menos aos homens do que á força das cousas.

Marinetti renunciou Mussolini. De Strawinski, o grande revolucionario actual da musica, mas já anterior á revolução rusa, dir-se-ia, si não fosse tornal-o defectivo, que ha nelle, implicitamente, um Rouget de Lisle dos Soviets.

Por toda a parte a Democracia ou ruiu ou sclerosou-se. Os typos que ainda a representam de boa fé são os que mais depressa, justamente, ficaram anachronicos, como podemos ver com os nossos republicanos historicos aqui no Brasil. (Eu tambem sou republicano historico, e creio que a boa fé será o meu unico valor, considerado como tal).

O individualismo, que era a tendencia geral de hontem, soffre ataque por todos os lados, como a doutrina apenas favoravel aos fortes da occasião, mas que, inevitavelmente, teria de levar o mundo para uma irremediavel deliquescencia e, por fim, para a anarchia, pela força do seu vão orgulho, pelo erro do seu simplismo.

O facto de todo o Paris que se preocupa com arte ter-se acalorado na discussão da extravagante theoria cubista, ainda em plena guerra, veiu demonstrar, indirectamente, o seu horror por esta.

Esse horror traduzia um sentimento geral, inspirado pela convicção íntima de que o capitalismo — consequência do individualismo — é que trouxera a conflagração, subalternando as instituições e os princípios á sua voracidade implacável. O grande successo de “Le Feu”, de Barbusse, não fez mais do que confirmar aquelle horror, contradictorio com o heroismo sobrehumano que se desenvolveu de um lado e doutro enquanto a guerra durou.

Si hoje o esoterico e pesadão Claudel se vê apontado por muitos como figura central, de mestre com M, nas letras, é porque tantos dos proprios poetas mais anarchistas de outro dia se vão fazendo catholicos, ou dando-se como taes, aspirando complementarte a uma “boa” dictadura, quando não seja a uma restauração sem rodeios, inspirada pelo formidável, embora singular, senão um pouco esturdio reaccionario que é Charles Maurras.

Só quem é cego é que não vê: senão toda a massa anonyma, ao menos a camada que emergiu com os que sonham, os que pensam, os que mandam a contra pêlo do que era aceito theoreticamente ou se achava estabelecido antes da Grande Guerra, quasi todo esse mundo adolescente, ou pouco mais do que isso, vae-se conformando com as novas tendencias de maneira que parece ter vindo instinctivamente com ellas.

Dahi participarem da ingenuidade que caracteriza os seus directores: julgarem peso morto até aquelles de quem immediatamente procedem. Isso não obsta que, ao saírem alta noite dos “dancings”, vão em caminho combinando hora com os seus jovens pares para se encontrarem na igreja quando amanhecer.

Não o digo por mal. As grandes transformações se operam muitas vezes assim, por esse modo

contradictório. Quem sabe se de tudo isto, pelo menos com o correr de muitos annos, não virá uma solução, que, realmente, como estava o mundo, temíamos, crescentemente, não viesse?

De qualquer modo, nada mais logico: as letras tinham de traduzir, por força, mórmente a poesia, tal estado d'alma.

Guerra ao que foi, principiando pelo verso. Verso novo, rythmo novo, e, para os falsos poetas, nada de verso, até nada de rythmo propriamente dito. E' pouco: mesmo na poesia, tudo, mas poesia não. "A arte é um brinquedo e nada mais".

O futurismo, o cubismo, o dadaismo, o expressivismo, o suprarealismo ainda não deram e parece que não podem dar um grande vulto. O que elles produzem de mais consideravel é programmas. Mas uma cousa vão conseguindo: tirar o estímulo a quasi todos os poetas que vinham produzindo antes delles com a orientação que até a guerra vogueou.

E já está patente: com essa orientação ninguém mais apresentará nada que se possa dizer bem actual.

Sem duvida, Tagore, Paul Valéry, já são relativamente velhos, não se classificam dentro de "ismo" nenhum, mas estão bem na voga, como poetas, tal qual acontece com Marcel Proust, na prosa, Proust, que só depois de morto attingiu a grande celebridade. Nenhum desses tres, entretanto, naquillo que os faz actualmente culminar, prolonga propriamente a toada que vinha caracterizando o gosto anterior ao após-guerra.

Consequentemente, os recém-chegados deram ponto ao que foi antes delles. Já occasionaram assim, quando nada, uma solução de continuidade nas letras. Depois outra hora virá; essa, comtu-

do, de qualquer maneira, delles terá também de proceder.

E isso basta. Elles nas letras estão ajudando a scindir em dous o tempo que já se foi e o tempo que com elles começou. Representam um papel definido.

Definido e que tem muito de sympathico. Não olhemos para a moral que os caracteriza: elles reflectem, geralmente, os costumes do instante em que vivem. Muitos e muitos são, pelo menos, tranquillamente amoraes nos processos a que recorrem para vencer. Heranças aggravadas, aliás. Mas essa gente vem ardorosa, confiante em que lhes foi dado viver uma hora como ainda não houve maior. E vem cheia de uma seiva espiritual que se tem manifestado, sobretudo, pelo bom humor. E' certo, com isso, muita instabilidade ainda, muita inquietação: esta é, talvez, o que mais os distingue (não fossem nossos filhos, afinal). Mas nada ou quasi nada de amargurado negativismo, de pessimismo paralyzador.

* *

Tasso da Silveira, entre nós, vem muito, em parte, assim.

“A alma heroica dos homens” e agora “Allegorias do homem novo”, só esses seus dous ultimos livros de versos — de poemas, como se diz agora — bastam para revelar-nos, principiando pelos titulos, o seu optimismo em frente da vida e o sentimento que traz de que o mundo nasce de novo.

“A alma heroica dos homens”, comtudo, é um nome emphatico, de certa solemnidade até, mas não tem muita poesia. Antes fosse, então, bem prosaico, toando á yankee, ou mesmo humoristico, para ser bem moço.

O mais alto symbolo, correspondente ao titulo geral, que encontramos em todo esse volume noll-o dá aquelle bronze impressionador que elle intitullou

“A RENUNCIA DE DANTE

*“A’ porta humilde do convento franciscano
Dante, cansado e succumbido, vae bater...*

*“Vinha de longe, sim; do amargo desengano...
Vinha da estrada longa e poeirenta... Deixára
na ultima curva, além, o orgulho a esfallecer...
Que trazia na vida? O amor, frustrado desejo,
o amor fôra-lhe uma lampada clara
que o destino apagou. Da existencia ao sôl-pôr,
tinha aos labios, ainda, esse primeiro beijo
que guardára, a sonhar, para uma boca em flôr...
A gloria? que, irrisão para os que vão sózinhos...
Miragem de ouro e luz, que a areia sepultou.
Coroaram-no, pois não!.. de rosas e de espinhos,
As rosas se despetalaram no caminho,
mas dos espinhos quanta cousa lhe ficou...*

*“A’ porta humilde bate. O silencio é profundo.
Vagam sombras do entardecer no céu lilaz.
Range o gonzo, quebrando o silencio profundo.
Alguem pergunta:*

— Irmão, que queres?

— Dae-me paz!

“Dante era, nesse instante, o cansaço do Mundo.”

E’ certo: ahi é o alto da montanha, e numa hora particularmente sombria. “A alma heroica” já traz numeros que por seu ridente assumpto e pela belleza que lhes é propria davam para figurar entre as “Allegorias” de agora. Ouve-se uma

marcha nupcial. Ao poeta, por um momento, o impressiona a sabedoria de Omar Kayan, seductoramente orgiaca, e por cujo verso antigo o Oriente nos quer orientalisar. O proprio Rabindranath, de hoje, com aquella alma ingenua quanto profunda e o encanto sereno daquelles velhos horizontes, que nos suggere, já influe, sobretudo intellectualmente, aqui.

No seu conjuncto, porém, o heroismo de que Tasso nos fala é o do heróe-cariatide, extremamente interiorisado, com excessiva consciencia do peso que tem sobre os hombros, mas por isso mesmo sem a graça de um homem que vae pelo caminho parece que apenas descuidosamente a cantar.

Elle dá por epigraphe á primeira parte do livro aquellas dous famosos versos de Verhaeren:

*“Nous apportons, ivres du monde et de nous mê-
| mes,
des cœurs d’hommes nouveaux dans le vieil uni-
| vers.”*

Basta, comtudo, citar Verhaeren para trazer-nos ao espirito, com a visão dramatica que tinha esse poderoso evocador das modernas multidões, o relancear divinatório, mas tão grave, de um Rodin, de um Meunier, de um Carrière, e, entre nós, de um Cruz e Souza. cuja reminiscencia ainda ali se accusa em insistente surdina.

Sim, porque a differença que vae entre os symbolistas propriamente ditos e os que se lhe seguiram immediatamente, entre os quaes o nosso poeta figura com este livro, ainda em 1924, é que os primeiros cantavam, de facto, e os ultimos são de um verso mais surdo, quando não seja menos ver-

so. E' que até na poesia elles querem, sobretudo, ser conceituosos, de modo que, trabalhando embora com suprema elegancia, arriscam-se a não representar mais do que uma intenção poetica. Revelam-se predominantemente pensadores, criticos, por mais poetas que sejam alguns. E' o que eu dizia, mais ou menos, já em fins de 1922, escrevendo, aliás, ao prosador de "A Igreja Silenciosa", mas como que adivinhando os versos de "A alma heroica".

Talvez a consequencia mais grave do estado d'alma geral em que Tasso fez este livro tenha sido vir ainda todo elle numa musica não muito apprehensivel, que a metrificação normal ou quasi que isso, e a propria rima, paradoxalmente antes desajudam. Se o tecido do verso não é bem sonoro, se não ha nelle ao menos verbalismo abundante e de effeito poetico — e aqui não ha — a rima e o metro regular servem, mas é para pôr a nú o artificio de sua factura, que é de todo verso. Empobrecem-no ainda mais, afinal.

Essa me parece a razão profunda da crise que em toda parte este atravessa no momento.

Os chamados rithmos espontaneos são correspondentes ao agudo intellectualismo do instante actual. Só elles, de regra, podem favorecer a poesia presente, que ainda tanto se confunde com a prosa, como a prosa se confunde com ella. E' um estado cahotico, algo decadencia, algo juvenilidade. Os que já estão tentando um néo-clacissismo penitente não fazem mais do que apenas confirmar por essa forma a sua inquietação e instabilidade, tão naturaes.

* * *

Ao vir a publico "A alma heroica", já estavam em adiantada composição as "Allegorias dos ho-

mem novo” Foi bem, no entanto, que nenhum desses mais recentes trabalhos figurasse no ultimo livro.

Antes de tudo, o rythmo e o tecido novos que elles trazem é que nos fazem logo sentir sua verdadeira mocidade e frescor.

Tasso, ao que parece, reiterou seu convívio com o meigo e empolgante Tagore; agora, porém, tal contacto se nos revela mais por certa secreta sensualidade que o oriental lhe avivou. Ao par disto, no entanto, a ingenuidade mystica com que elle vinha desde os seus primeiros livros, ingenuidade, pois, sobretudo intellectual, aqui semelha bem a de uma creança, quando esta nos mostra thesouros que descobriu. O grande poeta da “Lua Crescente” tambem nos dá essa impressão.

Por isso mesmo, a sobriedade verbal do moço paranaense vem aqui a ponto, e o completa, tanto mais quando nada se nos depara de pensamento que se pudesse achar dispensavel, ao contrario do que se vê no livro anterior, mais derramado.

Depois, a grande naturalidade, propria da natureza de Tasso, agora, tratando-se de allegorias apenas, colloca-o junto ao leitor em situação particularmente feliz, inculcando-lhe confiança e sympathia, indispensaveis neste caso, como o eram aos que outr’ora ouviam directamente parabolos e apologos na estrada. Sem ellas não se comprehende produza-se perfeita communhão entre quem lê e quem conta.

Está cheio este pequeno livro de cousas interessantes e novas.

Bem que elle justifica uma das suas allegorias:

"A FRAUTA NOVA

*"Na encruzilhada dos caminhos
os velhos musicos soturnamente contemplavam
os homens que, entre a poeira, iam fugindo.*

*"Iam todos enfatiados
dos mortos rithmos passados.
E os velhos musicos não comprehendiam
o motivo por que haviam perdido
o dom miraculoso
de fascinar
e dominar...*

*"O moço silencioso
que olhava a scena, de um recanto de penumbra,
sorriu suavemente,
e, apanhando do chão humilde uma taquara,
com a ponta aguda do punhal talhou-a toda
e um instrumento novo fabricou.*

*"E por elle assoprando,
no ar da manhã fez soar velhissimas canções.*

*"E a multidão, extasiada,
o rodeou..."*

Pena é que nem sempre o genero permita elucidações que, se fossem feitas, revelariam melhor a belleza de certos trabalhos.

"A Saudade", por exemplo, em que o poeta fala de Curityba, sua terra natal, e da casa em que nasceu, é um quadro de suggestão emocionante quanto possa, conhecendo-se aquelle ambiente parece que sonhado, e sabendo-se que elle é o objecto da evocação. Julgae por vós:

“ A SAUDADE

“O velho mago olhou nos meus olhos, e disse:

*“Vejo uma paisagem adolescente,
em que a luz é tão fresca
como na primeira madrugada do mundo..*

*“Vejo estradas silentes
entre collinas suaves
e arvores gothicas que se levantam
na atmosphaera sonora...*

*“Vejo vergeis de pessegueiros florentes
sob o céu matinal...*

*“E aguas que cantam,
e chorões que se debruçam
sobre o espelho morto das lagôas paradas...*

*“Vejo gradis floridos
de jardins silenciosos.*

*“Vejo, num quintal pobre, um poço fundo,
e uma casa de taboas
com a varanda enflorada
de tinhorões e avencas.*

*“E vejo dous outros poços cheios
de lagrimas até o fundo!”*

Mas tambem ha versos que até uma menina apenas com o alcance bastante para sentir bem sentido o nosso Casimiro de Abreu, ha de entender, achando-os lindos, lindos. Vejam-se aquelles de..

“RUA DO ASSUNGUY

*“Eu vou pela avenida ampla
e longa, e illuminada,
em que ha palacios e torres
e cupolas de ouro erguidas*

*como as de velha estampa
da infancia illuminada
que tanto me fez sonhar!*

*“Eu vou pela avenida longa,
mas vou indifferente...
Porque no extase dos meus olhos,
como numa agua morta,
uma belleza magica
outr’ora se reflectiu...
Outra mais linda imagem
outr’ora se reflectiu..*

*“Oh, não foi, assim como esta,
uma ampla avenida cheia
de palacios, torres, cupolas.
Mas uma rua de aldeia
com a luz de um lampeão morrente...
— Que são estas luzes vivas
da avenida esplandecente
perto daquelle lampeão,*

*“que illuminava até o fundo
o grande abysmo profundo
da minha imaginação?!...*

*“E a minha ruella humilde
era mais longa... ia além...
Quando a noite se adensava
perdia-se ella na sombra,
na sombra longa, infinita,
muito longe, para além,*

*“ de onde eu, tremulo, esperava
as cousas que nunca vêm...”*

Quando saiu "A alma heroica dos homens", o nosso ambiente literario se achava numa situação perturbadoramente augural.

Desenfreara-se, lembrando o Rio de Duguay-Trouin, uma turba multa de camaradas berrantes, uns sem letras, outros sem talento, e muitos sem talento e sem letras, varios, porém, aboriginemente aggressivos, insolentes, ou então de grosseiro escandalo na sua producção de fancaria. "La Garçonne", de Victor Marguerite, assanhara estes ultimos para producções similares, em livros e revistas, é claro que apenas sob o aspecto de uma licenciosidade maluca, cheirando a ether, denunciando a cocaina.

Havia-os inculcando-se "futuristas", porque a esse tempo já os rapazes de São Paulo e do Rio que ficaram bem ou mal baptisados assim, tinham feito alliança com Graça Aranha e estavam em plena effervescencia.

"A alma heroica" teve acolhimento caloroso em quasi todo o Brasil, mas no Rio e em São Paulo ainda foi muito que o recebessem com respeito e deferencia. Tasso da Silveira nem soube ser prudente no instante: protestou contra certos gestos e theorias de Graça Aranha, correndo o maior perigo que então se podia correr, nas letras: o de ser tido como "passadista".

Alem disso, vistes a impressão que eu mesmo tive desse livro. Vindo, pelo menos em parte, dos quatro annos tremendos e quasi paralyzadores da guerra, mas só podendo ser publicado annos depois, elle offerencia certo contraste com o momento cahotico, em parte tão barbaro, tão inepto, tão repulsivo, mas já, seja como fôr, impaciente, soffregio, agitado, em que veiu á luz. Não era um filho genuino do após-guerra.

Com “Allegorias do homem novo” o caso é diferente.

Naquella carta que escrevi ao autor de “A igreja silenciosa” dizia-lhe eu:

“Creio bem, a feição da literatura dos novos ainda se tornará mais eugenica, sinão, como dizia Nietzsche, mais dionysíaca.”

E perguntava em seguida: “Os futuristas, cinemáticos e gritantes, por excellencia, que ora se agruparam na “Klaxon”, de S. Paulo — essa revista absurda e sympathica — concorrerão afinal organicamente para isso?”

Sobretudo agora, depois de “Raça”, de Guilherme de Almeida, e de “Toda a America”, de Ronald de Carvalho, livros de fortes qualidades em tal sentido, embora tão heterodoxos em “futurismo” (tinha de ser assim), já posso dizer que acertei. Bem antes delles, aliás, Murillo Araujo, servido por seu grande talento verbal, e sob quasi as mesmas influencias estrangeiras que actuaram em ambos, produzia com “A cidade de ouro” paginas de verdadeira originalidade em nossas letras, abrindo caminho por esse rumo, embora ainda muito nitidamente symbolista.

De passagem: não tem sido inutil o “futurismo” no Brasil. Quantos o representam, sem ser por apenas acompanhar, vivem naquelle arrebatamento desinteressado que caracteriza todos os intellectuaes capazes de realmente crear alguma cousa. Tenham que defeitos tiverem e sejam quaes forem seus erros em arte, ha nelles um pugillo de estudiosos, de experimentadores inquietos, á altura, por este lado, do instante em que lhes coube ser moços. E’ natural, assim, que concorreram para estimular ao menos seus companheiros de geração, para aquecer e movimentar o meio,

embora com resultados diversos, talvez, daquelles que esperavam colher. Alem diso, são incontavelmente uns sacrificados, porque, quanto mais orthodoxos, mais fazem apenas a gente rir. Outro serviço, aliás, nos tempos de bochorno que vamos atravessando..

As "Allegorias" não trazem nenhuma kermesse de côres, não dão fortes impressões auditivas, inebriantes e muito menos têm eloquencia que se confunda com a verdadeira poesia e as inche aos olhos da maioria dos nossos leitores, muito bons latinos.

Ha nellas, porém, um secreto mysticismo, mas agora tão ardente, por isso mesmo tão espontaneo e tão humanado (embora de expressão serena) que para muitos é melhor do que tudo isto. Elle é eugenico, positivamente eugenico, porque resulta de intensa vida interior. E' essa força que vae fazendo de Tasso effectivamente um poeta.

As "Allegorias" são para quem religiosamente espera, mas que porisso mesmo espera mansamente, a sorrir. São para quem sabe que a inercia propriamente dita é injustificavel, mas não se dispõe, ainda que morra, aos assaltos de punho fechado e dentes a ranger, ou ás velhacarias soezes.

As "Allegorias" reflectem toda essa inquietude, mesmo toda essa necessidade de renovação e toda essa confiança em si mesmo que vêm com o homem novo de hoje, mas depuradamente, quintessenciadamente, tanto que puderam taes sentimentos ser objecto de aladas e breves canções.

O modo como o proprio Rio vem recebendo este livro, com invulgares e propagados applausos, é um bom signal.

E' signal de que ha mais latitude do que se pensa em nosso meio, apezar desta torva hora. De que ha entre nós, na propria nova geração, quem dê valor, e o justo valor, ao que em arte não é mundano, nem prima siquer por exterioridades que aturdem. Vê-se, ainda ha lugar para os que vivem sobretudo de vida interior, para os que querem, como diz o nosso poeta, repetindo uma expressão da critica proustiana, "sondar em profundidade", a propria alma até que nella encontre, realmente, a alma do Brasil.

Naquella minha carta de 1922, que já citei duas vezes, eu dizia ainda: "Os moços de hoje querem fazer um Brasil tanto quanto possivel melhor, mas um Brasil que de facto seja a expressão sincera e legitima de si mesmo, e que porisso se acceite, se discipline, se harmonise, ganhando alegremente a consciencia do que é"

Assim, por instincto, digamos hoje, elles se prendem á tendencia anti-bovarystica de todas as patrias agora em geral.

Muitos, comtudo, só vêem o que ahi está, sem se preocuparem com o que é, embora que o seja, acaso, ainda de modo mais ou menos latente. Não vêem outra cousa e conformam-se logo, exaltando esse Brasil, que é um Brasil ainda tartamudo e feio, até o ultimo cêr. porque é o nosso Brasil, ou rindo-se d'elle, ao mesmo tempo que o animam condescendentes, do alto da sua superioridade ou do que elles tomam como tal. E' inutil falar-se dos que já entrosaram na politica e só procuram geito de adaptar-se ao que chamam "as realidades sociaes", isto é, quasi sempre, ás miserias do tempo, antecipadamente descrentes de quaesquer outras realidades superiores.

Não vêem que assim um dia o desastre é certo, porque mesmo o que está, acceito sem que ancie-

mos, trabalhemos, sacrificuemo-nos pelo melhor, isso mesmo em breve se degrada, e vira o povo a enfermo. Andamos nós muito longe de tal situação?

Felizmente ha entre elles quem divirja desse modo de ver e de ser. Ha quem comprehenda que uma dose de bcvarysmo é essencial ao individuo, como ás collectividades, porque sem o sonho o homem baixa da sua categoria. Ha os que vivem estudando os nossos problemas desinteressadamente ou batendo-se por dar solução áquelles que, mais faceis, já estão theoreticamente resolvidos. Ha os não accommodaticios, que fogem aos processos communs para a victoria. Ha mesmo os que no mais alto terreno do espirito não se resignam a esta situação actual, em que os artistas andam segregados da profunda alma do povo, sem communição possível com elle, mas, em consequencia, sem estímulo para grandes surtos.

Tasso da Silveira está com estes, e por isso, moderno como seja, comprehende que a integração do dia de hoje ao de hontem é indispensavel, justamente porque sem ella viramos as costas para os nossos valores e para as nossas tradições, quando só estas e aquelles nos podem pôr em contacto com o que fomos para saber o que somos. Nos rythmos das "Allegorias", elle o diz, ha um tactear de caso pensado á procura do rythmo colectivo.

Uma terra onde já não encontrassem éco os que como este poeta, vêm sonhando, inquietos, um mundo novo, menos no que a continuidade e a comunhão se impõe, estaria representando apenas a estúpida caricatura de uma civilização.

Porque esse punhado de versos que ora nos dá Tasso da Silveira, pode suggerir-me estas cousas,

é que eu vim, assim em publico, dar-lhe um aperto de mão.

UM LEADER DO VANGUARDISMO (A proposito de "Alegria Creadora")

Falando de Maximo Gorki e particularmente de um afamado livro seu, "O Annunciador de Tempestade", Tasso da Silveira, em "Alegria Creadora" que acaba de publicar, usa de tal titulo como de uma antonomasia pela qual designa aquelle "evocador poderoso das almas humildes e soffredoras" E terminando essa pagina pergunta: "Seria apenas a convulsão russa, a convulsão europeá, a convulsão actual do mundo, que communicavam esta e outras mysteriosas procellarias?"

Não faltaram, de facto, na literatura do ante-guerra almas lembrando impressionadoramente aquellas aves que os maritimos tomam como seguros nuncios de borrasca.

Póde-se dizer, mecsmo, que a maior parte dos symbolistas, sobretudo os mais altos, tiveram muito da inquietação propria ás Cassandras.

Os poetas de hoje por certo modo fazem anti-these com essas naturezas.

O curioso é que se caracterizam assim até os proprios herdeiros directos do symbolismo, como com Tasso da Silveira acontece.

Quem lê, por exemplo, "Allegorias do Homem Novo", seu ultimo livro de versos, tem de facto naquellas paginas a impressão de que, risonho, um outro mundo, como tenro broto, ahí vem nascendo.

O mais interessante ainda é que desde "Fio d'Agua", seu livro de estréa, de 1918, quando a guerra ainda não terminara, elle já vinha querendo ter uma feição assim, e não ha outro entre os

nossos novos que se haja desenvolvido mantendo mais invariavelmente esse traço característico a toda a sua geração

Não sou o primeiro a vêr, mas vem a propósito, com este caso, lembrar o mysterio pelo qual a arte, nos seus interpretes nascentes, parece, muitas vezes, uma consequencia anticipada de grande acontecimentos, sob cujo influxo todas as manifestações humanas vêm depois a offerecer feição pelo menos analoga á que traziam essas naturezas. Para elas, assim, como que a vespera já continha em si a occorrença do dia seguinte que de ante-mão as conformara.

“A palavra de hoje é da confiança no homem, ou antes na vida, na finalidade da existencia”, escreve Tasso nesse seu novo livro de pensamento e critica.

Ainda mais: acha que “devemos ser realistas, porque só a Realidade é fecunda”. Parece-lhe que “nos problemas moraes, nos problemas sociaes — devemos ser humildemente realistas. De todas as grandes lições da sciencia — acrescenta — esta uma profissão de humildade perante a Realidade soberana”

Falando a um moço, diz elle: “Teu mal... foi querereres viver da tua fantasia. Foi querereres inventar em vez de descobrir. Perdido na vaga bruma do sonho mórbido, teu espirito se tomou de vertigem. Dá-lhe o claro pão da Realidade. E, sobretudo, não “inventes” nunca. Na sciencia, na philosophia, na arte — elimina a fantasia.

“Conheço-te mais do que suppões: o que te amargura verdadeiramente é sentires falhado o teu destino artistico. Trazias um grande sonho de originalidade e um infinito desejo de gloria. Mas consideraste a Belleza Realizada dos velhos povos

do mundo e as tuas concepções paraceram-te ridiculas e inuteis...

“Então viera-te o desconsolo e o tédio, e tua alma ficou triste até a morte.. Ah! se enchesse de amor o vasio desse tédio! E se trocasses por um voto de humildade (não ha grande amor sem immensa humildade) tua ambição egoista!”

Compare-se esta linguagem quasi chã e este conformismo resolutivo com o pathos chammejante e as ambições de character universalista que trouxeram os do symbolismo.

Mas, retirando-se os olhos da passada gente do symbolo e olhando-se para os outros vanguardistas actuaes do Brasil, sobretudo esses que Mario de Andrade chefia, não se torna evidente que Tasso da Silveira, pelo que acabo de citar, acha-se em principios pelo menos hombro a hombro com elles? Não são estes, nos seus propositos consciences da mais radical opposição ao fantasioso romantico? Não aceitam, até babando-se de gozo, até pedindo peor, muito peor, a selvageria mal disfarçada deste nosso pobre e querido Brasil?

E que expressão a delles, que vêm se rebolando numa gargalhada sem fim contra toda a solemnidade de todos os tempos, particularmente a dos nossos, inticando sobretudo com a dos symbolistas, aristocraticos ou hierarchicos philosophos, afinal, para elles até onde póde ser! Pois não chegam a adoptar a geringonça do nosso jéca até para falar de coisas eruditas? Não querem dar um tombo de vez no idioma dos lusos?

Dirão: com tudo isso o incontestavel é que elles conseguiram andar na berra.

Dizem bem.

Ainda mais: andam porque merecem.

Não houve no Brasil, nem de longe, os mesmos motivos que na Europa, com a guerra e com a revolução russa, para o surto daquelle pessimismo dionysiacó que foi o dadaismo. Elle veio convulso, querendo tudo arrasar, com fundo nitidamente bolchevista.

Mas tambem a sensibilidade nossa não soffreu abalo sufficiente para importarmos por necessidade inilludível o "jazz band", os dancings, os entorpecentes. E os tivemos, não obstante, como os teve o mundo inteiro, por bovarysimo.

Porque não importariamos egualmente o dadaismo... nem que fosse de pandega? Que mal que se troçasse aqui colossalmente dos valores consagrados como por lá pela Europa se fez? Elles já tinham gozado da gloria seu pedaço... "Place aux jeunes", como todas as gerações vêm gritando. Troça contra os "medalhões" e contra a propria arte, contra as melhores realisações desses idealistas, que viveram no mundo da lua. Agora assumptos bem réles. Quem tivesse talento acabaria creando, talvez, assim, alguma coisa nova viavel entre muito cascalho que produzisse. "A arte é um brinco."

Depois, esse era o unico meio de fazermos, sem duvida, pela primeira vez, obra nossa. Ruim, mas nossa!...

Tivessemos o orgulho de ser quem somos, aceitando embora um Brasil talvez feiissimo. E até escrevessemos como falam os matutos, escangalhando de proposito a lingua, além de tudo para fazer figa a Portugal. Este é a cabeça de turco que sempre nos ficou mais á mão, como os vovós ficam ao alcance dos guris em casa.

Que escandalo de encantar aos que gostam sempre de cousas novas, sejam quaes forem, e que

indignação á velhada, já tonta e posta no desvio só com o novo mundo que a guerra trouxe!

E' claro, ninguem fez estes calculos a frio. O contagio dos dadaistas europeus levantou um fogacho real nas almas dos nossos jovens poetas necessitados de rumor ou ao menos de tonteira, varios dos quaes viram o beco sem saida em que se haviam mettido nos seus primeiros ensaios de epigonos parnasianos. De tal fogacho nasceu o sonho que friamente nisto corresponde a uma serie de expedientes, na verdade bem cavados como taes.

Tanto o foram que tiveram por premio o successo. Successo relativo, é certo, que elles têm feito rir quasi que tão só á gente que já não está em idade de tomal-os a serio, embora captem aqui ou ali uma esteira de adeptos mais ou menos fieis ou mais ou menos diferenciados, conforme a ingenuidade ou o valor de cada um.

E' innegavel que assim fizeram paradoxalmente atmosphaera para publicarem algumas cousas elogiaveis os que têm talento, e eu sou daquelles que com toda a cordialidade vão applaudindo, venha de onde vier, quanto merece louvores.

Mas na Europa o dadaismo, que foi mais um estado d'alma transitorio do que uma escola, ha muito já passou.

Na proporção em que o mundo se vae querendo reorganisar, os vanguardistas, como o barometro mais sensivel á atmosphaera da hora, converteram numa festa de matinas, embora ainda nervosa e arisca a contactos com o vulgo, aquella orgia que tentava quebrar os quadros da cultura humana ao menos no que interessa aos artistas.

A contramarcha chegou mesmo a offerecer um caracter imprevisito aos olhos de quantos não comprehendem que numa hora como esta as extremas contradicções, principalmente nos gestos collectivos, são naturaes porque lhe são characteristics. Tudo ainda está pendulado e contingente, como que entre a ruina e a reconstrução que procura uma base. Dentre aquelles mesmos desnoroados convulsos que no spectaculo catastrophico encontram um estimulo para subsistirem ainda, muitos, em leva e incondicionalmente, adheriram ao catholicismo.

E' que, enquanto os poetas reflectiam — como a gente do instincto que são — o cataclysmo por que o mundo passava, os homens do pensamento, que já vinham do ante-guerra, batendo-se, agora acerados, tomaram-se de energia correspondente á cega força da destruição. Cada vez mais efficiencia procuravam ganhar, adaptando seus processos á intellectualidade do instante, achando meios de entrar em contacto directo, á força de vivo interesse, de sympathia muito humana, com aquelles outros representantes do espirito no polo do sentimento.

A essa obra de puras idéas, como a do vanguardismo literario, posterior á epilepsia dadaista, Tasso da Silveira e outros, seus amigos, seus irmãos, aqui no Brasil, corresponderam e vão correspondendo decididos e com o mesmo enthusiasmo.

Distantes como estamos, felizmente, da atmosphera européa, elles desde logo denunciaram a artificialidade do nosso mal denominado "futurismo", inserindo-se na hora, entretanto, com a oportunidade para que naturalmente seu espirito, seu instincto os levaram. Foram elles até que pri-

meiro lançaram as bases do programma, hoje commum, na essencia, a toda a nossa nova geração.

“A America Latina, ”primeiro, agora “Festa”, revistas de pensamento e de arte, e as obras que Tasso como os outros vêm publicando, o attestam.

Assim não se produziu uma solução de continuidade em nossa cultura. O dadaismo representava esse hiato lá na Europa. Os “futuristas” de S. Paulo, fazendo-se recentemente “anthropophagos”, honram-se, ora mais do que antes, de promoverem um recuo até os cahetés do tempo da descoberta. E’ engraçado, mas em todo caso mostra que o dadaismo, ao menos como pilheria, entre nós resiste vivaz.

Emquanto isso, já estão chamando de tradicionalistas dynamicos a esses outros que do symbolismo se originam.

Chamam-nos assim sem intenção pejorativa, pois o epitheto vem lá de fóra, lá do norte, lembrado por gente nova sympathica a esse movimento, porque só nelle encontra estímulo para acreditar que a barbaria não nos ameaça de facto a serio.

Assim, vão fazendo partido aqui, no norte e no sul esses apparentes reaccionarios, mas que de facto antes de terem que reagir dentro de sua geração já vinham creando a nova hora com represental-a de um modo vivo e significativo.

Cria-se, pois, no Brasil um interessante spectaculo intellectual, novo como novo é o momento que atravessamos. Seu lado mais sério só com o correr dos dias se poderá ir tornando mais patente, porque é proprio da época do “jazz-band” julgar-se que só a extravagancia, senão a loucura, prevalece e prevalecerá.

Desse modo, Tasso da Silveira é em nosso vanguardismo um "leader", uma figura que na historia do movimento intellectual presente, se impõe de modo tão necessario como é certo que essa hora existe.

"Alegria Creadora" ainda vem melhor confirmal-o.

Os poucos e breves excerptos que desse livro figuram entre estas linhas não dão idéa exacta do qu elle é, porque fôra trail-o não se declarar que é preciso os ler no texto completo para ver-se como elles figuram aqui deficientes e por certo modo até truncados.

Este volume e outros, que já lhe devemos, não são feitos para actuar por um dia. Nem têm a singeleza calma do que não veiu para produzir propriamente vida, enthusiasmo, renovação.

Em todo symbolista ha, de modo expresso ou latente, um nephelibata daquelles imaginados pelo genio de Rabelais, que nas nuvens viviam.

Tasso da Silveira, se delles procede, é o nephelibata que se fez Anteo. Tem os pés sobre a terra, mas por isso mesmo traz interiormente, não apenas capacidade para encantar, ou quando muito para clamar por meio vago contra o que na terra differe do Sonho.

Assim é necessario num momento decisivo como o actual, em que se decide dos nossos destinos humanos talvez para sempre.

A hora, já o dizia Joaquim Nabuco, é para as fusões, porque dellas resulta a maior eficiencia.

Do individualsimo veiu a descrença. Entretanto, escreve Tasso, "as verdades eternas já foram ditas. E o homem que, no eclipse passageiro de sua consciencia, lhes haviã esquecido o maravilhoso sentido, sacode agora a poeira dos olhos e

põe-se a ler de novo attentamente as inscrições de fogo que o mysterio traçou no fundo de sua alma”

Vê-se por aqui: elle se orienta para o catholicismo, de mãos dadas assim com a maior parte da vanguarda européa, embora venha tendendo para isso de mais longe do que ella, mas ainda não tenha compromissos formaes em tal sentido.

Esta ultima circumstancia é que justamente, porém, torna estas paginas interessantissimas, porque, como já em “A Igreja Silenciosa”, Tasso offerece nelles um livro de confissão, em que se lhe vae acompanhando a vida interior, por assim dizer, passo a passo, e ahí se encontra um reflexo da propria vida do mundo presente, embora visto em profundidade, sobretudo da dos que são filhos mais immediatos do instante.

Porque assim é tal volume, ao terminar-lhê a leitura sentimos como uma aura banhar-nos, resultante da communhão que se estabelece entre a nosa e a alma deste novo typo, em que nos parece adivinhar o dia de amanhã, pelo flagrante do hoje que elle vem a ser.

A hora, sób seu aspecto, mais que futil, desordenado, vertiginoso e sem nenhuma finalidade consciente, por isso mesmo indica que naturezas assim não podem ser transitorias. Pelo contrario, transitorio é o que exorbita, si o mundo tem de voltar a seu eixo.

Mas, não se ver que, para impôr-se e sobrelevar-se a corrente por ellas de ha pouco provocada, tem de haver primeiro uma formação difficil de processar-se, é desconhecer o evidente.

Perguntamos, pois, a nós mesmos, para que caminhos a luta poderá levar estes que não vêm

por brinco, por mero exhibicionismo abrir no tumulto esta posição em que firmaram pé.

Diante do que já se vae delineando um tanto por toda parte no mundo, como que se entrevê terão estes simples poetas e pensadores actuaes de altear ainda mais o entusiasmo que trazem, seja em que sentido fôr, conforme as cousas imponham. Talvez mesmo no terreno da acção, accordes com as affinidades que trazam. Que feição definitiva terão elles?

E' o que "Alegria Creadora" me leva a perguntar. E quem tenha capacidade para ler de facto esse livro, diante d'elle não pode fugir a suggestões desta ordem — talvez que nos outros periodos jamais despertadas por uma simples obra de pensamento aqui no Brasil.

Era essencial dizel-o para melhor caracterizar, não só taes laudas em si, como o vulto de Tasso da Silveira, representativo quanto possa, e no sentido mais alto, dos que com elle já formam um lado, posto bem fortemente em relevo, da geração actual.

Isso integra a idéa qu se tem de fazer sobre esse leader do vanguardismo, que já agora não é preciso explicitamente adjectivar.

24 DE OUTUBRO DE 1928.

"AS IMAGENS ACCESAS"

E' raro haja perfeita unidade na obra de um vanguardista actual. Não só aqui: o mesmo se nota nos jovens escriptores de toda parte.

E' como o tempo de que elles estão sendo a substancia viva, tempo que parece procurar-se tambem a si mesmo, ir-se realisando por experiencias desconnexas entre si e a que nem siquer elle

se abalança como quem fôr impulsionado por todo o seu ser.

O instante até se caracteriza por isso mesmo, lembrando-nos uma baralhada caixa de puzzle. Em todas as manifestações humanas, até na ethica dos individuos, o normal é virem as surpresas; sem proporcional-as, por isso mesmo sobra-se do quadro actual.

Tudo isso resultará das prementes solicitações de renovoamento, coexistentes — sentimos — com o proprio ar que hoje respiramos. As almas como que só confiam nos que as alimentam de imprevisitos, porque estes se tornaram succedaneos do que é bom.

Quem muda, ao menos porque mudou, por convicção ou sem ella, nisso ao menos é do instante e por um instante interessa.

A crystallisação, por fim, de certo, virá. Spengler, que prophetisa a decadencia do Occidente, já caiu da moda.

Personificando, geralmente, de um modo essencial o indefinido e a instabilidade do tempo, numa cousa, entanto, os vanguardistas actuaes são invariaveis: elles vêm todos, mais ou menos, persistentemente *brincando*. Esse, mesmo, é o meio mais facil de os distinguirmos: é passadista quem de qualquer modo não brinca.

Ha de se negar que nisso elles estejam em correspondencia com o dia de hoje?

Nunca o divertimento se generalisou e intensificou como no presente, custe o que custar. A cara alegre, os ares leves são a forma mais commum do heroismo actual. Até nos rimos para não sermos mal cotados, mas, fóra de todo calculo, pouca gente de facto deixa de procurar por gosto, espontaneamente, como possa rir.

Isto não ha de ter uma significação?

Corresponderá unicamente ao tão conhecido phenomeno da ebriedade, do contentamento em que se cae, virando a creanças, após grandes catastrophes sociaes, como foi a guerra?

Depois, ha brincar e brincar.

Harold Lloyd, no cinema, ri e faz rir á custa de representar uma alma jocunda, mas quasi de imbecil, mas vasia.

Carlito, ao contrario, achou meios e modos de ser um lyrico, subrepticamente, na téla, de renovar com sua bengalinha ridicula e seu velho melonzinho a tres pancadas, o typo romantico de Arlequim.

Pode-se até ter a obcessão da alegria e suscitá-la pelos meios quasi divinos de São Francisco de Assis, que talvez porque deu ao christianismo um novo aspecto, convertendo a fé em Jesus num motivo de festa perenne, aos olhos de hoje é o maior dentre os santos.

A arte mais barulhenta deste instante é singular, porém, no seguinte: quanto mais quer imital-o nos seus aspectos esturdios e vãos, quanto mais para isso, proclama ser a negação de si propria, porque recusa tomar-se a serio, menos por esse instante se faz entender.

Nunca se viu, até, arte que tenha funcionando tão no ar, tão sem entrosar-se com o momento para que é feita. Falo desse "futurismo" nosso, que resultou do dadaismo europeu e tambem me refiro ao vanguardismo de lá que a esse daqui se prende por alguns dos seus aspectos.

Dar-se-á que o instante, por intincto, ache errada a interpretação que essa arte lhe dá? Que parecendo viver a rir por lastimavel impondera-

ção, quando tudo indica que as cousas ainda não estão para isso, elle bem que o sente, mas ri, máo grado tudo, por confiança, intima, e heroica, no que virá depois, embora, talvez, muito depois?

Não será isso que explique o facto de um oriental, Rabindranath Tagore, simples, sereno, mesmo sorridente, de uma ingenuidade confinante com as das creanças, mas tão profundo e tão acima do tempo como a alma da India, que o produziu, ser hoje, sem duvida, o primeiro poeta do mundo?

De qualquer modo, ha nesse estranho phenomeno uma indicação positiva: a de que nada ainda hoje impede reconhecerse como poesia, só o que de facto, poesia é. De que, se Tagore, favorecido pela presente inclinação para o exotismo, pode inserir-se, preeminentemente, no quadro literario, sobretudo, do após-guerra, será porque tambem tem um aspecto alegre, como este, mas de uma alegria transcendente, e é leve, nos seus versos, mas da leveza que tem o astral.

Não se vê, por ahi, tudo estar indicando um caminho novo á poesia, mas que na verdade seja um caminho para esta e pelo contrario barreira á pseudo-arte que a si mesma se mette a ridiculo?

Não se reconhece que o homem de hoje ainda, afinal, é o homem, e quer, não que se lhe evidencie a sua futilidade. mas, pelo contrario, que se mostre o quanto esta é apparente e a mais alta significativa que ella possa proporcionar?

Não conheço outro entre os nossos novos poetas que tão persistentemente, por indole tão incoercivel, tenha vindo para isso desde o começo como Tasso da Silveira.

Que obrá de tão perfeita unidade, desde "Fio d'agua", um jovem brasileiro offerece como a sua?

A proposito desse livro, com que, ha dez annos, elle estreou no verso, eu já lhe dizia:

“Vida interior e simplicidade serão os dous elementos, se não me engano, que hão de predominar definitivamente na tua poesia, quando já te houveres achado por completo”

“Quem conhece a espiritualidade que te é essencial, teu horror á artificialidade... a ansia de sinceridade que te domina, tuas opiniões sobre a finalidade que deve ter a arte, opiniões que parecem de um homem já vivido, de costas definitivamente para todas as brilhantes exterioridades da existencia, tem como natural, senão como inevitavel, essa feição no poeta que ha em ti.

“E tua bondade fóra do commum, tua ingenuidade fundamental, tua affectividade emocionante... hão de ductilisar, pallear de doçura, de meiguice, de encanto, como já estão fazendo, essas quaidades viris. Tornal-as-ão verdadeiramente humanas e hão de impedil-as de estreitar o teu horizonte visual, tanto mais que quem olhasse bem lá para o fundo de teu intimo,

*‘Esse veria que ha revoltas no teu seio,
revoltas, sonhos, ambições
ambições de crescer e avolumar-se.’*

Ainda mais. Ha pouco, escrevendo aqui sobre ‘Alegria creadora’, livro de ensaios que veiu antes” “As imagens accesas”, observei:

“Pode-se dizer que a maior parte dos symbolistas sobretudo os mais altos, tiveram muito das iniquitações proprias ás Cassandras.

“)s poetas de hoje por certo modo fazem anti-these com essas naturezas. O curioso é que se caracterizam assim até os proprios herdeiros directos do symbolismo, como com T. da Silveira acontece.

“Quem lê, por exemplo. “Allegorias do homem novo”, seu último livro de versos, tem de facto naquellas paginas a impressão de que, risonho, um outro mundo, como tenro broto, ahí vem nascendo”.

O mais interessante é que desde “Fio d’agua”, seu livro de estréa, de 1918, quando a guerra ainda não teminara, elle já vinha querendo ter uma leição assim e não ha outro entre os nossos novos que se haja desenvolvido mantendo mais invariavelmente esse traço caracteristico de sua geração.”

Sem duvida, na prosa e principalmente no verso de Tasso, dentro dessa unidade, ha reflexões visiveis da influencia que o tom do instante na produção dos seus contemporaneos, daqui e de alhures, vae produzindo. Ninguem acompanha com mais amor e mais sequiosamente do que elle a literatura do tempo, sob as suas faces, e sem lhe soffrer a influencia elle não chegaria ao que chegou.

Já em “A alma heroica dos homens”, anterior ás “Allegorias”, se começa a sentir o influxo por então, apenas intellectual, de Tagore.

Mas ainda taes poemas são muito derramados. Além disso, a rima e a regularidade do metro que ainda têm, em vez de servirem, desfavorecem o poeta, cujo agudo intellectualismo, como de quasi todos os novos, vae melhor com os rymos espontaneos, que fazem do verso algo ainda proximo da prosa, como a essas naturezas convém.

As “Allegorias” já compostas nessa musica, trazem, tambem, outra contextura, já lembrando cellulas, carnes, muito mais concentrada, mais viva, mais aromal. Tem ella um calido bafjo de sensualidade, que o mestre do Levante, infundido aqui mais á fundo, provocou. Por outro lado, ha

nesses versos uma forte intensificação de mysticismo. Em capacidade de expressão, emfim, já o poeta é um admiravel virtuose.

Além disso, os “futuristas”, que já estavam fazendo escandalo em São Paulo e no Rio quando saiu o livro anterior, agora falavam ainda mais grosso. Sente-se que ha uma intenção neste livro de não parecer menos novo, realmente, que os delles, — emulação que tornou ainda mais caprichadas taes paginas.

Só agora, comtudo, em “As imagens accessas”, desabrocha e accentua-se por completo essa natureza tão alta e tão rica. Este livro já representa de facto uma perfeita victoria. Tambem a edade agora é que o vae permittindo, dada a feição propria a este poeta.

Aos talentos caracteristicamente verbaes não é raro muito cedo desenvolverem alguns dos seus dotes de modo tal que só por estes alcançam impor-se com grande relevo, fazendo-nos esquecer deficiencias que unicamente mais tarde resaltam. Esses são, frequentemente, meteóros de vida muito fulgurante, mas breve.

Espiritos como o de Tasso da Silveira, mais caracteristicamente de pensadores, que não encontram grande publico para, siquer, entendel-os, só se acceitam indiscutivelmente no verso quando vêm irresistiveis, com um conjuncto de valores como o que ha neste livro.

Em compensação, são dos mais invejaveis esses triumphos.

Virmos sensiveis a todo o meio ambiente como, não tem duvida, elle veio, mas podermos, por outro lado, no que respeita ao pensamento, mostrar de onde partimos, como se mostra a nascente de fío d'agua que se fez um rio, sempre accorde com

seu attributos mais intrinsecos, isso é vencer como poucos e dá-lhe o direito, realmente, de fazer esta

ORAÇÃO DE GRAÇAS

*“Minha oração de graças
pela pobreza em que nasci,
pela humildade que me alimentou,
pelas profundas dores interiores
que me crystalisaram
como uma rocha de granito
em serena pyramide
“com o vertice em demanda do Infinito”.*

*e, fecundos fizeram
que eu seja a força que se não dispersa,
o impeto heroico em direcção de um Fim...*

Tanto mais quanto a

*“Serena pyramide
“com o vertice em demanda do Infinito”.*

ergueu-se na função espontanea de um protesto contra a desorientação commum dos outros poetas do seu tempo e torna symbolica, por isso mesmo, sua victoria.

O que faz d’“As imagens accesas” uma realisação mais gloriosa ainda é serem ellas tão nossas como não ha outro livro de versos no Brasil que mais o seja. Nem de Tagore se encontram vestigios sensiveis que lhes dêem qualquer ar estranho. Demonstra-se, assim, a completação deste espirito, ainda pela autonomia completa que ella ganhou.

Encontra-se agora aqui uma sêde aguda e tenaz de realismo que faça as cousas bem nossas,

embora entendido elle como a paixão de ver as cousas em profundeza, de modo que se surpreenda até nas mais humildes o contacto que haja, acaso, entre ellas e o que se têm por supremo. O realismo que podem ter os mysticos.

Melhor do que minhas palavras dirá

O POTE D'AGUA

*"Sobre a aspera pedreira
dardeja o sol.*

*"Coalhou-se o chão de lascas duras
e pendeu murcha a folhagem
que a poeira quente crestou.*

*"Só uma arvore ficou com a sua sombre
piadosa.*

*E, sob ella, na sombra,
um bojudo pote de barro*

*condensa, para os olhos sedentos dos trabalha-
dores cansados,
a infinita frescura
de todas as paysagens felizes do mundo..."*

Como já em "Allegorias" vem aqui toda uma serie de poemas bem humildemente escriptos parece que só para nós do Brasil, e particularmente para quem se commove logo aos primeiros versos, sentindo o aroma fragrante da atmosphaera, que se diria ainda outro dia creada por Deus, das nossas cidades meninas, lá nos planaltos do sul.

Ainda assim, no entanto, quem entenda a nossa lingua, em qualquer parte do mundo, ha de senti-los — e ahí está outro grande merito deste li-

vro — porque o poeta tem o segredo de dar a esse mesmo, um caracter universal.

Veja-se ao menos

ILLUMINURA

*da noite alta
como outrora
na infancia,
ouço passar, lá fóra
a “carrocinha do padeiro”*

*“Vae-se afastando, lenta..
Ouço-a longe, e a saudade me atormenta... ”*

*— “O silencio sem fim fez-se distancia
E, no silencio, a rua é longa, longa,
como a estrada comprida*

*“que me trouxe da infancia
até os humbraes desta hora commovida
de minha vida. .*

*“Vae-se perdendo longe
a “carrocinha do padeiro”
no silencio vasto
da rua morta.
“ (oh, o pão macio
de sonho
que ella deixou na minha porta!...)”*

Outros nos fazem pensar em Heredia, mas por certos toques, perdem as arestas materiaes dos “Trophéos”, espiritualizando-se completamente como os daquella insigne uruguayaya, Maria Elena Muñoz, em “Lejos”.

Leia-se, por exemplo:

EFFEITO DE LUZ

*"Sob o silencio que fluctua,
no crepusculo,
a angra é um espelho de crystal.*

*"De subito, porém, rompendo à superficie po-
lida,
como um brusco
reflexo,
o peixe prateado e liso
pula no ar
e, esplendido, caracoleia no crepusculo
e retomba no seio da agua adormecida,*

*"que, sonhando, o suppõe uma chispa de
luar..."*

Ha outros, vastamente panoramicos, que são
tambem, comtudo, da mais alta espiritualidade,
como

A CHAMMA

*" O dia todo
como uma chamma
a urbs convulsa
ardeu
Ardeu como uma grande chamma tremula na
ventania!*

*"Ardeu de sonho e de desejo
e de ambição e de agonia
ao rythmo brusco e trepidante
da luta heroica e vã.*

*“E, quando veiu a noite, exausta
adormeceu.*

“O infinito silencio . . .

*“O silencio infinito
porém tão cheio ainda
de fluidos vivos de paixão
e de cansaço e desespero,
que mais parece, erguida para a altura,
uma invisível chamma,*

“uma chamma de sombra e de afflicção!”

Ainda ha outros da mais rara belleza. Quem os saiba ler, só por elles veria claros indicios de que temos neste artista um grande poeta. Elle resistirá como tal até, si bem traduzido, onde quer que seja, lá fóra.

Um desses poemas é

O RELOGIO DE SOL

*“Meu relógio de sol marcou as horas claras e
ardentes
do dia luminoso.*

*“Marcou instantes da Eternidade
inutilmente, mas inflexivelmente.*

*“E agora que a Terra se embuçou no seu man-
to de crepe fofo
para dormir,*

*“ainda ao clarão inquieto das estrellas
procura elle marcar, somnambulicamente,
as horas mortas e profundas
da noite espiritualissima . . .*

“E, no chimerico desejo.

*oscilla, indecisa, a sombra do estylete perplexo,
como se se tivesse perdido do tempo,
e a noite, a noite de sonho, illuminada,
fosse, em verdade, esse infinito mar sem
margens*

do além-da-vida. .”

Outro é

O FOGÃO

*O lampeão a kerozene põe reflexos baços e som-
bras moveis,*

*no chão de terra batida
da cozinha,
e pelas frinças da parede
chegam vozes distantes
do povoado.*

*“A’ mesa rude as creanças,
de olhos amortecidos e somnolentos,
tomam refeição, para dormir.*

*“Inesperadamente
uma bocca invisivel
sopra a chamma fumarenta.*

*“E as crianças, medrosas, olham em torno
e reparam, então, que lá no canto, encolhido,
humilde e bom, vela por ellas,
como um avozinho carinhoso,
o fogão pobre, que se põe a contar, pelo cla-
rão das brazas na sombra,
uma historia encantada de princezas...”*

Mais este, finalmente:

CARICATURA

*“A Terra mendiga escondeu-se num canto de som-
| bra*

*através da janella da noite,
as estrellas, dansando a sua prodigiosa dansa lenta
no salão alto do Infinito.*

*“Entre espelhos profundos,
sobre velludos raros,
as estrellas dansam em extase.
E esqueceram-se de tudo
do rythmo serenissimo.*

*“E a Terra, despercebida e humilde,
tomou-se tambem
da encantada volupia.*

*“E arrepanhando o vestido roto de gaze que lhe
| deram,
e em que ainda brilham vidrilhos,
poz-se a imitar, na sombra,
os movimentos harmoniosos
do bailado divino.”*

O melhor seria que eu pudesse dar todo o livro. Elle está cheio de realisações magnificas e, com seu character poemático, como o têm outros de Tasso da Silveira, em conjunto produz muito mais admiravel effeito do que citado ao acaso como foi aqui.

Deante do encantamento que, através de tudo e apezar de tudo, um moço nosso patricio tem a gloria de produzir-nos com estas paginas, abençoá-se a vida.

“O Globo”, 10-12-28.

GILKA MACHADO

O ultimo livro de versos, “Meu glorioso peccado” publicado sob o nome “Poemas”, de D. Gilka Machado, saiu em 1928.

Antes de vir sob este titulo, apparecera já, bi-partido, em anterior edição, que não li:

Não fui só eu quem não leu. Julgo que todos quantos escrevem sobre letras, porque não me lembra de ter visto critica alguma, propriamente dita, sobre esses dous voluminhos.

Nem sobre elles nem sobre este, em que os poemas appareceram reunidos, afinal.

Póde ser que me engane. Em todo caso, o certo é que nenhum ruido se fez em torno destas novas producções da nossa grande poetisa.

Disse-me D. Gilka Machado, ella concorreu muito para que tal absurdo se dêsse. Concorreu porque, nem da primeira edição, nem desta segunda, mandou a quem quer que fosse um exemplar.

Agora mesmo, só depois de tanto tempo, e porque muito instei, é que consegui ter de suas mãos taes poemas.

Exquisitice de mulher, que ora procura evitar a todo transe fale-se dos seus versos e do seu nome?

Isso, propriamente, não é.

D. Gilka, neste instante — é certo — atravessa uma phase na qual pouco se lhe dá leiam ou não leiam os seus livros.

Elles são lidos sempre. Acontece com ella o que occorre com Cruz e Souza. E' raro que o nome deste, como o da autora de "Crystaes partidos", figure no programma de qualquer declamadora, mesmo da Sra. Bertha Singerman, que anda ahi ganhando dinheiro a rodo em theatro para maravilhar seu publico com a arte superior de emprestar vida a quanto queira, ainda a cousas insignificantes ou secundarias que sejam, em nossa poesia. Não o faz por falta de gosto, estou certo. Faz por negocio. Faz para lisongear o paladar dos snobs e das snobinas que constituem a maioria da sua platéa, aos quaes mesmo Bilac, mesmo Alberto de Oliveira, se ella os aproveita, são ainda mal comprehensíveis. Faz por politica literaria, para andar bem com os poetastros que ora dispõem das revistas e varios dos jornaes, seus maiores thuriferarios.

Não obsta, entretanto: os livros de Cruz e Gilka sempre se vendem como poucos. Excepcionalmente, a esses dous grandes autores, assim, tão silenciados pelos que industrialisam no instante as letras, é lucrativo edital-os.

Ha um outro publico, aqui no Rio e em todo o Brasil, que os procura, sem duvida para os ler. Talvez nessa clientela figure, occultamente, até uma boa parte dos que não lhes rendem homenagem publica e daquelles que as recebem, não raro graças á habilidade com que andam sugando, nos seus diluidos pastichos, esses ou outros desdenhados apparentemente.

E' como se explica já estar quasi esgotada a segunda edição das obras completas de Cruz e Souza, que eu promovi, anotei e prefaciei, em-

hora quasi não se encontre á venda nas livrarias. Quasi esgotada, sendo, no entanto, de uma tiragem de milhares de exemplares.

Tambem os dous livrinhos em que primeiro appareceram estes ultimos poemas de D. Gilka, foram-se logo, embora a critica não lhes tivesse feito reclame.

Não o fez, comtudo, porque a poetisa até pediu aos seus amigos mais chegados que nada dissessem delles.

A razão é que contra vontade sua taes versos appareceram assim separados em dous tomos. Trata-se de dous poemas ligados, intima e essencialmente, pelo seu assumpto. Como taes, deviam, por consequente, vir juntos.

Além disso, nem á autora foi dado — segundo me informou — rever essa edição. Por tal motivo saiu ella tão imperfeita que a poetisa se recusou como pôde a sancional-a. Dahi a razão do pedido que fez áquelles sobre os quaes pôde influir.

Esta propria segunda edição ella tambem só chegou a vel-a, quando o livro já estava na rua.

A principiar pelo titulo, causou-lhe apenas desgosto. D. Gilka Machado não autorisara o editor, segundo me disse, a dar ao volume o titulo geral de "Poemas", com que veiu. Queria que apparecesse apenas com o nome de "Meu glorioso peccado". Nesta edição, elle figura como subtítulo, e ainda com a seguinte aggravante: em vez de "Meu glorioso peccado", vem "O meu glorioso peccado" O *o*, *artigo*, é do editor. Assim elle conseguiu collaborar na obra cuja propriedade pagara e que, portanto — talvez achasse — tambem era sua. Seu, innegavelmente, é, pelo, menos, esse *o*. Falo sempre de accordo com as informações da autora.

O que por mim mesmo, em todo caso, posso ver, é que o livro vem inçado de pequenos erros secundarios, faltas de pontuação, falta ou troca de letras, etc. São cousas, em todo caso, que não é difficil o proprio leitor corrigir. O peor, no entanto, é que a uma parte do primeiro poema falta um verso inteiro, logo na primeira estrophe. E' no seguinte trecho:

*“Ha lá por fóra
Um luar
Que é um divino peccado...
Se viesses, meu amado,
Se surgisses agora
Ao meu olhar,
Se me apertasses, tremula de susto,
Ao teu formoso busto. ”*

O verso inteiro que falta é o penultimo; sem elle a estrophe está completamente truncada em seu sentido.

Tem-se de reconhecer: numa terra em que se commettem barbaridades assim, que ficam impunes porque seria irrisorio um autor, sem dinheiro, questionar judiciarmente a proposito, justifica-se essa displiscencia que caracteriza a phase por que passa neste momento a poetisa de que venho falando. Isso e o mais que ocorre justamente a quasi quantos têm valor, agora como nunca, desde os tempos coloniaes, neste delicioso paiz.

Se, entretanto, no conjunto de suas qualidades de artista, capazes de ser apreendidas por grande publico e admiradas ao mesmo tempo por quem sabe o que seja a poesia, D. Gilka Machado já era, talvez, a poetisa de mais vulto da America do Sul,

com “Crystaes partidos” e “Estados de alma”, com este ultimo de seus livros subiu ainda mais do que subira. “O Grande Amor”, pelo menos, é um poema como, no seu genero, eu não conheço outra igual, feito por mulher, em literatura alguma. Que eu tenha presente, só as “Cartas de amor” daquella monja portugueza, Mariana Alcoforado, pelo alto plano de arte em que ella inconscientemente se manteve, pelo poder de expressão excepcional que a paixão lhe deu, e outros aspectos dessas epistolas, que não morrerão, são rivaes, ao meu ver, com serem prosa embora, d’“O Grande Amor”.

Sapho é e será para sempre a figura typica das poetisas como estas. Das que deixam de ser mulheres, no que ellas representam o recato, para representarem a mulher naquillo em que ella é irmã do homem, pelo delirio provindo do instincto que mantem a Especie, mas lançando esta no plano sombrio onde se encontrou o primeiro casal biblico quando perdeu a innocencia. Fazem contraste com a Beatriz sonhada por Dante.

Ellas, assim, quanto mais alto cheguem, mais evidenciam o que ha de grave na hora em que vêm, hora creada sempre pelo homem, cujo reflexo, por isso, afinal representam.

Negar-lhes o valor que tragam, como artistas, fôra, porém, simples necedade.

A arte não é moral nem immoral: é arte.

Um poema é um acto de criação humana, como uma estrellã no céu, como uma flôr no jardim são criações de Deus.

A flor, por ventura, envenena; o astro, acaso, incendeia? A belleza é estranha a tal questão.

Mas, por isso mesmo, que singular creatura é o artista! Elle, que é o ingenuo espelho do bem

e do mal do seu tempo com irresistivel e incomparavel poder de suggestão!

E' o' que estes versos extraordinarios de D. Gilka Machado nos suggerem.

Além de tudo quanto é propriamente arte em taes poemas, e que nos delicia, que nos embriaga como, num banquete. o mais fino e puro champagne, bebido loucamente, póde embriagar os convivas; além disso, que lingua já tão pouco assim versada é a sua!

Esta poetisa, ao mesmo tempo que vem com todos os refinamentos inteiramente aceitaveis da vanguarda actual, é um poeta classico, no que o classico tenha de admiravel pela gloria que deu ao idioma e que vemos com alegria renovar-se nestes avatares.

O critico pergunta a si mesmo por que milagre esta autora, longe como está de ser uma erudita, consegue ser fiel assim ao genio da lingua.

E' que D. Gilka é a florula de toda uma raça de artistas.

Francisco Pereira da Costa, o violinista genial, que os parnasianos até celebraram em versos, seu avô materno, foi o mais notavel entre todos. Mas os dous Francisco Muniz Barreto, dos quaes o mais velho vem a ser o seu bisavô, e Rozendo Muniz, o repentista, tambem seu parente proximo, estão na historia das letras. Seu pae, Hortencio da Gama Souza e Mello, foi poeta; sua progenitora, artista de theatro, como todás as filhas de Pereira da Costa. Até acontece que D. Gilka é viuva de outro poeta, e poeta de merecimento, esse Rodolpho Machado que ainda ha pouco falleceu.

Desse modo, já pelo sangue, já pelo ambiente em que se creou e pela propria alliança que con-

traiu, ella, como talvez nenhum outro poeta no Brasil, já nasceu em todas as possibilidades naturaes para ser quem é e desenvolveu-se em circumstancias que só a favoreceram em tal sentido.

Tal favor da sorte envolve ironia em nossa terra, pois elle poude, certo, dar gloria, como deu, a esta poesia, mas collocando-a na situação de vender um livro por preço irrisorio para que a edição desse livro seja, como está sendo até hoje, seu tormento, dados os escrupulos artisticos que lhe são proprios.

Do mais, nem vale a pena falar-se.

Uma geração como a dos novos actuaes, que tem poetas do valor de D. Gilka Machado, de Tasso da Silveira, Murillo Araujo, D. Cecilia Meirelles, Guilherme de Almeida e Jorge de Lima — para só falar daquelles cujos nomes me occorrem de prompto — honra qualquer paiz. Na America do Sul não ha outro, neste momento, mais altamente representado em tal sentido.

Mas o que nos entristece, o que nos amargura cada vez mais é ver como peora, dia a dia, o ambiente onde estes artistas têm que respirar.

E' a desorientação que reina, como jámais aconteceu, no julgamento dos valores, é a anarchia em que as *diseuses* dos salões mundanos vieram à tal respeito collocar-nos ainda mais.

E' a obnubilación ou a inconsciencia de muitos dos que vêm chegando por ultimo. produzindo verdadeiras chulices ou ensaios de clubs literarios da roça. que uns julgam ser cousas revolucionarias e outros dar-lhes direito a um premio na Academia.

Não obstante, conforta ainda ver-se que, por outro lado, a reacção contra taes pagodeiras ou taes inepcias já se vae produzindo cada vez mais

amplamente, por parte dos moços na verdade talentosos e cultos, e que, de espaço a espaço, ainda apparecem livros como este ultimo de D. Gilka Machado, honrando e glorificando as letras no que elle — “flor do mal”, embora — representa uma realisação da poesia.

O “Globo”, 8-7-28.

MURILLO ARAUJO

O modernismo

“A musica franceza se desenvolve em sentido horizontal — devendo ser tomada esta expressão, não como escripta horizontal, nem como superficialidade, mas como o desejo de agradar aos sentidos, sem appellos transcendentaes. E’ uma musica que não se perde mais no vago indeciso do subjectivismo romantico, mas realiza a perfeita harmonia do genio creador com a realidade, que domina, interpreta, traduz”

Terminava Renato de Almeida com estas palavras a interessante conferencia que fez outro dia, no “Lycée Français”, sobre a musica moderna franceza.

O momento é este. com poucas excepções, onde quer que a arte seja a expressão immediata, por assim dizer, da sensibilidade actual.

Na propria musica franceza, Renato o demonstrou, reflectiu-se, por instantes, a deformadora e infantilizadora tendencia cubista, com frescura e graça, aliás, em alguns dentre esses ensaios, de que poucos pintores forneceram perfeito exemplo e com tanta felicidade.

O dadaismo foi o estado de espirito, mais que escola propriamente dita, que na poesia correspon-

deu ao cubismo. Este, por sua natureza, quasi que só achou nitida expressão na pintura e na escultura, artes em que as massas e as dimensões entram essencialmente em jogo.

Tambem o dadaismo veio procuradamente balbuciante (o seu nome o indica), e estylizador ao extremo. Estylisar e deformar são synonymos, usada esta ultima palavra em accepção artistica. Tudo o dadaismo estylisou ou deformou, principiando pelos vocabulos, a que deu significações arbitrarias, pela syntaxe, que, com elle, entrou em pleno periodo tetanico, até á logica do pensamento, a ponto de não haver mais pensamento propriamente dito, e os objectos visados perderem toda a semelhança comsigo mesmos. Em vez de representarem propriamente o objecto, reflectiam apenas qualquer idéa por este suggerida. Com "Seis personagens á procura de um autor", Pirandello nos dá, no theatro, como diz Ortega y Gasset, um exemplo claro dessa inversão do thema artistico. Conforme se sabe, nesta peça, em lugar de passar-se a acção com personagens a quem os actores representariam, passa-se com os proprios actores.

Tudo isso, no emtanto — que já é velho, felizmente, pelo menos na Europa — visava, por instincto, uma cousa justa: pôr abaixo o excessivo objectivismo em que caíra a arte occidental. Por outras palavras: era um ataque formidavel ao realismo. Formidavel, não tanto pelo talento, mas pela vehemencia com que vinham os reaccionarios, quasi todos em pleno vigor da mocidade.

O realismo não surgiu, tal como se pensa, com Zola. Com este, elle chegou apenas ao seu ponto culminante. Foi na verdade, então, que elle se tornou insupportavel para todas as sensibilidades.

mais finas, mais aristocraticas. Zola, com todo o barulho que fez, jámais as teve a seu lado.

Mas, se este foi o primeiro a dizer, não foi o primeiro a sentir que “a arte é a natureza, através de um temperamento” Os românticos é que romperam com a íntima colaboração do espirito reflectido com o instincto, a tendencia, o temperamento individual.

Essa colaboração é o que caracteriza mais essencialmente o classicismo. As velhas que tinham seu gosto educado por este é que assistiram á representação do “Herbani” entendiam muito bem o drama de Victor Hugo, e precisamente porque o entendiam não gostavam delle. Fiéis a determinada sensibilidade esthetica, sentiam repugnancia pelos novos valores artisticos que o romântico lhes propunha.” E’ uma verdade simples exposta por Ortega y Gasset.

Desses novos valores, o temperamento é o nudo central, cousa que o equilibrado Goethe ainda condemna. E tinha de sel-o, com a victoria do individualismo, que a Révolução Franceza determinara.

Vistas as cousas a essa luz, tambem é certo — quem o ha de negar a esta hora? — o que acrescenta o sagaz estheta castelhano: “Realistas foram Beethoven e Wagner. Realista Chateaubriand como Zola”.

A estylisação desapareceu, por assim dizer, com a arte de que Racine foi representante supremo.

Aos vanguardistas o que os caracteriza, abrangendo-os sem excepção, e o que os differencia de todos os seus predecessores, é uma necessidade instinctiva de estylisar, de deformar, de fugir, emfim, á chata objectivação realista. Ainda poucos deixam de ser bastante românticos, não obstante,

porque raros aceitam o "controle" do espirito sobre o seu temperamento pessoal. E se o aceitam é sempre de modo incompleto. Muito cerebraes, não ha duvida; nelles até o infantilismo, a ingenuidade são procurados, não espontaneos, mas por isso mesmo resultam anti-intellectualistas, românticos de nova especie.

Se quizermos proseguir até onde Ortega entendeu não dever se aventurar, diremos que os proprios symbolistas, esses neo-românticos, ainda fizeram realismo. Quem não vê um objectivismo cerrado, por exemplo, em Emile Verhaeren, em D'Annunzio, e até em Whitman, que delles foi precursor?

Os proprios futuristas authenticos, os italianos, á frente Marinetti, não vão até um ultra-realismo, embora em sentido nada zolesco?

Mesmo os supra-realistas, os do mundo de Freud, esses então não atiram a barra mais longe que o autor de "Pot Bouille"?

Em todos estes, porém, dos symbolistas para cá, ha uma tendencia cada vez mais pronunciada para fugir ao terra-a-terra, ao preciso, ao pormenorizado, ao quasi photographico, que foi o peor abuso do naturalismo e poz bem á mostra a inferioridade de gosto que trazia latente, em seu bojo, a esthetica romântica.

Só pelo facto dos Verhaeren e seus coevos adoptarem o symbolo como a propria essencia da poesia, distanciam-se necessariamente dos myopes fanaticos pela verdade vista a dous passos. Tanto que dos symbolistas procederam os desvairados nephilbatas e os da Torre de Marfim. A verdade vista das nuvens, ou ao menos sem contacto com os outros homens, já tem de ser, por força, muito deformada. O symbolo, com letra maiuscula e as preocupações com o medieval, cousas proprias

da escola, tinham de arrastal-os automaticamente a certa aristocratização.

Marinetti trouxe o synthetismo e o dynamismo, isto é, a expressão rapida e o movimento, a simultaneidade, o amor á paizagem vista em vertiginosas corridas, nos autos e nos vagões. Que melhores meios de deformação?

Os supra-realistas, esses, lidam com o mysterio do subconsciente e assim colhem sombras, não fixam propriamente objectos. Para falar do que apreendem, até da grammatica, da logica, têm de prescindir. Estes mesmos consequentemente, collaboram com os cubistas, os dadaistas, em solidariedade tacita.

Vem, pois, de longe preparando-se a reacção, não pode resistir. Praticam-no actualmente, sem matizes ao menos, os que se resignam a ser apenas écos, em grotões longinquos, de uma voz já extincta.

Mas, por sua vez, os revolucionarios cançaram. Cançaram porque actuaram até certo ponto no vacuo. Elles vieram á sua hora. A guerra impoz nova attitude a todos ainda capazes de se adaptar á vida após o cataclysmo. Elles symbolisaram com a sua vida passageira, esse novo ambiente que se creou. Semelhante arte em nada se parece com o que correspondia ao gosto de antes da guerra. Mas tem este defeito: não se parece por demais. Aos olhos da gente de senso commum, antes vale por um hiato do que por aceitavel transição. Traduzirá o extremo do momento em que appareceu, mas deste ainda quasi todos não se aperceberam claramente. Se mudaram foi mais por instincto; graças a isso é que o mundo resiste mais ou menos organizado ainda.

Desse vacuo, no qual tiveram os artistas de se reconhecer por fim, procede sem duvida "o des-

envolvimento da musica franceza em sentido horizontal”

Parece uma volta ao que já foi. E' apenas a necessidade imperiosa de repouso por um instante. A musica deste segundo na historia da arte quer apenas “agradar os sentidos sem appellos transcendentaes” Quer ser, pois, ao menos pelo que confessa, pseudo-arte, que o é tudo o que não comporta transcendencia. O genio não se castra, ou não é genio.

Mas, no instante actual, essa volta á objectivação, depois de todo esse tremendo estardalhaço de cubistas, dadaistas, supra-realistas e mais umas dezenas de outros “istas” que Guilherme de Torre cataloga, tem a graça de um sorriso infantil. A graça e mesmo a transcendencia que neste sorriso os paes sempre encontram, deixe lá, ainda quando digam o contrario.

Não faltarão padrinhos a essa creança, necessariamente adoravel. Basta que ella tenha nascido assim repousante.

Estejamos certos: não ha perigo de voltar-se ao que foi. Nunca se volta para traz em arte. Na simplicidade e despretenção acaso sincera de taes musicas ou não ha de facto arte ou estará implicito tudo o que de verdadeiramente novo, portanto duradouro e palpitante, de futuro as tentativas já do periodo da guerra e depois do após — guerra trouxeram em germen.

Tambem essa pequena maravilha de graça e de leveza novas, “Orphée”, que Cocteau deu ha pouco ao theatro, ha de parecer aos fanaticos da extrema esquerda uma imperdoavel heterodoxia na arte desse genero. Dirão que é obra de “virtuose” á procura de publico já para ser applaudido, em vez de suscitar ao menos tumultuosos es-

candalos. Tal poema vale por uma conciliação com o verdadeiro bom gosto francez, não ha duvida, mas é nova crystalisação, radiante, ao mesmt tempo, tanto quanto possivel ainda agora, das tendencias com que vem o vanguardismo propriamente heroico.

“Iluminação da Vida”

“A Iluminação da Vida”, ultimos versos de Murillo Araujo, agora publicados, faz pensar em muitas dessas cousas, sobretudo a quem vem acompanhando este vívido poeta de mais longe.

Elle estreou symbolista, dos inclinados para nephilibaças, para turreburnios, em “Carrilhões” Manteve-se com esse aspecto ainda em “Arias de muito longe” e Estancias à Chimera”, aquellas que precedem, estas que são o fecho d’“A Cidade de Ouro”

Embora ligado assim a essas como que duas valvas de uma concha, o poema central é que vem a ser a perola na trilogia, aliás toda ella formosa.

Primeiro porque é producção de mais folego. Mas sobretudo porque documenta a conquista de um estado mais alto na carreira do joven poeta. A marcha do espirito é assim: mais um degráo que se galgue traz como consequencia o dominio de um horizonte mais amplo.

Do Junqueiro d’“Os Simples”, de Eugenio de Castro, de Nobre, de Cruz e Souza fôra elle, sobretudo, para Whitman e para Verhaeren — dous precusores do futurismo. Com seu talento e taes mestres caminhara positivamente adeante.

Sensível vida interior ainda, portanto bastante subjectismo, apesar d’“A Cidade de Ouro” ter de ser caracteristicamente obra descripta. O pathe-

tico e sobretudo a musica intima que dá tanta vida a esses versos, já vêm dos "Carrilhões", mas ganham aqui mais corpo, e de melancolicos tornam-se euphoricos, pelo contacto com os dous paroxysmas, cujas tendencias, por sympathia, os transmudam.

Além disso, ante a sollicitação do assumpto, no poeta desenvolve-se pela primeira vez uma surpreendente capacidade visual, é de um visualismo tão ardente, tão tropical, que nem mesmo em Cruz e Souza é predominante como em Murillo se torna. Cruz tem ondas e ondas de musica, abundantes e profundas, contrabalançando as tintas. No poeta de agora estas sobrepujam a riqueza auditiva, aliás incontestavel.

Demais, um forte dynamismo, um pronunciado senso de simultaneidade completam o aparelho de captação e expressão poetica que com elle vem. Ainda resultados das novas convivencias.

"A Cidade de Ouro", eu o disse em tempo, foi uma verdadeira novidade em nossas letras.

Apezar de tão elogiado por muitos, esse livro não fez éco em correspondencia com seu valor por diversas razões. Uma dellas porque já então se formavam os compartimentos estanques em que ora se subdividem os homens de letras, abafando quanto podem uns aos outros e ninguem logrando assim, com cousa alguma, grande rebôo. Excepto os escandalosos e os que têm o apoio das "diseuses".

Estas não podiam de facto, mesmo que o autor as frequentasse muito, sentir enthusiasmo por uma obra assim.

"A Cidade de Ouro" é offuscante demais, parte por suas qualidades, parte por seus defeitos. De pincel muito rico e muito vehemente.

mas além disso não raro parecendo espatula, deixando a t'ela muito empastada. Depois, ha em tudo um lyrismo guindado, mesmo uma rhetorica que tonteiam, remanescentes do nephilbata e turberurneo ainda, assim, pelo calcanhar, visivel. Com isso, pouca humanidade. Contacto muito superficial com os seres, imperfeita caracterisação dos locaes que descreve. Massas de vegetal ou de pedra na verdade esplendidas, mas que não sabemos bem onde pôr. Insistência involuntaria, é isso, de attitudes anteriores, quando o poeta via tudo lá de Jupiter.

E' um livro para ser devidamente valorizado pelo grande publico talvez quando velho.

Dentre os outros poetas, no emtanto, sorratamente este ou aquelle passou a imital-o, com sobriedade.

Mesmo entre os chamados "futuristas" ha um, e notavel, que não teria feito, sem duvida, aquelle tão vivo e tão novo poema que é "Raça", se não houvesse lido antes "A Cidade de Ouro". Nisto não vae uma censura a Guilherme de Almeida. Em arte é assim, conforme as affinidades. Elle segue outro caminho. E' de um corajoso pragmatismo, que o colloca mais além dos symbolistas. Além disso traz uma visão ainda mais esbraseada, e outra musica, musica de "jazz-band" misturada, com o sapateado luso e o samba nosso, mais gostosa, mais expressivista, justamente por mais plebéa.

Se eu refiro esse facto não é para fazer picuinha a ninguem. E' para mostrar como o autor da "A Cidade de Ouro" com esta já se approximara dos futuristas authenticos e não authenticos.

A verdade, comtudo, é que vindo á scena logo depois a gente de São Paulo, alguns do Rio e até

os proprios chamados intimistas ou tagoristas, Murillo Araujo como que ficara interdito, procurando caminho.

Com "A iluminação da Vida", que ora publica, vê-se que esse caminho elle vae encontrando.

O symbolismo se foi. Murillo ainda é muito moço. Ha de soffrer a influencia do ambiente e com ella ir acompanhando o seu tempo. Tem grande talento. Por que sob novas modalidades não o ha de revelar? Em peores condições estava Tasso da Silveira — mais cheio de vida interior, de fórma espirital, como jámais, nem nos "Carilhões", o poeta de que venho tratando o foi. Não abriu novo caminho, entretanto, embora fiel á sua indole, com "Allegorias do Homem Novo"? No dia em que só houvesse logar para os brincalhões, sem intima preocupação alta, sequer, então deixaria de existir a verdadeira poesia.

"A Iluminação da Vida", em parte, e na sua melhor parte, é "A Cidade de Ouro", em fragmentos e sob outros rythmos, comparativamente sem ar pathetico, mesmo sem extase. E' obra, todavia, ainda bastante euphorica, e de um magico visualista.

Ha nisso uma transicção correspondente a outra attitude intima no poeta, hoje bem menos arre-dio, bem mais do meio, e mais, "bon enfant" do que já foi.

Mas, porque este novo livro vem assim mais leve, ha de apreendel-o e até aprecial-o, gosalo, mais consideravel numero de leitores. Não duvido que as proprias "diseuses" lhe dêem esse apoio.

Para isso ha outro elemento muito favoravel, ainda: paginas encontram-se ali em reminiscencias de Junqueiro, de B. Lopes, de M. Pederneira, senão até de Cesario Verde. Uma ou outra até

nos faz pensar ligeiramente nos philantropicos romanticos.

O tom geral, destas paginas é o de um futurismo sympathico, porque, embora de gosto facil, de progressismo boquiaberto ante os mais horrendos arranha-céos, não implica uma politica anti-cultural, barbaresca, qual vem a ser a dos barulhentos futuristas italianos.

O que nos encanta, sobretudo, lendo estes novos poemas, é elles trazerem intimamente uma alegria e uma frescura, salvo esta ou aquella peça convencional, que cheiram, flagrantemente, a noivado.

Assim, no momento em que apparecem, entre nós, essas laudas, offecem pontos de contacto curiosos entre seus versos e a recente musica franceza de que fala Renato de Almida. Trazem, comparadas á obra anterior do brilhantissimo poeta, "o proposito de agradar os sentidos sem appellos transcendentais".

Aos olhos de quem conhece os outros livros, são paginas de certo repouso, mas que, felizmente, tal qual, de certo, acontece á quella musica, vêm como elemento conciliador, não reaccionario ou tardigrado, entre a nova representação da arte e o ambiente que ella pretende interpretar, embora só quasi conseguisse escandalisal-o até aqui.

Murillo Araujo ainda nos dará, estou certo, versos que definam, com mais firmeza do que estes já o fazem, sua posição como representante da poesia no Brasil, sob os effeitos do após-guerra.

Resta-me agradecer ao gentilissimo poeta o affecto com que me honra na pagina derradeira do seu novo livro, visando collocar-me em destaque excepcional, com tão grande bondade.

"O Globo" 26-9-27.

PLINIO SALGADO

(“O Estrangeiro”)

Plinio Salgado é um brasileiro dos bons.

Tão moço ainda, ao que me informam, admira como já tem pensado tanto, sobretudo como tem pensado tanto sobre o nosso paiz.

Ivan, o seu Estrangeiro, symbolisa, até certo ponto, como Plinio mesmo percebeu, a nossa propria patria, em que, aliás, nunca se poude inserir de corpo e alma. Ainda somos de uma vontade aparentemente oscillante, vacillante, como quem quer sahir de uma encruzilhada, mas não tem bussola.

A differença é que em Ivan ha mais pensamento, susceptivel de converter-se em preconceito e determinar uma obsessão de que resulte o desespero. Em nós, muito menos do que pensamento, ha instincto. Este, em se tratando de salvar, a vida — olha para o preconceito, quando lhe é um obice, como para uma estupidez, e passa adiante, seja o proprio Socrates que se lhe opponha.

Passa adiante e como se não tivesse praticado nenhum mal, e continua candidamente o seu ca-

minho. Elle é o instincto. Ninguém lh'o ha de levar a mal.

Da differença que vae entre aquella personalidade symbolica de Ivan, o russo, e a nossa personalidade collectiva, nasce um drama, aos olhos dos que julgam que a opposição de Socrates póde não ser propriamente uma estupidez.

Esse drama é que em seu livro Plinjo Salgado expõe. "O Estrangeiro", vem a ser um romance synthetico de alcance social.

A felicidade do autor, no caso, foi nascer e viver em São Paulo. Anchieta é o primeiro e logo o incomparavel avoengo, espiritualmente, que se conta na familia de Ivan. Desde Anchieta, Piratininga é a terra onde se vem dando mais caracteristica e mais decisivamente a luta por um Brasil mais de Deus, mas ao mesmo tempo um Brasil mundanamente maior.

Hoje, ali, agudamente, como em nenhuma outra terra, nossa, decorre mais um facto do drama, a que a americanização do occidente, por emquanto, muito á "yankee", dá opportunidade e caracteristicos distinctos.

Na Europa é uma tristeza esse "yankismo", significa sobretudo a refração do mal, mas muito aggravado, que uma velha civilização installou numa civilização nova, dos seus flancos nascida.

Em São Paulo elle assume outro character: é uma barbaria attenuada, se a virmos de Jupiter, de onde o indio e o negro hão de ser vistos, como outro homem qualquer. A' crystallização que o escravo vermelho e o negro economicamente possibilitaram succede agora uma formação em que os elementos dynamicos são representados por novos aventureiros, mas já quasi que apenas entendendo-se uns com os outros, para o bem e para o mal, pois

o Jéca, que elles ainda escorraçam, quasi que está reduzido na zona caféeira, apenas a residuo do indigena, de que em boa parte procede.

Os mamelucos que não ficaram Jéca e fizeram-se mandões, se não apodreceram com a mudança dos tempos, como os Pantojos que figuram em "O Estrangeiro", já estão incorporados ou forçam por incorporar-se á massa dos novos bandeirantes. O outro personagem do livro, o Zé Candiho, é desses taes.

Assim, em nosso paiz, visto de perto e com vivo interesse, esse acto do grande drama dá para um bom romance. mais interessante, porque menos grosseiro, menos selvagem, do que as fitas americanas em que se filma a vida do Far West. Seja como fôr. tudo isso, em São Paulo, já vem depois de Luiz Gama. No seu conjuncto é um mundo para melhor.

Mas nem por isso deixa de representar a semi-barbaria que em toda parte o influxo "yankee", vae estabelecendo ou aggravando. E', pois, tambem, a retrogradacão do brasileiro, que, sob certos aspectos, já tinha podido realisar-se num typo muito mais christão, de facto, muito mais lindamente apresentavel ao mundo que o batedor de mato da éra colonial. E' a deformacão do europeu, que a um tempo perverte os nossos e perverte-se. ante as novas possibilidades de lucro que estas terras novas e vastas lhe offerecem. E' o cruel sacrificio de Indalecio, que, no livro de Plinio, symbolisa a nossa pobre gente caipira e figura muito iustamente como a victima por excellencia na terra que, mais do que de ninguem, é sua.

Felizmente este typo não succumbe sem os protestos do professor Juvencio e do major Feliciano, o "opposicionista systematico".

Certo, quando a este ultimo cabe a chefia politica local, adeus espirito de justiça flammante, adeus toda aquella indignação que parece vir-lhe do fundo das entranhas.

O professor, esse é muito mais sincero, é mesmo em certo sentido intorcível. Podem procurar corrompê-lo, podem atirar-o para o Cedro, no extremo sertão: em toda parte elle continua a ser a testemunha indignada e clamante contra o mal. Mas não desespera nem se incompatilisa de vez com os poderosos. Alimenta-o grande fé, meio aerea, é certo, propria de um auto-didacta de poucas e enfumaçadas luzes, mas de todo modo grande fé, no futuro desta grande terra. E elle não perde sua alegria de viver, não desiste de sua "casquinha" de felicidade aqui neste mundo, como seja possível a um homem de bem.

Todos que fazemos a opinião publica em nosso paiz temos um pouco de Juvencio.

Indalecio lá vae na sua rêde de defunto, depois de injuriado, de seviciado, de perseguido, de lesado, sem achar apoio efficiente em ninguem. A propria natureza tropical, com os "pinhês" dos seus gaviões, as ironias dos seus tico-ticos, as marteladas das suas arapongas, parece que d'elle está rindo, num "requiem" carnavalesco. Essa pagina de Plinio Salgado é linda.

Vae-se Indalecio, isto é, o pobre Jéca, bóde expiatorio nesse novo mundo onde os Mondolfis, representantes do itaiano prospero, abrem um novo periodo agricola, e Zé Candinho marcha para um novo bandeirismo, que os "grilos" facilitam, levando para o sertão o sacrificio dos direitos de outros Jécas, que lá vivem, coitados, tão distantes.

O Jéca paulista, paranáense, mattogressense, ou goyano, nas orlas limitrophes, póde ser que suc-

cumba, mas São Paulo, cada vez mais, se engrandece, e São Paulo é que em toda essa enorme redondeza é um poderoso dynamo. Em toda essa redondeza só? De certo modo, São Paulo é como uma locomotiva-monstro, puxando todo o Brasil, quasi como a um peso morto. Não é elle que entra com dous terços da nossa receita?

Juvencio protesta contra o que ha de iniquo no sacrificio referido, mas comprehende de si para si que o Brasil precisa ir para diante. O professor tambem yankizou-se um pouco, sem saber. Por outra: nossa opinião publica soffreu, porque não podia deixar de soffrer, o influxo da opinião da mundo. Tanto mais quando Eugenio Fortes, que Salgado atiladamente creou em seu livro como representativo dos nossos intellectuaes, se alheia da causa publica.

Graças a tudo isso, seja como fôr, a Paulicéa já é um meio social bastante moderno e bastante complexo para proporcionar a Oswald de Andrade "Os Condemnados", e, agora "O Estrangeiro", a este outro moço.

Esses dous romances são, como taes, as paginas mais notaveis que até agora produziram os jovens escriptores que vêm caracterisando nossa litteratura do após-guerra.

"Os Condemnados", ainda tem muito da romantica russa, ainda foi feito, como implicitamente toda a obra de Dostoiewski, em homenagem aos soffredores. Oswald o diz de modo expresso. Por isso é que o condemna agora como livro insupportavelmente passadista.

"O Estrangeiro", segundo o autor confessa, "é antes de tudo, um desabafo" Nelle se quiz — bem que o vemos — "dizer alguma cousa" No intimo terá, pois, uma origem tambem "romanti-

ca” Talvez de todos os seus personagens ali creados, Juvencio seja quem mais symbolisa o autor.

Mas a verdade é que, se igualmente é sensível nelle a influencia, embora subterranea da litteratura slava, na sua execução artistica “O Estrangeiro” procede por modo bem directo da corrente creada pelo nosso chamado “futurismo”

Este não é, nem mais nem menos, que um forte surto de ironia dionysiaca, como os Dadás de França fôram um surto formidavel de pessimismo tambem dionysiaco, realisando, aliás, uma previsão de Nietzsche. Cocteau viu-o muito bem.

Toda a factura deste livro, cinematico e aspero, feito quasi que só de expressões ellipticas, em pequenos trechos e sem rigorosa sequencia chronologica, vem de intima symbiose com a visão dos typos mais representativos dessa corrente novissima entre nós. Apenas Plinio resolveu-se a romper com o naturismo da linguagem, tão engraçadamente procurado pelos dous Andrades e os do seu sequito, e não quiz perder o tempo em brincadeiras, em escandalos pelos escandalos.

Mas, ao que não poude furtar-se foi á invariavel ironia da escola, ao preciosismo, á obscuridade, á artificialidade, carreadas para as nossas letras, dos Giraudoux, dos Morand, dos Larbaud, dos Cocteau, dos Cendrars, de tantos outros representantes da vanguarda litteraria franceza.

Essa gente toda, vinda mais ou menos do dadaismo — porque este representou sobretudo um estado de espirito — ainda hoje é, senão iconoclasta, pessimista, pelo menos caracteristicamente ironica. O pretensó néo-classismo apenas está em via de organização.

Innegavelmente, aquelles dentre esses autores que já conseguiram certo definitivo têm, máo gra-

do todos os seus defeitos, um fulgor, ou quando menos uma electricidade, uma tinta de alvorecer, digamos numa palavra, uma fragancia de mocidade e de vir-a-ser irresistivel. E isso Plinio, como os seus melhores companheiros de modernismo, "futuristas" ou não, aquelles que já fizeram, de facto, alguma cousa, estão reflectindo mais ou menos no Brasil

Não quero saber se os orthodoxos do grupo em que elle veio já consideram o novel escriptor como um egresso. Elles tambem hão de evoluir, se quizerem salvar-se.

Ainda, pois, no que respeita á fôrma deste livro, elle não é para censuras apenas. E' filho de sua hora. E tem paginas admiraveis. Antes escrever assim e fazer um livro vivo, como Plinio Salgado o fez, do que vir com ar parado desacatando desanxabidamente os que não são seus coetaneos.

Mas o que direi por ultimo, é que a ironia systematica ainda é romantismo e denota pobreza de organização. E' o mesmo que a jeremiada interminavel. Cansa o leitor depressa e impede um homem que a adopta, si na verdade é um homem, de ser bem quem é.

Foi ella que não permittiu ao jovem romanista dizer tudo quanto desejava dizer-nos. A arte bem entendida não tolhe o pensamento.

Hã urgencia, no entanto, como elle reconhece, de que ao Brasil se discuta.

Antes de tudo porque o Jéca de São Paulo e da orla limitrophe, não será o sertanejo, não será o gaúcho de que Euclides da Cunha nos falou. Esta gente é mais perigosa. Se em todo o Brasil se adoptam os mesmos processos, (e parece que é o

que está pegando), de marchar para diante pondo pé sobre o peito do mestiço rural, numa hora como esta, em que os Soviets da Rússia ainda minam o mundo, o Brasil litoraneo póde ter uma surpresa muito amarga. Lá mesmo, em São Paulo, a insurreição Isidoro não foi um relampago mostrando as cousas como ainda não se tinham visto?

Plinio Salgado fez um livro que não póde ser acceito, com facilidade, por todos, não só porque é muito novo no seu processo, como pela deficiencia que a este é propria. Não obstante, seu romance, com o correr dos dias, ha de ir se tornando conhecido de todo o Brasil capaz de ler. E' uma obra ampla, vivaz, humara e bem nossa.

“O Globo”, de 5 de Julho de 1926.

ANDRADE MURICY

(*"A Festa Inquieta"*)

Não é facil, neste instante, onde quer que seja, apparecer um livro de arte que, dando-nos a impressão do novo, esteja accorde, não obstante, com uma esthesia a todos, até certo ponto, commum.

A todos, capazes de viver e vibrar com esta hora, nas suas manifestações artisticas, accetando, desprevenidamente, o que della os possa bem impressionar em tal sentido. Os que as não rejeitem só porque sejam novas.

A hora apresenta-se multitudinaria nos seus gostos, como não foi o ante-guerra, mas, por emquanto, quasi só relativamente ao cinema, aos desportos e ás dansas que o "jazz" impõz.

As artes plasticas, a musica e a literatura, inclusive o theatro, que sejam consequentes, pelo menos em parte, de taes gostos, essas só arrastam, de facto, muito poucos: combinam-se com aquellas outras manifestações do momento, mas apenas para melhor caracterizar o estonteamento deste, o seu amor do escandalo, da futilidade chispante e cynica. O publico vê, ouve ou lê, e ri ou sorri, sacóde a cabeça, sem nenhuma indignação, é certo, mas não se enthusiasma.

E' que elle não entende. Taes artes vêm com a intenção, como diz um seu interprete, de "instaurar o sentido esportivo e festivo da vida" Mas são tão cerebraes, tão "deshumanizadas", que só as póde bem apprehender a "aristocracia neuropathica", — uma pequena humanidade que Epstein, subtil-critico judeu, descobriu e assim classificou.

Por isso, a vanguarda composta dos multiplos "istas", já está recuando ou tendendo a transigir até mesmo no Brasil, onde ella se quiz organizar por ultimo.

Marcel Proust, fallecido já vae para alguns annos, passou a influir nas letras depois de morto mais do que toda essa gente reunida. Elle é que é o ultimo grande caso na literatura franceza.

Jean Giraudoux e Paul Morand, por exemplo, que dos "istas" mais ou menos vieram, são hoje ainda muito "vanguarda" e apezar disso já vendem edições ás dezenas, mas porque em tudo que fazem "humanizam" o bastante para que muitos os entendam.

A verdade, porém, é que nenhum delles offerece condições nem mesmo na Europa para ser acceto sem muita restricção, já não digo pelo grande publico, mas até por muita gente e da mais culta, sobretudo a gente que não seja propriamente moça.

No Brasil — estamos vendo — os erradamente chamados "futuristas", mais proximos dos Dadás do que de Marinetti, tiveram e ainda estão tendo a mesma sorte que elles: quanto mais orthodoxos, mais scandalizam, porém, não passam dahi; ninguém ou quasi ninguém os quer tomar a serio. Uns quantos, comtudo, influenciados directamente por esses nossos extremistas ou pelos precursores da sensibilidade que lhes é propria ou ainda pela

corrente oriental — Whitemanniana, que vem ao encontro das suas tendencias néo-cosmopolitas, esses é que vão conseguindo produzir a novidade mais viavel do instante. Tudo o mais que apparece de arte literaria não tem tido repercussão alguma. Não se trata — é claro — da literatura mundana e do ambiente que a esta é proprio.

Uma cousa se nota, entretanto: é que, em tão poucos casos de successo, ainda assim este quasi que só se accentua nas rodas literarias. O publico não o confirma bem sensivelmente. Elle anda mais entretido com os espectaculos e com os desportos do que com livros, o proprio publico mais fino.

E', por isso, curioso o que se observa neste momento com "A Festa Inquieta", de Andrade Muricy.

Não são apenas os jornaes e periodicos e nelles os criticos, profissionaes ou não, a falar muito bem deste livro: é toda a gente culta que o lê. Todos, entretanto, sentem nellé qualquer cousa de novo.

De onde essa novidade, e por que será que, neste livro, iniciados e não iniciados não lhe têm repugnancia?

Mais de um critico já o reconheceu e disse: é sensivel nelle a influencia de Proust. Creio mesmo que é este o primeiro livro a infiltrar em nossa literatura algo daquelle poderoso amavio proprio á obra desse "Petronio ingenuo", ou, se preferem, desse "depravado Bernardin de Saint Pierre", como tão argutamente o comparou Anatole France lembrando esses dous typos antitheticos.

Os cubistas, supprimindo a profundidade ou terceira dimensão, eliminam a perspectiva e har-

monizam os objectos plasticos, situados em distintos planos sob um unico ambiente espacial.

O processo literario de Proust offerece muita similitude com este. Elle tambem põe o objectivo e o subjectivo num plano só.

Sabe-se hoje: grande numero dos personagens como dos factos que figuram em "La Recherche du Temps Perdu" são invenções do autor. Mas, escrevendo este na primeira pessoa, isto é, como quem conta sua propria historia, e, coincidindo o enredo em linhas geraes com o que se sabe de sua vida, não ha como se possa evitar, quando desprevenido, ler todo o romance como quem lê uma confissão.

O estylo de Proust é o menos sentimental possível no seu aspecto exterior. Mas, cheio de alta poesia, no conjuncto, é interiormente de um profundo e delicioso lyrismo, nada lacrimal, mas apesar disso, e talvez por isso, intimamente emocionante quanto póde ser.

Isso concorre para dar á obra o tom das autobiographias, mas só como as fazem os que têm para isso o genio de um Rousseau.

Demais, sustentava elle que o interessante para o escriptor não é o facto a contar ou o objecto a descrever, mas o seu proprio estado intellectual a proposito desse facto ou desse objecto e de sua repercussão mental. Ahi, pois, já não é o leitor, mas o proprio escriptor a confundir a cousa exterior com o subjectivo, reflectindo muito de si nos personagens, até dando vida, alma, consciencia aos objectos materiaes, reformando seus aspectos e afinal, por assim dizer, tornando a creal-os, estheticamente.

Mas, desse modo, intensifica ainda mais o nosso interesse por aquellas paginas sumptuosas e ao mesmo tempo supersensibilizantes, que se vão len-

do, muitas vezes relendo, como quem sorve aos poucos um licôr inebriante.

“A Festa Inquieta” também são paginas, em muito, de impressão real, mas em parte inventivas, que Muricy trouxe promptas de Europa. Têm por scenario um sanatorio suiso, onde elle esteve um anno. Todo o livro, no entanto, escripto na primeira pessoa, é feito como si o autor nos expuzesse, fiel e impressivo, um trecho dramatico da sua propria vida. Também confunde, assim, o objectivo com o subjectivo, e num estylo que lembra o de Proust, embora apenas por vaga suggestão. Vê-se do proprio livro que lá, pelas estações de cura européas, naquelle momento só se falava no estranho romancista. E’ natural essa influencia de atmospherã na obra de um joven escriptor, que ainda procura suas proprias características definitivas.

“A Festa Inquieta”, porém, não é um diario intimo, real ou imaginado.

Nessas paginas recompõe-se aos nossos olhos o ambiente daquelle claustro cosmopolita, suspenso nos Alpes, recesso de dôr e de esperanza. Desfilam diante de nós dezenas de typos, pela raça e pela nacionalidade os mais diversos.

O autor illumina sobretudo as physionomias femininas, illumina-as e dá-lhes mobilidade, põe-nas a viver como são ou como elle em parte as compoz. Umas melancolicamente graciosas, sendo enfermas, outras dramaticas, por que as ficamos conhecendo até de quando viveram, lá fóra ou mesmo ali, ardentes dias de paixão.

Dentre os homens, poucos deixam de ficar em meia sombra. São menos interessantes onde a acção propriamente dita quasi que não tem como applicar-se.

Além disso, quem nos conta tudo aquillo (sendo o autor e não sendo o autor) é um intellectual tambem enfermo, que si ainda tem interesse pela vida será sobretudo porque em nós o que se apaga por ultimo é a sympathy e a curiosidade pelo feminismo.

Mas a narrativa começa por uma manhã em que, quando o protagonista abriu os olhos já no seu espirito "os raios de luz lhe trinavam doidos como canarios excitados" Era no oitavo mez dos que elle passara de cama; mais dous mezes, e a melhora afinal se pronuncia bem franca.

Por isso, o que predomina no livro, embora retrospectivamente haja quadros de passadas scenas soturnamente dolorosas, é o estado da alma proprio ao convalescente, que parece voltar a ser creança. Tratava-se de molestia gravissima, não ha duvida, molestia de cura mal duvidosa, em que, pois, a confiança, quando mesmo deante dos melhores signaes, é sempre muito relativa. Não obsta: a convalescença, apparente ou real, é sempre uma festa, "festa inquieta", acaso, mas irrecusavel.

Sobretudo quando é o caso de um moço, a cujos olhos o absurdo, o incomprehensivel é que a natureza queira eliminal-o da existencia.

Razão de mais, consequentemente, pois que elle já se acha nessa disposição de animo confundiavel com a de quem renascesse, para que as mulheres representem aos seus olhos um papel primordial, como aos olhos da creança uma mãe. Ellas é que lhe reabrem as portas da vida.

Para mais intressante tornar o seu doente, o autor põe acima de todos esses typos de mulher o de uma que aqui do outro lado do Atlantico ficou ansiosa esperando-o Maria, sua quasi noiva, é

quem, respondendo-lhe uma carta, dá-lhe o impulso decisivo para a volta á saude, para a victoria definitiva. Elle tivera hesitações cruentas até se animar a escrever-lhe, pois que pensava não dever sacrificar-a; a moça viera-lhe, no entanto, ao encontro "como numa offerenda christã do seu ser".

Assim, toda a novella é feita num tom de esperança e de arrebatamento pela vida, em contraste com o que o assumpto parecia prometter.

Em todo caso, livro de convalescente exilado e amoroso, confiante e inconfiante ao mesmo tempo.

A volta para o sanatorio por mais dois ou tres annos, e ainda si a cura afinal não fôr um mytho, volta consequente de imprudencias commettidas em Paris, quando o moço já está em transitio para o Brasil, bem que justifica afinal essa instabilidade de humor.

O livro, comtudo, está feito, e si, em vez de caracteristicamente sombrio, tem algo de um poema bucolico, é porque tambem aos olhos do autor como aos de Proust importa menos o assumpto que o estado intellectual a proposito desse assumpto e sua repercussão mental, no espirito de quem escreve. Quer dizer: o que vale é a felicidade do momento em que evocamos os elementos para a nossa obra e saberemos aproveitar-nos das ondas, ás vezes quasi sem conta, consequentemente de uma inicial evocação feliz.

Todo o exito da novella dependeu do instante em que a narrativa começa. A alma de convalescente com que ella foi feita a tudo contaminou finamente emocionante, attenuando a crueza das côres mais carregadas, a tudo emprestando um pouco da sua curiosa e irresistivel physionomia.

Um dos característicos da literatura da vanguarda é este: ella é inimiga da tragedia sem “estylização” E’ de um estoicismo que esquece que o é —traço aliás, dos que a tornam mais sympathica. Isso vem da Grande Guerra.

Proust tinha verdadeira phobia ao habito, como escriptor. Não podia supportar a idéa do vinco adquirido no estylo por preguiça mental. Para elle cada novo periodo, si possivel, cada nova frase, devia fundir-se numa forma nova: aborrecia o decalque, ainda quando fosse de si mesmo.

Esse é um dos principios que a gente da vanguarda tambem adoptou Giraudoux e Morand ainda hoje o não abandonaram. E estes o seguem tanto no crear a frase como no que se chama a composição. Foram desses — vê-se — que influiram neste particular, embora indirectamente, sobre Muricy.

“A Festa Inquieta”, tem o que quer que é de um poema, não só pelo que eu já disse, mas tambem pela arte da sua capitulação, pela variedade que com esta tomam os aspectos, escolhidos com graça e com gosto, implicando tal escolha muita ellypse da materia geral e até de expressões particulares dispensaveis, e varias transposições no tempo, sem as quaes, num caso ou noutro, essa rigorosa selecção fôra impraticavel.

As perguntas ás vezes suppressas no dialogo, mas que se adivinham facilmente pelo sentido das respostas, entram no numero dessas ellipses felizes.

Ainda para melhor accentuar a novidade do progresso, Andrade Muricy tem neste livro outro ponto de contacto com Marcel Proust, cuja obra inteira se resente tanto, como é sabido, da influencia extraordinaria que em seu espirito exerceram

ar artes plasticas modernas e a musica. Tambem a "A Festa Inquieta" deve parte, boa parte do seu aspeto esthetico, no que elle tem mais do momento, a taes influencias. Estas, felizmente, não vêm por espirito de imitação forçado, antes são naturaes no espirito do nosso autor, que sobretudo em musica é um iniciado tão forte como talvez nenhum outro escriptor nosso da sua geração. "Allegro", "adagio", "presto", "lento", "canto griso", "dansa", são titulos de capitulos seus, e os titulos justificam-se pelo rythmo e pela feição geral de cada um.

Tudo isto, porém é feito com equilibrio e harmonia taes, que, embora ás vezes causando ligeira estranheza, uma sensação de imprevisto, de novo, que aguça a curiosidade, quando não nos delicia sem querermos saber por que, todavia em caso algum escandaliza ou repugna.

"A Festa Inquieta" é um livro moderno, mas nem é literatura caracteristicamente proustiana nem caracteristico vanguardismo. Quando este passar, penso eu, a novella trazida dos Alpes ainda estará vivaz.

Vivaz porque não agrada apenas pelo que tenha de novidade, mas, acima disso, porque se sente ali uma alma superior a viver.

Quem escreveu com aquelle enthusiasmo profundo pela vida ainda com os olhos meio que sobre o abysmo da morte, fel-o afinal por uma força de animo que as vicissitudes, sejam ellas quaes forem não destroem.

Mais por isso do que por ser actual evitar-se a gesticulação dramatica do velho romantismo ou o verbo derramado do proprio symbolismo, foi que

todo esse livro saiu sinceramente quasi que risonho e breve.

Em tal superioridade, aliás, ha um reflexo da influencia collectiva da nossa gente.

O brasileiro, ainda hoje, no periodo de adaptação em que estamos ao clima, ou ao nosso ambiente moral, é sobretudo um homem que se sacrifica. Mas sacrifica-se quasi que sem queixa, quando não seja com o sorriso nos labios. De outro modo o Brasil não se faria.

Ha, pois, nesse livro uma attitude que, velha ou nova, nos é sympathica.

Tambem a moderação nas innovações estheticas que elle traga não resulta da timidez, mas do amor á naturalidade, que é proprio a todo verdadeiro artista.

Andrade Muricy, por certo, sentiu que ser moderno não é ser européu, no Brasil. Amoralidades á Proust, exaggerações, torcicolações á Morand, Giraudoux, e outros que taes, num ambiente onde essas cousas só se explicam por vã artificialidade, querer adaptal-as taes e quaes é antes de tudo incompreensão, deficiencia, prova de falso valor.

A Maria de sua novella parece-se tanto, por exemplo, com a Albertina de Marcel, como se parecerá uma flor sylvestre, com as flores que este, ao pintal-as, deforma, transfigurando-as em maravilhosos productos estheticos, mas que já parecem de outra natureza que não a vegetal

Maria, porém, é que é nossa, e para falarmos della, isto é, da mulher que ainda symbolisa a nossa terra, não devem a nossa frase e o nosso rythmo, mas sobretudo a nossa musica interior, ser taes que a expillam automaticamente do nosso livro. Este, pelo contrario, tem de offerecer-lhe necessariamente ambiencia.

E' o que acontece com "A Festa Inquieta". E' um livro muito brasileiro, porque resôa accorde com a nossa alma. De tal ponto de vista, não sei que prosa artistica da nova geração, influenciada por essa esthetica do após-guerra, offereça tanta continuidade como esta com a dos livros de ficção que melhor trasladem a nossa psyche. Jackson de Figueiredo já o tinha notado.

Numa obra de impressões do estrangeiro, isso ainda é mais estimavel, porque é mais raro e mais lisonjeiro para a nossa civilização.

De tudo o que expuz resulta, creio, o exito singular que, neste momento, a novella de Andrade Muricy vae alcançando.

Outubro de 1926.

BARRETTO FILHO

Nenhum livro de ficção se resente tanto da influencia de Proust, entre os que a reflectam já no Brasil, como “Sob o sorriso malicioso dos tropicos”, de Barretto Filho.

Mas não seria de bom signal que ainda em nenhum dentre os nossos jovens homens de letras pudessemos perceber assim a seducção que o maravilhoso Marcel exerce no mundo literario actual.

O que se dá com Balzac, pelo menos nos seus livros mais aristocraticos, de mais alta significação espirital, que até hoje não se tornaram populares, é de crer que acontecerá com M. Proust no poderoso romance que o immortalisou.

Haver quem já o lembre, e tambem creando, aqui no Brasil, só póde revelar que vamos cada vez mais rapidamente reflectindo o espirito da hora, nas letras do Occidente, ainda tratando-se de um caso alevantado e raro como este.

Pode-se dizer: sendo quem, como romancista, “deshumanizou” com mais senso do razoavel, a arte, até aqui, adoptando com decisão, na prosa, o principio que Edgard Poe já fizera prevalecer no verso (com seu desdem pela importancia do assumpto em si) Proust, foi, no emtanto, por outro lado, o ultimo grande ambicioso de gloria, dentre

os typos que representam as letras, contando-se delle para cá.

“A la recherche du temps perdu”, como este titulo geral, aliás, faz entrever, é uma ansiosa captação do pasado, pelo milagre que a arte, e ella tão só, permite, para tornal-o imperecível, graças á maravilha da expressão, libertando do Tempo, por sua vez, quem pôde assim dominal-o.

A essa luz, Proust ainda é um classico, de ambição classica, inteiramente estranho á paixão morbida pelo provisorio, que caracteriza os herdeiros do dadaismo, sarcasticos diante de toda a preocupação com o “eterno” em arte.

Vem isso de que seu caso, na verdade, ainda é o de um homem de genio.

Quanto elle acreditou captar da vida, bem vivo, bem palpitante, pela evocação que só as horas de graça permitem, mas com intenção rigorosamente anti-romantica, isto é, recusando o facil auxilio da paixão, tudo se converteu em symbolo, pela profundidade que havia em seus olhos. Como os verdadeiros genios objectivos, elle poz no mundo uma humanidade sua, de que, entretanto, o seu proprio typo é o mais impressivo. Na introspecção, ninguém até elle fôra tão longe.

Não ha duvida, todos os recursos que de todas as artes em seu tempo pôde extrahir um escriptor, Proust os assimilou com um senso de abelha, como se de facto quizesse valorisar-se apenas pela magia da forma, rara e simples a um tempo.

Além disso, porém, ha nelle o representante mais alto que deram ás letras, naquelle instante, do que se pôde chamar o pensamento novo.

Por Marcel Proust, embora raramente elle fale em Deus, vemos, no entanto, que Kayserling tem razão quando diz que o materialismo propriamen-

te dito já morreu implicitamente, porque lhe voltaram as costas os espiritos de eleição. A propria inausica interior deste artista como que denuncia um sentimento metaphysico. Ha nelle imagens magnificas, proprias, muitas vezes, de uma natureza cujas raizes se abeberam de humus todo oriental, onde, virtualmente ao menos, ha religio-sidade profunda. O sangue judeu que lhe corria nas veias basta para explical-o.

† Mas tambem este explica como, apesar de tudo, não se sabe se nesse homem, que foi um grande artista, consequentemente um mago, sentimos o prenuncio de um Novo Tempo, pela volta á fé, ou escutamos préviamente o esboroar de toda uma civilização.

O conjuncto do quadro com que Proust representa a vida no momento por elle vivido não o salva da desolação, aos nossos olhos, do exclusivo interesse esthetico com que o autor o contemplou e quer que o contemplemos. Pelo contrario, a ausencia de toda preocupação moral de que elle assim dá exemplo apenas agrava a impressão amargamente dramatica com que nos despedimos daquelle tão demorado convívio.

Seja como fôr, não é para muitos, ainda hoje, accomodar os olhos á novidade extraordinaria que esse espirito representa nas letras, por modo a bem apreendel-o e sentil-o.

Só a construcção dos longos e complicados periodos, cortados de parenthesis tambem longos, como não os tinham os classicos mais campanudos, embaraça e cansa, em breve, o leitor, na obra de Proust, quando elle ainda não o tenha, apesar disso, empolgado.

Demais, para bem entender seu pensamento, é forçoso não sejamos estranhos a todo o movimento

de idéas mais alto e mais recente, como, não raro, para penetrar na belleza de suas imagens, de suas metaphoras, temos noção mais ou menos sufficiente das novidades que havia em todas as artes em seu momento.

Ainda não houve um grande escriptor allian-do como este a tão imaginosa linguagem, expressa com tanta frescura, a de um rigoroso technico, quando seu pensamento, para bem enunciar-se, o requer.

Proust é assim um caso anomalo, que revela ainda verdadeira genialidade artistica e que como tal nos domina e nos encanta; mas, forçando-nos para na realidade o possuirmos, não apenas a nos afazermos ao que elle tem de imprevisto, de inédito, como a sobrepôr-nos a tudo que nelle resulte do que num tempo como este — tão barbaro quanto refinado — se oppõe ao sentimento de arte simples e perfeito proprio de outras horas, em que a intuição geral o alimenta e favorece.

De qualquer modo fôra muito que já neste instante alguém pudesse transportar a tão fecunda, tão renovadora maneira proustiana aqui para o Brasil.

Basta recordemos como tardiamente Alvares de Azevedo deu mais complexidade á nossa litteratura com a nota byroniana, de que foi um éco, ou Castro Alves deslumbrou o Brasil fazendo lembrar Victor Hugo nas “Espumas Fluctuantes”

Não é tão cedo que entre nós poder-se-á julgar conscientemente de um modo geral “Sob o olhar malicioso dos tropicos”

O silencio de caso pensado (arma de guerra propria desta hora como de nenhuma) com que certos dos que deveriam falar possam receber esse livro, ou a malicia depreciativa com que outros o

tratam, não podem ainda causar estranheza senão entre poucos.

Mas nada lhe fazem, porque um livro assim fica muito acima de taes contingencias momentaneas.

Causam pena, comtudo, porque concorrem ainda mais para a injustiça, para a obra de mystificação, maior do que nunca, infelizmente, a que assistimos nesta hora mais do que torva.

O romance de Barretto Filho é uma alta prova de precocidade, como bem raramente tem havido em nosso paiz.

Tanto mais que elle não representa apenas uma imitação do romance famoso de Marcel Proust.

Certo, Barretto revela capacidade admiravel para se apropriar do processo imprevisito e das attitudes mentaes que caracterizam o grande autor francez como, que eu saiba, ninguem o conseguira ainda em toda a America do Sul.

Fal-o, entretanto, guardando perfeita autonomia de pensamento. Tanto que, de certo modo, entre a sua e a figura de Marcel Proust, desse ponto de vista, ha um contraste como o que tem de haver entre o novo e o velho mundo.

Até certo ponto parece que, máo grado tal divergencia, no livro brasileiro o que, ao menos subconscientemente, predomina (aliás nas suas paginas mais deliciosas) é aquella amoralidade por exclusiva preocupação esthetica que na obra de Proust se affirma de principio a fim.

A influencia, porém, do que em Barreto Filho é idéa directriz, ao menos conscientemente, a de que a vida só tem valor pela sua significação moral, se vae accentuando, e dominando gradativamente, acabando por ser a que inspira, tão só, as ultimas paginas do romance. E' pena, entretanto,

que sejam estas as menos realizadas em todo o livro.

Um critico muito severo diria que o facto de nosso joven autor ter andado, certamente, por largo espaço embebido no ambiente parece que de sonho, mas ao mesmo tempo tão essencialmente humano, portanto tão francez, creado por Proust, leva-o a deformar a atmospherã do Rio por tal modo, que esta não é bem brasileira em seu livro. Nem ella nem muitos dos typos nacionaes que elle creou.

Era isso, porém, o inevitavel em obra influenciada por tão poderoso artista, tanto mais que a realisou um jovem de vinte e dous annos, em cuja idade ha de ser ainda insufficiente, por força, o sentimento do real. Então ainda quem escreve tem de vêr muito com os olhos dos que, por leituras e mesmo por convívio, mais o impressionam. Casos que nisso representem excepção vêm muito de raro em raro, e são precocidades meteoricas.

Quem possa bem apreender, comtudo, essas paginas, que surpreendem pela sensibilidade nova de que se fazem vehiculo, em nossas letras, verá que o facto dessa mesma juvenildade, se determina insufficiencias nesse trabalho, concorre em muito, por outro lado, para adaptal-o á feição nossa, que tem de ser ainda muito ingenua.

Não fôra preciso mesmo que Barretto, já vivendo num instante cuja feição resulta do que era pouco mais do que latente em Proust, renunciasse, ao menos como pensador, o esthetismo, de fructos tão amargos, para que nos dêsse no seu "Sob o olhar malicioso dos tropicos" uma impressão que tem muito de opposta á que recebemos lendo em conjunto "A la recherche du temps perdu" e "Le temps retrouvé" Isto até mesmo onde mais o sentimos influenciado por essa obra bi-titulada.

E' que tudo em seu livro nos fala, ao contrario, daquillo que vemos no tão desolado Proust, de uma natureza de moço ainda nadando em alegria intima, como deve ser em tão verdes annos, tanto mais se na provincia, ainda tão primitiva, nascemos, nós do Brasil. E não é outro o seu caso.

Poucos — não ha duvida — com tanta capacidade para a vida do pensamento como elle. Basta, além disso, que Jackson de Figueiredo lhe houvesse apparecido no caminho, impondo-se-lhe por mestre como até então ninguem se impuzera, para que elle ficasse irremediavelmente seduzido a fundo por essa forma da existencia que acaba reduzindo apenas a espectros as mais possantes organizações, quando as empolgam.

Vem dessa convivencia — é patente — que já neste livro Barretto Filho faz lembrar-nos de um Alvares de Azevedo, tendo desenvolvido tão cedo suas qualidades de pensador.

Não obsta que a personagem central do romance e como que porta-voz do proprio autor, o seu André Lins, até nos dê, afinal de contas, a impressão de um sympathico narciso, sejam quaes forem seus pessimismos theoreticos, e vá até onde vá a seriedade e a profundeza do seu espirito.

Essa figura enche todo o livro, e todas as outras personagens — na maior parte umas encantadoras mulherzinhas que antes gozam do que são por elle gozadas — se resentem da influencia do ambiente risonho que André vae creando, porque vae vivendo. Vivendo com certa leviandade, muito propria dos verdes annos, mas que nada tem de excepcional nem de antipathica. Até que o moço acaba, voltando á provincia, querendo justificar por seus actos a idéa de que a vida só tem valor na sua significação moral.

Vem dahi, dessa instinctiva alegria de viver, inseparavel do joven autor, que a parte mais influenciada por Proust é a melhor no seu livro. A que virá, certamente, da convivencia com Jackson ainda é apenas muito intellectual. Póde que mais tarde frutifique tanto que se estabeleça perfeita harmonia entre as duas influencias, graças ás quaes, dado o grande talento do autor, já lhe devemos este livro.

Mas vemos, assim que, se já por estas paginas prematuras elle não contradiz a feição geral da nossa literatura, sendo tal qual ella é, predominantemente ingenuo e são, affirma-se, como eu disse, com autonomia propria, abrindo um novo caminho para as letras do Brasil.

Assim é porque transportou para aqui, como, no caso, nenhum outro ainda o fizera, a mais alta innovação que nestes ultimos tempos lá fóra se produziu, no romance. Outra cousa, a não ser adaptações como esta, ninguem ainda pôde fazer
10 Brasil.

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

"A Bagaceira"

Basta lerem-se algumas paginas desse livro para ver-se logo que o Sr. José Americo de Almeida não é propriamente um vanguardista.

Os que o são, reflectindo na sua mocidade estuante, pelo menos no estuar do seu espirito, o que ha de febril, de dynamico e de extravagante no momento presente, têm outro ar, inconfundivel. Por isso mesmo, já começa este a offerecer qualquer cousa de previsto, de inevitavel, que daqui a pouco será estafada formula. E' ao que não podem eximir-se as escolas literarias.

Outra cousa concorre para distinguirmol-os ao longe: os vanguardistas vêm, geralmente, como quem sáe do mar já com o sol a bater-lhe, rebrihantes, numa flagrancia irrecusavel, de leituras novas, em livros de tinta ainda um pouco fresca e a que tiveram de retirar a fita do "vient de paraître" E' por esses livros que elles acertam o relógio; é por suas suggestões que elles refinam melhor as tendencias já naturalmente refinadas e cosmicas que tragam.

Assim, embora a preocupação nacionalista seja a que mais os empolgue, ainda aquelle despro-

positado linguajar mais jéca, deixam entrever-se perfeitamente uma convivencia chegada, não só com algum B. Cendrars, que ande por aqui extrahindo sumo do nosso pittoresco barbaro para futuros volumes, como com outros mestres europeus, que nunca pisaram no Brasil.

O Sr. Americo de Almeida decididamente não pertence a tal grei.

Vem-nos seu livro da Parahyba do Norte e esta é a primeira vez que com elle me encontro nas letras, se não me engano.

Pareceu-me, comtudo, desde logo, que não se tratava de um neophyto, nem mesmo de um afogueado "novo" que andasse lá pelo seu meio provinciano na agitação ingenua, tantas vezes sympathica, de quem não conhece ainda as fatalidades de taes ambientes, até dos meios mais amplos, para o escriptor no Brasil.

Antes o contrario é que se poderia dar no seu caso. Se estivessemos ainda no tempo em que se aparavam as pennas, sentir-me-ia tentado a dizer que a sua pareceu-me talhada com a destreza elegante, mas sóbria, que tinham para isso os classicos.

Nosso contemporaneo, sem duvida, é nada estranho á evolução literaria destes ultimos tempos.

Conheço bem a Parahyba por varios dos seus representantes nas letras, no jornalismo, e sei que a capital daquelle pequeno Estado é de um ambiente intellectual muito mais activo e mais avançado que outras capitães do Norte, senão tambem do Sul, no momento em que estamos.

Julguei entrever, comtudo, que até pela idade, sem ser a de um velho, o autor d'A *Bagaceira* pertenceria ao numero dos que já não são propriamente juvenis e teria vindo, desde os seus primei-

ros passos, nada ansioso por acompanhar alvoroços do instante, modas que o momento traz, o momento leva.

Até nem mesmo na realidade um independente: uma sensibilidade que só aos poucos desperta para o que ha de vivo do ponto de vista da expressão, demora que se deve attribuir a muito estudo de gabinete, dos chamados estudos solidos, e deficiente convivencia com os outros que não queimam tanto a pestana, mas são mais arejados, porque mais do mundo, quando não mundanos.

Este romance, porém — foi o que me pareceu — já resultaria de outra phase na vida do autor.

Li-o com encanto particular!

Na fórmula que este livro traz ha vida, a vida propria do que é escripto por quem nasceu para escrever. Sente-se isso quando aquelle que se lê na verdade nos prende: é signal de que elle está numa função legitimamente sua. Essa é a primeira obrigação do escriptor.

Nada encontramos nestas paginas que represente belleza retrospectiva, quero dizer a que o é historicamente, e que, caso decaçada, já resulta inexpressiva.

Nem expressão nem composição que não sejam de hoje.

O romance representa um episodio entre tantos, dramaticos, motivados pela secca, na Parahyba.

Chama-se “A Bagaceira” porque as scenas se passam nos brejos, região de engenhos de canna, cujos detricos estão em correlação com a ethnologia da gente que serve naquelles engenhos, verdadeira bagaceira, na maioria composta de negros, mulatos e cafusos esmulambados de roupa e de caracter.

Vieram ter ali uns retirantes, tãngidos como a ponta de fogo pela secca temerosa de 1898.

Estes são sertanejos, de sangue caboclo e habitos patriarchaes, porque sobretudo cuidam do pastoreio.

Assim, pois, "entre brejeiros e sertanejos nem os cachorros se davam"

Esses retirantes obtiveram pouso num dado engenho, enquanto a outros innumerados escorracava-os Dagoberto Marção, o senhor daquella propriedade, sob as chufas, até as pedradas dos maliciosos e descarados moleques da bagaceira.

Era o pae, Valentim Pedreira, a filha donzella, de nome Soledade, e Pirunga, filho de creação do velho, e apaixonado secretamente pela moça, mas, na sua timidez, incapaz de requestal-a, embora prompto a defender-lhe a honra.

O insolito acolhimento feito áquelles infelizes foi motivado pela grande parecença que Dagoberto, viuvo ha 18 annos, ora á volta dos 50, achou entre Soledade e a mulher, "o mulherão" que perdera.

Tal semelhança resultava de que a joven retirante vinha a ser prima dessa finada creatura. Como isso? Cousas consequentes de uma secca anterior, que já levava ali aos brejos essa primeira mulher.

Mas, por isso mesmo, estando agora na segunda idade perigosa para o homem, Dagoberto, logo á primeira vista, impressiona-se pela moça. Dahi acceder excepcionalmente á hospedagem.

Dava-se mais ainda que o dono do engenho tinha um filho estudante, o Lucio, que tambem, desde que viu Soledade, sentiu-se attraído, dir-se-ia que pela força do sangue.

Bastam estes dados para ver-se que ha materia em "A bagaceira" para um forte romance.

E de facto o Sr. J. Americo soube tirar partido dos contrastes e identidades que o ambiente e os typos offerecem de sobra.

Para bem accentuar o character do velho Valentim, arraigado nos preconceitos proprios ao meio onde se desenvolvera, basta contar que elle, uma vez, ainda creançola, afogou no rio, em luta tremenda, de que ainda tinha no rosto funda cicatriz, um seu camarada muito chegado. Sabem por que? Porque este se recusou a prometter-lhe casaria com a filha de um pobre velho (inteiramente estranho a Valentim) que abusivamente deshonrara.

Quanto a Dagoberto Marçáo, o senhor do engenho, para conhecermos-lhe o genio despotico, e a cegueira, quando impressionado por uma mulher, este caso o põe de pé:

“— Arranche aquella gente, disse elle ao feitor, Manoel Broca, apontando para os retirantes, que, com estranheza de todos, acolhera.

“— Ha de se dar um geito. Toma-se o mocambo de Xinane, respondeu o feitor”

Xinane, que ali tinha roça plantada, atraz do rancho, e seus pobres cacaréos, protestou junto ao dono do engenho:

“— Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não engeito parada. Mas porém, nascer para estribaria não nasci”.

“Dagoberto não quiz saber de mais nada:

“— Pois, por ali, cabra safado! Você não nasceu para estribaria, que é cavallo de sella: nasceu foi p'ra cangalha.

“Ximane acabou saindo; “levando os cacaréos num braçado e 400 annos de servilismo na massa do sangue.”

Ainda mais: dias depois, indo, alta noite, furtao o aipim que elle propria havia plantado, se-

guraram-no, levaram-no á presença do senhor do engenho, e este ordenou ao feitor:

“— Lambuse o traseiro de mel de furo e assente no formigueiro.

Ximane alarmou-se:

— Por amor de seu Lucio!

— Lambuse bem lambusado!

— Por amor da defunta!

— Nesse caso, dê-lhe umas tronchadas.

Manoel Broca promptificou-se.

— Fica por minha conta. Trinta lamboradas.

E ali mesmo, uma, duas, tres... Logo na terceira, o caboclo grunhia e mijou-se.

“E o xexéo deu-lhe uma vaia em termos”

O trecho mostra quem era Dagoberto e basta para deixar entrever-se a servidão ignobil sob que vivem ainda nesses brejos remotos os parias que os povoam e fecundam.

O livro inteiro é feito assim. Não é apenas uma historia passional. São estudos de costumes realizados por mão de mestre, a quem preocupam todas as graves questões ligadas á vida regional do nordéste.

Tudo, entretanto, é feito com arte e sob expressão puramente literaria. De modo que não estufa prosaicamente o volume e não cança. Absorvemo-nos nessas fortes paginas por modo que ao encontrarmos a ultima ficamos pedindo mais.

Concorre muito para isso a dextra composição da obra. Vê-se que ella deu trabalho em ser feita, trabalho principalmente para que figurassem as cousas mais significativas, e só ellas, no que se refere ás almas como á propria natureza da região. Capítulos todos curtos, bastante movimento, e uma variedade bem combinada nas paisagens, que lembram singulares aquarellas.

Querem ver ao menos uma dessas paisagens?

"A manhã entrou no quarto de telha vã.

E Lucio esgueirou-se dos sonhos convulsivos e das visões rebeldes da insomnia. Mas estava tudo dormindo.

A lua bonita — logar commum dos céos brasileiros — era um romantismo inedito nessa hora ambigua.

A noite branca, em camisa, tinha um peito apoiado de fóra, a vasar-se em goteiras de luz.

Era uma feição de dia claro, de uma claridade benigna, que revelava tudo sem exacerbações de sol. Um doce meio-dia com o cheiro forte da fresca da madrugada.

A noite nua, sem o "maillot" das nuvens, nas negligencias da solidão, tomava um banho de leite. E a brancura tangivel escorria molhando as cousas adormecidas.

A coruja, desconfiada, recolheu-se ao seu esconderijo.

E o céu mostrou que tambem sabia cantar. Pegou a cantoria das estrellas escondidas.

Parecia um delirio dos astros.

Lucio escutava, maravilhado, a consonancia sideral.

Eram as cigarras que tomavam a lua pelo sol.

Toda a ampliação rechinava numa loucura estridula. zinha na fanfarra de milhões de silvos que cresciam num grito unisono fantastico de mãe-da-lua.

Um ruído meio-dia á meia-noite"

Tudo é bem assim como dizemos.

A impressão total que o livro nos dá, comtudo, é ainda a de um trabalho em que antes sentimos um espirito que um temperamento.

De filiação pouco definida a qualquer escola, o autor delinea, não obstante, seus typos, sem

lhes querer dar aquelles toques romanticos de que resultam personagens evidentemente irreaes. Pelo contrario, aqui todos os seres têm qualidades e defeitos da gente feita de carne e osso e accorde com o meio particular que a modelou. Seguiu, portanto, a esse respeito, embora sem extremos, o processo dos naturalistas.

Mas o facto do equilibrio em que se mantem, dominando as paixões que lhe são proprias, por modo que pouco lhe sentimos o calor pessoal, ainda nos revela sua educação primeira e seu pendor para o classicismo.

Ha movimento em todo o livro, já o dissemos, arte, na apresentação dos assumptos, e na eliminação dos elementos dispensaveis; mas, com tudo isso, desejara-se fosse tudo mais arejado, mais agil. Como que entresentimentos foi feito este romance ainda bem no gabinete e por artista de vida um tanto segregada, que tem nalma melancolicas estrias.

O Sr. José Americo de Ameida é mais um caso, dos poucos que se conheciam até outro dia no Brasil, pelo menos tratando-se de autores de ficção, entre os espiritos que conseguiram, vivendo na provincia, uma formação perfeitamente nacional, sem os cacoetes, os indicios que quasi todos, nessas condições, vinham offerecendo de provincialismo compressor e deformante.

Ainda assim, terá sido por circunstancias do meio — é possível — pelo menos em parte, que neste livro, tão cheio de qualidades, vemol-o marcadamente distincto dos que ora representam no Brasil a vanguarda literaria.

Em parte será talvez para seu bem, posta a questão no terreno dos principios.

A prova de que os nosso "futuristas", como o vanguardismo de todo o mundo, com raras excepções, não representa de facto uma reacção contra o individualismo, fonte, este, dos grandes males que acabaram produzindo a guerra, está em que varios delles vão mesmo até o supra-realismo. Isto é, até a expressão da vida sub-consciente, em que Freud, com tanta intrepidez patenteou, não já o particularismo commum do tempo, mas a fertil subsistencia de hirsuta e repugnante primitividade sem lei.

Emquanto não se realizar a volta com que sonhava Goethe, do predomínio do espirito sobre o temperamento, em arte, esta indicará que ainda não saímos do cyclo romantico, aberto, por Jean-Jacques Rousseau.

Mas, taes cousas vêm quando têm de vir. Os signaes prematuros a tal respeito hão de confundir-se, forçosamente, aos olhos de quasi todos com os phenomenos serodios. Alguns poucos, não obstante, recebem-os-ão com sympathia, exactamente pelo seu aspecto ambiguo. O futuro decidirá que significativa tinha este.

Não é livro, "A bagaceira", para alvoroçar ninguém. Muito menos para seduzir as moças. Mas tem encanto real para a gente que sabe ler e não anda com paixões literarias fugazes.

E' o producto de um espirito caracteristicamente sério e de alguém cuja cultura, sentimos, não se fez de um dia para outro. Por isso mesmo póde levar-nos a pensar em grande problemas estheticos e philosophicos. Mas basta isto para ficar muito acima de outros romances guindados por claques levianas ou interesseiras a alturas que não merecem.

Devo dizer: acontecendo ter lido esta obra em viagem, referi-me a elle em conversa com alguém, pessoa idonea, participante da companhia em que andei. Pude, assim confiante, colher informações sobre os antecedentes e a situação actual do autor. Ellas não desdisseram, aliás, do que eu ia induzindo á simples leitura do livro.

“O Globo”, março 1928.

MARIO DE ANDRADE

Quando ainda não se apresentára como poeta, antes do “futurismo” existir e de ser elle um dos paes dessa nossa mal baptisada escola, Mario de Andrade já tinha um nome entre os de sua geração, e um bonito nome, como critico musical.

Entre nós outros, quasi todos de cultura tão cheia de lacunas, poucos são os que sabem musica. Eu, por exemplo, não sei. Mas já nos acostumamos a admirar os trabalhos de Mario de Andrade nesse terreno. Tinhamos fé em que elles fossem excellentes. Por que?

Antes de tudo que ar. de desassombro, que tom de franqueza que elle tinha, e, ao par dessas qualidades, que paginas civilisadas as suas!

Elle era um escriptor feito, porque não entenderia unicamente de musica. Entendia, estava-se vendo, de tudo o que é preciso para ser gente ás devéras, em nosso tempo, nisto de escrever, que nunca foi, e de cada vez menos é, brinquedo de creança.

Aquí ainda não são muitos, aquelles de quem se póde, sem lisonja, dizer outro tanto.

Uma das cousas que me conciliam com esta hora, entre nós, é que o numero de moços já feitos assim, chegando a dar na vista, é muito maior do que foi na geração anterior, na minha geração.

Ha uma récua enorme, como nunca houve, de pretendentes ás letras que é uma vergonha se apresentarem como vêm. Que gente pamonha, que cabeças ôcas, que ociosos pretejadores de papel, em resmas e resmas, impingindo livros e mais livros, sobretudo livrinhos e mais livrinhos, ou fazendo massa nas revistas mundanas e nos supplementos dos jornaes, aos domingos!

O Rio, nesse ponto, está deploravelmente provinciano, como não era ha vinte annos atraz.

Em compensação, aquelles outros de que eu vinha falando, os na verdade formados, multiplicam-se, organizando uma linda columna de resistencia.

Infelizmente não vêm unidos, vêm scissiparos, em pequenos grupos. que se hostilizam surda ou abertamente, que se boycotam, uns a fingir que desconhecem os outros, quando fazem seus balanças, suas enumerações espertinhas.

Tas fingimentos e escamoteações de máo calculo provocam riso aos de fóra do bolo que, não obstante, como eu, mantêm contacto com elles.

Porque todos, á sorrelfa, andam lendo uns aos outros, numa febre de emulação interessante, sympathica. No fundo, todos talvez se gostem. De outro modo não podia ser. São tão poucos em comparação com aquelles que é muito honrar chamal-os de philisteus!

Fôra falta de instincto de conservação outra cousa. Afinal de contas, uns nos outros têm de apoiar-se, esses que constituem a nata, porque, valha a verdade, o publico, se ha publico nesta hora, quasi que não se inclina por elles.

Assim, no meio da confusão e lutando com os embaraços que ella propria cria para si, vem-se crystallizando a nossa vanguarda.

Dessa gente que sabe onde tem o nariz e que mais ou menos corresponde ás outras vanguardas actuaes do mundo, é Mario de Andrade a figura mais em fóco no instante.

Antes de tudo, é o mais intrepido e dos mais productores.

Intemperantes de lingua, dispostos a arrazar sem misericordia os velhos ou os novos que não lhes caiam em graça, conhecemol-os peores do que elle, entre estes chegados não ha muito. Mas é gente a que não se liga tanto. Uns porque, embora talentosos, ainda são mais barulhentos do que bem preparados. Outros porque soffrem de incongruencia, hoje falando bem, amanhã falando mal dos mesmos sujeitos, poupando uns, exaggerando nas cargas que fazem a outros.

Mario de Andrade, esse é de uma audacia tão grande que acaba por ser engraçado. E não tem medo ou não tem prisões que o subordinem tacita ou expressamente a ninguem. O que elle fez com Alberto de Oliveira e com Graça Aranha basta para caracterisal-o em tal sentido.

Depois, sobretudo, intimamente não é maldoso. Elle bate os velhos porque entende que deve bater. Está no seu programma. Mas nada faz por inveja, por inconfessavel despeito. Nem faz por incultura. A gente está vendo que elle percebe o que os velhos incontestavelmente valem. Vê-se até que, na realidade, porque elles têm valor, lhes quer bem, como joven collega, como brasileiro, como quem sabe prezar o que é cultura.

Isso deu-lhe um forte relevo e fez com que só as almas pequenas lhe pudessem querer mal.

Insolencias, sobretudo contra os que nos precederam, todos nós já as tivemos, e até não deixa de ser bom signal dos novos, sob certos aspectos.

Além disso, Mario é um camarada e tanto para os que vêm com elle. Tem carinhos de mucama para com os que ainda se estão emplumando. Já confessou que a estes unicamente é que teme...

Assim, queira não queira, já se fez, quem o nega? chefe de filha. E é de um proselytismo como não se vê outros serem, de mais a mais porque arremedal-o é muito facil. Basta, parece um paradoxo, não ter cultura, julgar que elle escreve tudo o que escreve por brincadeira.

O peor para seus chegados assecclas é que elles, no seu ardor ingenuo de neophytos ou mesmo de praticantes que já não vêm de hoje, mas obsidentes por estreiteza, por myopia, salvo um ou outro caso, elles só reconhecem valor no mestre e uns nos outros, enquanto Mario de Andrade rompe o circulo num caso ou outro, entende-se cordialmente com os que não vêm propriamente com elle, com os que vêm abrindo caminho sob outra orientação, embora trazendo um ar de novidade analoga ao que elle tem.

Não compreenderão facilmente quasi todos que o mestre deixaria de ser digno de ser um mestre, se elle não fosse assim.

Barulho por barulho, originalidade por originalidade é de cabotino, não é propriamente de artista.

O artista, se traz impeto, se vem batalhador, necessita desabafar com estridencia, ou mesmo fragoroso, ha de atirar-se, para se realizar de accordo comsigo mesmo, para "fazer o seu retrato", como se diz na Norte-America, conforme ao gosto que traz. Mas, isso é uma necessidade de sua organização espiritual, não é uma attitude friamente procurada.

Tambem se a expressão que lhe satisfaz é diversa da expressão de todos os outros, que reme-

dio senão ser original? E' nesse sentido que encerra grande verdade, no intimo, aquelle paradoxo de *Baudelaire*: "A originalidade é preocupação de principiante" Quem é original é porque é, não é porque procure ser.

Mas o artista, pelo contrario, é de braços estendidos, é de mãos para applaudir como ninguem. No seu isolamento de excepcional, ainda mais em terras novas como a nossa, do que elle, pelo contrario, necessita, é de não se ver sózinho, tragam os outros que feição divergente da sua trouxerem, comtanto que tragam valor.

Tanto mais neste momento de cahos e em que tudo nos está chamando para um nivelamento ignobil, tudo nos quer attrair para baixo. Cada natureza nova que se affirme como um phenomeno que valha a pena, deve mas é produzir-nos uma sensação de levantarem-se os olhos para o céo. Sem nada de lyrico. Por uma questãõ de bem entendido egoismo, até. Para que a atmosphera, entre tanta estupidez, continue respiravel.

Sobretudo com essa ambição com que vêm os novos. A de fazer um novo Brasil, a de crear nesta terra e mostrar ao estrangeiro que se creou mais alguma cousa — cousa de homem — além das maravilhas que a natureza pôz aqui.

Ser tacanho, ser estreito de alma trazendo tal programma, não é apenas incoherencia: é estupidez, digamos, por duro que seja o vocabulo.

Fique essa tactica, correspondente á do politiquero colonial, que ainda é o nosso, para a tonçada gente da Academia, ha cincoenta annos, desde que empreendeu tomar conta do terreno, fiel ao instinctivo plano de Valentim Magalhães. O "elogio mutuo", d'"A Semana" foi o inicio de toda a estrategia que se desenvolveu depois.

O modo de ser de um Mario de Andrade, a sinceridade de intenções por parte de um Tristão de Athayde, o ardor apostolico de um Tasso da Silveira, quando bate como quando louva, o fundo amor da cultura e a larga compreensão do papel do critico, que revela Andrade Muricy, são taes e outros symptomas que me dão esperança de organizar-se, afinal, no que respeito á literatura, outro Brasil.

“CLAN DO JABOTI”

O que venho dizendo sobre Mario de Andrade significa, certamente, reconhecê-lo como um intellectual que honra esta terra nas suas linhas geraes. Nestas elle é um espirito constructivo, para quem o saiba vêr.

Estou escrevendo estas linhas para tratar de “Clan do Jaboti”, seu ultimo livro de versos.

Mas como esconder-lhe que essa collectanea principia por não me agradar no seu proprio nome geral?

“Clan do Jaboti” Quantos o entenderão immediatamente?

Elle quer significar, se não me engano, que são versos ao gosto de um “clan”, de algum grupo que adoptasse por symbolo o jaboti, como outros adoptaram a anta. Mas nem sei quaes sejam os caracteristicos peculiares a essa especie de tartaruga, porque na minha terra creio que ella não existe. Para symbolo elle não é sufficientemente vulgar. Alem disso “clan”, vocabulo peregrino, faz com aquelle outro uma locução hybrida. Esse titulo é uma novidade, a meu vêr, de máo gosto. De máo gosto antes de tudo porque é “difficil”.

Como o nome, é quasi todo este livro de Mario de Andrade.

Versos que absolutamente não parecem versos, porque de musica não têm nem tiquinho, na sua grande parte. Uma falta de virgulação quasi que total, como quizeram impôr os dadás. E que linguagem! Língua de caboclo tão cerrada como nunca a terá podido ouvir, muito menos apprender, quem pela roça não se criou ou não andou demoradamente, ouvidos alerta. Isto para expressar idéas e sentimentos, em geral, que por cabeça de caipira nunca puderam passar. Parece um "tour de force" diametralmente antagonico ao que representam as "Sextilhas de Frei Antão" Um escangalhar de portuguez que poucos brasileiros cultos pôdem conseguir. E' uma nova especie de erudição creada pelos "futuristas" agora. Tal qual andar-se ao par dos candomblês e sua indumentaria, mais dos cangerês africanos, cousa que está egualmente em moda. Além disso, "Carnaval Cariocá" e "Noite de Bello Horizonte", os trabalhos mais longos do livro, são construidos um tanto como aquelle "Losango Cáqui", tambem de Mario de Andrade, com muita ellipse de pensamento, um tanto pelo processo dos supra-realistas. E' preciso lerem-se e relerem-se trechos e trechos desses chamados poemas, e ainda assim de' não poucas cousas o sentido nos escapa.

Producções taes não pôdem entrar em grande circulação, porque pouca gente as penetra, e ganhar o meio de pôl-as a limpo não vale a pena.

Agora, fazendo-se abstracção de tudo isso, justamente os mais refinados homens de letras muita cousa encontram em "Clan do Jaboti", verdadeiramente interessante.

O livro é um lindo espectáculo intellectual, porque, antes de tudo, mantem-se em taes paginas

um gostoso euphorismo, de principio a fim, e grande agudeza de espirito.

Desse ponto de vista, Mario de Andrade faz-nos lembrar Whitmann, embora sem nada de "homem-cosmos" E' entranhadamente brasileiro, brasileiro moreno, no seu ar, nos seus meneios, nos seus quês, irmão do carioca como do paulista, do matuto de Minas, como do tirador de borracha do Acre. Intimamente identificado com as nossas aguas, as nossas arvores, o nosso chão, conhecendo tudo pelo miudo, e tal qual a gente simples conhece, sem nenhuma nomenclatura latina.

Em dadas passagens, sobretudo do "Carnaval Carioca", elle tem modos de dizer que nos fazem pensar em Adelino Magalhães, esse outro euphorico tão curioso, porque ao mesmo tempo é tão amargo, tão inquieto, quer dizer, tão nosso.

Ainda mais. Um como eu, que acho um erro o seu caipirismo vocabular e syntactico, deve confessar, como confesso, que, no entanto, no meio de tanta couça que para meu gosto é cascalho encontro, ás vezes, lindos termos brasileiros e boleios de phrase nossos que representam verdadeiros achados, capazes de se vulgarisarem na escripta, porque todo o mundo no Brasil os entende.

Ter-se o genio de um Alencar, aquelle tacto maravilhoso com que elle recamava a linguagem de brasileirismos que não repugnam, e sobretudo aquella musica, tão nossa, mas antes d'elle unicamente apreendida na fala patricia, é cousa rara.

Mas dessas tentativas presentes, em que Mario de Andrade é o mais atrevido, é o que se lança mais de olhos fechados, sem temer consequencias, sem lhe importar que o proprio futuro o não sancione, muito, talvez, ficará. São elementos para mais felizes construcções depois.

Outra cousa a reconhecer. Nem tudo neste livro é apreciavel apenas á luz ou ás luzes que indiquei.

Em “Coordenadas”, terceira parte do livro, “Viuvita” e “Moda dos quatro rapazes” têm uma graça nova que quadra com o meu gosto.

Em outra parte, “O Rithmo Sincopado”, “Tostão de Chuva”, “Lenda do Céu”, “Côco do Major” e “Moda da Cadeira de Porto Alegre”, são cousas que representam, principalmente as tres ultimas, raros achados e boa realisação.

Mas o “Acalanto do Seringueiro”, da parte final, “Dous Poemas Acreanos”, parece-me que é o mais capaz de ser compreendido e admirado pelo geral dos leitores. Ahí ha musica como no geral do livro não ha, ha clareza, simplicidade e sentimento, taes quaes nos verdadeiros poetas se encontram, embora ainda nesses versos se possa ver a feição gerl toda sua, que o autor mantém de começo a fim.

O leitor quer ver?

“ACALANTO DO SERINGUEIRO

*“Seringueiro brasileiro,
Na escoreza da floresta,
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que difficuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme.*

*“Como será a escuraleza
Dêsse mato-vingem do Acre;
Como serão os aromas
Dêsse chão que é também meu?
Que miseria! Eu não escuto
A nota do uirapurú!...
Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você, seringueiro do Acre,
Brasileiro que nem eu.
Na escuraleza da floresta
Seringueiro, dorme.*

*“Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você..
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é,
Baixinho, desmerecido,
Palido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.*

*Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
Macambúcio, pouca fala,
Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas,
Que dão conforto e alegria.*

*"Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botámos
Pra fóra Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres,
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as perolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porém nunca nos olhemos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jámais...
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jámais!*

*"Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,
Estes mumbavas que vivem
Chupitando vagarentos
O meu dinheiro, o meu sangue
E não dão gôsto de amor...
Me sinto bem solitario
Da minha casa, amolado
No mutirão de sãbença
Por tantos livros geniaes
"Sagrados" como se diz...
E não sinto os meus patricios,
E não sinto os meus gaúchos!
Seringueiro, dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz...*

*“Nem você póde pensar
 Que algum outro brasileiro
 Que seja poeta no sul
 Ande se preocupando
 Com o seringueiro dormindo
 Desejando pro que dorme
 O bem da felicidade...
 Essas coisas pra você
 Devem ser indiferentes,
 Duma indiferença enorme...
 Porém eu sou seu amigo
 E quero ver si consigo
 Não passar na sua vida
 Numa indiferença enorme,
 Meu desejo e pensamento
 (...numa indiferença enorme. .)
 Ronda sob as seringueiras
 (. .numa indiferença enorme...)
 Num amor-de-amigo enorme...*

*“Seringueiro, dorme!
 Num amor-de-amigo enorme
 Brasileiro, dorme!
 Brasileiro, dorme.
 Num amor-de-amigo enorme
 Brasileiro, dorme.
 “Brasileiro, dorme,
 “Brasileiro... dorme...
 Brasileiro... dorme...*

Tenho tantos poetas á mesa sobre que dizer alguma cousa! Mas por hoje Mario de Andrade, sem ser de caso pensado, me fez escrever até aqui.

“MUCANAIMA”

E' cousa conhecida por muitos que uma das origens do romantismo se encontra no conceito da

“bondade natural”, a que J. J. Rousseau deu todo o desenvolvimento que se podia dar.

A glorificação do “bom selvagem” por Montesquieu, e outros seus contemporaneos, concorreu muito para dar origem a essa utopia. Elles representavam o indio da America, então recentemente descoberta, como um pegureiro de pastoral, meigo, benevolo, superior em muitos pontos ao homem civilizado.

Era isso uma reacção que se produzia em favor dos filhos do Novo Mundo contra as informações dos primeiros viajantes, que os davam como perversos, como reprobos, senão como verdadeiros possessos, com o diabo no corpo.

Não havia, nessa reacção desinteressada, romantismo ainda. Elle se produzia muito em parte por hostilidade da França contra sua rival politica dessa época, a Hespanha de Carlos V ou de Philippe II, cujos conquistadores tratavam barbara, estupidamente, de facto, as populações selvagens de ultra-mar com que, de pouco, tinham estabelecido contacto.

Depois, Montesquieu, que effectivamente fôra informado de modo pouco perspicaz sobre as cousas do Brasil, por um seu serviçal aqui residente algum tempo, reconheceu, lendo viajantes menos ingenuos, a inexactidão com que o famulo lhe fallara. Mas, era tarde: a primeira versão é que pegou, pois já tendiam ahí os espiritos para essa crença na “bondade natural” com que o genio de Jean-Jacques creou um verdadeiro mysticismo social.

Mais tarde, Chateaubriand (que começou nitidamente rousseuista) com os “Os Natchez” e Fenimore Cooper, com “Os Pelle Vermelhas”, dão origem ao indianismo, que o nosso Basilio da Gama

já presentira no seculo XVIII, idealizando admiravelmente Lindoya, no "Uruguay"

Chateaubriand deu a musica e o sentimento naturalista, mas Cooper foi quem proporcionou á gente do indianismo a psychologia que ella attribuiu ao selvagem da America, reconstituindo dramaticamente os costumes ferozes e ingenuos das tribus.

Seria impossivel fazer obra de effeito, pintando-os como "bons selvagens", á maneira montesquiana, quando a equilibrada poesia pastoral se fôra com o classissimo, e a divinização dos instinctos impunha á esthetica romantica dar livre surto á paixão.

Depois, já nesse tempo, quem tivesse visto um indio não poderia aceitar que o representassem sob esses traços absurdamente lisongeiros. Van Staden, por exemplo, que por milagre não foi morto e comido pelos selvagens aqui no Sul, ainda "quando o Brasil amanhecia", não os pintou assim.

Mesmo os romanticos, embora utilizando o processo psychologico de Cooper, foram muito fantasistas.

Estes apoiavam-se em uma verdade que se impõe a quem conhece a historia da especie de accordo com a sciencia. E' innegavel que "as disciplinas mais do que rudes dos clans primitivos como diz Seilliére, com suas impiedosas sancções, mysticas, imprimiram, em certos selvagens virtudes sociaes effectivas, embora nada tenham de naturaes"

Mas, para citar um caso, o typo de Iracema é verosimil? No fundo, que vem a ser o magnifico "Y Juca Pyrama"? E' a idealização das proprias virtudes heroicas da nossa raça, não no complexo dos sentimentos que ali se exaltam, a das do in-

Indio — sêr tão rude, tão elementar, symbolo da incongruencia moral.

Sabemos perfeitamente e já o sabiam os descobridores: elle é uma creança que se vende ou vende os seus por um espelhinho, um berimbáo ou um metro de baeta.

Isolado sempre foi assim, e hoje collectivamente o é, nas malocas de pobre vencido, descrido, muitas vezes reduzido a um bicho abjecto, hydro-pico, por effeito do paludismo, nas regiões ribeirinhas onde o mosquito anda em nuvens.

Os proprios romanticos, pois, carregaram demasiadamente na nota. E' verdade que, assim, o thema foi fecundo para elles.

Mas dahi que resultou? ..

Na opinião implantada pelo naturalismo resultou isto: até agora, pelo menos a nós brasileiros, lá na Europa symbolisam de tanga e taçape, confundindo-nos como o bororó.

Não se vê que o indianismo foi o principal propulsor da nossa brasilidade, sob o ponto de vista do idioma. Se Alencar não tivesse de escrever "Iracema", não se sentira impellido a exprimir-se naquella linguagem de sabor fructal, que usou para fazer o ambiente desse delicioso poema em prosa. E é de Alencar por diante que o Brasil começou na verdade a exprimir-se na escripta com modalidade sua.

Seja como fôr, os naturalistas, amigos da verdade liberal, puzeram fóra da moda o indianismo, que lhes era impossivel explorar. Nenhuma tentativa se conhece da parte delles a ver-se com os seus processos se poderia ainda tirar desse assumpto alguma cousa.

Por ultimo, um escriptor cientista, o sr. Roquette Pinto, acha que indio não é brasileiro, no sentido actual desse vocabulo. Que é que o indio

tem conosco? — pergunta elle. Nós representamos outro typo humano e nem sequer essa gente communga dos sentimentos que nos são proprios, isolada como vive da nossa communhão. Indio nem sabe o que é patria. Cabôclo já não é indio.

Apezar de tudo isso, persiste em nós o sentimento de que é pena dar de mão por completo a esse thema. O ambiente americano nol-o proporciona, se não impõe. Se o naturalismo teve de renunciar-o, não prova apenas com isso a deficiência dos seus recursos estheticos?

Nossa historia está ahi: Antes da escravatura afircana systematisar-se, a escravatura vermelha, repugnante como fosse, é que permittiu a colonia subsistir. Não só economicamente: tambem do ponto de vista militar, para expellirmos os intrusos. Além disso, não haveria os bandeirantes, que dilataram o territorio até entestarem com os Andes, se não houvesse os mamelucos. Ser-mos indifferentes ao indio em arte é um absurdo. A poesia é o recurso natural para a expressão dos sentimentos e a gratidão ha de estar por força entre estes, enquanto o homem fôr homem.

Além disso, com o indio vivemos na America, e a vida commum estabelece um interesse forçoso. O indio, autochtone ou immigrado, deste continente recebeu o cunho, como nós não o receberemos tão cêdo. Mas, um dia virá em que o tenhamos, e ahi, mais do que nunca, representando uma humanidade nova, d'elle seremos irmãos, a elle identificados até nos nossos caracteristicos somaticos. Ninguem o contesta.

Em ultima analyse, pois, negarmos que essa gente offerecesse qualquer base effectiva para as obras de idealisação em que serviram de thema, é negar ao ambiente onde ella se desenvolveu ou

a que se adaptou condições favoráveis a manterem-se quaesquer caracteres nobres, dos que distinguem a especie humana. E' formular-se prognostico sobre o nosso proprio futuro daqui a alguns millenios.

Impõe-se, pois, uma certa solidariedade entre nós e esses primitivos habitantes da terra que lhes tirámos, se não somos estúpidos a ponto de descreer dos nossos proprios destinos remotos.

“Os “futuristas” de São Paulo exprimem, agora, o sentimento da tal necessidade por um modo humoristico: resolveram fazer a prodagan-da da anthropophagia numa revistinha cujo titulo já é um franco programma em tal sentido.

Até ha pouco, elles se tinham apenas limitado a propôr que substituíssemos na escripta a linguagem portugueza pela geringonça do nosso Jéça. Propunham, dando o exemplo desle logo de tal barbaria.

Agora querem mais, por outra, fingem que querem: proclamam que é preciso retrogradarmos até os cannibae para sermos independentes, para nos vermos livres da influencia européa. Fazem-no, em todo caso, em nome das doutrinas de Freud, que da Europa vieram...

Mas, já antes disso, Mario de Andrade, “leader” desses vanguardistas, preparava laboriosamente esse livro de ficção, que publicou outro dia, “Macunaíma, o heróe sem nenhum character”

Creio que vão ficar historicas essas paginas. Ellas representam o inicio do néo-indianismo entre nós, como um livro póde represental-o.

Antes de tudo, uma cousa Mario de Andrade consegue com esta obra: é tornar possivel que se facam outra vez enredos em que os personagens sejam bugres. Realisou, portanto, o que os naturalistas tinham dado por impossivel.

Mas de que modo?

Tratando o assumpto inteiramente pelo avesso.

Gonçalves Dias, Alencar idealisaram o indio? Pois elle antes de tudo pôl-o sem character nenhum desde o titulo.

Mario empresta a Macunaíma, seu heroe, mais á gente de Macunaíma, mãe, amantes, irmãos, etc., o processo onirico, isto é, um modo de pensamento regressivo. Elle é proprio á creança como á gente primitiva; aqui, porém, é levado ao seu ultimo gráo.

Como nós sonhamos á noite, assim vivem os seus personagens de dia. Tudo em torno desses imaginados seres é sonho e sonho.

Com elles parece que se realisa a existencia na quarta dimensão suspeitada pelos einsteineanos. Aquella em que pode ser que vivam os espiritos. Para essa fauna suppostamente humana o espaço e o tempo a que vivemos sujeitos não existem. De um instante para outro elles se transportam a distancias enormes.

Além disso, comem ou são comidos, mas dahi a pouco voltam ao que eram. Passam por surpreendentes metamorphoses: de um piaba surge um principe; um gigante vira besouro.

Cousas que lembram os contos orientaes, as lendas da Edade Media, "Gargantua", e "Pantagruel", de Rabelais, "Peer Gynt", de Ibsen, "Malazarte", do nosso Graça Aranha.

O que ha de mais novo, porém, em tudo isso é que Macunaíma é mesmo sem character nenhum. O que elle quer é viver com mulheres, "brincando", como diz a cada instante o auctor.

Elle vem lá de Venezuela (o heroe não é propriamente do Brasil, é da America) e chega a São

Paulo, como vae de São Paulo para onde quer, conversando com o fallecido bacharel de Cananéa, como já conversara, se não me engano, com o finado Caramurú; soffre fome, corre riscos, encontra-se com o Currupira, que quasi o engole, pãssa tormentos com o gigante Piaimá, que mora em São Paulo e ali tem nome de italiano, tudo por mulher ou por cousas que se prendem á mulher. E' um sem-vergonha de uma marca tal como ainda não se vira.

Além disso, o pae da preguiça. Mesmo quando o atiram pelos ares a leguas de distancia, vae dormindo pelo caminho.

E' instincto e madraçaria, tão só.

O sr. Tristão de Athayde explicou por miudo, baseado em informações do autor, desde a origem desse nome de Macunaíma (mytho, dos indios da Roroima — "Maku", mão e "ima", grande —) até as complexas intenções que elle teve creando esse typo e essa historia.

A principio quiz fazer um symbolo do brasileiro, que lhe parece não ter character, não só do ponto de vista moral, mas como entidade psychica permanente, manifestando-se por tudo, e nos costumes, na acção exterior, no sentimento, na lingua, na Historia, na andadura, tanto no bem como no mal

Quiz fazer qualquer cousa de cyclico, no sentido brasileiro. Desrespeitou de proposito a geographia e a fauna e flora geographicas. Assim, desregionalisava o mais possivel a criação, ao mesmo tempo que conseguia o merito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogenea, um concerto ethnico nacional e geographico.

Afinal, resolveu apresentar-nos tudo apenas como uma brincadeira.

Não é bem isso.

Naquellas quasi trescentas paginas ha muita materia relativa ás nossas lendas, aos nossos mythos, aos nossos brocados populares, que fazem delas uma mina para futuros escriptores.

Quasi tudo é escripto como se fosse pôr um nosso caipira, e para isso, Mario de Andrade tem talento especial. Peculiaridades syntacticas, proprias ao falar do nosso povo do matto, frequentemente se apresentam. O vocabulario, no genero, é de uma riqueza como ainda não se tinha visto em livro nenhum. A nomenclatura referente á nossa fauna, á propria culinaria dos mattos, até dos indios, por este Brasil afóra, á producção das nosas pequenas industrias e outras cousas assim, é abundante e superabundante.

Além disso, tudo até certo ponto, escripto com legitimo bom humor. Uma vez que nos adaptemos á atmosphera fedorenta, bem freudiana do livro, lardeado de fescenismos a cada passo ("para dar conta, disse o autor a Athayde, de uma constancia brasileira que não sou o primeiro a verificar"); adaptando-nos a isso, encontra-se novidade nelle. Mas só até quando se chega a uma carta do heróe, escripta por deboche num portuguez pseudo-classico. Isso faz contraste tão violento com o que leramos antes, que se começa a bocejar sem querer. E' uma falta imperdoavel na esthetica do livro.

Tambem dahi por deante a verve vae parecendo falsa cada vez mais, e, como se está anda em menos da metade do livro, dahi por deante é com çanceira crescente que chegamos ao fim.

Seja como fôr, o que se torna patente na leitura de "Macunaíma" é isso: é que o dadaismo européu, passando para o Brasil e produzindo aqui um movimento literario dionysiaco de arremedo,

vae, comtudo, estimulando os nossos moços para tentarem uma literatura nacionalista que entre em symbiose com as particulares disposições nesse rumo que a guerra em toda parte suscitou.

Mas o grupo, aliás muito explicavelmente, sabendo-se o que o dadaismo é, sympathisou com a sciencia de Freud, de alcance moral com possibilidades as mais dissolventes.

O heróe Macunaima e todo o ambiente que em torno d'elle se vae creando, na sua peregrinação de sonho são francamente abjectos. Está vindo assim romanticamente, embora se pratique o romantismo ás avessas, um néo indianismo derrotista. O indio, visto com tão furioso freudismo, torna-se um symbolo antecipado da nossa segura bançarrota como povo no correr dos seculos.

Nesse sentido, pois, a tentativa de Mario de Andrade, a meu ver, é lastimavel.

Se estes moços continuassem por muito tempo em tal caminho, não sei até onde poderiam ir, num momento como este em que o mundo procura novos rumos, mais fiado no instincto, do que na razão.

Mas o Brasil é o Brasil. Até hoje quantas escolas literarias aqui encontraram éco, todas acabaram por ser mais ou menos constructoras.

Confiemos que ainda com esta acontecerá assim.

(“O Globo” 8-10-1928).

TRISTÃO DE ATHAYDE

“Estudos” 1.ª série

A nova geração, isto é, aquella que substituiu os symbolistas, trouxe logo de entrada muito maior numero de espiritos criticos do que estes trouxeram. Tal pendor foi mesmo o que mais os caracterizou até ha pouco tempo.

De começo vieram “creando uma atmospheria mais comprehensiva, mais completa, mais ampla”, e logo se revelaram mais assimilaveis que os seus predecessores. Era o que eu reconhecia, falando sobre “A Igreja Silenciosa”, de Tasso da Silveira, em 1922. Por isso mesmo, no entanto, comparados com aquella gente anterior, “vinham menos empolgantes, talvez até, geralmente, menos seductores, da alta seducção” — eu adduzi.

Entre 1918 e 1922 os jovens recém-chegados publicaram muito volumes de critica significativos, como, chronologicamente, “Vultos do meu caminho”, de João Pinto da Silva, “Correspondencia de João Episcopo”, de Antonio Torres e Adoasto de Godoy, “Farias Brito e a reacção espiritualista”, de Almeida Magalhães; “Sol de Portugal”, de José Vieira; “Problema Vital”, de Monteiro Lobato; “Urupês e o sertanejo brasileiro”, de Leonidas Loyola; “A questão social na philosophia de Farias

Brito”, de Jackson de Figueiredo; “Pequena Historia da Literatura Brasileira”, de Ronald de Carvalho; “Romain Rolland”, de Tasso da Silveira; “Emiliano Pernetta”, de Andrade Muricy; “Populações meridionaes do Brasil”, de Oliveira Vianna; “Pascal e a inquietação moderna”, de Jackson de Figueiredo; “O Suave Convivio”, de Andrade Muricy; “Fausto”, de Renato Almeida; “A Igreja Silenciosa”, de Tasso da Silveira.

Ninguém poderá negar, assim: esses quatro annos deram, senão a totalidade, pelo menos a grande maioria das obras de critica mais consideraveis que já devemos aos moços.

Foi, além disso, o tempo em que tambem quasi chronologicamente, da Costa e Silva, D. Gilka Machado, Dona Laura da Fonseca e Silva, Manoel Bandeira, Murillo Araujo, Menotti Del Picchia, Pereira da Silva, Jackson de Figueiredo, Gomes Leite, Tasso da Silveira, Amadeu Amaral, Guilherme de Almeida, Arnaldo Damasceno Vieira, Affonso Schmidt, Ronald de Carvalho, Hermes Fontes e Ribeiro Couto, todos como poetas, uns estrearam, outros foram além da estréa ou completaram com novas notas, quasi todos em livros, a obra que já tinham anteriormente iniciado.

Parece tambem incontestavel que entre elles figuram os nomes dos que até aqui ainda são os mais notaveis na poesia destes ultimos tempos.

Na prosa de ficção, Abbadie Faria Rosa, Claudio de Souza, Carvalho Ramos, Adelino Magalhães, Monteiro Lobato, Veiga Miranda, Ranulpho Prata, Lima Barreto e Brenno Arruda (são os que eu posso lembrar), produziram peças de theatro, contos, novellas ou romances entre os quaes figuram obras das melhores que em taes generos já nos deu tambem a nova geração.

Não foi, pois, um periodo esse que deixe de ter muita importancia na historia do movimento intellectual do após-guerra. Pelo contrario, fôra impossivel omittir-o sem absurda ablação, que deixaria sem bases e inteiramente defectiva tal historia. A estagnação imaginada pelos que julgam ter começado aqui no Brasil uma nova era apenas depois desse tempo, é cousa que não houve.

O que é certo é que, de 1922 por deante a litteratura dos novos tornou-se mais eugénica, e até mais dionysiaca, cousa que eu previ, escrevendo a Tasso da Silveira a proposito de "A Igreja Silenciosa", mas referindo-me nesse ponto ao movimento inicial dos "futuristas"

Ainda ahi Graça Aranha não fôra fazer aquella famosa diabrura em pleno recinto da Academia, quando julgou tão pejorativamente a situação das nossas letras, sem querer ver o que os moços já vinham fazendo antes d'elle tomar aquella malazartica resolução.

Foi ahi que os paulistas, e seus adeptos cariocas, separados quasi todos agora do meu intrepido contemporaneo, que bançava Marinetti naquelle momento, então foi que esses moços conseguiram, na verdade, por um instante, ser a pedra de escândalo deante do nosso publico. Sem Graça Aranha elles tinham começado. E' certo. Traziam orientação propria, por inspiração de Europa. Também, aliás, da attitude espectacular que constitue a novidade da "Esthetica da Vida", se encontra a origem nas "Formas espectaculares da sensibilidade metaphysica", capitulo de Jules de Gaultier. A symbiose em que entraram então com o illustre academico é que pôde soerguel-os por modo que toda a gente os visse e que lhes proporcionou, até pelos jornaes de maior circulação, embasbacar o

nosso publico com seus absurdos innovadores ou que taes pareceram.

Foi a nossa festa dionysiaca, de character litterario, distincta, portanto, do Carnaval.

Dizer que tal iniciativa resultou inutil é querer-se desconhecer as cousas. Ella veio representar, de facto, um abalo e este produziu um effeito; depurou, deu mais coordenação, feição menos confundivel á hora, em questão de letras, aqui no Brasil. Dahi por deante distingue-se melhor quem estava em condições de representar o que se chama propriamente a vanguarda neste instante. Aquelles que sentiram não trazerem definitivamente a nova sensibilidade ou não poderem despartar ainda para ella, essas recuaram na sua maior parte, e se apparecem já não é difficil senti-los passados e assim no passado collocal-os.

O que não prevaleceu foi o tal objectivismo dymamico proposto por Graça Aranha nem tão pouco o ponto de vista de que a arte não passa de um brinco, que os Einstein, os Gasset quizeram justificar lá na Europa nos seus ensaios de esthetica e que os nossos paulistas, mais seus amigos do Rio, tão ardentemente acceitaram.

“Festa”, a nova revista em que Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Adelino Magalhães e muitos outros vêm combater pela integração do pensamento novo, pela amor da cultura, contra esses excessos ou esses principios errados, salva-nos, logo de entrada, nos seus dous numeros iniciais, da evolução em sentido horizontal, adoptada agora pela musica franceza da vanguarda, segundo Renato de Almeida, e tão em correspondencia com os ideaes dos nossos jovens paulistas. Disso ou pelo menos do pendor exclusivamente festivo, como “A Esthetica da Vida” implicitamente propõe.

“Festa” não exclue do seu programma aquillo sem o qual já não se é bem homem. Não tira dos hombros, pelo contrario, faz questão de que pese sobre os hombros dos novos toda a responsabilidade, no que ella tenha de mais grave, e até de mais amargo, da hora actual.

“Festa”, porque acceita a intuição nascida já na guerra e desenvolvida no após guerra de que a geração actual é nova duas vezes: pela sua mocidade e pelo albor que representa para o mundo o instante que lhes coube representar. Pelo que divisam comparavel a um tenro broto, que elles julgam estarem personificando, no meio do franco despenho ou de construcções pendentes que em outros dominios se offerece aos nossos olhos. “Festa”, antes por coragem, que a fé alimenta, do que por espirito de “profiteur” “Festa”, que em nada corresponde á magnifica floração do cafesal paulista nem se prende aos proveitos de uma hora que as vantagens dos “trusts” tornam maravilhosamente alegre aos collocados em situação para consideral-a com ultra-optimismo.

E' nesse momento que apparece a 1.^a série dos “Estudos” do sr. Tristão de Athayde.

Dá prazer, verdadeiro prazer a leitura desse livro.

Naquelle espaço a que me referi, entre 1918 e 1922, de que as minhas “Cartas á gente nova”, falam individualmente como nenhum outro livro até aqui, então, já o sr. Tristão de Athayde apparecera com seus folhetins. Se não me engano, desde a fundação de “O Jornal” Veiu feito. Feito neste sentido: já trazia preparo e aptidão para escrever. Mas não era propriamente quem é hoje.

Sua monographia, tão sympathica, sobre a individualidade literaria de Affonso Arinos, escripta algum tempo depois que elle surgiu no jornalismo, diz-nos, sobretudo implicitamente, o que vinha a ser então esse moço. Um critico não estréa como autor de livro, tratando espontaneamente de um dado typo, sem que haja nisso qualquer significação.

O sr. Athayde naquelle momento ainda vinha de convivencias muito recentes com esse notavel representante da nossa literatura regional orientada pelo naturalismo. Não só com elle, mas tambem com o circulo intellectual cujas influencias explicam aquelle autor. Já tinha lido muito, apesar de bem jovem. Mas, desenvolvera-se em contacto com gente estranha ao symbolismo.

Ora, este é que estava com a chamma do momento. Dava-se, então, com os naturalistas como actualmente com os homens do symbolo ainda sobreviventes e que não foram para deante.

De tal circumstancia resultava uma normalidade invariavel na temperatura do critico quasi adolescente, isto até quando, inclusivamente, produziu aquelle opusculo.

Não faltava quem pensasse, pois, haver nelle qualquer cousa de um fruto, jahú (como se diz em minha terra), fruto insulso — um prudente, um conservador, um amigo dos grammaticos. Com todos os caracteristicos, emfim, de quem recebera lesão espiritual incuravel ainda no nascedouro. A exaltação com que tinham vindo seus mestres só a elle aproveitára.

Agora o sr Tristão é inteiramente outro. Tristão apenas no nome. Incontente, angustiado, ansioso, accusando estados dalma os mais oppostos entre si, porém, bem vivo, emfim, porém, homem,

porém coetaneo dos seus coetaneos na mais nobre significação da phrase.

Por que? Antes de tudo — este volume o diz — porque nasceu para escrever. E nasceu para isso porque traz uma vasta curiosidade humana e grande interesse pelos homens. Dahi uma necessidade bellissima de lêr, não por egotismo, mas para transmittir aos mais o que lê e seu modo de vêr quanta cousa leu e merece notada, como dizia Verissimo.

Elle acompanha o desenvolvimento das idéas actuaes, como da arte actual, sequioso de cultura, mas da cultura propriamente dita. Graças a isso, trate de que assumpto tratar, é capaz de fazel-o com extraordinaria copia de noções a respeito, e noções flagrantemente actuaes.

O melhor, porém, é que estas vêm harmonicas (pelo menos neste volume), todas no sentido de uma determinada e elevada orientação. Suas lutas intimas por motivo intellectual ou de consciencia, suas perplexidades, sentimol-as, mas bem ao de leve. Elle não põe o leitor em rodopio nenhum. E', um companheiro que nos faz bem, porque nos ensina muita cousa que mais ou menos ignoravamos, e até nos conforta, se acaso andamos com muito travor no intimo.

Sem duvida, com uma condição: a de virmos já libertos do velho materialismo, que tanta gente ingenua acredita ainda ser novo. De tantas illusões, como o monismo idealista de um Graça Aranha ou aquellas de que provêm a esthetica que adoptaram os continuadores aqui no Brasil dessa cousa, já passada ou a expirar lá fóra: o dadatismo, o cubismo e outros ismos que com elles de perto se apparentam.

Depois, com que desembaraço desanca o sr. Athayde os falsos valores que andam querendo

embair a opinião, ou os que taes lhe parecem! Com que segurança de conhecimentos desmonta os scientificistas embolorados ou, peor do que esses, os insipientes aprendizes de velharias desacreditadas, mas ainda mais fatuos, porque mais ignorantes, do que aquelles a cuja fonte foram beber uns goles, de través!

Não se fará favor nenhum em reconhecer-se: o sr. Tristão de Athayde é hoje um folhetinista formidavel. Nunca tivemos, que eu me lembre, um vulgarizador de idéas no terreno literario, escrevendo toda semana seu folhetim, superior ou mesmo igual a este joven. E' uma honra para a sua geração e demonstra ao vivo como nós evoluimos nesse ponto. Presta-nos, por emquanto, mais serviço no approximar-nos do mundo que os inseguros aeroplanos.

E' pena muita gente não possa ler o que elle escreve sem desanimar dentro em pouco. Dizem que tem material para seis ou sete volumes como este primeiro, de 419 paginas. Eu lhe aconselharia, se o conhecesse (ainda não lhe vi nem um retrato), que os fosse publicando muito de espaço. Porque mesmo este primeiro custarão a deglutil-o. A mim proprio não foi muito facil. E' verdade que hoje não tenho grande folga para leitura. Vivo preparando material para estes pifios folhetins no bonde.

O sr. Tristão de Athayde ainda não é de expressão muito clara. A's vezes precisa-se adivinhar o que elle quer dizer, porque o texto é ambiguo. Hoje elle construe geralmente cortando os periodos naturaes como se corta papel. Frequentemente de um faz tres ou quatro. De repente estaca, com ponto final depois de uma palavra unica. Lembra o jazz. Mas ás vezes dá toda a redea ao pensamento e este vae longe antes de ob-

termos um repouso. Assim onde poderia haver dez periodos ha um só. Isso, com tanto excesso, raramente se nota, é certo, neste primeiro volume que colligiu. Taes cousas, porém, atordoam a gente. Será um estylo dynamico, mas de uma dynamica de fóra para dentro, que não era inevitavel em consequencia de causa interior.

Além disso, muito sem musica, muito sem colorido. O que haverá no autor é tendencia para a architectura. Dizem que é a tendencia da época entre os jovens escriptores. Proust já foi assim. Tal construcção, tão secca, faz lembrar essas modernas edificações de cimento armado. Arranha-céos, não digo: são precisos demais para a comparação. Mas as capellas que lá na Europa já estão erigindo pelo systema referido. E' cousa, no emtanto, que, de tão moderna para nós, ainda nos causa estranheza, e que, assim, nos prejudica, distraindo-nos do assumpto, quando convivemos com o autor nas suas paginas alentadas.

Ainda mais: elle é cheio de novidades, como eu já disse, em consequencia de sua cultura. Ler o escriptor de "Estudos", é, a cada passo, aprender-se o que quer que seja de que ainda não estávamos informados. Ora, a maior parte da gente nisto, por exemplo, de geographia, de historia, de philosophia, de physica, de chimica, de sciencias naturaes está muito pela antiga, isto é, pelos systemas ainda de hontem. Elle já passou uma revisão geral minuciosa e profunda em tudo o que aprendeu quando ainda ha pouco estudava seus preparatorios. E fala de tudo, conforme as cousas estão assentadas neste momento. Assentadas ou reviradas. Causa tudo isso verdadeira delicia aos que não dormiram de todo e de tudo isso já sabiam algo, embora mais ou menos pela rama. Mas a maior parte, que é sempre de vadios ou de

preconceituosos, embezerrados, ha de enraivecer-se, o que perturba a necessaria retentiva para chegar-se ao fim, lembrando-nos do começo.

Por tudo se vê, no entanto: tomára a nós viessem ahi vinte Tristões assim. Seus pequenos defeitos não importam.

Um como eu reconhece nelle um companheiro mais moço, mas que em certo sentido, já tão cedo, conseguiu o que eu nunca pude conseguir, por vontade que tivesse, nem mesmo em relação ao tempo que foi mais propriamente o meu. Até o brilhante Agrippino Grieco é de modesta leitura, comparado com elle.

Creio, todos os moços que o acompanham nas suas nobres ambições e na sua digna attitude intellectual, em relação ao que já esplanei, hão de estimal-o pelo menos tanto como eu. Não sei por que deixou elle de fazer parte dessa nova revista, "Festa" Acho-o tão affin, nas suas idéas geraes, com aquella gente!

E' certo que um delles o accusou agora, no segundo numero, de parcialissimo, de que, embora contrariando muitas das idéas dos paulistas e dos gracistas, a estes é que o sr. Tristão trata dando-lhes importancia acima da que é justo lhes dar. Parece que o acham espiritualista e constructor como a gente lá de fóra, das europicas, mas desabusado e espectacular (no sentido philosophico), embora absurdamente, como os daqui. Pelo menos na camaradagem. E outro dia declarou-se até pelos Andrades na importante questão do idioma que ora se anda novamente levantando.

A mesma accusação lhe farei eu. Ainda ha pouco, elle opinou que os symbolistas em tudo e por tudo foram aqui inferiores á gente do naturalismo. Esse meu discipulo ingrato, já que fui eu, aqui, no Brasil, segundo Jackson, que iniciei

mais caracteristicamente a critica constructiva. Constructor e architecto são synonymos... Esse juizo, sem querer ver como é difficil acertar-se em taes cotejos, quando sob termos assim tão absolutos, faz-me lembrar de outra opinião sua. Elle aventurou, uma vez, que o parlamento monarchico podia falar ao futuro do que foi o Brasil nesse tempo muito melhor do que toda a literatura do mesmo periodo. E' este, pelo menos, o sentido geral do que li. O que me parece de cabo de esquadra, pois é analogo a achar-se que uma orchidea ou um gaturamo são cousas menos significativas numa floresta do que, por exemplo, uma raposa ou um cão do matto.

Isto de sympathia maior ou menor por um grupo ou por outro nem sempre obedece ás affinidades intellectuaes. Pelo menos no Brasil. Graça Aranha — para citar um caso — essencialmente symbolista na nossa romantica e em nossas obras de theatro, de quem foi amigo, quando o symbolismo fervia? De José Verissimo, de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, homens de vulto, ninguem o nega, porém, "passadistas" em relação áquella hora e que nem pela idade com elle se irmanavam.

Nem porque seja assim, o sr. Tristão de Athayde ha de merecer da minha parte menos admiração e estima.

São cousas da vida, que o opusculo sobre Afonso Arinos, só por si, poderá explicar, talvez, trahindo uma persistencia de sentimentos enternecedora. Apenas, com essas cousas, quem perde é o critico, que, assim, não poderá ser propriamente um critico, nem mesmo integralmente um espirito.

"O Globo", 14-11-27.

Ainda ha poucos semanas escrevia o sr. Tristão de Athayde num dos seus folhetins dominicaes:

“Póde ser que a litteratura tenha razão em se ver preterida tantas vezes aqui por livros de generos muito diversos della. Mas creio que ha motivos que justificam essa preterição. Dous especialmente. Primeiro, a deficiencia de livros litterarios que valham o trabalho de ser lidos.

“Em seguida, o proprio interesse das letras. Nos povos em formação, a nacionalidade é mais interessante que os individuos. Só nós povos já formados, é que as personalidades individuaes valem mais do que a personalidade collectiva... Ninguem vae ler uma pagina de Chesterton por causa da Inglaterra, mas quem lê um poema do sr. Mario de Andrade o que busca é o Brasil. Só valemos realmente como homens, aos olhos dos homens, depois de valermos como povo.

“Ora o que isto nos ensina é que num povo em formação a litteratura mais interessante é a que toca os problemas formadores desse povo.

“No Brasil, portanto, a literatura é propriamente um problema de pesquisa. Raramente relemos os nossos autores classicos. Por falta de amor proprio apenas? Por desnacionalismo? Não creio. E' que vamos para a frente. E o que nos interessa é sobretudo o que ainda não temos. Somos uns teriveis consumidores de nós mesmos

“Tudo, portanto, que fôr pesquisa dessa alma collectiva, que fôr estudo de formação nacional que fôr debate do ambito literario (ou mais propriamente “esthetico”), é um bem para a nossa litteratura. Curemo-nos, de uma vez, do “esthetismo” E o mal do esthetismo não é apenas procu-

rar o "bello", sem outra preocupação maior. O mal do esthetismo é querer ter literatura, antes de ter cultura religiosa, antes de ter sociologia, antes de ter saúde. Os problemas que transcendem da orbita literaria, portanto, interessam mais intimamente o futuro das nossas letras, do que os classicos problemas estrictamente literarios; estylo, grammatica, verosimilhança, imaginação, originalidade, vida, etc. Nossa grande literatura só pôde surgir depois de resolvidos muitos outros problemas fundamentaes. E mesmo para o presente, para a literatura transitória, que é a unica que normalmente podemos ter por ora, — é indispensavel que as letras se approximem cada vez mais da alma da nacionalidade e reflectam toda a angustia com que nos vemos ameaçados, a cada momento, nas proprias raizes do nosso espirito. E ai das flores, se não fôra o trabalho paciente, obstinado e obscuro das raizes!"

Tudo isso escreve o sr. Athayde para justificar o facto de encher grande parte desse folhetim a que me refiro com uma apreciação elogiosissima de um livro do sr. Pandiá Calogeras. "Problemas de governo"

Acho muito embaraçado esse trecho do sr. Tristão. Parece mesmo que ha pequenos pasteis typographicos obscurecendo uma ou outra expressão ali. Em certo ponto, mesmo, elle se desvia da questão que de motu-proprio formula.

Mas enfim parece que, no essencial, o que elle quer dizer para desculpar-se é o seguinte:

1.º que dos livros que lhe foram mandados com o do sr. Calogeras, este é que lhe pareceu valer o trabalho de uma leitura. Mais do que isso, um comentario encomiastico e amplo, embora não se tratasse de obra literaria;

2º, que o elle preterir assim, como faz muitas vezes, a literatura por livros de genero muito diverso della, está no interesse dessa mesma literatura.

O perdoavel no caso é que o snr. Tristão de Athayde diz taes cousas sem sombra de ironia. Esta, aliás, não está no seu feitio. A sisudez é que principalmente o caracteriza.

Note-se que entre os livros sobre que teve preferencia o do snr Pandiá contam-se “Ramo de Louro”, de Afranio Peixoto (creio que o critico o tenha recebido), volume que a mim pelo menos me proporcionou dous artigos, e “Alegria Creadora”, mais “Imagens Accesas”, de Tasso da Silveira, sobre cada um dos quaes tambem escrevi um folhetim.

Interpretemos agora os fundamentos das desculpas que apresenta.

Por que razão a literatura, em vez de irritar-se com o critico particularmente votado a prestar-lhe attenção no jornal em que collabora, antes lhe deve agradecer a distracção frequente do objecto que ella vem a ser?

Porque “nos povos em formação a nacionalidade é mais interessante que os individuos?” Dahi se depreende que entre nós a literatura mais interessante é a que toca os problemas formadores do nosso povo. Mesmo que não seja literatura. Que seja assim como este livro do sr. Calogeras. Creio que não estou falseando o pensamento do folhetinista. Nem é meu intento contestar-lhe a affirmação.

Parece que completa a sua idéa e até a excede isto que vem mais adeante:

E’ méro “esthetismo”, de que nos devemos curar por uma vez, “querer ter literatura, antes de

ter cultura religiosa, antes de ter sociologia, antes de ter saúde”

Se não me engano, o que avança aqui o valeroso e joven critico orça já por uma condemnação aos que hajam concorrido até aqui para que tenhamos uma literatura antes que “A Ordem” e o Centro D. Vital, por exemplo, tenham feito a cultura religiosa deste povo, que o sr. Calogeras e outros estabeleçam a nossa sociologia e que os nossos doutos hygienistas acabem com a febre amarella, a malaria e outras das nossas doenças. Quem sabe se elle não tem razão?

Não quero, tambem, pôr em duvida isso nem que á nossa crescente “literatura transitoria” (emquanto não temos a grande), seja indispensavel “se approxime cada vez mais da alma da nacionalidade e reflecta toda a angustia com que nos vemos ameaçados a cada momento nas proprias raizes do nosso espirito” Póde ser que Gonzaga, Casimiro de Abreu, Varella, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza, Tasso da Silveira, agora, neste seu volume das “Imagens Accesas”, e tantos, tantos outros que nunca pensaram nem hoje mesmo pensam, fazendo versos, nessas cousas, não sejam muito dignos de interesse.

O desnecessario era elle dizer no trecho em questão que “os problemas que transcendem da orbita litteraria interesam mais intimamente o futuro de nossas letras do que os classicos problemas estrictamente litterarios: estylo, grammatica, verosimilhança, imaginação, originalidade, vida, etc., etc.

Isso é fugir ao assumpto. Porque apenas do que se trata ali é de justificar o sr. Tristão o facto de muitas vezes preferir falar de livros estrangeiros ás letras a occupar-se da producção do momento mais cabivel num roda-pé que tem por titulo ge-

ral "Vida Literaria" Ainda assim, com isto e com mais aquella phrase em que elle confessa raramente reler os nossos classicos, o critico dá mais um traço ao seu proprio retrato. De literatura nossa a que lhe interessa de facto é a presente, quasi que só (nisto parecendo-se com os futuristas da Italia), ainda assim quando "toca os problemas formadores do nosso povo"

Cada qual pensa como quer e é o que é.

Mas, pergunto: um moço que tem taes idéas, que assim se revela, representa um typo de homem de letras propriamente dito?

O critico literario, em toda parte, tem por função votar um amor especial ás letras e naturalmente ainda mais ás do seu paiz, embora estas, conforme o nosso patricio, só possam valer lá no grande mundo depois que se vale como povo. Cumpre-lhe demonstrar esse amor porque as estuda, porque as acaricia, certo que com discernimento, mas sem estreiteza, sem exclusivismo systematico algum. Mas acima de tudo: porque as estimula mais que a qualquer outra manifestação do pensamento.

O sr. Tristão de Athayde é um precioso elemento novo para a nossa obra de cultura em geral. Eu já o disse uma vez: ninguem como elle, e não só hoje, mas em qualquer tempo, já occupou com assiduidade as columnas de um jornal no Rio, pondo-nos tão ao corrente do movimento intellectual do mundo, sobretudo do mundo europeu.

E' nelle como que um ponto de honra não ficar de relógio atrasado em relação ao que se produz lá para o outro lado do Atlantico.

Por sua pouca idade e pela propria constituição do seu espirito, de moço facilmente entusiasta e cheio de bôa fé, acontece-lhe muitas vezes dar

excessiva importancia as novidades que lá do velho mundo nos vêm chegando. Isso, aliás, é muito da America do Sul.

Depois, quando tal succede ao sr. Athayde, só concorre para tornal-o ainda mais sympathico, porque lhe vem principalmente da ansia que nelle transpira de bem orientar a gente da sua geração e a si mesmo num momento como este, em que nasce um novo mundo, e no qual, conseguintemente, os moços como elle têm um sentimento de responsabilidade que os leva até a angustia, pelo mal definido, pela incerteza propria de um instante assim.

Tanto mais quando se trata de um espirito como o sr. Tristão vem a ser. Um espirito intelligente, comprehensivo como poucos, mas sem imaginação quasi nenhuma, sem a visão que permite discernir-se mais facilmente em meio das multiplas e contradictorias apparencias.

O que o salvará e já o vae salvando presentemente, ao menos em linha geral, da perplexidade ou da tonteira em que tanta leitura, tanta theoria proposta á sua escolha o deve ter lançado é que elle é um conservador por indole. A convivencia com o impressionante Jackson de Figueiredo, o saudosissimo Jackson, influente mais ou menos em todos es espiritos que com elle tiveram demorado e sério contacto, concorreu em muito para levar este moço aonde suas tendencias naturaes o chamavam. Hoje o catholicismo o protege dos vendavaes deste instante, como talvez nenhum outro convulso.

Mas quem como elle acompanha dia por dia a agitação mundial, desde a guerra, e vê como tudo ainda se acha inseguro, e mesmo como é inevitavel grandes mudanças se consumem antes que a paz volte a reinar nos espiritos, ainda assim não

repousa. Anseia, ao contrario (além de tudo, como diria Nietzsche, movendo, a sua *volonté de puissance*), por contribuir com a parcella que em si esteja para a obra de sua geração. Mórmente, no que respeita ao nosso paiz por cujos destinos numa hora assim é força velarmos com mais diligencia, com acuidade maior.

Não é por méro diletantismo ,pois, que elle vive estudando tantos problemas em varios campos da actividade humana e dando conta aos seus leitores dos estudos que faz.

Note-se, é por isso, entretanto, que a sua sensibilidade literaria propriamente dita, que nunca foi muito notavel, vae-se depressa embotando. Sem elle querer, a literatura vae passando a occupar um segundo plano nas suas intimas preoccupações. Vê-se que não são os puros poetas aquelles que mais o seduzem. Que dos proprios romancistas estrangeiros (aqui quasi que já não os temos), são os preocupados directamente com as questões religiosas, sociaes e politicas da hora que mais o alvoroçam.

Elle vae sendo um literato propriamente dito cada vez menos. Vae sendo um critico da cultura do seu tempo, mais que um apaixonado pelas figuras literarias, ainda as que com elle se vão formando.

A deficiencia de visão que ha no sr. Atháyde sempre tornou mais ou menos inseguros os juizos que por si, só por si elle formule. Além disso as idéas preconcebidas que se foram apoderando de seu espirito levam-no a ver de um modo ás vezes bastante inexacto e pejorativo certas obras, mais, ainda tão cedo, vae perdendo de leveza, de graça no seu estylo, cousas que, valha a verdade, sempre lhe faltaram um tanto.

Mas, se lhe parece que o literato entra na pesquisa "da nossa alma collectiva" como elle entende que deve ser feita, se elle acha que o autor marca uma nova etapa na obra da nossa emancipação intellectual, ahi elle exulta e majora quanto póde o valor do livro que estuda. Mesmo quando um massiço freudismo, que deve ser essencialmente antipathico aos olhos de um catholico, cobre de ganga essa joia, aos seus olhos tão preciosa.

Deste modo, porém, estou fazendo antecipadamente a critica geral da 2.^a serie de "Estudos" que o sr. Tristão de Athayde publicou ha pouco. E' por causa desse livro que estou escrevendo estas linhas.

Talvez assim seja melhor. Que o volume é alentado e numerosos são os seus capitulos. Si se fosse fazer especial referencia a um por um, dous folhetins como este não abrangeriam a materia.

Com os defeitos que possam ter, esses "Estudos" como, os da 1.^a serie, são em geral succulentos, e melhor do que ouvir a critica é o leitor procural-os e por si mesmo fazer um juizo do livro.

Talvez que tenha de gastar um pouco de paciencia para chegar á ultima pagina, que foi o que me aconteceu. Este ainda é mais carregado, ou pelo menos assim parece, do que o primeiro volume.

Até aquelles que tenham acompanhado quasi todos os domingos o autor, lucram em reler esses trabalhos agora, como se deu commigo. Leitura de jornal é feita ás pressas, e muitas dessas paginas lidas por alto não podem ser por ninguem bem assimiladas. Ellas requerem maior attenção. Admira mesmo como o autor as póde lançar no breve espaço que vaæ de uma para outra semana.

Além de serem arduos varios dos themas desenvolvidos nestes "Estudos", não poucos representam novidades para a maior parte dos nossos leitores. Os ensaios, por exemplo, sobre Pirandello, Marcel Proust, e Keyserling dão noticia tão desenvolvida sobre essas tres individualidades de escriptores mundiaes como nenhum outro que até agora se tenha publicado no Brasil a seu respeito.

E' pena que a parte consagrada ao nosso movimento intellectual seja demais resumida, em proporção com a em que se fala de livros e autores estrangeiros.

Resumida e em certos casos bastante parcial, a meu ver.

A verdade, porém, é que tomara a nós contar-mos na nova geração muitos trabalhadores infatigaveis como é este e com o valor que elle tem.

Essa feição um tanto amphibia que lhe é propria, está muito de accordo com a hora. Neste instante as puras letras quasi não encontram estimulo no Brasil. E' inevitavel que muitos dos intellectuaes e entre elles justamente os mais sérios não possam fugir a tantas solicitações diversas das que levam ás obras de pura imaginação, ou, si se trata de espiritos criticos, ao estudo das mesmas.

De certo ponto em deante, no entanto, é preciso reagir. Ao contrario, a atmospheria irá ficando cada vez mais pesada, mas prosaica, e sem um pouco de poesia é quasi como se ficassemos sem ar.

"O Globo", 25-2-29.

LOUVORES AO BRASIL

“A’ margem da historia da Republica”

Publicou-se, a 15 de novembro de 1924, um livro que não teve grande repercussão, como acontece a quasi tudo que seja muito significativo do ponto de vista intellectual, aqui no Brasil. Não é só aqui, a bem dizer; é um pouco por toda a parte do mundo. O que é novo, de facto novo, no terreno das idéas, é como a semente plantada no sólo. Della saberá todo o mundo só quando braceje no ar seus galhos a arvore que ella tenha originado.

Chamava-se o livro: “A’ margem da historia da Republica” A proposito ainda do centenario da nossa emancipação politica, essas paginas trazem um inquerito, sem perguntas e respostas formaes embora, á nova geração nascida com a Republica. Ou antes, um depoimento dessa geração sobre o que pensa do nosso passado e uma affirmação collectiva dos idéaes com que vem.

Então se verifica: na variedade dos pontos de vista adoptados, todos esses novos espiritos aspiram a que acceitemos o Brasil como elle é. Explicitamente se manifestam assim pelo menos os mais significativos dentre elles.

Quer dizer, condemnam formalmente a geração anterior, que fez a Republica, pensando em

acabar de um dia para outro com as tristezas da nossa terra, que tanto os importunavam. Não só os propagandistas depois triumphantes, mas os proprios Nabucos e Ruys, que da Monarchia vieram, concorreram com os seus gestos durante o antigo regimen para que se adoptasse, depois de mandar embora o imperador, a linda Constituição de 24 de fevereiro.

Os jovens pensadores opinam assim porque depois desta o Brasil ficou mais feio e atrazadão do que antes. O melhor, pois, acham elles, é não sonhar-se mais. Ou por outra: é sonhar a contrapêlo. Acceitar a realidade como ella é, dentro della não prendermos a nossa alegria de viver. Pelo contrario: fazemos com que esta resulte de nos encontrarmos cada vez melhor com o verdadeiro Brasil.

Antes de Farias Brito, de Alberto Torres e de Euclides da Cunha, para só falarmos dos mortos, vir uma geração pensando assim fôra simplesmente absurdo. O pessimismo dos monistas, evolucionistas e positivistas em relação ás nossas cousas, e ainda mais o seu entusiasmo livresco pela cultura européa, pelas cousas do "mundo civilizado", inspiravam-nos tal humildade, que a copia, o arremedo nos pareciam o meio unico de nos dignificar.

Farias Brito, esboçando pela primeira vez uma philosophia brasileira á custa de fazer-se o interprete das nossas crenças tradicionaes, é que nos demonstrou a importancia do que sejam taes crenças, aqui como em qualquer outro paiz.

Alberto Torres, fundamentando-se no que realmente somos para offerecer elementos a unia lei basica correspondente ao nosso caso particular, foi quem nos libertou da falsa vergonha que nos le-

vára até então a só fazermos bovarysmos em matéria constitucional.

Os tres, reunidos a outros ainda hoje existentes, é que desenvolveram assim uma corrente de mysticismo patriótico, a cujo contacto a nova geração se inflammou tomando essa direcção pragmatista.

Pragmatismo tambem de fundo mystico, deve-se reconhecer. Aceita o que é, como sendo o melhor, não por materialidade rasa, mas em ultima analyse, por fé. Porque, se ainda não termos orgulho de ser quem somos, os moços convenceram-se afinal de que só nos ha de ser dado achar para isso motivo se partirmos do que já representamos. Viram que a questão apenas está em desenvolvermos as nossas excellentes virtualidades.

Só não percebe quem não quer. A meia idolatria em que anda o nome de Euclides da Cunha, representante por excellencia desse mysticismo patriótico. A voga de Catullo Cearense, que revolucionou a musica e a letra do violão no Brasil. A fantasia dos nossos "futuristas" arremedando na escripta a fala do nosso tabaréu. O sacy-pereré e outros gnomos do nosso folk-lore propostos para nos servirem de symbolo, em vez do bugre dos romanticos. A tendencia, cada vez maior para a obra de ficção regional e para a historia ou a romantisação da historia do Brasil. Tudo isso nos está indicando que a nova geração vem instinctivamente solidaria em tal sentimento.

E' o que me leva a sorrir deante de quem, lastimando a nossa decadencia politica actual, desespera do futuro, temendo que possamos cahir, a tal respeito, num marasmo precursor da dissolução nacional.

Eu me receio um tanto, igualmente, mas por motivo contrario. Póde que este movimento intellectual desencandeie por fim tempestades que até nos ponham em perigo, abalando a estructura do paiz. Só quem não vê como vae o mundo é que pensará seja possível continuarmos indefinidamente como estamos. Quanto mais se precipitar essa decadencia presente, mais proximos estaremos de uma cousa nova. As duas idéas — forças ora em luta lá fóra do nosso continente, o fascismo e o sovietismo (mais analogos entre si, do que parecerá), estão indicando em que sentido se poderão desenhar aqui as possibilidades do futuro, dentro embora da nossa indole americana. Tanto mais quanto a nossa mocidade pensante já vem tão desengana da sobre a democracia formal.

ADELINO MAGALHÃES

“Os Violões”

Nas letras, por alguns annos, a nova geração mais parecia armada, de espirito critico do que creador. E' de um espirito talvez excessivamente grave: estatico mais do que dynamico.

De ha uns tempos para cá tudo se modificou. Hoje se escrevem mais versos ou prosa de ficção do que critica, sendo que no verso o que geralmente mais têm impressionado são as paginas manifestando por qualquer modo amor á nossa terra, louvores ao Brasil.

Murillo de Araujo foi quem abriu caminho com a “Cidade de Ouro”. Um hymno sumptuoso á “urbs” carioca. Mas, como se vê, parcial no seu objecto, e caracteristicamente symbolista, mas conservando um ar muito “distante” para com a multidão. Muito pictural, mais voltado para a natureza do que para o homem. Com algo ainda do nephelibata da “Torre de Marfim”. Accusará quando muito ligeiro contacto com o apaixonado pragmatismo de Euclides ou de Oliveira Vianna em relação á nossa gente.

Depois, com o “futurismo”, tivemos “Toda a America”, de Ronald de Carvalho. Trabalho,

consequentemente, apenas tambem em parte votado ao Brasil, mas este por abranger o Continente todo. Ronald já pretende ser orgulhosamente barbaro, perfeitamente solidario com o homem daqui. Um Withman do Cancer. Mas antes o seu poema, embora entusiastico e moço, de vibração legitima, contagiosa, é para ser traduzido lá fóra e dar idéas de como appreendemos o grande poeta americano, pelo adeantado da nossa cultura, do que cousa que, á força de bem ingenuamente nossa, venha a ser gozada e popular aqui no Brasil. O poeta, ao contrario do que sonha, é civilisado por demais para o caso.

“Raça”, de Guilherme de Almeida, é de outra quentura mais de cá, de um esbrazeado de côres mais nosso, de um rythmo e de um movimento que lembram, de facto, o marinheiro, o negro e o indio fundidos. Mas aquelle ciranda-poema talvez represente uma festa por demais barulhenta e pareça feito um tiquinho por brincadeira. Dir-se-ia, é de um conformismo meio por troça. São as contingencias, aliás, do “futurista” que se preza como tal.

Mario ou Oswald de Andrâde, como os que os seguem, esses então, nas suas paginas de tal genero, não dissimulam a mais escandalosa galhofa. Ainda representam em nossas letras uma analogia com aquelle pessimismo dionysiaco caracteristico da primeira phase propria aos vanguardistas europeus, em meio da Grande Guerra. No fundo, quero crêr, por mysticismo patriotico tão legitimo como o que mais o seja. Quasi ninguem, no entanto, os toma a sério, e “pour cause”..

Além desses, ha por ahi outros mais ou menos habeis mimetistas, que andam, meio Catullus, meio Murillos, ou cousa assim, batendo na mesma

tecla e, com suas delidas lôas, emocionando os salões, acima de tudo por irresistível acção de presença.

Sempre tudo em verso, com rima ou sem rima, de metro certo ou sem medida nenhuma.

Agora, porém, temos uma novidade no genero: "Os Violões", de Adelino Magalhães. "Brasil Poema" (como o autor informa.) Mas sem verso nenhum.

Além disso, á primeira vista, parece que feito de proposito para não se entender. Se me permitissem: uma nebulosa escripta.

Sobretudo no que respeita á sua estructura. Com algum esforço, deletreia-se este ou aquelle trecho, até mesmo um ou outro çanto (se o é). Monologos, quadros, dialogos, cousas em fórmula aphoristica, manchas. Tem de tudo. Mas que é do fio vermelho, prendendo estas cousas todas entre si?

Demore-se o olhar, todavia. Mórmente quem já se affez á forma atormentada, abstrusa do autor, não custa muito, descobre mais ou menos o fio vermelho. Entrevê a unidade do livro.

Vae tambem vendo comtudo, a reproducção das incongruências ou na complexidade peculiares a esse nosso escriptor, cuja característica é das mais difficeis de fazer-se.

Mas, a proposito destas paginas, ainda mais absurdo será tental-o.

Virá isso de que o plano deste livrinho (uma simples "plaquette") foi concebido em grande exaltação intima.

Adelino, querendo falar-nos do Brasil, o que pretendeu, parece, pelo menos no seu subconsciente, foi dar-nos, sobretudo, o sentimento do que elle ainda tem de cousa em germinal, mas que por isso

mesmo requer tratemol-a religiosamente, por assim dizer. E' pena que não haja (elle pensará) remedio senão recorrer-se á palavra. Fôra para desejar-se que se encontrassem outros meios, mais vagos, talvez, mas no caso mais expressivos, como o é de certos sentimentos a voz dos violões.

Nem por isso o escriptor ha de separar-se da natureza que lhe é propria. Naturalmente elle aqui será como sempre foi. Apenas talvez parecendo inferior a si proprio. Dando a impressão do inacabado, do inexpresso, quasi, quasi do méro intencional, em comparação com o que alhures conseguiu.

E' o que aqui se vê. Salvo o fescenino dos outros volumes que fôra absurdo entrar agora onde se quer atmosphaera mystica, a mesma mescla de seriedade e de bufoneria, característica de quem fez "Visões, scenas e perfis" Preoccupações de apostolo e curiosidades demoniacas. Ou annotações aparentemente futeis fazendo parelha com outras de uma sagacidade inverosimil. Tudo, porém, aqui, dissimulado quanto possivel. Quasi que simples indicações para quem possa completar.

Attente-se comtudo. Que visão penetrante das nossas cousas, em particular das que ainda não se podem quasi definir! Parece estar-se vendo o Brasil formar-se imprevisto entre os outros povos, como se veria ir crystallizando-se aos poucos uma materia inorganica em ebulição.

E que carinho, que doçura secreta reçuma desse livro pelo objecto de que elle representa o louvor! De que aconhego e intimidade filiaes, demoradamente sentidos, estes cantos em prosa resultam!

"Os Violões" não nos abalam, não nos deslumbram. Dão-nos uma emoção como que diffusa.

Mas tem-se desejo de voltar a elles uma vez, duas vezes é mais. Sempre que se volta, o livro apresenta novo aspecto.

Em todo caso, paginas para muito poucos e provavelmente para não terem éco pelo menos tão cedo. Depois, cousa de que sempre ha de ser difficil falar-se.

Uma impressão nitida, seja como fôr, a "plaque" nos dá: de que não póde haver elogio ao Brasil, na verdade, mais brasileiro.

"Casos e Impressões". 2.^a edição

"Casos e Impressões", de Adelino Magalhães, appareceu agora em segunda edição.

Foi o seu livro de estréa, recebido quasi por toda parte com uma chuva de pedras, quando appareceu.

Explica-sé o caso por um dos aspectos que tem quasi toda a obra desse nosso autor, offerecendo muitos trechos excepcionalmente licenciosos.

Obras com tal character, pelo assumpto, não faltam na nossa como na literatura estrangeira. Circulam, porém, de mão em mão só aquellas a que o recurso das amphibologias e dos circumloquios empresta véos mais ou menos translucidos, mas que ao menos são véos. No primeiro, como em outros posteriores de Adelino, nem sempre tal attenuante se encontra.

Houve, porém, desde esse inicial volume de contos, quem visse em taes paginas, sem applaudir a facil audacia daquelle processo, uma feição que as distingua dos livros feitos para valerem pelo escandalo.

No seu conjuncto, "Casos e Impresões" era um livro cheio de assumptos procurados com curiosidade febril e esquisita, mas de uma preocupação que só póde ter o psychologo e observador de costumes intimamente sério. Por isso mesmo este, á força de querer contar ao vivo, ultrapassava os limites de toda convenção, ainda a que a decência impõe.

E' muito natural impugnarem-se livros assim, de modo a ficarem circumscriptos na sua circulação como convém. Mas não lhes assignalar os valores que tenham porque nem todos devam manuseal-os é confundir coisas diferentes partindo de um ponto de contacto, que as torna, eguaes aos olhos vulgares.

Depois dessa primeira collectanea outras nos deu o autor no mesmo genero. Pode-se dizer agora que esta obra de ficção é a mais consideravel pelo numero entre quantas já tenham publicado os representantes de geração nova. Apenas o ultimo livro de Adelino Magalhães, "Violões", não traz propriamente, enredo, parecendo antes um poema em esboço, uma apologia ao Brasil, vinda mais do subconsciente do que da zona clara do espirito. Com o supra-realismo, elle está na hora que lhe cabe.

Adelino justificou os que com sua estréa sentiram espontar um espirito de originalidade e complexidade imprevistas. Hoje elle é considerado pelos entendedores como um precursor no Brasil, sob varios aspectos, dessa nova literatura ainda tão discutida, mas que já irrecusavelmente está marcando uma nova hora, vinda com os vanguardistas do mundo inteiro.

Quando se possa ver melhor o que ainda agora perturba quasi todas as vistas, reconhecer-se-á:

no seu genero, o do conto, que elle quasi exclusivamente cultivou até aqui, o autor de "Casos e Impressões", "Visões, Scenas e Perfis", "Tumulto da Vida", "Inquietude" e "A Hora Veloz", é um mestre dos que assim merecem ser chamados aqui como em outro paiz qualquer.

A segunda edição do seu primeiro livro, pois, não deve passar despercebida á critica que tem por dever ligar entre si, desde o incio, os phenomenos literarios na verdade significativos.

O BRASIL QUE FOI, QUE E' E QUE VAE SER

Vanguardismo e romantismo

O movimento vanguardista lembra o nosso movimento romantico. Vem ambicioso, como foi aquelle, de se pôr accorde com as realidades nossas, goste quem goste, dê no que der. Dessas realidades, a que mais preoccupa certos novos, no momento, é a lingua.

Um delles, o Sr. Tristão de Athayde, adherindo formalmente outro dia a outros empenhados até os olhos nessa questão, lembrou que o que se está fazendo, sobretudo em São Paulo, é a melhor homenagem a José de Alencar, de cuja morte se completará o cincoentenario em dezembro. Esse preito, a seu ver, constará da realização de uma esperança. Da esperança que encheu toda a vida do grande escriptor. Este, no que mais pensou foi na criação da lingua brasileira.

A tendencia para a realização de uma reforma nacionalista nas letras, dentro do periodo em que estamos, não vem propriamente deste instante.

Já em 1921, a proposito de um romance que Brenno Arruda então publicava, escrevia eu:

“O que nos cumpre é apenas desestrangeirarnos o quanto pudermos, approximar-nos da nossa gente como os romanticos se approximaram, até o

ponto de lhes apanharmos a toada, no que seja possível, não, porém, para realizar nossos typos, nossas cousas com psychologia fantasiosa, mas, antes, que tenha tanto de sympathica, quanto de sincera, de veraz, se possível de educativa.”

E adeante accrescentava:

“Sim, por esse caminho integraremos a nossa literatura, estimando e fazendo estimar convenientemente o ainda pequeno pugilo dos autores nacionaes, que não só desde os românticos, mas até desde Anchieta, vêm delineando, organizando, crystallizando pouco a pouco, a nossa, por emquanto, tenra e incerta psyche.

..

“Atravessamos uma hora em que as nacionalidades ou já estão passando ou irão passar daqui a pouco por crise tremenda, hora em que ellas vão ser experimentadas de maneira tal, que só as mais vivedouras é que ficarão de pé.

“Ver-se-ão condemnados a um maior ou menor sacrificio novamente os pequenos paizes cuja feição propria não seja tão inconfundivel que, caso sujeitos a outros, só possam concorrer para quebrar-lhes a unidade, no que respeita ao caracter, á intima psyche, e, portanto, para enfraquecer quem os violente. As pequenas patrias são as mais arriscadas, ou então os paizes grandes, mas cujos membros, até os mais extremos entre si, se não solicitem necessariamente, como o iman attrae o aço, sollicitação que só se dará se taes membros se parecerem uns com os outros como nenhum delles com qualquer parcella estranha á communidade que actualmente os entrelaça.

“A geração actual tem, pois, sobre os hombros uma responsabilidade formidavel, sobretudo nas terras cuja organisação ainda se processa.

“Vem dahi o movimento nacionalista que por toda a parte se está produzindo, e, por instinto, reflectindo em quasi todas as manifestações artisticas.

“Antes mesmo da grande guerra já se vinha iniciando elle no Brasil.

“Escriptores interessados pelas nossas cousas e os nossos problemas, nunca deixámos de tel-os, entre os classicos, os romanticos e os naturalistas.

“De Graça Aranha, Euclýdes da Cunha, Alberto Torres, Rocha Pombo e, implicitamente, Farias Brito, para cá, é que, porém, tal interesse passou a ganhar certo ardor que o tornou lyrico ou épico, até mystico, como o observei escrevendo sobre o derradeiro desses nossos autores.

“Esse forte sopro poetico e esse mysticismo (o ultimo entendido á moderna) é que nos fazem ir entoando instinctivamente com os romanticos, os quaes, aproveitando o grande arranco facultado em todo o occidente á hora literaria e artistica em que surgiram, puderam ser corajosamente brasileiros, como ainda não se fôra até então.

“O que, todavia, distingue qualquer dos nossos ultimos escriptores eminentes, quer os autores de ficção, quer os sociologos ou philosophos, o que os distingue mais necessariamente dos nossos romanticos, é a preocupação, consciente ou inconsciente de fazer a psychologia rigorosa, embora não pessimista, de nós mesmos, ou pelo menos a de representarem genuinamente o que já possamos reconhecer como nossa psyche, e dahi tambem a de nos indicarem uma orientação accorde com o nosso modo de ser. E’ essa a differença que vae, por exemplo, entre os “Factos do espirito humano”, de Gonçalves de Magalhães, e “O mundo interior” de Farias Brito, ou entre “Chanaan”, de Graça Aranha, e “O Guarány”, de José de Alen-

car, ou ainda entre “A organização nacional”, de Alberto Torres, “Os Sertões” de Euclides, e quasi toda a literatura politica ou social de 1830 até 1870.

“Os naturalistas, como, por exemplo, Sylvio Romero e Aluizio Azevedo, foram afinal, os iniciadores de tal tendencia, mas com excessivo pessimismo e muito embaraçados pela influencia de certas idéas, preconceitos e processos tomados de boa fé, mas funestamente, aos estrangeiros.

.....

“O que se vae seguir será decisivo, repita-se, e ainda mais para nós do que para aquelles que já têm perfeita consciencia do que são, mas tendo, por isso mesmo, um programma bem definido e bem aceito, quando menos nas suas linhas geraes.

“Instintivamente estamos dando um almiré em todo o paiz, recorrendo até ao sertanismo e ao caipirismo, cobrindo de grandes applausos, ás vezes hyperbolicos, um Affonso Arinos, um Catullo Cearense, falsificando, com a melhor intenção, nos proprios salões, a linguagem matuta, e misturando no theatro o velho “maxixe” obsceno com a “chirmarrita” dansada de tamancos sob grandes chapéos de palha e com caras aparvalhadas, como se dança lá na roça em casa do “seu coroné”.

Os moços deste instante a que eu me referia já não querem saber dos Affonso Arinos nem dos Catullo Cearense. Elles passaram muito além da literatura regionalista e caipirista. Querem ser, tanto quanto possivel, a personificação do proprio Jeca. Até na critica, na obra de erudição, apropriam-se do falar do tabaréo, querem ser um tabaréo que sabe, mas que diz o que sabe na lingua delle. Pretendem dar direito de cidade a um linguajar que da cidade não é.

Esse movimento, acha o Sr. Tristão de Athayde, é que merece o nosso apoio. “Depois da ne-

cessidade consciente de uma alma nova — elle escreve — a propria inconsciencia da nova alma (sic). Nisso está, a seu ver, a grande força do novo movimento, que lhe parece irresistivel.”

Se eu duvido. O communismo ainda não é uma ameaça que passou. Muito ao contrario. A entrevista com o Sr. Cendrars, que ha pouco certa folha publicou, bem revela que até no meio literario francez elle faz consideravel proselytismo. E esta nossa coceira barbaresca reflecte, talvez sem o que saibam seus chefes e entusiastas, latente sympathia pelo mundo ora em ebulição na Russia. Fôra muito facil demonstral-o.

Slavisando-se o Brasil, pôde ser que dentro em pouco os sabichões Andrades de hoje mais os seus admiradores cariocas passem a ser tidos por uns atrasados, uns pífios minimalistas. Estes ainda só por brincadeira jacarandizam o pensamento. Os futuros literatos, de quem virão, talvez, a ser precursores, hão de fazel-o a serio, imbecilizados em dóse massiça como os soviets lá na Russia impõem.

Mas isso tudo é com a gente nova. Elles que discutam o caso como quizerem.

O que me faz escrever estas linhas é a emoção de ver que no meio de todo esse enthusiasmo presente houve um joven que se lembrou de um defunto — de José de Alencar. Lembrou-se e teve para com elle a bondade fina de prevenir-nos sobre o cincoentenario de sua morte no momento da solemne adhesão que prestava áquelles innovadores seus coetaneos.

Este ainda recorda e suggere que merece homenagem um representante do Brasil que foi.

E', innegavelmente, gentilissimo.

Do Brasil que o é no momento, um pertinaz romancista ainda bem moço, Théo Filho, ora nos fala

em seu novo livro, "Praia de Ipanema" Fala em parte, precisemos, como é natural numa obra de ficção.

Estas têm de apresentar alguns typos apenas, que por sua vez hão de movimentar-se em restricta atmosphera.

E o mal dos romancistas é que elles procuram na sociedade, ordinariamente, os que saem da orbita geral, quer por seu relevo, em comparação com os mais, quer pela invulgaridade propria aos circulos onde seus impulsos nada communs os lançam. Boa ou má, essa fauna humana, bons ou máos os seus ambientes, elles serão hodiernos, mas não podem proporcionar uma idéa completa do tempo. Quem fôr julgar de uma terra em dada hora pelo que os romancistas descrevem, cairá numa illusão semelhante á de quem a quizesse conhecer só por chronicas policiaes e os écos da vida mundana. Ainda mais tratando-se de romances naturalistas, como os faz Théo Filho.

Zola tem muito de épico. Suas paginas em conjuncto offerecem uma certa grandeza por isso mesmo. A visão que da vida proporcionam, apesar da philosophia intuitiva e da esthetica proprias ao autor, levantam-nos de algum modo a alma. Dão-nos assim uma idéa alentadora ao menos do que haja de latente, "in fieri", na humanidade de seu tempo, representada pela França.

Mas Zola foi Zola. O naturalismo que depois d'elle se continuou a fazer participou apenas, cada vez mais, do mal dos seus processos. Serviu, crescentemente, para lançar os homens no scepticismo que Anatole France por fim melhor symbolisou.

Lendo-se "Praia do Ipanema", que o nosso persistente autor accrescenta á lista já consideravel dos seus livros, ainda uma cousa nos conforta relativamente. E' ver que no Rio esta ora aggra-

vada mania do luxo, da grandeza, e com ella todos os males, como o recente vicio das drogas entorpecentes, seus logicos companheiros, são mais cousas de superfectação, vindas por snobismo do que proprias a caracterisar uma decadencia irremediavel.

Livro bem feito, mais do que qualquer outro de Théo Filho, este, com tantas qualidades, no entanto ainda não revela que haja no moço escriptor um sentimento vivido de que a paizes tão novos e tão cheios de possibilidades como o nosso assenta mais naturalmente penderem para tendencias estheticas de outra feição.

O Brasil que será: a revista "Festa"

A arte nunca foi, nunca será inoquo passatempo. Ella ou faz bem ou faz mal. Póde prejudicar até com intuitos moralisadores, mas imbecis, porque não está nella moralisar propriamente. O proprio da arte é proporcionar encanto. Este, comtudo, maleficiará, seguramente, sempre que no artista haja o intimo desmoronar proprio dos principios de que resultou o naturalismo. Assim tambem será edificante quando quem escreva tenha nascido para escrever e valha a pena a outros homens conviverem com seu espirito no que elle possa dar de mais fiel a si mesmo, pelas bases em que se apoia.

Não faltam, felizmente, indicações neste ultimo sentido.

Julgam os encantados com o dadaismo e o cubismo, corrente reflectida, afinal, no Brasil, quando já declinava lá fóra, que a arte nas suas manifestações mais recentes é a que empina papagaios e solta balões com alegria infantil, com des-

preoccupação irremediavel, de olhos fechados ao mais da vida.

Sem duvida, a arte vem agora com intimo heroismo interior, olhos sorrindo e labios que a essa luz correspondem, convidando o mundo á confiança e a esquecer o que a este sentimento se oppo-
nha.

E' realmente "passadista" o que, hoje, não tenha muito de agil, não traga synthetismo e expressivismo, lembrando a linguagem dos seres que desconhecem palavras abstractas e não podem decalcar porque é cedo para terem apreendido, sequer, o logar commum.

Nesse sentido, de facto, o vanguardismo é surpreendentemente festivo.

O velho que lhe queira acompanhar o rythmo, mimetisar-lhe o aspecto, ficará simplesmente ridiculo. Ainda está por achar-se a negrita efficaz para o espirito.

Não impede que elle receba com sympathia esses para quem realmente ainda não ha por que se não apresentem sem o vinco inevitavel que a vida já lhe deu.

Tanto mais quando no intimo não ache contradicção entre o seu amargor intimo e este sorriso que não tem matiz. Quando na alegria dos que chegam elle antes vê força espontanea, mas força, do que simplicidade pueril. Quando elles, naturalmente, não viveram o que já encontram em residuo, mas não ignoram de que vida esse residuo procede. Quando, emfim, quem já foi se arreceia do que está por vir, emquanto que a elles não succede outro tanto, mas menos por verem tudo azul do que por acharem impossivel seja de nenhuma significação a fê que trazem, pois que esta sempre foi tida por creadora.

De todo modo, é melhor assim do que insistirem em estereis, lastimaveis "poncifs"

"Festa" é uma revista de pensamento e de arte cujo primeiro numero se publicou ha poucos dias. Ella confirma todos esses caracteristicos da nova tendencia indicados acima.

Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Murillo Araujo, Ribeiro Couto, Cecilia Meirelles, Barretto Filho, Henrique Abilio, Brasilio Itiberê e outros que ainda nella hão de apparecer, são nomes, uns já victoriosos nas letras, outros que basta haverem assignado os seus trabalhos nestas paginas para ver-se que hão de em breve destacar-se tambem.

A publicação em inicio sitúa claramente esse pugillo de vanguardistas, agora assim reunido.

E' para estimar-se tambem rômvido o interregno dentro do qual, pôde-se dizer, o Rio viveu sem uma revista literaria propriamente dita. Quem conhece as condições economicas a que neste particular chegamos, mede o esforço que o facto representa.

Mas não é só do ponto de vista material. E' sobretudo como um acto de coragem mental e moral que o gesto desses moços vem a ser um gesto lindo.

Elle desmente a comica presumpção de que a arte nova é inseparavel da futilidade. Que deliberadamente, na hierarchia das cousas, ella se tenha collocado como um brinco e nada mais do que um brinco.

Embora de modo bem entendido seja correspondente a seu nome, "Festa" vem carregada de pensamento. Traz sobejos indicios de preocupação com o que se possa chamar na verdade cultura. Por ahi, talvez, é que se confirme ainda com ella a impossibilidade, tão conhecida, de perfeição logo de entrada nestas obras collectivas. Não só

um numero, mas dous ou tres poderiam conter diluidamente o que neste primeiro se concentra.

Seja como fôr, isso implica uma attitude radical, e das melhores, das mais propriamente intrepidas. Como reacção em nossa terra contra superficiaes, erroneas versões do que lá por fóra actualmente se faz, tem sua razão de ser.

Sabendo-se quanto por toda parte no Brasil necessita a mocidade orientar-se actualmente sobre o que seja, de facto, pensamento e arte, é para fazerem-se votos que "Festa" represente bem o seu nome. Votos por que dure, por que vença e seja um motivo de alegria para os que estão vindo e para quantos se preocupam a sério com a obra de alta cultura em nosso meio.

PROSA

Tem razão Andrade Muricy na pagina inicial do ultimo numero de "Festa" Sempre houve desintelligencia, mais ou menos accentuada, entre o grande publico e a classe intellectual. Os mais lidos, em todos os tempos, não são os mais altamente estimaveis e muito menos hão de ser os innovadores. Não é só aqui: é em toda a parte do mundo.

Quem o quizer verificar mesmo em Paris, não tem mais que ir aos salões de exposição e á Academia Franceza. Veja, nos primeiros, quaes são os quadros ou blocos de esculptura que chamam a multidão, e ouça, parado em frente aos trabalhos dos grandes creadores do momento, o que pensam a respeito, sobretudo as mulheres. E' de cair-nos a alma aos pés. Indo-se a uma sessão da Academia e apanhando-se algo do que conversam os assistentes, é a mesma cousa.

Era assim no tempo em que lá vivi. Hoje ainda ha de ser peor. Porque hoje como nunca — Muricy tem toda a razão — o dissidió entre quem lê, geralmente, e quem escreve cousas novas é muito maior. Em França como no Brasil.

Os autores de lá, tidos como os mais consideraveis da vanguarda alcançam, é certo, grande successo de livraria. Os prosadores, entenda-se. Chegam ás vezes á centesima edição. Mas eu já o disse uma vez aqui: a causa está que a clientela “snob” dos Estados Unidos, da Argentina, da Hespanha e outros paizes cresceu enormemente. Esses é que esgotam, em grande parte, tantas edições.

Os daqui até, de regra, têm de imprimir por conta propria num tempo em que a edição custa o olho da cara. Quem não tiver capital ou ao menos bom emprego, para ir accumulando um, dous ou tres contos de réis, não põe livro na rua, agora, entre nós. A não ser que se submetta ao menos a aceitar do editor um titulo escandaloso, prometendo quasi sempre pornographia. Isto entre a gente da vanguarda propriamente dita.

E’ curioso, entretanto.

Os symbolistas, que ainda tinham, tantos delles, editores aqui, surgindo num tempo carregado de materialismo, quando a Allemanha e os Estados Unidos crearam a obsessão industrialista, de que foi a guerra solução forçosa, os symbolistas vieram contrariando radicalmente as tendencias geraes da época. Só para o fim Verhaeren e o resurgido Whitman reflectiram de algum modo a vertigem do tempo, fazendo proselytismo até aqui.

Hoje, mais do que então ainda, o publico, como diz A. Muricy, “vive açoitado, compellido, ensurdecido, allucinado pela trepidação tremenda da “vida moderna”, em que a Mecanica sobrepu-

jou a Moral na direcção e orientação dos *rhythmos* interiores e exteriores da existencia quotidiana... Tonteia, até, por vezes, aturdido, embriagado de movimento, de velocidade, dos saltos e *ellipses* mentaes característicos do pensamento e da expressão de hoje. Sabe disso. Diz que o sabe. Fala na vertigem contemporanea. E felicita-se por tamanho progresso". Quer dizer: a flor sinistra a que os *symbolistas* offereceram contraste desabrochou ainda melhor.

E os artistas de hoje, voltando as costas ao *symbolismo*, nasceram desse vertiginoso *rhythmo* actual, festejam-no em *dithyrambos* novos, de que o "jazz" parece ter inspirado a musica e o espirito.

O publico, entretanto, como continua a observar o moço escriptor, "queixa-se de que não sente os movimentos velozes e *ellipticos* da arte e do pensamento" desses creadores. "Diz que os artistas actuaes vãmente se esgotam na rebusca angustiosa de originalidade a todo custo.

"O publico, continua elle, que acha naturalissimo transportar-se alguém do Rio de Janeiro a Florianopolis em quatro horas, em avião, esse publico se irrita porque o pintor ou o musico, o pensador ou o novellista não seguem os meandros todos, a minuciosa, *analytica* trilha do raciocinio logico.

"Irrita-se porque elles criam *syntheses* deslumbrantes, porque elles, como o avião, só tocam em terra no começo e no fim, porque só indicam o essencial, que na realidade, em arte e pensamento, é tudo."

Mas, por que tal phenomeno? Não é difficil a gente ver.

O publico que de qualquer modo ainda apoiou os *symbolistas* compunha-se do mesmo escol de

onde saíram os que deram mão forte á corrente pacifista. Tanto assim que o ultimo grande escritor francez ante-guerra ainda sufficientemente estimulado pela atmosphera do instante foi Romain Rolland, o Campeador do espirito de paz. Rolland e aquelles outros eram representantes da civilização mediterranea ainda não contaminados pelo espirito industrialista.

A guerra, creando o “profiteur”, cuja mentalidade brutal, primitiva, contagiou quasi toda a gente, acabou com aquella nata e aggravou a grosseria já em marcha, fazendo as massas recuarem, estupidificadas, para uma meia barbaria.

Os vanguardistas actuaes adheriram a esse novo estado de espirito, mas antes por ironia — que os caracteriza a quasi todos — do que por uma cordial conformação. Elles procedem do “pessimismo dionysiac” que empolgou fóra do “front” os dadás, na Suissa neutra, em ambiente internacional, unico onde elles podiam respirar então.

Representam uma sublimização da mentalidade do “profiteur” São de uma alegria que teve raizes no proprio desespero. Julgam-se novos porque vieram depois de um diluvio. Fingem-se comparsas da festa inferior que embriaga o instante, mas no fundo são os mais cerebraes dentre os espiritos que esta civilização já conheceu. Até o symbolismo os faz rir da simpleza que lhe foi propria, comparado o que elle fez com o que elles vieram crear.

Dahi as formas quasi absurdas da arte que esta gente trouxe, arte, afinal de contas, complicadissima.

Reflectem, não ha duvida, o seu tempo, mas de modo hermetico, que quasi só elles entendem.

Abandonaram quasi por completo a rima, não têm mais metro certo, aspiram á poesia pura, mas por isso mesmo difficultaram a realização como nunca. Dizem-se primitivistas. De facto, novos Gongoras, no que o gongorismo teve realmente de requintado, são os mais aristocratas e desdenhosos de quantos artistas o cyclo romantico já tinha dado.

Até na prosa, mormente a de ficção, ser da vanguarda não é hoje para qualquer.

Confessada ou inconfessadamente, os Paul Morand, os Valery, Larbaud, os Giraudoux, que neste particular dominam o momento, de Marcel Proust todos procedem. Ora, este, na sua complexa e estranha significação, exige, por assim dizer, um curso a quem deseje na verdade iniciar-se em suas alentadas paginas, que por certo aspecto têm tanto de monotonas quanto por outro de novas, sempre, em cada um dos seus periodos.

Aos olhos destes atormentados escriptores, tudo o que seja feito fóra de seus canones será, quando muito, uma sub-literatura. E' o que aliás os seus esthetas estabelecem.

Verdade seja que no Brasil certo ramo desses vanguardistas — os mais escandalosos — creou um "futurismo" para uso da infancia literata que é uma vulgarisação barata das novas tendencias. Basta escrever em lingua páo-brasil, dizer graças ou imitar o balucio das creanças para estar na corrente. Isso no começo escandalizou ou pareceu interessante a muita gente. Mas já deu o que tinha de dar. Vae morrendo em ondas epigonas lá para os confins de São Paulo ou de Minas.

Sendo assim, nada mais explicavel do que esse extremo dissidio entre a classe intellectual e o grande publico, a que se refere Andrade Muricy.

O proprio literato, velho ou moço, mas gosador, o proprio mulherio que escreve ou que "diz", para ter cotação nos salões, anda excessivamente absorvido pelas festas: não póde quebrar cabeça com essa literatura esoterica dos vanguardistas. Se elles não estão para isso, muito menos a gente mundana com que fazem symbiose.

O que acontece, pois, é justamente o contrario do que os innovadores esperavam. Nunca se produziu tanta banalidade rançosa, jámais se impingiu tanta bagaceira como essa gente apressada vive impingindo, ajudada pelos reclamos dos jornaes e revistas. Até parece que os vanguardistas encheram de intimo desespero os academicos vasilios e as amadoras sem leitura, por modo que, se o que elles faziam era máo, peor se tornou.

Não se ponha toda a culpa sobre os hombros destes, comtudo. Elles aproveitam-se das aguas turvas para fazerem-se valer por um instante. "Defendem-se", como se diz na giria; "tiram o seu fiapo"

Os innovadores devem reconhecer por seu lado que uma obra desapoiada quasi completamente pelo publico indica deficiencia e não póde ter muito futuro. Ou esta procurará humanar-se, pelo menos no indispensavel, ou tem de acabar succumbindo, no vacuo. Quem traz talento é para exercer dominio, não é para andar sobrepujado indefinidamente por falsos valores. Ha momentos, é certo, na historia, em que estes absurdos são inevitaveis. Mas o que se vê fóra daqui, lá na Europa, é que o movimento no sentido de uma aproximação entre o publico e os que são o barometro da sensibilidade do instante, já se está produzindo. E' fazer aqui outro tanto.

JORGE DE LIMA

“Poemas”

E' curioso observar-se o modo por que se vêm apresentando os poetas nossos que de um ao outro extremo do paiz cedem, cada vez mais, á influencia dos vanguardistas.

Uns já estream accordes com a sensibilidade nova; outros, parnasianos ou symbolistas que foram, mudam agora de casca. Bastante moços ainda, não estão para ser pallidos epigonos de escolas já agora apenas historicas, exaustas como se acham com a mudança que a tudo trouxe o após-guerra.

“Poemas”, do sr. Jorge de Lima, impressos em Maceió, onde vive o autor, falam-nos de um desses, comprehendido no segundo caso.

Esteve “em *knock-out* por muito tempo”, segundo o que nos conta José Lins do Rego em vivas, maliciosas notas, no fim do volumé. Assim ficou depois de “pelo bonito dos sonetos e pelo capricho grammatical das phrases” haver posto “de castigo os seus mais lyricos estados dalma” Era, não soffre duvida, um parnasiano.

Agora não. Seus “Poemas” são quasi que uma ironia só, do começo ao fim. Basta isso para

vêr-se logo que novo caminho elle tomou. A ironia é um dos aspectos mais essencialmente característicos dos modernistas que vêm, mais ou menos proxivamente, dos Dadás.

E' um recurso que de prompto distingue a gente após-guerra dos solemnes symbolistas ou dos imperdoaveis homens do Parnaso. Se ella, porém, é muito systematica, cansa-nos logo, converte-se até num embaraço para os autores do verso e da prosa que não trabalhem apenas por brinque-do, que tragam coisas fundas e complexas a dizer. Os Dadás e certo sector dissidente dos futuristas italianos foram logicos utilizando a ironia de modo exclusivo. Elles vinham confessadamente, para fazer da arte um mero recreio, sem transcendencia nenhuma.

No Brasil começaram os rapazes da "Klaxon", aqui no Rio, com taes intuitos. Depois os da "Terra Roxa", e um ou outro acaso fóra de taes agrupações tentaram levar por deante tal dadaismo. De todos quem teve mais graça em alguns especimens que produziu foi Manoel Bandeira. Mas por que? Porque no intimo de tudo o que elle fez havia mais do que um brinco: havia lyrismo pungente.

"O mundo do Menino Impossivel", e alguns outros poemas deste livro approximaram-se de tal feitio, mas lembrando ainda vagamente certos poetas peninsulares de outrora, Gonçalves Crespo, João Penha, Cesario Verde, ou o nosso Alberto de Oliveira nas "Tres Formigas", por exenplo. Elle vem com outro rythmo, mais agil, é certo, e com outra variedade de humor. Por isso mesmo, no entanto, que não rompe de todo, embora queira romper, com o que já é tradicional, tem mais graça, pelo menos para nós, os velhos, do que, digamos

Oswald de Andrade na sua "Poesia Páo Brasil", de uma tentativa radicalmente innovadora, que resulta, para meu gosto, prosaica.

"Olhado" e "Changô", são dois poemas muito curiosos, não tanto pelo effeito esthetico em si, mas porque o produzem de modo sufficiente a figurarem como poesias e ao mesmo tempo nas paginas do folk-lore. São coisas de execução difficil dentro da nova esthetica, mas que, sem romperem com ella, representam effectivas realizações.

Uma das joias do livro é outro poema, "Pae João", escripto com brevidade muito moderna, com ironia bastante para não sahir da feição "futurista", mas com uma sensibilidade no intimo até muito romantica, e de poeta legitimo.

Ao menos esta transcreverei:

"PAE JOÃO"

"Pae João seccou como um páo sem raiz —

Pae João vae morrer.

Pae João remou nas canôas —

Cavou a terra.

Fez brotar do chão a esmeralda

Das folhas — café, canna, algodão.

Pae João cavou mais esmeraldas

Que Paes Leme.

"A filha de Pae João finha um peito de

Tourina para os filhos de yoyô mamar:

Quando o peito seccou a filha de Pae

João tambem seccou agarrada num

Ferro de engommar

A pelle de Pae João ficou na ponta

Dos chicotes.

A força de Pae João ficou no cabo
Da enxada e da foice.
A mulher de Pae João o branco
A roubou para fazer mucama.
O sangue de Pae João se sumiu no
Sangue bom como um torrão de assucar
Bruto numa panella de leite —
Pae João foi cavallo p'ra os filhos de
Yoyô montar.
Paê João sabia historias tão bonitas que
Davam contade de chorar.

Pae João vae morrer.

Ha uma noite lá fóra como a pelle de Pae João.

Nem uma estrella no céu.

Parece até mandinga de Pae João.”

“Poemas dos Bons Fradinhos de Minha Terra” não têm quasi tom ironico algum, são mais francamente romanticos, embora de exterior modernizados pelo polymorphismo dos versos e talvez por uma nota catholica que se ajusta á nova arte, sob tal feição, ora em incial desenvolvimento no Brasil. Entretanto, é um dos numeros de mais bello effeito na collectanea.

O que talvez, porém, ainda mais surpreenda o poeta é que “Bahia de Todos os Santos”, “Caminhos de Minha Terra”, “Oração”, “Meninice”, “G.” W. B. R.”, “Mundahú”, “A Voz da Egrejinha”, “O Pannel de Nuno Gonçalves” e outros, sempre em nova roupagem, de quem me fazem, comtudo, lembrar é, particularmente, ora do Guerra Junqueiro da “Musa em Férias”, ora do mesmo em “Os Simples”

Assim, aos olhos de um intransigente ultraista, os “Poemas” do sr. Jorge de Lima estão muito lon-

ge de ser orthodoxos. Accusam, pelo contrario, frequentes movimentos de recuo na sua feição interior, ingenuidades imperdoaveis de um muito incompleto converso.

Este livro, no entanto, ha de ser lido necessariamente pelo geral com muito mais agrado, sem duvida, que os de quantos outros poetas vanguardistas até aqui se conheciam no Brasil. Sobre-tudo lá para o Norte, pelo muito que tem de regional. Ainda assim, prejudicial-o-á bastante o tom ironico, que parece dar á obra em seu conjuncto antes o ar de uma serie de folhetins humoristicos do que o da poesia, como se entendeu que esta deve ser, até aqui.

Em todo caso, a eloquencia junqueirista que nestas paginas se contém —a causa maior da seducção que ha no grande poeta luzitano — tire-lhe para os entendidos a deliciosa capacidade de suggestão que tem “Catimbó”, livro recente de Ascenso Ferreira, outro poeta nortista cuja obra é toda estylisada ao modo, por exemplo, de um Cendrars, que mais nos leva a evocar do que nitidamente expressa os objectos em vista. Isso, no entanto, approxima os “Poemas” da singela, tradicional poesia do norte, emquanto o radicalismo de Ascenso torna-o muito hermetico, sobretudo aos olhos de quem não conheça muito as cousas de sua terra, a que elle se refere por maneira tão vaga.

Todo o movimento actual está no seu inicio. Mas é para notar-se como, de qualquer modo, a intervenção dessa outra parte do paiz que até ha pouco nelle não figurara com representantes nascidos a vividos lá, está arrastando a corrente para uma producção que cheira mais legitimamente a *terroir* do que quanto os sulistas tinham feito até

aqui. Não é uma confirmação dos característicos que os filhos do norte sempre apresentaram?

“Correio da Manhã” 27-4-28.

“*Essa negra Fulô*” “*Banguê*”

A critica já bastante falou de “*Essa Negra Fulô*”, e de “*Banguê*”, dois poemas do sr. Jorge de Lima, encerrados numa *plquette* que não tem mais de oito paginas. Eu, por circumstancias, só agora posso tambem referir-me a essas duas joias do poeta alagoano.

Não acompanhar o côro de applausos com que foram elles recebidos seria occultar o prazer com que por minha vez os li.

Em arte o que é novo só tem valor quando nos dá uma sensação nova.

Esse punhado de versos nos dá isso. Parecerá que elles são quasi nada. Representam effectivamente, entretanto, crystalizações, dentro da esthesia dos da vanguarda, que a gente sabe como difficilmente se realizam. Podem ser escriptos de um jacto, por assim dizer, mas vêm de estratificações que se foram acamando lentamente na vida. Ou porque se ouviu ou porque se viu, e sobretudo porque se andou embebido com toda a alma e todos os sentidos que Deus nos deu e a gente não sabe ainda quantos são, no meio com que mais particularmente nos relacionamos. Falo da terra em que se nasceu, quando acontece, tal qual no caso presente, cada novo dia que passa encontrar-nos mais consubstanciados com ella, porque nos seus horizontes respiramos. O mais é questão de talento, e talento é o que ao sr. Jorge de Lima não falta.

“Essa Negra Fulô”, á semelhança de outras creações que vêm nos “Poemas”, sobre os quaes já eu disse outro dia alguma coisa, imita a ingenuidade saborosa da arte que figura no *folk-lore*, mas aqui com tacto muito mais seguro para suggerir, de preferencia a dizer. Por isso a “Negra Fulô” parece que salta daquellas paginas, no fim do poema, como um lindo producto de Tanagra. E no fundo do quadro, sem que nada se descreva propriamente, apprehendemos todo um episodio dramatico colhido no quotidiano ardente e triste que foi proporcionando por seculos o drama da escravidão. Não se póde com mais bom gosto e sabor mais actual tratar um assumpto assim.

Aqui não ha nenhuma ironia corrosiva, nem lyrismo apoiado pelo contraforte suspeito da eloquencia, quanto mais da rhetorica. Ha poesia pura, dessa que vae pentrando menos quando se lê do que quando com o correr dos dias vae-se recordando o que se leu.

“Essa Negra Fulô” é um novo producto clasico, vindo por espirito de moda, sem duvida, mas que ficará quando a moda passar. Excede as intenções conscientes. Está comprehendido naquella poesia de que nos fala Henri Bremond.

Já “Banguê não é o mesmo phenomeno.

“Banguê”, viria sem Guerra Junqueiro e os poetas da transição para o realismo. Porque já não se lhe sente a influencia de nenhum “velho” como sentimos em muitos numeros de feição analoga á deste poema, em outros livros. Mas por certo que não o teriamos se a influencia de Mario de Andrade não se houvesse propagado tanto e não fosse levada ao Norte, sobretudo por intermedio de Manoel Bandeira, já com a encantadora resonancia particular que este lhe dá — poeta de raça como se tem affirmado.

“Banguê”, ainda é muito caracteristicamente ironico, ainda vem por modo inconfundivel dos Dadás, que contagiaram M. de Andrade. Querem ver um pequenino trecho apenas?

“Onde é que cantam meus caboclos lamban-
ceiros?

Onde é que dormem de papo para o ar os be-
dores de resto de alambique?

E os senhores de espora?

E as sinhás-donas de cócó?”

Ha, porém, uma differença substancial entre este poema do sr. Jorge de Lima e os de Mario de Andrade, até mesmo os de M. Bandeira. Estes dois autores nada têm de saudosistas. Sob tal aspecto, pelo contrario, mórmente Andrade, são futuristas integraes. De um pragmatismo aparente, isto é, de uma philosophia conformista, mas antes por blague do que por convicção. Para o que ha de vir é que sobretudo o *leader* paulista tem os olhos voltados, cheio de um nacionalismo ardentemente optimista.

O autor de “Banguê, não é assim. Já nos “Poemas” sentimol-o bem do Norte, bem estatico, comparado pelo menos com os dynamicos sulistas. E “Banguê”, é uma nova crystalização em tal sentido. E’ a alma do Norte saboreando o seu primitivismo amando todos e tudo em torno que represente o seu meio, sinceramente communaria, mas vivendo mais do passado do que do presente, mais cheia de saudade do que por emquanto de esperança.

Por taes qualidades, entretanto, estes dois poemas já estão repercutindo mais do que, por exemplo, “Raça”, de Guilherme de Almeida, embora toda a rica instrumentação que a este legaram

os symbolistas e as novas tintas que a gente do "Verde e Amarello" lhe facilitou encontrar, ou "Toda a America", de Ronald de Carvalho, não obstante o que tem esse trabalho de vistoso e de impositivo.

O sr. Jorge de Lima presta assim um serviço real ao vanguardismo brasileiro: aproxima, incontestavelmente, a sua esthesia, do gosto mais geral. E' milagre que só o Norte com o seu senso profundamente nacional podia fazer.

"Novos Poemas"

Este poeta veiu outro dia ao Rio e andou por aqui numa festa só. Todo o mundo das letras quiz conhecê-lo, se ainda não o conhecia, e os lá do norte já de ha muito seus camaradas quasi lhe quebram as costellas com os abraços que lhe deram.

Isto sem distincção de escolas. Sua vinda serviu, pelo contrario, para que ao menos conhecessemos um vanguardista capaz de mostrar quanto podem os proprios parnasianos da Academia e até os seus caudatarios sympathisar, de facto, com este ou aquelle "futurista", por elle e pelo que elle escreve.

Não é para causar grande estranheza, aliás, essa prova de cordialidade por parte dos representantes da velha esthetica para com o sympathico e notavel poeta nortista de que venho falando.

Vê-se de ha uns tempos para cá que já se vae esquecendo aquella hora do escandalo produzido por Graça Aranha quando, academico estimadissimo como era, elle, subitamente transfigurado, apresentou-se no Petit Trianon á frente dos "futuristas" de São Paulo e do Rio, concitando aos bra-

dos a companhia dos quarenta a segui-lo ou a dissolver-se por inutil ou anachronica.

Do protesto que fez Coelho Netto, "o ultimo grego", como a si proprio então se chamou, já se vae perdendo o proprio éco, tanto mais que depois disso o grego virou espirita. Quer dizer, parece: com elle acabaram todos os gregos.

Quem acompanha a critica que alguns dos academicos vêm mantendo ahi pelos jornaes, tem visto: elles falam bem ou falam mal das obras dos novos, segundo suas preferencias ou seu gosto pessoal. Em nada, porém, sentimos haja influencia daquelle fundo e irreductivel dissidio que o autor de "Chanaan", quiz estabelecer entre velhos e novos, entre o Brasil que foi e o Brasil que começava então apenas a esportar. Ao proprio Graça Aranha têm acenado lá da avenida das Nações, mais de uma vez, com o ramo de oliveira. Elle ainda não voltou a receber a importancia do "jeton" a que tem direito porque não quer.

De outro lado, ainda ha pouco, Murillo Araujo, caracteristico vanguardista, collaborador d'"A Festa", teve um premio na Academia, onde compareceu e fez o discursinho de praxe, agradecendo o premio, e Mario de Andrade, "leader" do "futurismo", alcançou, ao menos, uma menção honrosa.

Isto significa, por consequente, que um e outro, Murillo, pertencente aos "totalistas", como elles proprios se chamam, e Mario, solidario naquelle momento com o academico revoltado, por sua vez dão signal de que ha desses moços quem já se esteja accomodando com o reducto dos velhos parnasianos e naturalistas. A Academia não têm sido outra cousa até aqui.

Amanhã Murillo e Mario podem estar academicos.

Este, pelo menos, o será de modo muito natural, sem quebra de coherencia por parte dos “velhos”, porque elle nos seus primordios parnasianos foi e no fundo, visto a certa luz, parnasiano continua, embora ás avessas, como outro dia o demonstrou Tasso da Silveira falando dos “futuristas”

De facto, entre a chave de ouro de um Bilac e as “pastilhas minorativas”, que M. Bandeira poz numa composição lyrica, ha certa correlação. Uma e outra cousa demonstram que parnasianos e “futuristas” encaram a arte como um brinco. Os parnasianos querem o soneto tal qual uma joia de ourives; os “futuristas” acham que a “produção poemática” deve ser uma “blague” de creanças grandes, desabusadas.

Se o parnasiano é um Luiz Delfino, sua esthesia, certo, ganha tal transcendencia que chega a confinar com o pantheismo. Se remontamos á fonte do futurismo brasileiro, isto é, aos Dadás europeus, chega-se a irmanal-os com os anarchistas, com os communistas, cujo odio á sociedade burgueza os levou á tendencia para a destruição por meio da ironia, do sarcasmo.

Mas, de um modo geral, estas cousas entre nós não vão ao extremo. O parnasianismo aqui acabou por confundir-se apenas com o epicurismo, sobretudo na sua ética. E’ por isso que Machado de Assis dizia entre os seus intimos reccrear acabasse a Academia em sociedade de dansa. Com o futurismo ha de acontecer mais ou menos outro tanto.

Salvo em momentos muito excepçoes, quando surge, por exemplo, um Castro Alves, um Cruz e Souza e levanta a atmospheria literaria por uma hora, dando-nos a impressão da grande arte, entre

nós a literatura é apenas um passatempo agradável e aquelles que melhor a representam em tal sentido é que na verdade cahem no gotto de todos, inclusive dos chronistas dos jornaes.

Parece, pois: é aos "futuristas" que vae caber entre nós a herança dos parnasianos, quer do ponto de vista material, no referente ao "jeton" academico, quer da propria popularidade, que é cousa mais nobre.

Queremos nas letras, acima de tudo gente "camarada", sobre a qual se conte muita troça, como as que figuram, por exemplo, em "A conquista", de Coelho Netto.

★

★ ★

Eu tive grande pena de me haver o destino trahido por modo que não pude encontrar-me com Jorge de Lima, agora quando elle veio ao Rio.

Sou dos que lhe applaudiram vivamente os "Poemas", como depois, numa "plaquette" á parte; "Essa Negra Fulô" e "Banguê"

Aproveito, assim, a oportunidade para mandar-lhe o meu abraço, não podendo pessoalmente lh'o dar, pois, os nossos encontros duas vezes fallharam.

Dos filhos do norte que por lá vivem e trabalham, elle e Ascenso Ferreira, no verso, reunidos ao autor d'"A Bagaceira" e agora ao d'"Os Inquietos", na ficção (livro este ultimo sobre que falei outro dia) já estão permittindo a essa vasta região brasileira participar com verdadeiro brilho e peculiaridade do nosso movimento literario após-guerra.

Jorge de Lima, comtudo, é quem, mesmo reunido aos do sul, vae caminhando para a verdadei-

ra voga em toda parte onde haja quem se interesse por letras no Brasil, e isso sem appellar para processo escandaloso nenhum.

“Essa Negra Fulô”, pelo menos, poderá tornar-se dentro em pouco até quasi popular, porque tal poema é o signo mais feliz, nã sentido de que venho falando, da nossa nova poesia.

O poeta o incluiu agora em outro livro, “Novos Poemas”, que antes de partir, poz em circulação, no Rio.

Fez elle muito bem dando-lhe o primeiro lugar, pela ordem, neste livro.

Porque podemos dizer: “Essa Negra Fulô” é a columna mestra das novas paginas sobre que ainda agora começa a falar a critica.

Quando falei dessas producções procurando caracterisal-as, disse eu que “Fulô” vale por um producto classico, embora seja muito do instante, imitando a ingenuidade saborosa da arte capaz de figurar no folk-lore e vindo sem a ironia corrosiva do “futurismo”. Emquanto que o poeta não produziria “Banguê sem que a influencia de Mario de Andrade fosse levada ao norte por M. Bandeira, embora já com a encantadora resonancia, que este lhe dá. “Futurismo” sem ironia dissolvente é cousa desnaturada: é aguardente sem alcool.

Mas não é por esse aspecto — pareceu-me — que “Banguê” propriamente se caracteriza. Embora já não se lhe sinta a influencia, flagrante em seus “Poemas”, de Guerra Junqueiro e outros velhos peninsulares, pais do saudosismo de lá, o que nelle ganha mais relevo é um saudosismo nosso, muito do norte, que saboreia o seu primitivismo, sendo sinceramente communario e ~~conseguinte~~mente estatico. Causa esta é que se oppõe de modo violento ao dynamismo dos “futuristas” do

sul, os quaes querem passar uma esponja em tudo o que se foi, voltados como vivem para o que ha de vir.

Talvez a razão de “Banguê” não ser incluído nestes “Novos Poemas” esteja em que não quiz o poeta figurasse nelle qualquer numero predominantemente saudosista assim, Jorge de Lima está ficando mais dynamico, pela influencia dos poetas do sul.

“Serra da Barriga”, por exemplo, que neste ultimo livro vem em seguida a “Fulô”, e que recorda o episodio remoto da Republica dos Palmares, parece desmentir essa intenção. Mas se o faz é apenas de modo aparente. Porque, ao contrario de “Banguê”, é sobretudo uma ironia só. Talvez o poeta não o quizesse fazer assim. Na verdade, rir apenas do Zumby e de todo aquelle mundo onde elle foi o sôba (na supposição de que houvesse um unico Zumbi) não é cousa de bom gosto. O caso, porém, é que o poema sahiu desse geito.

Elle e quasi tudo o que neste livro se lê.

Ha composições em taes paginas verdadeiramente curiosas.

Veja-se esta

POEMA DAS MÃOSINHAS

*“E aquellas mãozinhas,
tão leves,
tão brancas
riscavam as paredes,
quebravam os bonecos,
armavam castellos de areia
na praia,
viviã as duas
qual João mais Maria.*

*“A’ boca da noite
o Cata-piolhos
rezava baixinho:
“Pelo signal
da Santa Cruz
livre-nos Deus
Nosso-Senhor”.*

*“E aquellas mãozinhas
dormiam unidinhas
qual João mais Maria.*

*“Dedo-mindinho,
Seu vizinho
o Pae de todos,
Seu-Fura-bólos,
Cata piolhos,
quede o toucinhò?
— O gato comeu”*

*“Nas noites de lua
... cheinhas de estrellas,
Seu-Fura-bólos
contava as estrellas.
O Pae-de-todos
cuidava dos outros:
Nasciam berrugas
no Cata-piôlhos.*

*E aquellas mãozinhas
viviam sujinhas
qual João mais Maria...
“Um dia (que dia!)
o Dedo-mindinho
Feriu-se num espinho...
“E á bôca da noite
o Cata-piôlhos deixou de rezar
e João mais Maria, juntinhos,*

*ligados,
pararam em cruz
cobertos de fitas
que nem dous bonecos
sem mola, quebrados...*

“Quem compra um boneco da loja de Deus?”

Bem se vê ter o poeta procurado aqui uma maneira inédita de apresentar o estafado assumpto da morte de uma creança.

Elle o conseguiu, não ha duvida, mas apenas com muito escasso effeito lyrico nos versos finaes, cousa que não póde salvar como poesia propriamente dita tal poema, a não ser aos olhos dos fanaticos pelo “futurismo”

Outro numero trabalhado tambem com muita singularidade é

MINHA SOMBRA

*“De manhã a minha sombra
com meu papagaio e o meu macaco
começam a me arremedar,
E quando eu saio
a minha sombra vae commigo
fazendo o que eu faço
seguindo os meus passos.*

*“Depois é meio dia.
E a minha sombra fica do tamanho
de quando eu era menino.*

*“Depois é tardinha.
E a minha sombra tão comprida
brinca de pernas de páo.*

*“Minha sombra, eu só queria
ter o humor que você tem,
ter a sua meninice,*

*ser equalzinho a você,
E de noite, quando escrevo,
fazer como você faz,
como eu fazia em creança:
Minha sombra,
você põe a sua mão
por baixo da minha mão,
vae cobrindo o rascunho dos meus poemas
sem saber ler nem escrever.”*

Mas a brincadeira, que já não é bom humor, também aqui annulla quasi por completo o que seja propriamente poesia e que estava, por certo, na intenção do autor.

Quasi todo este livro é assim. O poeta pecca pelo demasiado tom sulista que tem como homem do norte.

Bem sei a difficuldade que ha em produzirem-se versos quaes os d’“Essa Negra Fulô”, dentro dos canones do “futurismo”. A razão principal está em que a ironia restringe-lhes excessivamente as possibilidades.

Os novos poetas do norte, com a capacidade que elles têm por lá, mais do que no sul, de entram numa ingenua communhão com a sua terra, antes melancolica ou pelo menos romantica do que larvada pelo scepticismo (que é de onde vem a ironia), antes devem procurar ser de hoje, mas como seus pagos lhes suggestionam, do que fugir a serem verdadeiramente representativos para não correr o risco de parecerem heterodoxos numa das correntes do vanguardismo actual.

Jorge de Lima patenteou que elle pôde trabalhar assim.

Este seu novo livro é muito interessante, como as publicações anteriores, no que elle representa procura.

A meu ver, no entanto, quem quizer ser sincero — pondo-se de parte algumas paginas — não lhe deve dizer, como no brinquedo familiar, quando o sorteado procura a prenda, que desta vez “está quente” O objecto não fica bem desse lado para que o poeta rumou agora.

Seja-se franco, em todo caso, com a deferencia a que tem direito o autor insigne d’“Essa Negra Fulô”. Tanto mais que tal producção bastaria só por si para valorisar estes seus “Novos Poemas”.

(O Globo, 26-8-1936).

“9 POETAS NUEVOS DEL BRASIL”

Por *Enrique Bustamante y Ballivián*

Não será facil a um estrangeiro que seriamente se interesse pelas letras chegar a fazer uma idéa clara e justa do que venham a ser estas actualmente no Brasil.

Duas cousas oppõem-se a isso: a falta de revistas literarias, em que figurem reunidos, formando agrupamentos consideraveis, aquelles que representem os differentes matizes do nosso pensamento, e a dispersão, cada vez maior, em que vivem os nossos homens de letras. O paiz é muito extenso, e aqui no Rio não ha onde elles se encontrem e convivam esquecidos das divergencias que os separem por suas differentes tendencias.

Taes pontos não existem mais, nem é possível restabelecerem-se por emquanto. A intolerancia entre os literatos, embora surda quasi sempre, até velada por polidez reciproca quando acontece encontrarem-se, é, de facto, crescente. Nas letras, como tambem acontece hoje na politica, a critica vae-se tornando, por pouco se diria, inadmissivel. Tem-se de elogiar abertamente, sem fazer quasi que restricção nenhuma, para não nos considerarem inimigo.

Desse modo, ou vivem reunidos os cenaculos que, mais por interesses de outra ordem, não propriamente o das puras letras, mantêm-se aparentemente coesos, ou pequeninos grupos, igrejinhas de que cada uma hostilisa todas as outras, perdendo crescentemente a permeabilidade propria aos homens de espirito.

Quando mesmo se crie uma ou outra revista, ella têm de reflectir essas condições do meio intellectual. São lidas, confessadamente, apenas pelos poucos sympathicos dos que as publicam e nellas figuram. Não produzem eco e hão de ser ephemeras, por força.

Diante disso, o estrangeiro, si na verdade é um homem de gosto, ou isola-se dessa gente estreitamente apaixonada e dispersiva ou a custo vae tomando contacto, hoje com este, amanhã, com aquelle individuo, ou com seus grupelhos, mas de nenhum alcança elementos para a visão panoramica do instante. Assim é porque cada qual se interessa por esconder-lhe aos olhos o valor dos outros.

Que lhe resta? Orientar-se pelo que informam os jornaes.

Estes, porém, quasi que não têm mais criticos, pelo menos que de facto o sejam. As secções desportivas e as que se consagram ao cinema, ao theatro, á vida mundana, tiram-lhes quasi que todo o espaço para falar de livros. Vão noticiando em poucas palavras as obras que apparecem mas isso com benevolencia systematica, quasi sempre, ou então sem commentario algum.

Ha muito livro, mesmo, que nem taes referencias alcança.

Não é na imprensa, pois, que o estrangeiro poderá fiar-se para adquirir uma idéa segura sobre

o nosso movimento literario. Os autores que conseguem melhores reclamos hão de ser, naturalmente, como são, os que com ella mais se relacionam, quasi sempre os de casa, que fazem jornalismo e livros ao mesmo tempo. Esses, porém, de regra fabricam a farinha grossa das letras. Tomal-os como os productores daquillo que nestas tenha maior significação é ser victima de uma illusão grosseira.

O grande publico, sim: esse deixa-se levar por taes artificios, mesmo porque a classe dos que antigamente acoroçoavam os talentos portadores de nova sensibilidade vae desapparecendo quasi por completo. Não ha entre nós nem mesmo o snobismo, que na Europa, á hora actual, estimula os vanguardistas como em tempo nenhum se vira, esgotando ás vezes até mais de cem edições de muitos escriptores novos.

O que vemos entre nós agora é justamente o contrario. Ha da parte do publico verdadeira preguiça de evoluir no seu gosto literario. Ha mesmo declarada aversão ao que seja novidade. Toma-se por absurdo ou incompreensivel quasi tudo o que exija qualquer esforço de adaptação. Só os muito habeis em diluir sem que fique nenhuma substancia do que outros na realidade crearam conseguem ser assimilados, ser admirados, gozar da sympathia de todos. Emquanto isso, livros de versos excellentes e livros de finissima prosa não têm repercussão; é quasi como se não houvessem apparecido.

Tanto mais que a maior parte dos criticos ou que passam como taes não falam sobre elle ou se falam é esbatendo o seu valor ou dizendo apenas tolices a proposito, com o que elles mais perdem do que ganham. A perfidia das egrejinhas, a in-

tolerancia crescente entre os autores concorrem muito para isso. Ainda mais, porém, o facto de que os criticos, entre os mais escutados, ficaram quasi todos muito para traz. De certo ponto em deante, parecem-se com o publico, como esse publico se parece com elles. Marcel Proust — cite-mos apenas um exemplo — para quasi todos esses tardigrados ainda é na realidade um enigma. Se o leram, numa pagina ou outra, quando muito num ou outro volume, não o puderam bem apprender. Mesmo porque Proust não deve ser lido assim.

Nestas condições, o estrangeiro que figurei fica aturdido por muito tempo, se não tirar precipitadamente conclusões muito desfavoraveis ao que somos neste instante, com referencia ás letras.

Um andou aqui, entretanto, com quem não aconteceu assim. Foi Enrique Bustamante y Ballivian.

Representante de um paiz amigo e limitrophe com o nosso, a Republica do Perú, é, com isso, um literato de raça, tanto quanto, por fidalguia natural, pelo espirito perspicaz que lhe é proprio e seus extensos conhecimentos applicaveis á diplomacia, honra a carreira que abraçou.

Poeta que de critico tem a visão indispensavel para ser na realidade moderno (porque hoje ha de haver em todo poeta um culto, um refinado para poder situar-se em seu instante), elle sobretudo em "Antipoemas" — de que já falei em tempo — revela-se um vanguardista curiosissimo porque representa a sensibilidade do momento, na poesia, como poucos.

Assim, e justamente porque nas letras não visa provento pratico algum, Ballivian pôde collocar-se

entre nós com o correr dos dias, em situação que lhe permittiu vencer por fim as difficuldades de que falei.

Foi elle duas vezes nosso hospede.

Logo da primeira a vida intellectual do Brasil interessou-lhe vivamente, embora de si para si lhe parecesse não ter ainda podido então ficar completamente identificado com ella como se fosse um dos nossos.

Nesses primeiros contactos, além de tudo, tinha contra si não estar ainda inteiramente senhor de nosso idioma. Depois, dadas as exigencias da carreira, era-lhe indispensavel conhecer, então, mais á sociedade do que este mundo das letras, em toda parte tão differente daquelle constituido pelos frequentadores de salões.

Nem o brasileiro que tem na verdade alma e espirito bem seus póde ser conhecido facilmente — por mais que pareça o contrario — nem ao diplomata é possivel sair do seu papel, da rigorosa discreção que se lhe exige, enquanto, com o correr dos dias, não vamos esquecendo quem elle oficialmente é, de modo que por sua vez lhe seja dado viver com toda a sua alma onde se ache. Só ahi, porém, é que póde entrar em communhão perfeita com os que vivem estranhos ás convenções, por isso mesmo os unicos capazes de revelar sua propria terra no que ella tem de mais peculiar e ao mesmo tempo de mais altamente interessante.

Mesmo assim, dessa primeira estadia resultou poder Bustamante levar para seu paiz a bonita noticia da nossa que “Poetas Brasileiros” (traducções) representa.

Estavamos então num instante em que a gente nova procurava o seu caminho, em que os de obra já feita eram os unicos consagrados, porque bem

definidos. Não se podiam, pois, distinguir por então, os que viriam a marcar mais caracteristicamente e com superioridade incontestavel a hora proxima, nem aquelles que teriam de crystalisarse promptamente por falta de maleabilidade para ser o thermometro dos dias futuros.

Além disso, porque sua convivencia com os homens de letras fôra deficiente, faltavam-lhe elementos e a segurança que tal convívio completa.

“Poetas Braslleiros” não pôde ainda ser um panorama capaz de apanhar a feição nossa por modo que nada ahi faltasse de essencial nem se tivesse de objectar sobre esta ou aquella escolha.

Agora porém, outro livro, tambem de traducções, que Bustamante y Ballivian nos manda, quando já vae por algum tempo se ausentou do Brasil, é de uma felicidade rara sob taes pontos de vista.

Elle traduziu nove dos nossos poetas, offerecendo varios numeros de cada um. São esses, na mesma ordem por nosso amigo estabelecida: Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Manoel Bandeira, Ronald de Carvalho, Gilka Machado, Cecilia Meirelles, Ribeiro Couto, Murillo Araujo e Tasso da Silveira.

Certo, alguns outros, que já vieram a revelar-se bem significativamente depois que o nosso illustre hospede se foi daqui, estenderiam esta lista, tornando-a consequentemente mais completa ainda.

E' innegavel, entretanto, o raro criterio e a superior isenção de espirito com que o traductor organisou a collectanea, digna de ser em portuguez reproduzida, apenas com os accrescimos poucos de que é susceptivel já neste instante.

Não temos ainda um quadro assim, nós outros, tão descuidosos a esse respeito que nem mesmo os

symbolistas, já de hontem, mereceram, por emquanto, homenagem semelhante da nossa parte.

Estamos num momento em que só se fala de brasilidade, em que só se prega o amor do que é nosso, para estímulo dos que vêm vindo ahi: O facto, porém, é que cada um cuida apenas de si, egoisticamente, como nunca, se o genero por elles cultivado não os obriga a falar de outros tempos e de outros homens.

Com referencia aos de hoje, acontece que o publico se apercebe apenas dos novos mais escandalosos, mas isso para rir e sacudir a cabeça. Dahi resulta a illusão de que estes ainda nada ou quasi nada têm feito capaz de marcar de um modo superior, sob qualquer aspecto, o instante actual.

Quem leia, no entanto "9 Poetas Nuevos del Brasil", só por ahi recebe uma impressão bem diferente dessa resultante de um daltonismo lastimavel, desde que tenha capacidade para ver.

"Como la pintura moderna no és copiable, diz Ballivian, la poesia actual está completamente alejada de una possible traduccion que se ajuste a todos los elementos que la caracterizam en su forma original. Aun en su proprio idioma, para sentirla y para comprenderla ampliamente, necessita un conocimiento de costumbres y de toda la gama de valores regionales que en ella entran."

E' assim, não ha duvida, e ahi está o ponto fraco da poesia actual, desde que pensemos no futuro. Os vanguardistas de hoje nada se preocupam com este. Têm que a arte é tão transitoria como o que mais o seja. Que na admiração pelos antigos entra sempre muito de convencional, pois apenas os contemporaneos é que poderiam sentil-os no valor integral que lhes tenha sido proprio. Cousem que ha um fundo de verdade, como em todo

erro, mas que de certo ponto em deante é um paradoxo apenas. Mas, pensando por esse modo, elles trabalham hoje servindo-se de elementos na realidade tão passageiros, que já não os entenderão os leitores de amanhã. Pelo menos aos mais in-temperantes em tal sentido, pois que mesmo hoje alguns delles ha insusceptiveis de traducção, isso por completo.

Não obstante, o generoso esforço do nosso grande amigo em revelar aos seus o que somos hoje, na poesia, é tão bem succedido que vale por um lindo esepctaculo intellectual, que nossos patricios lhe proporcionaram offerecer á America hespanhola e até a nós mesmos.

Pode-se ver por estas paginas em conjunto que outra geração ainda não houve no Brasil capaz de attestar, pelo menos, tão alta cultura e tão aristocratico sentimento de arte como acontece com esses nove poetas novos destacados pelo nosso tão saudoso companheiro distante a que me venho referindo.

São, sobretudo, esses aspectos os que em toda parte distinguem hoje os vanguardistas na verdade relevantes. E lisonjeia-nos que os nossos assim concorram para a harmonia do quadro.

Vem dahi, sobretudo, vem do distanciamento estabelecido, no mundo inteiro, entre taes poetas e a sociedade sua contemporanea a gloria que lhes cabe, ao par da dura sorte, entretanto, a que elles não pódem de todo fugir, sejam quaes forem suas disposições heroicas, occultas sob o tom jovial, mesmo sob a despretensão que, por bem avisados, procuram esses moços manter.

Sendo assim, é de bom instincto que todos, sem distincção de nacionalidade, apoiem-se mutuamente, como se apoiam lá fóra, procurando por

uma irradiação mais extensa, entre os espiritos escolhidos de todos os paizes, compensar a defficiencia de compreensão, de assimilação na propria patria de que elles provêm.

Ainda não houve estrangeiro, no entanto, que concorresse tanto para que os brasileiros participassem tambem dessa aura mundial como Enrique Bustamante y Ballivian nas duas obras de que posso dar apenas aqui esta apressada noticia.

Por todos os intellectuaes do Brasil mando-lhe um caloroso, um grato aperto de mão.

Assim a sua terra veja nelle quem, deste modo, representa, como poucos pódem representar, um moderno interprete dos sentimentos de solidariedade entre os povos, cousa indispensavel na hora presente, sobretudo tratando-se dos povos da America.

(“O Globo”, 29-9-930).

TODOS ROMANTICOS.

CASSIANO RICARDO

WELLINGTON BRANDÃO

Só agora, ao passar por São Paulo, conheci pessoalmente Cassiano Ricardo.

Offereceu-me o poeta “Borrões de verde e amarello”, livro que apenas eu vira nos mostruários das livrarias aqui. Já vem de 1926. O exemplar que por esse tempo o autor teve a gentileza de remetter-me, extraviou-se, pelo que pudemos concluir.

De Cassiano eu já lera uns versos ou outros, em revistas, de que me ficara sympathica, porém, vaga impressão. Mais vivamente suggestiva do que esta foi, porém, a que seu nome produziu em meu espirito, desde que o ouvi pronunciado. Não sei qual a razão, mas sempre me pareceu que hãveria nelle um poeta de alma romantica.

“Borrões de verde e amarello”, só de vista, nunca me seduziu. Parecia-me que seriam paginas de tributo ao “futurismo” occasional de São Paulo, cousas extravagantes que o romantico imaginado por mim perpetrara em horas de arrastadora camaradagem.

Quem frequenta as livrarias e vê-se na impossibilidade material de ler quanta coisa lhe passa pelos olhos ali, vive incessantemente, mas inevitavelmente, na illusão de palpites assim. Seria curioso estudar-se por que associações de idéas elles nos vêm. E se nos acontece entrarmos no conhecimento real de varios entre tantos livros cuja apparencia nos inspirára meros juizos gratuitos, verificamos que mal nos faz andar nessa vã imaginação. E' o mesmo que julgar-se dà vida sem viver-a.

Foi agora para mim gozo não commum ler aquella copiosa collectanea.

Os "verde-amarellistas" representam uma das ramificações do vanguardismo paulista, na hora actual. Sua bandeira por si mesma se define. Uma vez solta ao vento, não é preciso dizer-se que ella corresponde a um intuito nitidamente, emphaticamente nacionalista.

Em esthetica esses moços procederão mais immediatamente do vanguardismo europeu. São synthetistas, e deformadores, estylisadores, como elle. Recorrem á imagem e á metaphora a cada instante como frequentemente ás onomatopéas, ás aliteraões. E tudo com movimentos ageis, com processos de cinema, com um dynamismo que surpreende e estonteia. Depois, todos elles vêm systematicamente ironicos ou quando menos de um bom humor que ainda melhor do que tudo lhes tira qualquer ar de solemnidade pelo qual se possam confundir com outra gente anterior, desde os romanticos até os symbolistas. Parece que fazem versos por brinquedo, sem ligar muita importancia ao que fazem. Tanto mais que ora rimam — ora não rimam ora escrevem com medida certa ora tendem para fazer em vez de versos versiculos. Tudo isto dos dadás e seus confinantes procede.

Numa cousa porém, elles se distanciam da gente lá de Europa: se deformam, se estylisam, não chegam á desrealisação, que sobretudo os cubistas, até na literatura, tentaram, nem mesmo á deshumanisação, em alta dose, pela qual se distingue necessariamente a arte do vanguardismo radical, onde elle se originou. Emquanto lá se fez pé firme em depurar a poesia de tudo o que seja paixão, estes nossos ficaram ainda bastante primitivos, sendo que — basta dizer — uma de suas inseparaveis preoccupações é o Brasil. Ficaram passadistamente patriotas.

O patriotismo nelles, entretanto, não os leva, como aos andradistas, tambem lá da Paulicéa, a açaipirar a linguagem em que se expressam. Até em Portugal pode-se entendel-os. Nem pedem lição ao Jeca para escrever, nem chegam ao estado dionysiaco pelo qual ainda aquella mesma gente andradina se deixa arrastar para o supra-realismo, entregando-se por tal modo aos caprichos do subconsciente, ou fingindo fazel-o, que se tornam muitas vezes perfeitamente esotericos, sinão gaiatos.

Outra particularidade propria da gente do "verde e amarello" ou dos que lhes são affins, é virem todos caracteristicamente visualistas, pelo menos quando por virtuosidade o querem. Plinio Salgado, na prosa artistica, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo (os que melhor conheço), são verdaderos pintores no verso.

"O Estrangeiro", de Plinio Salgado, e "Raça", de Guilherme de Almeida serão obras de mais alto talento que "Borrões de verde e amarello". Este livro tem, no entanto, o valor de expressar mais nitida e orthodoxamente o que constitue a feição curiosissima do grupo. Creio que em parte alguma o vanguardismo actual terá dado até aqui gente de traços mais seus, na exquisita combinação

de elementos que lhe é propria. Depois, elles têm a vantagem de ser bastante realisadores, num momento como este, todo de experiencias, em que grande parte dos novos poetas se sacrificam mais ou menos por completo, quasi nada produzindo que mereça ficar, pelo menos ao quanto nos parece actualmente.

“Borrões de verde e amarello” é como um album de manchas escriptas, antecipando as que nos darão mais tarde pintores que tenham afinal descoberto o segredo de fazer cousas verdadeiramente nossas em frente á natureza maravilhosa do Brasil.

Embora todo elle objectivista, é de um indirecto lyrismo, direi mesmo de um romantismo secreto que nos enleva e parece garantir longa vida a muitos dos poemas de poucos versos que, na sua maioria, o compõem.

Outra cousa curiosa que ha nelle. E’ preciso lermos “Borrões” para ver-se bem claro como estes poetas de agora procedem em parte do nosso symbolismo e herdaram até certo ar, talvez certa musica interior dos nossos proprios românticos. Casiano faz lembrar desde B. Lopes e Cruz e Souza até Murillo de Araujo e mesmo Catullo Cearense, este em laivos fugitivos — Catullo que se prende, por sua vez, a Castro Alves e a Fagundes Varella.

Só os ignaros levarão em má conta tão interessante filiação. Quem entende destas cousas bem sabe que importancia tem ella nas letras de um paiz. Terra em que não haja continuidade artistica, em que não se vá prolongando, como nas ondas de um mar, o rhythmo intimo de sua poesia, essa não existe propriamente ainda. E’ terra que na verdade está por cantar, porque não tem uma alma que seja sua.

O mal que eu vejo neste grupo dos “verde e amarello”, como em outros grupos dos presentes vanguardistas, é que cada um delles se movimenta em horizonte excessivamente circumscripto. Elles obtêm effeito por singularidades de processo que, no entanto, dentro em pouco, os tornam monotonos e facilmente imitaveis. Dahi resulta que os creanços seus admiradores, quasi todos mediocres, pasticham-nos com extraordinaria facilidade, como abundantemente já se vê. Até elles proprios, os que criam, de certo ponto em deante não têm remedio senão repetirem-se a si mesmos, ou então recorrerem a nova technica. Esta versatilidade é de geito, porém, que torna as suas obras uma colcha de retalhos, sem unidade indispensavel para garantir-lhes feição inconfundivel.

Desse mal não ha remedio fugir, senão appellando para maior naturalidade, crescentemente, o que quer dizer, para o verdadeiramente humano e para o simples, em que não se hão de sentir bem senão aquelles desprovidos de verdadeiro talento.

E’ o que já se está vendo acontecer lá, na Europa.

Talvez que, entre nós, vão tacteando melhor neste sentido os que, de preferencia ao dadaismo, tendem por instincto, para o expressivismo germanico, que, em Whitman, dos Estados Unidos, teve o seu maior precursor.

Combinada esta inclinação com o tagorismo, que leva para a poesia tão desnuda quanto possivel, não será muito difficil, quem sabe? com talento, fugir ás perigosas azinhagas já referidas, que tolhem o passo para um futuro mais amplo.

O Sr. Wellington Brandão, de Minas, nos seus poemas de “O homem inquieto” vem abrindo ca-

minho naquelle outro sentido, e nas poucas paginas deste seu livro offerece numeros curiosos, que já lhe dão um logar seu entre os poetas mais de hoje.

Sinto que não disponha de espaço para citar-lhe ao menos uma peça, como não o tive para transcrever sequer um verso de Cassiano.

Quem acompanha, porém, o movimento das letras actuaes entre os nossos vanguardistas, conhece o Sr. Wellington Brandão. De modo que dispensará tal complemento.

Depois, basta saber-se, pelo que já ficou expresso, qual a sua feição geral, para calcular-se que tambem nelle haja, como de facto ha certo colorido romantico, que não deixa de ligal-o tenuemente, quando menos, aos poetas que lhe são anteriores, sobretudo os mineiros, desde Bernardo Guimarães, senão desde Gonzaga, até o Alphonsus, do symbolismo.

Muita gente não acceitará como plausivel dizer-se que até estes vanguardistas de hoje, negação da loquela descabelada, e ás vezes até tão aridos, pertencem, comtudo, á grande familia que, desde Rousseau, vem fazendo época no mundo occidental.

Mas refuga-o quem não comprehende que, ao romantismo não se poderá fugir, enquanto a historia resulte das consequencias, ainda em desenvolvimento, da Revolução Franceza.

Que foi o proprio parnasianismo, de todas as escolas poeticas contemporaneas, a mais anti-romantica nas suas intenções? Foi uma volta pretensa ao paganismo "impassivel", uma reacção contra o predomínio dos instinctos na arte.

Mas a propria Revolução Franceza, que sonhou restaurar a cidade antiga, não veio em parte também de uma falsificação da Grecia e de Roma, de uma idealisação simplista dos tempos heroicos? Em que então consistiu o seu férvido romantismo? Consistiu na deformação monstruosa em que essa volta impossivel ao passado tinha de resultar por força.

Pois o mesmo, em ponto muito menor — não é preciso dizel-o — aconteceu com a escola parnasiana. Ella nasceu de um puro saudosismo romantico, que Leconte de Lisle teve o talento extraordinario de corporificar por um instante em seus versos de bronze. Todos sabem, elle propoz a volta a Homero, Eschylo e Sophocles, num objectivismo que viesse virilizar novamente a especie humana, ao seu ver barbarisada e decahida. Leconte assim antecipava o sonho, também romantico, de Nietzsche.

Para ver-se que este movimento literario ultimo, vindo com a guerra, não póde também deixar de ter sua dóse de romantico, basta que se patenteie o que ha de implicito bolchevismo nos dados, que o iniciaram. Não é outra couça se não contagio com mysticismo maximalista a sanha de destruir, tão caracteristica desses extravagantes innovadores. Além disso, também o é o seu gosto agudo pela primitividade. “Dadá”, o epitheto que lhes coube, vem da aspiração que elles traziam por ver a expressão literaria reduzida a um simples balbucio infantil.

Não é, pois tão estranho quanto muitos imaginarão haver num tempo como este alguem, com talento compondo bons versos, mas irrecusavelmente romanticos.

“Sombra illuminada”, de Silvino Olavo, poeta do Norte, livro que foi publicado outro dia aqui, é

feito assim. De uma alchimia que recorda Lamartine, Mucio Teixeira, Gonçalves Crespo, Luiz Guimarães e outros de feição analoga, esse volume, contudo, traz peças que são de poeta verdadeiramente, algumas bem singulares.

A parte mais fraca da collecção é aquelle em que elle pretende — é curioso — evadir-se a esse puro romantismo, que lhe anda no sangue, e ensaia outras notas mais accordes com a manciça actual, ou que lhe são proximas

Quem sabe se esse estímulo que sente Silvino Olavo, não lhe vem de certo instincto divinatório?

Será absurdo que depois de tão ardua poesia, como a deste momento, venha, sob fórmula nova embora, um romantismo menos confessado e mais singelo. O cubismo, em pintura, no que elle tem de ingenuo, de primitivista, não nos indica, pelo contrario, tal possibilidade?

Quanto a mim, não estranharia muito, quando se verificasse que todos, por enquanto, sob qualquer disfarce que venham, bem estudados resultam românticos.

LETRAS BAHIANAS

No movimento dos chamados vanguardistas, que se foi generalizando de sul a norte e hoje tem representantes quasi em todo o Brasil, faltava ver-se figurando a Bahia.

Raphael Barbosa, que é de lá, mas reside actualmente no Rio, approximara-se de uma das correntes em que se dividem esses novos representantes das letras. Tacteaute, porque é muito moço, elle, dentro em pouco, nas suas publicações de poeta pelas revistas, pelos jornaes, revelara-se com a sensibilidade característica da expressão, que o após-guerra, trouxe no verso, embora sem apoiar a corrente nascida do dadaismo europeu. Por isso, quando appareceu a "Festa", que Tasso da Silveira e Andrade Muricy dirigem, figurava em breve entre os collaboradores desse mensario.

E' natural que sua attitude estivesse accorde com as inclinações daquelles meus patricios de quem passou a viver distante, mas em cuja atmospheria, antes de vir para o Rio, principiara a formar-se. Tambem é muito explicavel que, não perdendo de vista seus amigos da provincia, antes mantendo com elles contacto, pela forma que é possivel á distancia, não lhes fosse a elles indifferente essa attitude do companheiro distante, no meio amplo para que viera.

Como quer que fosse, não tardou muito, Carlos Chiacchio, um espirito que já não se pode propriamente dizer juvenil, mas ainda disposto para estas nobres guerrilhas pelo ideal como serão poucos rapazes de vinte annos, começou a escrever por lá fervidos folhetins — elle é caracteristicamente um critico — que ecoaram até aqui.

Antes de tudo eram esses trabalhos um brado de alerta á Bahia. Misoneista, esta se estava deixando ficar na inercia, — achava elle — sem nenhuma participação na effervescencia innegavel da hora literaria em que já iam entrando até outros centros de cultura nortistas sem a tradição e sem as responsabilidades que tem a terra onde o Brasil accordou primeiro para a vida do espirito.

Em todo caso, não vinha Chiacchio deslumbrado indistinctivamente com as novas tendencias ruidosas dos que fóra da Bahia se propunham fazer um novo Brasil, capaz de entrosar no mundo novo que se vê claramente vir espontando

A par de todo o movimento de hontem como de hoje, aqui e fóra daqui, além disso perspicaz e arguto, elle não se deixa dominar por hypnotismos de momento, por naturezas cujos defeitos, cujas deficiencias a audacia, a capacidade proselytista, que têm, escurecem, pondo-as em forte, ás vezes em incontrastavel relevo.

Querendo tirar o meio em que vive de uma situação apagada inevitavel ás terras onde por amor ao que foi se recusa participar do que é, elle, comtudo, viu bem o erro dos que para serem quem fazer taboa raza do que foi. Dos que pensam até, visto que nada de muito famoso realisamos por emquanto, ser melhor partirmos do primitivo authentic, feraz e feroz, mas ao menos ingenuo, sem sombra de imitação a ninguem.. Isso, aliás, por

influencia do freudismo europeu. Uma maneira de bolchevisar o mundo como será outra qualquer.

Foi por essa razão que tambem elle, quando a "Festa" appareceu, aqui no Rio, manifestou franca preferencia por esses moços, que a seu ver vinham fazendo "tradicionalismo dynamico" Carlos Chiacchio e Raphael Barbosa coincidiã assim na mesma sympathia.

Vendo-se, no entanto, as cousas de mais perto, nota-se que entre os proprios "totalistas" (como elles se chamam), da revista publicadã no Rio, e o forte critico bahiano não ha perfeita semelhança, que, de facto, não podia haver.

Fundo classico como tem o bahiano unicamente o maranhense tambem terá. Sente-se que Vieira é a gente de seu tempo deixaram marcas em São Salvador como em São Luiz, cousa que até hoje não se apagou de todo. Para honra da cultura do norte. João Francisco Lisboa e tanto tempo depois Ruy Barbosa não seriam sem isso o que foram, no aspecto vetusto, embora modelar, que lhes foi proprio.

Lisboa, de pouca imaginação, além disso, por character, desenganado e veraz como um homem pode ser, não se deixou contagiar pelo gongorismo, a que pagou bom tributo o ardido e brilhante roupeta seiscentista.

Ruy Barbosa, porém, pela propria natureza, de seu genio, essencialmente politico, combativo, e animado, como o de Vieira, por tão grande quanto propulsora vaidade, até nesse defeito com o grande jesuita se parece. A emphase arrasta-o muitas vezes ao preciosismo.

Chiacchio, tumultuando embora em periodos pequeninos, para estar com o gosto do instante, lembra-nos por vezes a emphase de Ruy Barbosa, contra cujo modo de ser, nesse ponto e em tantos

outros, os moços da “Festa”, por indole e por educação de espirito, radicalmente se oppõem.

O curioso é que o gongorismo do novo escriptor bahiano já se prende a outra corrente bem diversa daquella que Ruy obedeceu

Tem muito da maneira symbolista na prosa. Aqui ou ali, o que elle escreve faz-me lembrar o “Missal” e as “Evocações” de Cruz e Souza — tambem gongorico por excellencia, não obstante a disparidade que vae entre elle e os seiscentistas ou seus imitadores.

Uma cousa, porém, separa o proprio Cruz de Carlos Chiacchio: é que neste tambem se nota nítida influencia dos scientistas. Vê-se que desde Tobias Barreto até Hermes Fontes taes espiritos influíram na sua formação. Cruz e Souza em gráo nenhum foi sympathico a essa corrente. Tambem nos escriptores que dirigem a “Festa” pode que ainda se encontrem resquicios do symbolismo, tão só, cousa que não é nada incompativel com a corrente espiritualista a que elles pertencem.

Por essa razão têm o caminho aberto para representarem a hora actual de accordo com a sensibilidade que a esta é propria, dentro de uma das tendencias que a caracterisam.

Em Carlos Chiacchio ha qualquer cousa que o embarça para tanto. O monismo de Tobias e o evolucionismo de Hermes Fontes, não podem levar para o primitivismo, é certo, mas a tendencia francamente espiritualista tambem não se harmonisa com elles. Questão de principios, mas que influe, por força, na sensibilidade esthetica.

Uma cousa é commum a Chiacchio, aos “totalistas” da “Festa”, como aos proprios “anthropophagos” do primitivismo: é a preocupação predominantemente nacionalista que elles todos trazem. Isso e mais uma dose forte de pragmatismo,

dando-lhes o enthusiasmo pelo que somos com que vêm e a fé que trazem no que seremos amanhã .

Nesse ponto a geração está cohesa e talvez dahi resulte que o futuro veja harmonicos entre si em certas linhas geraes ao menos, esses novos valores nossos, embora elles pareçam no momento exercer aborrecida acção dispersiva.

Percebe-se que antes mesmo de inciar seu combate pela escripta, de modo a fazer-se ouvir fóra do próprio meio em que vive, o decidido critico bahiano já vinha de longe influenciado nos jovens espiritos de sua terra por convivencia reiterada, prestigiosa.

Bastara "Arco e Flexa", uma revista que esses moços lançaram ha cousa de poucos mezes, para demonstral-o.

O artigo inicial do primeiro numero (outros não tenho recebido) é d'elle. E' um programma, em que sentimos a autoridade de um reconhecido mestre.

Mas, quando mesmo Chiacchio ali não figurasse, facil nos seria sentir-lhe a influencia no espirito geral, de "tradicionalistas dynamicos", com que se apresenta esse pügilo de jovens espiritos.

Vê-se que como o seu mestre elles vivem preocupados com toda a producção do vanguardismo actual no Brasil, mas tendo o proposito de "seleccionar", guardar "o senso da medida, o gosto do melhor", como Chiacchio lhes recommenda, para que sejam dignos das tradições bahianas.

Todos têm menos de vinte annos. Nenhum escriptor definitivo, pois, ali se apresenta. "Apenas brilhantes vocações" segundo o proprio paranympho.

De accordo ainda com este, dous ou tres delles revelam especial predilecção pelos directores da "Festa", aqui do Rio. Não faltam outros que

lancem epigrammas contra os “futuristas” de São Paulo.

Não só por ahi podemos ver a influencia que tem o communicativo escriptor da Bahia na mocidade ora estreante de lá.

Carvalho Filho, que figura entre os collaboradores de “Arco e Flexa”, já publicou um livro de versos, “Rondas”, a que só hoje posso fazer uma referencia.

Olhando-se principalmente para a tão pouca idade que tem o autor, seu volume de estréa é inteiramente invulgar.

Ha nesse joven a promessa de um poeta pensador que pode ainda fazer na verdade um nome.

Elle tem, sobretudo, tintas e tem pendor philosophico. Mas por emquanto é torcicolado em excesso, de modo que força a prestar-se aguda attenção ao que elle faz para gozar-lhe as bellezas. Estas, além disso, são ainda de segunda mão, até certo ponto. Um Hermes Fontes pormenorizante — é o que elle no seu pantheismo nos parece — portanto sem os grandes estos proprios a este, complicado o phenomeno com o gongorismo de certos symbolistas.

A influencia de Carlos Chiacchio na formação deste espirito, até o ponto em que elle está, me parece sensivel.

Eugenio Gomes, autor de “Moema”, outro moço bahiano, igualmente poeta e de que também só hoje posso dizer alguma cousa, esse creio que já passou dos vinte annos. Pelo menos não figura entre os novinhos collaboradores de “Arco e Flexa.”

Não pude conhecê-lo, quando elle passou ha pouco alguns dias no Rio. Tal presumo porque este livro indica mais avançada phase de formação.

Mas, sem duvida, não é nada estranho, tambem, ao ambiente onde Carlos Chiaccio influe, tanto que lhe dedica o seu livro, reconhecendo nelle, explicitamente, seu mestre.

Nem era preciso recorrer a taes indicações. Vê-se: ha em Eugenio Gomes por emquanto um symbolista que mal se disfarça transigindo no rythmo e na falta de rima com os vanguardistas de hoje.

Desses, além disso, approxima-se pela preocupação nacionalista que o nome de seu poema bastara para evidenciar. Preocupação que não se encontra em "Rondas", de Carvalho Filho — cousa, direi de passagem, que em nada, ao meus olhos, depõe contra este. Nacionalismo por systema está errado.

Mas, seja como for, ha nelle uma nota pessoal, um encanto proprio que nos faz imaginar seja esse poeta um dia capaz de produzir cousa nova, dando á Bahia, talvez, o papel com que sonha Chiacchio de um espirito modernisante, mas impondo ao que faça um cunho tão nosso e tão aceitavel por todo o Brasil, como nenhum dos novos escriptores pôde ainda conseguir.

Ha em "Moema" uma frescura e uma clari-
dade (não digo clareza) que nos fazem pensar nos
nossos românticos — unicos cuja escola chegou a
ser na verdade popular entre nós.

Depois, neste moço nada vejo da influencia
dos scientistas. Nesse ponto a de Chiacchio, por-
tanto, não se fez sentir. Outra razão é essa pela
qual pode que lhe seja possivel bem assimilar-se á
corrente espiritualista de hoje, cuja feição geral é
tão sympathica á indole do nosso povo.

Ainda tenho á mesa um terceiro livro, “A Mãe-da-Agua”, paginas de prosa, que Herman Lima, seu autor, teve a gentileza de offerecer-me em bonito exemplar.

Este parece ter contacto, mas não viver muito intimamente com o grupo de que venho falando.

Seu livro indica influencia de gente ainda posterior ao symbolismo, pelo menos quando este já chegara a ser bem definido e autonomo.

Certos trabalhos, d’“A Mãe d’agua”, são feitos de uma maneira que lembra flagrantemente a de certos escriptores nossos na transição do naturalismo para o symbolismo — Gonzaga Duque, Virgilio Varzea e o proprio Cruz e Souza. Outros ainda vêm do naturalismo e do parnasianismo influenciados por Banville, Catulle Mendés e outros, de que na prosa foi Coelho Netto o representante mais consideravel aqui.

Chega a surprehender-nos um novo que vem assim — tão desacostumados já estamos de ouvir esses écos na producção de hoje.

De modo que ainda este livro nos fala da resistencia que ha no meio bahiano contra as innovações, acceitas, ás vezes, tão levanamente, é certo, pelo mais do Brasil, na esphera literaria.

Mas, o mais interessante é que “A Mãe d’agua”, bem trabalhado, apesar daquelle tom de ha quarenta annos, que traz, é de leitura agradavel. Ha nelle, ao par desse anachronismo, o que quer que é de actual, não se sabe por que segredo de alchimia.

“O Globo”, de 11-3-28..

LUIZ DELGADO

“Inquietos”, novela do sr. Luiz Delgado, é sob certos aspectos tudo o que se possa imaginar de mais opposto a essa literatura procuradamente primitivista, produzida pela maior parte dos nossos poetas novos.

Depois que passou a phase heroica da “Klakson”, quando elles de proposito, seguindo muito de perto os dadaistas europeus faziam cousas quasi incompreensiveis, para tontear o burguez, agora, geralmente, não ha quem não os entenda. Apenas acontece que taes poetas, salvo um ou outro, não dizem quasi cousa nenhuma. E isso porque viraram ou fingem que viraram creanças.

Como taes nem têm rumo, porque fôra contraditorio terem. Escrevem por brincadeira e o leitor não procure outra cousa mais do que ver si se diverte um pouco lendo-lhes os versos ou cousas que como versos elles apresentam.

Ora, antes de tudo, o que escreve o Sr. Luiz Delgado não é nada facil de ser bem apprehendido.

Certo, linguagem mais simples do que a sua, mais sem effeitos procurados para o facil encanto de amadores communs, é impossivel. Elle não escreve uma palavra que pudesse deixar de escrever para exprimir seu pensamento.

Acontece, porém, que este não o póde apanhar bem claro quem não viva muito vigilante na hora actual. Quem já não tenha visto com seus proprios olhos que tudo quanto constituiu a illusão da nossa vida social e politica, desde que o Brasil se fez independente até hoje, tudo isso irreversivelmente já se foi. Que quanto ainda pareça prolongar essa larga phase já não tem significativa maior nenhuma.

Isso porque com o mundo inteiro se dá outro tanto. A guerra, que foi o fruto mais monstruoso do individualismo, matou-o virtualmente. Parecerá a muitos ainda o contrario, porque a congestão em certa phase tem o aspecto da plethora.

O Sr. Luiz Delgado como que parte do presupposto de que a todos os olhos tal caso já se tornou evidente. Elle nos fala como que collocado num amanhã ainda nem sequer presentido por quasi toda a gente.

No Rio, como em S. Paulo, não faltam moços de attitude mental semelhante a essa. Communistas, fascistas ou catholicos, e, se não categoricamente taes, pelo menos sympathicos a alguma dessas tres correntes, encontram-se em numero muito maior do que os inadvertidos pensam.

Nenhum, entretanto, — e isso admira — será o que é com linhas mais nitidas e até maior vigor intimo do que este joven escriptor pernambucano e que em Pernambuco vive. Elle é um espirituista decidido e até mesmo parece um catholico que já transpoz a phase da transição.

Póde-se dizer, o moço que não venha hoje nas letras tendendo clara ou implicitamente para uma dessas correntes já não traz grande novidade.

Mas tambem, fóra do verso, que póde ser feito apenas por adivinhação, sem que o poeta saiba con-

scientemente quem é e com quem está, não é nada facil agora apparecer alguém dando nota pela qual se veja vem elle palpitante de futuro.

E' que para tanto, antes de escrever, o joven precisa hoje essencialmente, ter lido e ter pensado muito antes; ter feito um balanço a sério, pesando tudo o que passou.

Por isso é que quando elle consegue, enfim, nascer para o mundo intellectual, apresentando algo que se possa dar como cousa vivedoura, e como tal, capaz de dar effectiva continuidade ás letras, merece logo respeito. Ha nesse joven, seja como fôr, qualquer cousa de heroico. Nelle sentimos, nós outros que sobretudo á força da idade o compreendemos, o quer que é dos casos devidos á chamada evolução "per saltum"

Nenhum moço, entre quantos hoje ahi estão figurando, mais do que o Sr. Luiz Delgado merece que se diga a seu proposito o que acabo de dizer, tendo lido as poucas páginas — poucas, mas na verdade singulares — dessa novella "Os Inquietos"

Ellas nos dão o perfil do autor, e nisso é que está toda a sua novidade. Porque um typo assim, apparecendo já no Brasil, é verdadeiramente curioso e interessantemente significativo. Ainda até aqui não viera outro bem como elle.

"Os Inquietos" não são apenas um livro "sem literatura" Ha nesse trabalho a mais viva representação possivel do constrangimento que sinto um espirito em ter de affirmar-se recorrendo á arte da escripta.

No Sr. Luiz Delgado o que vemos, sobretudo, é ansia de formação interior. Com o que elle sonha muito a sério não é com a gloria das letras,

mas com o advento do homem novo, capaz de tirar o mundo da situação em que este se vê.

No intimo, por ahi elle se prende aos primitivistas que o são por indole; os imitadores não sabem que alcance a orientação delles póde ter.

Tanto é este o rumo do joven pernambucano, que mesmo de seu perfil apenas ligeiras indicações elle nos dá. Tem certa correlação, ainda ahi, com os fervorosos estylisadores modernos da pintura.

Seja como fôr, entretanto, uma vez que a gente vá por si mesmo fazendo mentalmente quasi todo o livro, seguindo os pontos de referencia que o autor aqui, ali vae deixando, vê-se que arte não falta ao Sr. Delgado para afinal termos de facto um retrato seu, e a meu ver extremamente sympathico.

Sendo assim, porém, comprehende-se que poucos entrem no sentido intimo destas paginas. Ellas valem pelas de um aristocratico ensaio metaphysico que tenha vida e graça, mas uma vida muito recondita e uma graça muito alta.

Nem a novella propriamente dita que ha em "Os Inquietos" póde attrair o geral dos leitores.

Os typos e a atmospheria que ella nos dá, como o enredo que a constitue, em vez de virem para representar outros homens e as cousas, offerecem apenas pretextos a que o autor nos fale, como eu já disse, do brasileiro, do homem singular, por emquanto, que elle é.

Dizer-se, comtudo que o Sr. Luiz Delgado nunca poderá vir a ser na verdade um novellista, não podemos dizer ainda. Ha indicações neste seu primeiro ensaio de que, pelo contrario, elle é capaz de objectivação em arte. A's vezes parece que consegue esquecer-se de si e toma a peito dar

vida, intensidade real á ficção. Não tarda, porém, só com o proprio autor nos encontramos de novo, desilludindo-nos daquella esperança fugaz.

Póde que mais tarde este espirito já tenha serenado e conceda á arte mais do que concede por emquanto, affirmando-se até um romancista capaz de impor-se-nos como tal tanto quanto já é digno de nota o pensador que ha nestas paginas tão interessantes d'“Os Inquietos”

(“O Globo”, 12-8-29).

NOSSAS LETRAS NO CENTENARIO DE JOSE' DE ALENCAR

Atravessamos um momento singular nas letras, Fôra injusto dizer que não apparecem talentos, até bellos, altos talentos, mesmo, na nova geração.

Pensadores, criticos, historiographos, novellistas, poetas não faltam entre os moços actuaes.

Quem ande a par da transformação das idéas que vae pelo mundo e com isto do novo aspecto que a arte tomou, sabe quanto é difficil poder-se agora produzir em literatura cousa, já não digo que traga absoluta novidade, mas que ao menos seja bem actual.

Lá se foi a época dos romanticos, a hora dos naturalistas e até o instante dos symbolistas, em que era relativamente facil saturar-se um espirito da atmospheria do tempo, tomar pé consequentemente nas letras, e, se tinha talento, mostrar que o tinha, constituindo-se num typo representativo.

Ao menos aqui no Brasil.

Os escriptores que estão hoje com trinta, trinta e poucos annos, se na verdade são dos que se vêm batendo sériamente por alcançar e manter um logar ao sol, num ponto têm toda a razão para sorrir perpassando grande parte da nossa literatura an-

terior. Meia duzia de livros, por assim dizer, que esses velhos autores teriam lido habilitaram-nos a ser quem foram. Em tal sentido, nenhum trabalho foi esse comparado com aquelle a que se vêem forçados os jovens de hoje para valer alguma coisa entre seus contemporaneos.

Se os que conseguiram sobrenadar deixam transparecer o tão pouco que lhes foi preciso andar apreendendo em leituras, é facil induzir que ainda menos teriam lido geralmente, outros autores seus contemporaneos, já votados agora ao esquecimento, mas que concorreram para formar-se a atmospheria do seu instante.

Máo grado, entanto, essa differença entre os tempos anteriores e o de hoje, admira a quem os acompanha de perto ver tantos moços, agora já quasi um pouco por todo o Brasil, mais ou menos aparelhados para o que têm de enfrentar e produzindo por modo que nada nos envergonha na presente hora mundial.

Bastantes, é certo, de sensibilidade menos plastica ou de leitura mais deficiente, ainda tonteiam, por mais esforços que façam por ganhar bem o tom de hoje.

Isso foi facil apenas aos rapazelhos que se ameninaram ainda mais para fazer-se caudatarios dos nossos mal denominados "futuristas"

O que, porém, conseguiram, afinal, foi tornar estafada em breve tal corrente. Inundaram jornaes e revistas de pastichos quasi sempre insignificantes, quando não irrisorios, que a principio os seus mestres acolheram calorosamente, mas agora já vão recebendo meio enfarruscados.

Não é para menos, pois em tal phenomeno verifica-se que essa escola só póde servir para desprestigio da arte, confundindo a infantilidade com

a poesia. Aliás, entre os chefes ha quem pregue como ideal chegar-se até a cretinisação: a "Revista de Anthropophagia" não faz outra cousa.

O mais curioso é que até entraram a arremedar os "futuristas", moços que já não são verdinhos e alguns velhuscos, até, que já tinham dado nota muito antes de apparecerem os revolucionarios de São Paulo, por conseguinte com outra feição.

E' pena ver esses taes agora acorados para fazer de meninos, na persuasão de que só por este modo podem ser bem do instante.

Certo que assim elles participam da vantagem dos "futuristas" numa cousa. Estes escandalizam o publico interessado por letras, mas não o humilham. Se esse publico os não entendé, tem por assentado que afinal elles nada querem dizer, que estão simplesmente troçando.

Os que trabalham a sério, que trazem novidade mais difficilmente apprehensivel, esses, pelo contrario, assanham o despeito, tornam-se summamente antipathicos. Acaba-se por assentar então que elles ainda valem menos do que os outros. E' o meio de fugir á humilhação.

Os "futuristas" bem que percebem a situação: sabem de onde lhes vem a vantagem de momento. Então calam os nomes desses outros, ou, se não os podem calar de todo, agindo por si ou pelos criticos seus amigos esbatem-lhes velhacamente o valor.

Desse modo, tolerados uns, como se toleram as extravagancias de qualquer moda, e tornando-se impossivel grande repercussão para os outros, o que resulta no momento é julgar o publico nada haver de muito valor na arte literaria dos novos.

Esta funciona quasi que sem apoio, funciona mais ou menos no ar. Não se sente exista uma

atmosfera literaria agora, neste tempo de "sports" e de beldades julgadas por medidas.

Sem publico quasi nenhum e, ainda mais, divididos em grupetes os autores, como andam, não ha meio della poder formar-se.

Seria inexacto, entretanto, dizer-se que hoje não ha quem leia. Lê-se e consomem-se edições mais do que nunca se consumiram.

Na Europa autores vanguardistas, até, se apontam cujos livros chegam á centesima tiragem.

Mas é que por lá ao menos o snobismo cresceu enormemente. Depois que os norte-americanos foram para a guerra e, assim, entraram em contacto mais intimo com o velho mundo, só elles consomem mais da metade do que se imprime em Paris. Além disso, a gente da America do Sul de origem hespanhola representa uma clientéla cada vez mais consideravel.

Aqui entre nós o numero de alphabetisados também cresceu muito. As mulheres, ellas proprias, têm como até ha pouco não liam.

A essa gente, porém, a producção grossa de amadores ou simples industrialistas das letras é que offerece grande encanto. Os productores de "poncifs" tediosos, de repositorios anecdoticos bem picarescos, ou de apressadas chronicas historicas, senão pseudo-historicas, só esses os attraem. Elles correm para os livros ruins como os ratos para o trigo rôxo.

Dahi por toda parte um relaxamento geral. Por todo os Estados, aqui mesmo no Rio (em tal sentido cada vez mais provinciano), gente que já escreveu melhor agora anda produzindo cançadas fancarias. Hombreira-se assim com jovens inep-tos que, surgindo nesta abastardada atmosfera, andam impantes, julgando que valem alguma cou-

sa. E' uma comunhão cada vez mais crescente no desmancho. Os supplementos dos jornaes, quasi todos feitos para agradar a massa, em vez de ser para oriental-a — como acontece na Argentina, no Uruguay — difficilmente se organisam. Mas por isto: porque tanta gente manda collaboração, que não se sabe no que pegar.

Leitura, pois, não falta. Um critico tem sempre á mesa grande pilha de livros, opusculos e folhetos. De varios generos. De toda parte do Brasil, se elle escreve no Rio. O que falta muitas vezes é cousa da qual valha a pena falar, mesmo que seja para não dizer muito bem.

(“O Globo”, 13-5-29.)

CARLOS DA VEIGA LIMA

f

Carlos da Veiga Lima é destes que, se passamos sem vel-os muitos dias, fazem falta. Também a gente suspira por encontrar um navio, quando vae em viagem, se decorrem muitas horas no completo deserto das ondas. Esse encontro nos daria a sensação de que a vida humana não é representada apenas pelos que o vapor onde estamos leva em seu bojo. Seria, quando menos, de um apoio moral.

E' meu destino que entre moços eu viva. Geralmente, desde que vim para o Rio, dentro em pouco só com os mais jovens do que eu me entendi ao meu gosto, uma vez fallecido Cruz e Souza. Nesse ponto pareço-me com os madrugadores, que até depois de velhos gostam de se encontrar com o sol quando elle vem nascendo. Talvez que eses necessitem sempre confirmar-se na idéa de que effectivamente a vida é uma renovação constante, para terem esperança no melhor

Veiga Lima até hoje ainda não pertenceu a nenhum dos grupos revolucionarios entre os quaes tem vivido — haverá uns dezoito annos — a escrever. Não é de sua natureza andar em alvoroçado bando e, portanto, encontrar, alvoroçados braços para recebê-lo em festa, quando elle chega. Nelle mais o olhar, intelligente e indagador, nos

impressiona do que os gestos, poucos e sobrios. Também a fala como que lhe fica em parte na garganta, as expressões na intenção, quanto mais caloroso se mostre.

De todos que vêm chegando após elle, no entanto ninguém o considera como um estranho e muito menos como um hostil.

Certo — todos sabem — antes de tudo Veiga é uma creatura civilisada, gentil e cortez. Sem ser propriamente mundano não se limita á estricta convivencia dos literatos e entre estes cultiva relações até com varios dos representantes da direita que têm espirito más passam por mofados e outros que eliminam vaidade literaria, mas também com estas ambições pelas quaes se tornam caracteristicamente amphibios portanto antipathicos ás rodas literarias propriamente ditas, aliás cada vez mais raras entre nós.

Essas convivencias porém — toda a gente vê — não representam nelle rigorosamente um compromisso. Satisfazem antes apenas, á necessidade que tem Veiga Lima de aristocracia social, mas sobretudo por instincto de artista.

E' talvez, até em parte graças a isso, embora pareça absurdo, que todos o acceitam como um elemento não destoante da hora, seja ella qual fôr. Elle sabe converter em boa distincção o que lhe venha de taes convívios. Boa aos olhos exigentes dos que andam na vanguarda procurando um novo sentido para as cousas. A elegancia, mesmo a mental, tem sempre certa correlação com o novo. Dar-lhe um tom bem do instante é harmonisar-se, nem que fosse apenas por isso, com a gente que representa esse momento nas letras.

De onde lhe vem tal segredo?

E' que difficilmente Veiga receberá como novidade a noticia do ultimo livro lido por nós.

Nossas correntes literarias são como não podem deixar de ser ainda, reflexos de correntes estrangeiras. Elle, portanto, acerta a hora com os que têm os olhos mais attentos no mundo que sobre nós influe.

Acerta com sympathia, com poder de assimilação. Ao passo que os mundanos ou a gente de espirito, mas retardataria, com a qual se encontra, só muito mais tarde lê ou não lê em tempo algum o que Veiga perpassou ainda agora, elle já esteve umas horas em coincidência de trabalho mental com os da mais extrema esquerda. Como se achar então em desintelligencia com estes?

Tambem escrevendo corresponde á figura que no trato representa.

Desde os seus primeiros trabalhos veio voltado para o mundo interior, ainda quando parecia objectivar. Até as mulheres, nos seus contos, já eram muito delle.

Além disso, vinham envolvidas numa nebulosidade, ellas como tudo o mais, resultante sobretudo da expressão imprecisa. Razão pelas quaes taes ensaios não podiam ser acolhidos com applausos muito ruidosos e unanimes.

Olhos argutos, porém, que os vissem não os confundiriam desde então com os de outros que escrevem sem ser por necessidade real.

Já o symbolismo, a que taes paginas correspondiam, entrara ahí em declínio. Mas um tom "esthetista" que ellas offereciam, em geral, destacava o autor dos que ainda vinham na prosa lembrando João Barreira ou, dentre os nossos, Gonzaga Duque. Já, pois, reflectia elle a transição que lá fóra se dera, revelando leitura incommum entre os principiantes no Brasil.

Veiga Lima nos deu depois "O Idealismo na Philosophia Contemporanea", "Farias Brito e o

movimento philosophico contemporaneo” Esses livros, embora tambem de teor tanto ou quanto obscuro, confirmaram a natureza de idealista e com fundo mystico que lhe é propria.

Mas não abandonou a ficção. Cada novo trabalho seu nesse genero vem dizer-nos que ha nesse moço a preocupação de dar-nos o sentido de seu proprio ser mais do que a intenção de seguir esta ou aquella escola.

Isso não obstante que se sinta em tudo quanto produz uma assimilação discreta do que vae caracterisando os novos processos na prosa literaria.

Ha paginas entre as de V. Lima das mais finas, mais delicadamente emocionaes que modernamente se tem escripto no Brasil.

No conjuncto, entretanto, a meu ver, seu ultimo livro, “Depois do Paraizo”, é o mais realizado, porque de forma comparativamente mais limpida.

Ainda neste, leves retoques, que elle proprio faria, se estivesse em sua natureza ter paciencia para taes minucias, e tambem uma revisão mais cuidada, é que geralmente lhe falta.

Mesmo assim, quanta expressão idealmente formulada, quantas paginas, afinal, perfeitamente apprehensiveis com alguma attenção de nossa parte!

E’ certo, um esthetismo impenitente — cousa ora tambem já se foi — põe-nos em contacto ainda neste volumezinho com uma sensibilidade ante-guerra.

Nos seis primeiros trabalhos, comtúdo, que se prendem entre si formando uma novella sem factos, offerece-nos V. Lima uma novidade que o aproxima da maneira pela qual Marcel Proust escreveu seu livro sensacional.

Este, como se sabe, menos parece um romance do que uma confissão, quando o é apenas em par-

te. Produz essa illusão, não tanto porque o autor fale na primeira pessoa, como quem faz uma memoria, mas sobretudo porque esse se expressa de modo tão cruciantemente sentido qual si escrevesse com o proprio sangue. ,

Pois a estatica novella de Veiga Lima é feita assim. Como que o autor fala de si proprio, usando embora do nome de um outro. Tanto mais que ora põe os verbos na primeira, ora na terceira pessoa, e assim usa dos pronomes.

Parece um diario de amor effectivamente real o do fino "snob" que elle creou. O snobismo, porém, com que este de principio a fim se conduz nas diversas phases da sua paixão como que deforma, mas não tira a realidade a um amor gozado e sofrido ás deveras.

Ha tal vehemencia nos sentimentos expressos, embora estes sejam muito refinados, muito guindados, que a linguagem attinge frequentemente a uma poesia de bom quilate, embora sempre em plano aristocratico.

Sahimos desse livro com a impressão de que Veiga Lima nos disse de si por completo o que sempre, aliás, entreviramos.

E' um trabalho este cujas qualidades interiores ainda não muitos apprehenderão. Mas de facto elle põe em evidencia um delicado e commovente espirito de artista.

(“O Globo”, 8-4-29).

UM VANGUARDISTA

O livro de versos do sr. Manoel de Abreu, "Substancia", começa com este prelúdio:

*"No ar vertiginoso que afaga
o radiador e arqueia os meus cilios
paralelos nos dentes de espuma
que riem sonoramente á orla
das ondas no sol autor de romances verdes
dourados com searas fulvas
com praias esmaltadas
na vida moça que tempera o aço
constróe as seducções e extravasa
o dique estreito do passado
no pensamento que não teme
sabendo que ao fundo da emoção brota
a seiva grossa do misticismo
e que tudo é chimera
no combate esculptor da força e da belleza
e de cujo trabalho surgiu lentamente
a elipse das contracções
e o alhambra da retina na terra
que as raizes sugam e onde dança ao rythmo
do sonho o tropel
dos seres no amor cristal de todos
os encantamentos
e que não se despedaça jamais*

*em mim
visionario sem
visões a Substancia indefinida
homogenea eterna
vibra
canta
illumina
perturba
magnetisa
possue
vive."*

Quantos entenderão esta protophonia?

É certo que "o caracteristico da arte nova, segundo Ortega y Gasset, "que ella divide o publico em duas classes de homens: os que a entendem e os que as não entendem" Couda que parece mag-nifica aos olhos daquelle critico tão notavel quanto paradoxal.

Acha elle que ,todo o máo estar de Europa virá a desembocar e curar-se nesta nova e salva-dora scisão" Por que? Porque "sob a vida con-temporanea lateja uma injustiça profunda e irri-tante: o falso supposto da egualdade real entre os homens. Cada passo que se dá entre elles nos mostra tão evidentemente o contrario, que cada passo é um tropeço doloroso. Approxima-se o tempo em que a sociedade começando pela poli-tica e acabando pela arte, reorganisar-se-á, confor-me é devido em duas ordens ou filas: a dos homens egregios e a dos homens vulgares"

Em pagina anterior já o mesmo Gasset disse-ra: "Durante seculo e meio o "povo", a massa, pretendeu ser toda a sociedade. A musica de Stravinsky ou o drama de Pirandello trazem a ef-ficacia sociologica de obrigar-o a reconhecer-se

como o que é, como “só povo”, mero ingrediente, entre outros, da estrutura social, factor secundario do cosmos espiritual. De outro lado, a joven arte contribue tambem para que os “melhores” se conheçam e reconheçam entre o griz da multidão e capacitem-se da missão que lhes cumpre. Esta consiste em serem poucos e terem que combater com muitos”

Como se vê, é uma doutrina diametralmente opposta á de Tolstoi em materia de esthetica. Nem Marinetti, o poeta do fascismo (sobretudo depois que acceitou a transacção deste com a egreja) pode subscrevel-a.

Apenas acontece que, ao menos por emquanto tal doutrina contribuirá para isolar mais ainda os artistas da gente profana, pois que esta, principiando pela mocidade, de cada vez mais tende para simplificar-se, senão para barbarisar-se. Os sports e a paixão pela technica vão levando a maioria a desinteressar-se de tudo o que venha refinado, nuançado, a perder até a noção do que seja isso.

E’ curioso, no emtanto: irrita aos novos artistas verificarem o que theoreticamente têm por assentado. Aborrece-os ver que a critica, se elles se apresentam muito accordes com essas aristocraticas vistas, quasi que não fala nelles e que seus livros ficam encalhados no editor.

Em todo o caso, lá na propria Europa, agora os Cocteau, os Cendrars e outros que taes tendem a tornar-se menos hermeticos, a voltar a uma forma mais regular. O que fazem no Brasil os proprios vanguardistas, quasi todos, já estão num plano muito mais accessivel do que este livro do sr. M. de Abreu.

Por que supprimir a pontuação, por exemplo?

Não ha duvida que isso concorre para mais agravar a irritação do vulgo. Mas ainda passaria como um elemento esoterico, que concorresse exteriormente para aristocratizar o texto, se este merecesse, em verdade, assim ficar velado porque contivesse bellezas peregrinas, cujo desvendar nos pagasse o trabalho de interpretal-as.

Mas assim acontecerá?

Perdoe-me o poeta, vou commetter uma brutalidade, pondo, por minha conta e risco, virgulas e ponto e virgulas no seu poema inicial e até desfazer os versos para poupar espaço, pois que se trata de um trabalho que acima ficou como vem no volume.

“No ar vertiginoso que afoga o radiador e arqueia os meus cilios parallellos nos dentes de espuma que riem sonoramente á orla das ondas; no sol, autor de romances verdes, dourados, com searas fulvas, com praias esmaltadas; na vida moça que tempera o aço, constróe as seducções e extravasa o dique estreito do passado; no pensamento que não teme, sabendo que ao fundo da emoção brota a seiva grossa do mysticismo e que tudo é chimera; no combate, esculptor da força e da belleza, e de cujo trabalho surgiu lentamente a eclipse das construcções e o alhambra da retina; na terra, que as raizes sugam e onde dança ao rythmo do sonho o tropel dos seres; no amor crystal de todos os encantamentos e que não se despedaça jámais; em mim, visionario sem visões, a substancia indefinida, homogenea, eterna, vibra, canta, illumina, perturba, magnetiza, possui, vive.”

Assim já um numero maior de leitores apprehenderá os versos que citei do sr. Manoel de Abreu, e no fundo parece-me, o autor nada perderá pelo facto de que deixaram elles de ser versos na sua disposição linear. A musica propria á na-

tureza artistica do autor parece-me boa musica, mas de prosador, em todo este seu livro de poemas.

Mas, pois que ora maior numero de leitores, o comprehenderá, pergunto-lhes: que valor tem esse preludio?

Eu, por minha parte, o considero como uma bonita tirada gongorica, do novo gongorismo, em que a imagem é “a substancia cellular do organismo lyrico” e “a metaphora traduz as sensações auditivas em sensações plasticas e visuaes”, no conceito de Guilherme Torre. Pontuado, perde quasi que todo o seu mysterio, poucas phrases ficando ainda obscuras. De facto, porém, muito extraordinario, a meu ver, não é.

Ora, assim acontece com tudo o que “Substancia” tem de melhor.

E’ o que se dá, geralmente, com toda a litteratura, em prosa e versos, daquelles dous autores a que já me referi, quando no seu periodo inicial, como com a de Max Jacob, Raymond Radiguet, Drieu la Rochelle, André Salmon, Gomez de la Senna, Vicente Huidobro e outros extremados vanguardistas. São autores ás vezes muito curiosos, com achados que nos dão, na realidade, sensações novas, valendo por pequenas joias preciosas.

Os seus proprios apologistas, porém, reconhecem que em summa, tudo isso ainda é muito pouco. Se a nova arte não passasse dahi, desses meros brincos, converter-se-ia em arte de mandarins e só perderiam seu tempo em produzi-la, não os super-poetas, mas os talentos secundarios, attestando irremediavel decadencia, em vez de offerecer confirmação ás altas esperanças de Gasset.

Por isso tantos dos que foram mais intransigentes vão procurando livrar-se a tempo da monotonia em que fatalmente cahiriam, se não sa-

hissem do estreito circulo a que os preceitos da nova esthetica sujeitam.

O sr. Abreu vem, pois, já um pouco tarde oferecer a representação que offerece, deste ponto de vista, nas suas "poemitizações", como diria o citado Torre.

Numa cousa, porém, elle já differe até dos nossos "futuristas"; vem pathetico, consequentemente rhetorico, quasi que sem comicidade nenhuma. O artista de agora, no emtanto, diz Gasset, "convida-nos a contemplar uma arte que é uma embromação, que é, essencialmente, a burla de si mesma. Em vez de rir de alguém ou de algo — sem victima não ha comedia — a arte nova ridicularisa a arte." Por essa razão, acrescentemos, tão depressa ella se torna "poncif" e incompatibilisa-se com quasi todos os assumptos propriamente humanos. E' mais ou menos o que eu dizia falando sobre "O Estrangeiro", de Plinio Salgado.

Sabe o sr. Manoel de Abreu que é que este seu preludio me fez lembrar, na "seiva mystica" e na musica interior, que traz? Lembrou-me o "Missal", de Cruz e Souza, que annunciou, o surto do symbolismo entre nós, consequentemente o de um néo-romantismo.

No seu intimo "Substancia" tambem é nitidamente romantico.

Traz, porém, o que o symbolismo não trouxe: uma philosophia definida.

Basta ler-se a introduccão do livro e logo um pouco mais adeante aquelle poema intitulado "Energetica" para verificar-se que o poeta tem convicções determinadas. Que é um dos que consideram a energia como a fonte e o termo de todas

as cousas, têm que só os phenomenos existem. Ainda assim, para taes espiritos estes proprios vêm a ser uma illusão, porque "Substancia" lhes parece uma palavra vasia de sentido (dahi virá, se não me engana, o titulo do livro). Vasia porque, tirando-se de uma cousa todas as suas qualidades sensiveis, della nada resta, acham elles, que seja consistente.

Assim, naturalmente, elle é um monista, como o demonstra, por exemplo, nestes versos de "Boneco mal feito", que ainda me permittirá eu pontue para tornal-os mais accessiveis:

*"O desejo de belleza,
 que era a principio
 a simetria de um crystal
 ou a ansia de luz dos ramos
 elasticos,
 que talhava a pedra e fremia
 no espectaculo das coisas fugitivas,
 e depois cantou
 a geometria na emoção
 da mulher;
 o desejo de belleza, origem
 dos Deuses,
 immenso, vibrante, indefinivel,
 está encerrado
 no meu coração, que é uma miniatura
 do Infinito.
 propriamente é o Universo
 quem te ama; eu sou apenas o boneco
 mal feito que elle
 fabricou
 para te seduzir."*

Tal philosophia, embora dizendo-se idealista, é muito propria para levar, como levou o sr. J.

Abreu, a uma ardente sympathia com a hora, em que, segundo Keyserling, quem encarna o espirito das massas é o "chauffeur", porque é o primitivo technisado.

† A terminologia scientifica e desportiva em "substancia" é abundante. No que falam estes versos é principalmente em radiador, cylindro, triangulo, energetica, magnetismo, cohesão, cartazes luminosos, arranha-céos, taxis, meio-fio, mapple, pyramides, raios, raquettes, drive, molleculas, dormentes, frens, locomotivas, guindaste, cubos, cabos, dynamos chassis, hydraulica, duco, bungalows, etc., etc.

O ambiente que elle cria faz lembrar um tanto, o de "Metropolis" magestoso e empolgante superfilm da Ufa" (como rezam os annuncios) que ora estão passando no Rio. Lembra-o no que elle representa uma antecipação da cidade futura, que hão de crear os fanaticos do "sport" e da technica.

O autor parece reflectir assim o circulo que propaga e alimenta o bandeirismo, neste instante rodoviario por excellencia.

Digamos: isso não é cousa propriamente anti-pathica encarada como uma manifestação de juvenilidade, de saúde e de força numa terra como o Brasil a que é preciso presentemente dar forte impulso em tal sentido. Nossa tendencia para a contemplatividade é tão grande que esses empuxões em sentido contrario não nos hão de arrasar.

Demais, quem comsiga ler mais ou menos este livro verá que o poeta dá conta perfeitamente, como um bom representativo, da ingenuidade que lateja ainda, aqui, em taes naturezas, sob as apparencias aridas, senão odiosas, da obsessão pelo gozo material, do fanatismo por tudo o que a sciencia

applicada proporciona aos ricos para lançal-os na vida vértiginosa actual, dando-lhes forte sentimento de superioridade sobre os outros homens.

Livra-se, todavia, de apresentar qualquer aspecto grosseiro porque, mesmo com a philosophia que lhe é propria, com aquelle monismo na realidade materialista vem num tom aparentemente frio, mas intimamente mystico contribuindo assim, como eu já disse para um novo romantismo, que eu chamarei philosopho-scientifico-sportivo.

Elle, até, num dos seus numeros "Areia fina", offerece pontos de contacto com certas producções extremamente sentimentaes daquelle outro Abreu, autor de "Casa Destelhada", grande promessa que tão cedo, com a morte, se esvaeceu.

Presente-se uma onda mystica animando taes paginas sem que ella, porém, nos faça vibrar de modo bem sensivel, a não ser uma ou outra vez.

Pelo menos, por emquanto, ainda não se estabeleceu a correspondencia indispensavel para fundos effectos entre a nossa e essa nova sensibilidade. Além disso, não são poucos aquelles dentre os poemas de "Substancia" cheios de enigmas, de obscuridades mesmo para espiritos que se esforçam por entendel-o. Será isso em consequencia de ainda vivermos, nós os das letras, ainda muito alheios, tambem, á ordem de idéas em que o autor anda mergulhado? Mas tambem não pouco pelo seu desejo incontinente de ser original.

Direi com franqueza que o sinto e entendo melhor quando a mulher é que o estimula e o leva a escrever, contrariando nisso, embora, os extremados theoristas da nova poetica. Estes não querem que cousas de amor sejam mais objecto de verso.

Acho effectivamente distincto, por exemplo, aquella "Suave certeza", que tambem transcreverei, atrevendo-me a pôr pontos e virgulas:

*"Eu estava inquieto
e via em tudo a energia,
a energia universal,
fria e metallica, sem o mais leve
estremecimento humano.*

*"Era uma evidencia
que me arrastava e dissolvia;
humildade, eu me sentia
humilde, muito humilde, inutil,
desprezivel; longe
da illusão
seria
preferivel dormir, não pensar mais,
dormir para sempre.*

*"Mas quando
subitamente chegaste eu me senti de novo
senhor de mim mesmo.*

*"Tu me amas;
o que é meu, o que parece
meu tornou-se a finalidade de tua
vida.*

*Eu devo existir, portanto;
tu me dás o motivo
de sorrir, de querer, de sonhar,
Não raciocino
mas sinto.*

*O teu carinho me desperta a realidade
do sensível.*

*A vontade, a minha vontade
se transforma
em movimento, onde se misturam dias*

*claros de verão, cidades verticaes,
laboratorios,
commoções de arte.
E tudo se expande
em mim na architectura sonora
de um
sonho realisavel.*

*“Eu sou
a perturbação dos teus sentidos;
tu me amas,
creio em ti, portanto;
a tua esperança
é a minha esperança.*

*“E á luz dos teus olhos que me
admiram
eu viverei ingenuamente vendo talvez
o que não existe, mas
illudido pela suave certeza de
que tudo existe!”*

Além do mais, quem não entenderá esta linda prosa posta em verso?

Estamos vendo: se o sr. Manoel de Abreu em certos pontos é mais radical entre as vanguardistas que os do nosso “futurismo”, em outros alarga os seus horizontes, porém, assim, torna-se mais interessante.

Não faz arte para desfazer da arte, e afinal, em vez de ser um demolidor por instincto, como são todos esses cuja obra é uma satyra corrosiva contra o meio onde vivem, embora muitas vezes sob a apparencia de risonho pragmatismo, revela-

se bem representativo da sociedade actual, no ambiente em que respira.

O é, não obstante, dando prova de uma superioridade de espirito, de uma cultura e de uma capacidade idealisadora que vivamente o destacam dos autores communs.

Nasceu para escrever e é mesmo na realidade um poeta, dando-se a essa palavra sentido amplo.

Não se póde prever até onde irá um espirito assim: se é bem moço (eu não o conheço), pode que ainda vá muito longe.

“O Globo”, 5-11-28.

UM VANGUARDISTA MENINO

Guilherme de Castro e Silva

Parece á primeira nada mais natural do que virem agora “futuristas” os meninos inclinados ao verso.

Os representantes legitimos da vanguarda na poesia actual, como nas outras artes, caracterizam-se pela concepção sportiva da vida.

O “sportiman” é aquelle que se volta para o lado festivo ou pelo menos inebriante da vida.

Ha festa e festa, ha ebriedade e ebriedade, é certo. Ha, pois, “sport” e “sport”

Os missionarios que neste momento andam no polo arctico em trenós que rennas tiram para catechisar pobres rarefeitos esquimós e salvar-lhes as almas, de certo modo irmanam-se no seu desprezo pelo risco, embora levados por uma ebriedade toda mystica, ao valente capitão do “America”, Byrd, mais aos seus companheiros que acabam de passar quasi vinte horas perdidos na nevoa até podem amarrar em aguas francezas.

Mas, em dimensão liliputiana embora, tambem é por uma concepção festiva da vida que os moços e as moças vão torcer nos stadios onde se joga “football”, ou já com uma pontinha de enxa-

queca levada de um "dancing", onde estiveram anteriormente, correm a ouvir D. Angela Vargas dizer versos de Bilac, seu idolo. O que é preciso é manter o espirito desportivo para queimar alegremente a vida.

E' essencial, pois, que tudo seja feito com certo ar de leveza e graça. Tudo, dir-se-ia, deve ter certo ar infantil, emprestando á hora um aspecto de instante inicial, cousa que nos fale de um novo mundo a ensaiar-se.

Fôra de esperar, portanto, que os poetas balbuciantes ainda, de tão novos, é que correspondessem melhor a tal estado de espirito.

Mas a realidade é inteiramente outra. O normal é que os meninos-prodigios venham como veiu, por exemplo, o sr. Prado Kelly, quando foi tido como tal não ha muito. Elle appareceu representando o curioso phenomeno de um romantico influenciado pelas parnasianos. Um Varella, digamos, que Olavo e Alberto contagiassem.

Compreende-se. Esses meninos no collegio fizeram seus estudos classicos: versaram seu Horacio, seu Vergilio. Embriagaram-se com Souza Caldas; tiveram sincero alvoroço lendo Paranapiacaba. Quando lhes foi permittido peccarem ás escondidas, manuseando as "Poesias" e as "Meridionaes", estas foram-lhes de surprehendente revelação: pareceram-lhes a ultima palavra em materia de poesia. Do decalque como exercicio de aula passaram para uma creação mais propriamente dita, dando, entretanto, o spectaculo de adolescentes com cabellos empoados. Dahi para entoarem com a gente vinda depois dos parnasianos e finalmente vibrarem accordes com o instante que lhes é proprio, quasi que precisam nascer outra vez.

Todos nós, geralmente, passámos por isso, e sabemos que bem poucos conseguem afinal encontrar-se a si mesmos. Quasi todos ficam sendo presas para sempre das velhas garras aduncas que os empolgaram no começo do caminho. São os perpetuos cirios votivos dos defuntos illustres. E o peor é que não raros vivem depois cheios de despeito pelos verdadeiros creadores da época, em vez de, talentosos como são alguns, fazerem um bom esforço por egualal-os ou excedel-os.

Com essa gente retardataria sympathisam naturalmente quasi todos os amadores seus contemporaneos. Porque os amadores têm, com poucas excepções, uma sensibilidade ainda mais vulgar. Os salões em que se dizem versos são, geralmente, órgãos ingenuos de saudosismo, por influencia, em grande parte, da nossa Academia, tão apathica. Os do Rio poucas vezes deixarão de ser assim. As figuras que lá se exhibem inculcando-se mais da hora são, quando muito, quasi sempre typos de transição, que arremedam apenas de longe e pallidamente os verdadeiros autores novos do instante. O que se recita por ahi, salvo uma ou outra excepção, está para o que é na realidade moderno como o que aqui ou ali, no suburbio ou em certas provincias, é declamado ao som da "Dalila" Por toda a parte quasi que só lastimaveis adolescencias de cabellos á Maria Antonietta.

E', assim, curiosissimo o caso deste piaba de 12 annos, Guilherme de Castro e Silva, autor de um livrinho, "Alegria", que Ronald de Carvalho apresenta agora ao publico em prefacio muito bem feito, como tudo o que lhe sae da penna.

Os versos de Guilherme são authenticamente de menino. Elle tem poemas que lembram "os cubos coloridos das caixas de brinquedo", diz muito

bem quem lhe deu o prefacio. Se faz queixas de amor, a gente pensa naquelle outro guri retinto do Cinema Central, que grita pessimista, de flor á botoeira da casaquinha: "Este mundo é um buraco!"

Mas o interessante é que o rythmo de taes versos já é na verdade rythmo, e todo elastico, todo festivo como o do verso dos "futuristas"

Guilherme é de uma familia distincta, que o educa com todo o esmero, proporcionando-lhe, consequentemente, as bases classicas indispensaveis a toda boa instrucção. Encontra-se inevitavelmente pelo menos com os poetas que figuram na "Anthologia Nacional" de Fausto Barreto e Mario Pederneiras figuram. Talvez já lhe passem pelas mãos os proprios classicos latinos. Tal gente, no entanto, nem de longe parece ter influido na sua sensibilidade infantil. Tasso da Silveira, Murillo Araujo, o proprio Ronald ou outros assim, é que sentimos mais flagrantemente lhe terem passado pelas mãos.

Mas esses proprios o influenciaram no que têm de aparentemente infantil. Os vanguardistas representam uma reacção proposital contra toda a pesada solemnidade dos que até os symbolistas confundem com a eloquencia a pura poesia. O que elles tenham de profundo vem muito disfarçado, de sorte que quasi tudo parece um brinco.

O menino poeta imitou-os ao pé da letra. Não era possivel mais. Seu livro, por isso, tem o titulo que merece. No que de facto realisa é o de uma creança brincando.

Mas a realisacção effectiva no verso, tem sempre, seja como fôr, qualquer cousa de divino.

De modo que, quando nos encontramos em "Alegria" com uma peça ou outra que já é pro-

priamente de poeta, embora ella nos fale de um balão de S. João, do tic-tac de um relógio, de um espantalho posto num morro, ou cousas como essas, fica-se num grande enternecimento por essa creança, na verdade, excepcional.

Quer o leitor ver ao menos um desses puzzles curiosissimos?

Ahi o tem:

ANOITECER

Um espantalho
 cheio de palha,
desengonçado,
 esticado,
 passadista,
olha do morro
 o sol vermelho,
 tal qual
 um gorro
 cheio de listas
 na cabeça da montanha.

Mas

os meninos endiabrados
fieram uma gritaria tamanha,
e atiraram as pedras do pica-pau
no boneco de palha
 desengonçado.
Tac-pum! Tchi-pum! Tac-pum!
Malha!
Que foi? Que não foi?
O dia está sem somno
 e
 adormece a custo.
Na rua passa um boi,
 e o sol desmaia

*amarello
de
susto."*

Deante destas paginas prenunciaes, fica-se pensando no que será o futuro de um tal menino, vanguardista hoje como quem mais o seja, mas que amanhã terá que tirar do sangue outra obra, de outro vanguardismo, ainda imprevisivel; para que seja, com effeito, um espirito representativo no dia que lhe ha de mais propriamente caber.

DOUS NOVELLISTAS

MENOTTI DEL PICCHIA
JAYME BALLÃO JUNIOR

E' fazer injustiça á nova geração dizer-se que lá se foi o tempo das nobres e fortes ambições nas letras. Tambem, pensar-se que os chamados "futuristas", como se designam indistinctamente quantos hoje procuram caminho ainda não batido na poesia ou na obra de ficção, vivem a brincar, a mystificar, a escandalisar, apenas para uma notoriedade passageira e vã. O julgar-se que assim esses moços não se podem comparar em talento e trabalho aos seus predecessores illustres e não deixarão traço para o futuro semelhante ao que dos outros ficou.

No momento ha, de facto, um tactear que parece leviano, mas justamente porque é dramatico. Quem procura offerecerá todas as apparencias de quem não sabe o que ha de fazer. Ainda mais no terreno das letras por um tempo como este. Tempo desportivo, quando é de máo gosto o gesto solemne, o cenho carregado. Dahi muito naturalmente esconder-se a intima febre de quem está escogitando em busca de novas saidas sob um ar apparentemente frivolo.

Depois, é muito mais facil escandalisar e sujeitar-se as consequencias do seu acto, ficar quasi unicamente com os camaradas de letras por leitores do que fazer cousa que toda a gente sinta ser pessoal, mas por modo que em todo o caso se capte um publico propriamente dito. Por outra, e mais claramente: é difficil não nos submettermos passivamente aos novos canones e, graças a isso, mantermos contacto com a massa — inimiga sempre de incondicionalismos — sem que, no entanto, se nos possa negar uma iniciativa patente que nos dê fóros legitimos de escriptor moderno.

Sempre foi arduo tomar-se posição em taes condições, e ainda mais o é actualmente, quando nas artes, inclusive a da escripta, nos achamos em hora de transição violenta para um novo mundo ainda enigmatico.

Justamente, comtudo, porque as novas tendencias são tão perturbadoras do senso commum, porque as intuições estheticas ora em ansia de dominio estão ainda tão longe de poderem ser apprehendidas pelos não iniciados, é indispensavel apparecerem typos assim.

Ahi não se trata propriamente de habilidosos termos-médios. Tal ambição é muito plausivel. Nunca se escreveu quasi apenas para ser lido pelos outros que escrevem, a não ser nas épocas de decadencia. A arte tem um fim social. As exagerações de um Jean Epstein e de um Ortega y Gasset sobre a nova esthetica não podem prevalecer.

Fiquem no seu posto os puros vanguardistas que em seus instinctos confiam. E' necessario, de certo, no momento, um nucleo de abnegados experimentadores aqui no Brasil procurando adaptar a nossa natureza espiritual á nova humanidade, que não só na Europa, mas em quasi todo o

mais da America do Sul, vem dando signal de si nas letras, de envolta com as novas tendencias politicas, as novas tendencias philosophicas e os novos modos de ser até no terreno religioso.

Não se malsinem, porém, esses outros inquietos collaboradores que servem de ponte entre os retardatarios e os batedores intrepidados, e, ainda melhor, entre estes e o publico profano.

Quem acompanhe com benevolencia o movimento geral da nossa producção litteraria verá que, apesar dos pezares, pouco a pouco, até as mais incipientes sensibilidades vão querendo resentir-se de uma certa modificação. Demos tempo ao tempo. O que é preciso é estimular os que vêm chegando. Convencel-os que sem estudo, sem um bom esforço, hoje, menos do que nunca, nada se produz que valha. Mostrar-lhes que ora, como em tempo algum, na proporção em que o Brasil vae ganhando responsabilidade perante o mundo, tudo, inclusive as letras, demanda muito mais serio trabalho, muito maior e mais legitima actividade. Os ignorantes simplesmente graphomanos lião de ser confundidos.

Menotti del Picchia, com seus dous ultimos livros, ambos de contos, "Toda Núa" e "A outra perna do Sacy", motivou as linhas que acima ficaram escriptas.

Poeta, novellista, romancista, chronista, cada novo livro que lhe sae da penna traz feição nova. Nova comparado com o que por ultimo nos dera. Symbolismo, realismo, naturalismo, "futurismo" e os matizes que haja entre uns e outros, tudo elle reflecte, mas numa inconstancia de atordoar.

Salva-o, entretanto, uma cousa: é que nada que elle produza vem pallido, insignificativo. Nada é aborrecido decalque. Em tudo ha talento, ha vigor. Melhor do que isso: ha uma natureza de

moço irrequieta, ambiciosa. Sente-se-lhe uma necessidade viva de captar, de estender o seu circulo, de influir entre os seus contemporaneos. Principalmente os da idade que elle tem.

Demais a mais, muito estudioso. E um trabalhador acerrimo. Tudo o que faz, faz com esmero e com bom arremate. Na idade que tem já maneja a penna como um mestre.

Mas, se necessita de companhia muito numerosa entre os moços, não poupa esforços por conquistar todo um publico que encha a mão e compre livros, quer usando formulas já muito aceitas, quer mesmo se mettendo com os “futuristas”

Em “Toda Núa”, por exemplo, basta “O arbitro”, um trabalho segurissimo como novella naturalista, para mostrar que póde exceller no genero.

E’ a historia de dous pobres padres de provincia, dos quaes um é virtuoso por tal geito que chega a ser quasi irrisorio, e outro é peccador, mas tão humildemente que tambem tem qualquer cousa de grotesco. E’ facilmente perdoavel. Tambem como a elle, então, toda a gente, até os catholicos praticantes, hão de perdoar ao autor, tanto mais que del Picchia, antes de entrar em materia, se diz muito filho da Igreja.

Em “A outra perna do Sacy” apresenta-nos um lindo conto “futurista” o primeiro, cujo titulo dá nome ao volume inteiro. E’ trabalho tão lindo, repito, e tão claro, tão sem os abusos de outros “futuristas” lá de S. Paulo, que ninguem por certo deixará de acetal-o.

Sempre mais ou menos assim.

Só estes seus dous ultimos livros, para quem anda ao par do que se escreve lá na Europa, reflectem, como um arco-iris, o que anda por lá de mais novo em idéas, quando não seja em processos de escripta.

E', pois, de facto, Menotti um moço que os outros moços de letras têm que ler. Uns, os que saibam como elle, porque hão de achal-o interessante. Outros, os que saibam menos, para aprender. E moços e velhos todos para applaudil-o, quando lhe não votemos quisilia.

E' penna, unicamente, que nesta sua adoravel versatilidade, prestando um serviço real no instante, elle se arrisque a ser considerado pelos criticos futuros como um *virtuose*, em nada verdadeiramente caracteristico.

Póde que para assenhorear-se do momento elle se comprometta aos olhos do tempo que está por vir.

Outro novellista de merito, mas que nada se parece com Menotti, é Jayme Ballão Filho, autor de "Seara Morta"

Já vae para algum tempo, publicou elle uma novella, "Eterno Sonho", cuja toada me fez lembrar as *Gouaches*, inesqueciveis paginas de João Barreira. Fçram ellas, ao chegarem ao Rio, que me despertaram, a Cruz e Souza e a outros para o symbolismo. Apesar de tão epigona, essa pagina de Ballão Filho revelava uma natureza de escriptor.

Outras cousas deu-nos elle, mas que já estão esquecidas, signal de que não causaram tão boa impressão. Agora publica este livro. Paranaense que ainda até hoje não se afastou senão temporariamente da nossa terra, com esta serie de contos produziu as paginas que até aqui se possam dizer mais caracteristicamente nossas em tal genero.

E' preciso conhecer o Paraná, as nossas paizagens e a nossa gente humilde para sentir-se como "Seara Morta" effectivamente vem dessa terra.

Ide ver aquella natureza, do primeiro planalto para cima. E' como um sonho suave, um sonho de ouro prolongando esse outro sonho que é o Brasil, mais para o norte. Os campos e os pinheiraes, o singular horizonte, as nossas madrugadas e os nossos pôres de sol, as nossas proprias noites de luar, tudo tem ali uns tons unicos e um afinamento ineffavel, que são bem do Brasil, mas que dentro do Brasil não se encontram senão lá.

Depois, nossas condições de vida tambem nos são peculiares. A cultura do matte, a industria do pinho, o pastoreio não exigem quasi a sujeição de ninguem.

Até lá na marinha, onde nasci, com a pesca e o plantio da mandioca pelo systema alegre dos mitirós, vivemos muito sobre nós. Pobres, quasi todos até bem pobres, mas sem subordinações senhoriaes.

Não somos alegres, e quando o sejamos, sere-mos de uma alegria modesta, que quasi não se dá conta de si mesma. Parece que andamos perennemente commovidos não sei de que. Será essa moldura de ouro que nos cinge, a nossa natureza, que nos faz assim?

Seja como fôr, gostamos muito de pensar por conta propria. Cada um a seu modo. Nada temos de gregarios. Toda a nossa literatura, embora recente, o diz. Sem estardalhaço, sem jactancia, mas, intorcível, necessariamente, somos assim.

"Seara Morta" conta tudo isso e traduz tudo isso no que não conta.

Jayme Ballão Filho, sob a individualidade que lhe é propria, não será unicamente paranaense:

é um symbolo do Paraná a seu geito. Amigo de todos nós, sem feitiço para muita intimidade com ninguém. Parece um triste, um enfastiado da vida: de repente tem um gesto, um impeto de generosidade que ninguém esperava. Pouco sedentário, pois anda em viagens frequentes. Conhece todo o Paraná, na sua profissão de advogado. Não pôde, pois, frequentar muito rodas literarias, nem tem geito para isso. Mas de escrever é que não se esquece. E já com este livro, podemos dizer, é um escriptor feito.

Feito a seu modo. O volume, pelo menos de certo ponto em deante, está crivado de erros typographicos, que lhe deformam bastante o texto. Além disso, tem paginas admiravelmente bem feitas e bem acabadas, mas outras que não o são. Tem muitos altos e baixos.

A que genero pertence? Não é bem naturalista. Aqui, ali, pensamentos soltos. Tiradas lyricas frequentes. Ballão não anda ao par dos "vient de paraitre" chegados ao Briguiet. Mas o facto é que adivinha muita cousa do momento; está bastante nesté pela sua intuição geral. Os senões não provirão acaso da displicencia do autor?

Cousa muito interessante em "Seara Morta" é verem-se já os efeitos sociaes da immigração no Paraná, sobretudo da immigração allemã e polaca, a mais consideravel naquelle Estado.

Lendo o primeiro conto "Comô um romance", assistimos a um daquelles movimentos antes anarchicos do que propriamente revolucionarios, suscitados por "monges", pobres caboclos meio doidos, entre miserandos fanaticos ruraes, na região do antigo Contestado.

As injustiças de que é victima essa triste escoria social produzem a maior parte do fermento

para taes levantes, lá como por toda a parte no Brasil onde elles se manifestam.

Mas entre esses infelizes analphabetos já se encontram em grande numero individuos de nome **arrevesado**, descendentes de slavos ou germanicos, vindos ha meio seculo para cá. Este ou aquelle ainda se diz allemão. O que os distingue, porém, dos outros aventureiros é que elles sabem formular critica, e uma critica ferina, desesperada, sobre os homens que por lá nos governam. São, assim, dez vezes mais perigosos, porque mais conscientes. Além disso, hereditariamente, de vontade mais firme, de finalidade mais definida.

Não é um relampago annunciando a nova situação politica em que o sul se ha de achar, quando o tempo fôr modificando o ambiente por influencia desses novos elementos?

A um paranaense como eu, que tão poucas vezes póde ver sua terra, tratar directamente com seu povo, causa alegria pelo menos ler um livro como "Seara Morta"

"O Globo", 12-9-927.

“CASA DESTELHADA”

POEMAS DE RODRIGUES DE ABREU

*“Saudades da vida, sim;
Saudades do mundo, não”.*

Nunca pude esquecer estes dous versos, que, na sua expressão lapidar, parecem um sudario como o da Veronica. São de Auta de Souza, a dolorosa poetisa do Norte.

Elles, effectivamente, retrataram-na. O velho e sempre adolescente Casimiro, Auta dos Anjos, o proprio Cruz e Souza dos “Uultimos Sonetos”, aquelle “santo” Antonio Nobre, portuguez, pelas rimas de ouro e o gorgueio de seus versos, em medida certa, vivem lembrando-nos na memoria o nada que este mundo representa. São como os prisioneiros que o rei antigo mandava virem clamantes atraz do seu carro triumphal para evitarem-lhe uma excessiva ebriedade.

A tuberculose, por si, transfigura os seres, tanto mais quando são moços. Abreviando a vida, lhe dá uma compensação na intensidade. Fal-a semelhante á das abelhas, quando no vôo nupcial, que Maeterlinck apanhou na sua pellicula supersensivel. Essa intensidade exalta-lhes a

imaginação por modo que, quando elles são poetas se sentem mais que nunca os eleitos para interpretar os sentimentos da especie. Sentem que vivem por todos: em comparação com elles, os sãos é que dormitam, é que, por assim dizer, parecem mortos.

Mas por isso mesmo taes seres são perigosos; por contagio emocional emprestam a todos a visão dos tísicos. O mundo para elles só presta porque converte em felicidade a morte. O mundo é uma antecâmara de lagrimas; só na sala mortuaria é que se devia sorrir. São a coçaina do espirito na civilização actual. E são logicos: por que os deixamos morrer? A tuberculose era quasi desconhecida entre os antigos. Quando se conhecerá de novo a alegria radiante que lhes foi propria?

E' um signal dos tempos, no entanto (destes tempos mysteriosos como nenhum, porque dão signal de tudo, contradictoriamente), que os poetas tuberculosos comecem a ser o que não eram.

Anda agora S. Paulo festejando um moço, Rodrigues de Abreu, de cujo ultimo livro, "Casa destelhada", mesmo por aqui se vae falando muito nas rodas literarias. Pelos jornaes e revistas já tem transpirado alguma cousa de taes conversas.

*"A minha vida é uma casa destelhada
por um vento fortissimo de chuva.*

*"(As goteiras de todas as misérias
estão caindo com lentidão perversa,
na terra triste do meu coração.)*

*"A minha alma, a inquilina, está pensando
que é preciso mudar-se, que é preciso
ir para uma casa bem coberta..."*

*“(As goteiras estão caindo,
lentamente, perversamente,
na terra molhada do meu coração.)”*

*“Mas minha alma está pensando
em adiar, quanto mais, a mudança precisa.
Ella quer muito bem á velha casa
em que já foi feliz...
E encolhe-se, toda trãnsida de frio,
fugindo ás goteiras que cáem lentamente
na terra esverdeada do meu coração!”*

*“Oh! a felicidade estranha
de pensar que a casa aguenta mais um anno
nas paredes oscillantes!
Oh! a felicidade voluptuosa
de adiar a mudança, demoral-a,
ouvindo a musica das goteiras tristes,
que cáem, lentamente, perversamente,
na terra gelada do meu coração!”*

Assim elle justifica o titulo do livro, nestes versos raros.

Festejam-no em S. Paulo, não tanto porque elle viva doente e o queiram animar (ha sempre tantos doentes, mas a vida hoje é tão cheia de solicitações!), como porque, na sua enfermidade embora, elle é um elemento dos mais vivazes entre quantos concorrem para a hora actual de exaltação nas letras, nas artes, que está fazendo da Paulicéa, ainda por esse lado, uma terra cujo impeto obriga a não desesperar do Brasil. Rodrigues de Abreu é que creou para si proprio essa festa.

“Casa destelhada” nol-o diz: elle vive, quando na cidade, rodeado de amigos que vão vel-o:

*"Deus me concedeu a graça
de innumeraveis amigos*

..
que vêm á minha casa assiduamente.

..

Contam as curas que souberam.

*Ensinam-me remedios maravilhosos
e dão-me conselhos uteis.*

Todos elles dizem que a minha doença

E' um motivo de belleza para a minha vida:

"O' meu querido poeta tísico!"

E me reaffirmam que a minha tísica

Não lhes causa o menor receio.

Eu quero muito a esses amigos!

Bondosos amigos! Bondosos amigos!"

..

O mais interessante, porém, se se quer conhecer o typo novo que este rapaz representa na litteratura dos nossos Casimiros, é a outra parte da mesma poesia (do mesmo poema, como elles chamam hoje) :

*"Mas o amigo que eu amo extraordinariamente
é aquelle typo bohemio, que não sabe o que é res-
| ponsabilidade.*

*Que saiu de casa em pequeno, que não conhece
| parentes,*

e por isso me ama como se fosse a sua irmãzinha:

*Elle entra em casa gritando: "Rodrigues, meu
| poeta!"*

*E me conta a historia de uma mulher bonita,
que o fitou escandalosamente, na claridade da rua,
ali mesmo na esquina.*

*"Está no papo, meu poeta.. " e anda de um lado
| a outro,*

*com ares terriveis de infelicita-lares.
 Convida-me para ir ao bar beber cerveja.
 Do bar quer levar-me á força pr'os cabarês rui-
 | dosos,*

*onde diz que ha petisco chegado de fresco...
 Sei que elle faz isso por bondade.
 Finge não perceber que eu sou doente e cansado,
 para dar-me a illusão de que ainda sou util.
 E' esse amigo que eu amo extraordinariamente.
 Não me fala em doenças, não me ensina remedios.
 Mas fala-me na vida, leva-me para a vida
 E dá-me a sensação abençoada e exquisita
 de que em meus hábitos está florindo a rosa fresca
 da Saúde
 que irei despetalar doidamente na vida!"*

A muito leitor parecerá que isto nem é verso e que todo o mundo, mais ou menos, póde escrever assim. Tem, effectivamente, o character de um diario intimo: é sem comparações, sem imagens até sem metaphoras. Não vemos uma rima e difficilmente ás vezes se lhe percebe, sequer o rythmo. Quasi todos os rapazes |tuberculosos, se fossem escrever o que sentem na realidade, sem pensar em ser lidos por outros, coincidiriam tanto ou quanto com este poeta de São Paulo, dadas circumstancias identicas.

Mas quem faz versos fal-os para produzir effeito, não é apenas para dizer as cousas como as cousas são, sem estylisar, sem deformar. O soffredor principalmente. No effeito elle procura por instincto uma compensação ao seu mal. Soffre, sim, mas tal soffrimento ao menos ha de proporcionar-lhe superiorisar-se entre os homens.

E' natural, pois, não prefira falar-lhe dos lenitivos que vae tendo. — Conhecidos estes, seu

caso poderá parecer menos interessante. Elle ha de tender a sublimizar suas penas; a fazel-as tão impressionantes quanto possivel. Não insistirá demais nesta tecla por evitar ser monocordio. Terá referencias aos quadros risonhos que se lhe deparem na vida, mas de geito a enternecer, mesmo assim, pelo contraste entre estes e o seu ingrato destino. Todos os poetas particularmente soffredores têm feito assim:

*“Dizem que ha gozos no correr da vida;
Mau eu não sei em que o prazer consiste”*

Só quem pareça alheio á propria preocupação com a gloria, quem nos queira, embora infeliz, falar de si por maneira que antes se nos represente interessado por nós, receioso de que seu espectáculo nos entristeça demais, cuidando menos da ventura sua do que da ventura dos homens, mais solidario com estes na vida do que preza do seu instante pessoal; só esse é capaz de tal singeleza, capaz da verdade simples.

Mas por isso mesmo nessa nova attitude ha uma nova e imprevista poesia.

Toda uma corrente vae querendo-se desenvolver no Brasil com tal feição. Não se trata apenas de um caso isolado de poeta enfermo. Rabindranah Tagore, com seu organico budhismo, mas já tocado de influencia christã, com o seu genio suavemente soberano, lá na India, a suscita. Tasso da Silveira, Francisco Karam, Ribeiro Couto e agora este autor de “Casa Destelhada”, mais visivelmente, entre os moços que eu conheço e me venham á memoria, vão dando corpo e importancia a tal tendencia. São os chamados intimistas.

E’ o genero mais difficil que em verso tenha apparecido até aqui. Justamente porque é o mais

singelo, o mais nu' Faz a gente pensar na polpa fresca e tenra da castanha e do pinhão. E' a negação do adorno, e vem opposto a tudo o que orce pelo artificial. Aspira á poesia pura, como aliás, quasi todo o movimento vanguardista. A' poesia mais despida quanto seja possível da eloquencia e mais emancipada do que se chama a paixão. A' deshumanização da arte, num novo sentido humano.

A eloquencia e a paixão turvaram, acham elles, e mystificaram quasi toda a arte do seculo dezenove. São a causa maior da inferioridade do estylo deste, visto de conjuncto e comparado com o das grandes épocas de arte. Não fosse elle o seculo do romantismo, em que o instincto sobrepuja a intelligencia, por dogma essencial da escola.

Estes agora, pois, pendem para o classicismo, corrigindo a egolatria individualista, procurando a confirmação e a conciliação com a vida e com o mundo, que sobretudo o catholicismo da Renascença, dando tanta modestia ás almas, conseguiu que prevalecesse por um largo momento. Veja-se da Vinci, veja-se mesmo Camões.

O já pronunciar-se essa tentaviva é, para quem pensa, causa de uma doce esperanza, máo grado todos os vultuosos elementos de apprehensão mortificadores que nos impõem outros signos tão faceis de ver no horizonte. Se a "sabotage" actual em tudo o que é manifestação de cultura não tiver um paradeiro em tempo, essa germinação tem de falhar. Será que se trata de uma simples ardentia meteorica? Quero crer no contrario.

Mas para que esta forma permita realisação, na verdade, é necessario que o poeta o seja da cabeça aos pés. Ella terá a belleza quasi incomprehensivel, mas com que se não comparam

outras bellezas terrestres da agua que mana de uma nascente. As outras, quando falta a hora de graça propriamente dita ao poeta, têm recursos de sobra para dissimular a ausencia da inspiração. Esta ou ha de ser inexcedivel ou não valerá o que valem as demais.

Neste proprio livro, "Casa Destelhada", não são numerosas as paginas em que haja muito mais do que bellas intenções de poesia.

E' certo que, em se tratando de arte, tudo depende até certo ponto do nosso gosto pessoal e até do instante em que lemos. Talvez que, voltando a essas paginas, o meu juizo já não seja precisamente o mesmo, e é certo que em tempo algum coincidirá bem com o juizo de outros, tão bons entendedores ou melhores do que eu.

Bastam, seja como fôr, uma quantas estrophes que lá se encontram para dar-lhe, o todo elle, inconfundivelmente, esse novo caracter já referido.

Se o leitor quer, no emtanto, verificá-lo ainda melhor, leia os seguintes versos, esses, certo, medidos e rimados, mas que só um verdadeiro poeta é capaz de fazer

"SAUDADE DA TERRA"

A Sud Menucci

I

*"Por toda a estranha turba illuminada
dos Monges tristes, dos Anachoretas
a vida humana foi amaldiçoada.*

*"Santos. Bispos, Doutores, Confessores,
Virgens, Martyres, Mysticos e Poetas
povoaram a vida de terrores.*

*“Foi-lhes a terra um valle de amarguras,
cheio de asperos montes e barrancos,
de feras e de espinhos na espessura.*

*“Nella não viram reflorir a rosa,
nevarem brândamente os lyrios brancos :
nem o milagre da manhã radiosa.*

*“Iam alheios, na saudade egoista
Do Céu — mas não do céu linko e estrellado,
que é uma suprema criação de artista.*

*“Daquelle Céu que além do céu existe,
que é para o triste e para o desherdado,
que é para mim tambem, porque sou triste!*

II

*“Eu irei para o Céu, tenho a certeza.
Estou livre de todo o meu peccado,
limpei-me até da minima impureza.*

*Santifiquei-me pelo soffrimento,
pela angustia sem fim de torturado,
pela resignação no meu tormento!*

*“Mas como eu diffiro dos Eleitos;
Meu pobre coração como elle é humano!
Como ainda tenho sonhos imperfeitos!*

*“Fomos eguaes apenas na tortura,
nas longas noites de tormento insano,
nos lentos dias de aspera amargura.*

*“Eu vi lyrios nascendo em minha magua,
vi as rosas florindo em meu cuidado,
e os tristes montes me offertaram agua,*

*"Meu vale doloroso de violetas
foi milagrosamente poetizado
por azas de aves e de borboletas.*

*"Boas pombas desceram ao meu tecto;
os grandes astros, ao meu desencanto;
da dôr, eu fiz um mundo predilecto,*

*"E, mesmo quando me sangrava todo,
acarinhei, nas convulsões do pranto,
as flores que semearam no meu lodo!*

*"Nunca senti saudades do Céu alto.
Nunca sonhei o Céu, tão vago e immenso,
que elles tentavam, tremulos, de assalto.*

*Antes levo a saudade commovida
da terra triste, num amor immenso
á minha vida, ansiando por mais vida!*

III

*"Mas fiz-me santo pelo soffrimento,
pela resignação, pela tortura,
pela sombria cruz do desalento.*

*"Deus viu a minha dôr santificante.
Quer dar um premio á minha desventura,
quer, por isso, levar-me ao Céu distante!*

*"Breve, e ha de ser numa manhã florida,
não terei mais o Enigma, a Incerteza,
a Angustia que ha por toda a humana vida.*

*"Cerrarei os meus olhos deslumbrados,
attentos ao appello da Belleza
entrevista em momentos apressados.*

IV

*“E, tão perto do Céu, sinto a saudade
Da minha pobre vida de doente,
cheia de sustos, cheia de ansiedade,*

*“humanisada pela dôr radiosa,
feita de verso e lagrima eloquente,
brilhando, entre os espinhos, como a rosa,*

*“das noites tristes que eu coalhei de estrellas,
do meu dia de chuva, tão bonito,
do charco que eu enchi de caravellas...*

*“E, ao pensar no Céu, eu choro á tôa,
pulsa o meu pobre coração afflicto,
Ah! fosse eterna esta tristeza boa
deste valle de lagrimas bemdito!”*

Quando mesmo, porém, não haja poesia completamente realisada nos versos, tantos delles liberimos, de Rodrigues de Abreu, elles nos proporcionam o encontro com uma linda intelligencia de pensador e uma alma vastamente sympathica, que, em vez de nos deixar desolados, nos ergue, por maneira a desejar-mol-a sempre junto á nossa, estimulando-nos a alegria de existir, estonteada e tibia, nos são.

Vejam-se ainda estes trechos, por exemplo:

“MAR DESCONHECIDO”

*“Si eu tivesse tido saude, rapazes,
não estaria aqui fazendo versos.
Já teria percorrido todo o mundo.*

*A estas horas talvez os meus pés estivessem que-
brando*

*o ultimo bloco de gelo
da ultima ilha conhecida de um dos polos.
Descobriria um mundo desconhecido,
para onde fossem os japonezes
que teimam em vir para o Brasil*

*Rapazes, eu sou um marinheiro!
Por isso, em dia vindouro, nevoento,
porque ha de ser sempre de nevoa esse dia supremo,
eu partirei numa galera fragil
pelo Mar Desconhecido.*

*Como em redor dos meus antepassados,
que partiram de Sagres e de Palos,
o choro estalará em derredor de mim.*

*"Saltarei na galera apodrecida
que me espera no meu porto de Sagres,
no mais aspero cáes da vida.
Saltarei um pouco feliz, um pouco contente,
porque não ouvirei o choro de minha mãe.
O choro das mães é lento e cansado.
E' o unico choro capaz de chumbar á terra firme
o mais ousado mareante.*

*Com um golpe rijo cortarei as amarras.
Entrarei, um sorriso nos labios pallidos,
pelo immenso Mar Desconhecido.
Mas, rapazes, não gritarei JAMAIS!
não gritarei NUNCA, não gritarei ATE' A OUTRA
VIDA!"*

*Porque eu posso muito bem voltar do Mar Desco-
nhecido
para contar a vocês, as maravilhas de um paiz es-
tranho.*

*Quero que vocês á moda antiga me bradem: BOA
VIAGEM!
e tenham a certeza de que serei mais feliz.
Eu gritarei! ATE' BREVE! e me sumirei na nevoa
expessa.
fazendo um gesto carinhoso de despedida"*

A sciencia já póde bastante, actualmente, sobre a tuberculose, mal ainda outro dia quasi sempre incuravel. Um poeta assim com este, tão voltado para a vida e voltado tão nobremente, como que presagia amanhã vel-a-emos segura e truculentamente domada.

Ha nelle, por forma latente, a esperanza de toda a humanidade.

E' para desejar-se que Rodrigues de Abreu seja mais um caso feliz a demonstrar que hoje mesmo, a peste branca já bruxoleia em vespas de agonisar. E' digno da vida, quem asim se nos revela de tão nova poesia e tão sympathicamente illuminado.

UM POUCO DE CHRONICA DA VIDA LITERARIA

Rio, 18 de Setembro 1921.

Os moços vivem hoje, como eu dizia, tratando muito bem os academicos, mas estes, por sua vez, ainda os mais carecteristicamen “velhos”, quero dizer. mais genuinamente parnasianos, qu naturalistas, teem de mostrar-se tolerantes até com a memoria dos que são os verdadeiros idolos desses jovens esthetas-politicos.

A primeira manifestação litteraria que houve em publico este anno, aqui no Rio, por parte dos novos que já se podem considerar mais autorisados, foi a que se fez em honra á memoria de Emiliano Pernetta, no salão do “Jornal do Commercio”, a 19 de Abril, tres meses depois do seu fallecimento.

Emiliano é, — ainda haverá muita gente que não saiba. — um dos mais caracteristicos e valiosos poetas symbolistas que teve o Brasil; sua individualidade apenas começa a despertar a curiosidade e o interesse que merece. Tal festa foi o corôamento das manifestações de magoa que, ainda assim, o funesto acontecimento suscitou em todo o Brasil intellectual.

Quem, entretanto, presidiu aquella festa? Foi Alberto de Oliveira. Não presidiu apenas por

presidir. Foi elle quem pronunciou as primeiras palavras de elogio ao morto e em termos tão altos, que lhe honram o criterio e a nobreza dos seus sentimentos.

Não é preciso dizer: quantos moços falaram, desde Tasso da Silveira, que produziu o chamado discurso official, até Bueno Monteiro, que por ultimo contou algumas anedoctas para dar uma idéa das singularidades de Emiliano, todos, não só se referiram ao poeta homenageado, como a Cruz e Souza, a B. Lopes, a Gonzaga Duque e outros dentre os notaveis symbolistas brasileiros. O dia foi destes, consequentemente. Alberto, como Rodrigo Octavio, e Goulart de Andrade, que tambem faziam parte da mesa, houveram-se, não obstante, com tão bôa cara a tudo aquillo como o dr. Affonso Camargo, ainda outro dia, presidente do Paraná, e o autor destas linhas, que, como paranaense, sentaram-se ambos naquelle lugar de honra, ao lado dos academicos.

Estes, pois, mais se deixam levar actualmentemente pelos rapazes, para não perder contacto com o tempo, do que realmente os dirigem. Peor ainda. Não raro, para viverem nessa intelligente condescendencia, até ás vezes teem de soffrer com paciencia alguma cotovellada menos protocollar da parte desses sujeitos, que afinal de contas não podem deixar de ser moços.

Nessa mesma festa a Emiliano Pernetta aconteceu assim: Bueno, entre muita cousa feliz, disse umas cousas antiacademicas que não devia dizer. Que necessidade tinham aquelles rapazes de ver Alberto meio conturbar-se na sua linha tão sympathicamente olympica, Rodrigo ficar mais vermelho do que costuma ser na moldura ainda quasi toda persistentemente loura da barba que lhe vae tão bem e Goulart remexer-se na cadeira?

Seguia-se dahi a pouco, a tal festa, as “vesperaes literarias”, da Bibliotheca Nacional, que incontestavelmente estão fazendo epoca (estão porque ainda não acabaram) aqui no Rio.

Inventou-as e tem-nas sustentado, com a colaboração da fina flôr literaria que actualmente vem abrindo caminho, um rapaz com quem absolutamente não se contava para cousas destas. Falo de Adelino Magalhães.

Adelino é uma figura “sui generis”, inteiramente “sui generis” na literatura nacional. Autor de uns tres livros já publicados, é elle, á primeira vista, nas suas obras, de um naturalismo ultraviolento, peor que o do proprio Rabelais na Renascença. Pretende, não obstante, que o julgam muito mal quantos pensam que elle seja apenas um exaggerado epigono dos Aluizios e dos Julio Ribeiro. Apesar das notas excessivamente cruas que quasi todos os seus contos representam, tem-se por um quasi propheta. Julga, parece, que está entre Tacito e aquelle tremendo Isaias da Biblia, tanto quanto é possivel nesta Sebastianopolis capadoçal. Além disso, pelos seus processos, parece-lhe que é um ultra-impresionista, o primeiro praticante, em letras, do futurismo no Brasil

O que até aqui Adelino tinha colhido, todavia, eram, na sua maior parte, descomposturas e vaias, em quasi toda a nossa imprensa, principalmente a de provincia. Creio que por emquanto o estudo mais aprofundado que dessa obra singular já se fez foi um folhetim que publiquei aqui, na “Noticia”, quando a grippe hespanhola estava fazendo verdadeiramente hecatombe, razão pela qual quasi ninguém o leu.

Pois bem, esse mesmo Adelino foi quem teve a lembrança das “vesperaes”, e, é preciso dizel-o, tem sabido haver-se por modo tal na realização do

seu plano, que maravilha quantos anteriormente o conheciam. Temos todos de confessar que não lhe adivinhámos este aspecto.

Adelino está mostrando no terreno da acção os mesmos intuitos heroicos que o animam quando escreve; agora, porém, de modo que já toda a gente interessada por estas cousas os reconhece e applaude.

Na primeira “vesperal” disseram-se versos de moços que ahí estão na brecha, embora já se houvesse occupado parte do tempo em ler paginas de Carvalho Ramos, joven que promettia muitissimo e que falleceu ha pouco.

Nas outras que já se seguiram, como na ultima, que ainda se vae realisar, nenhum vivo é lembrado, a não ser incidentemente, porque o assumpto o reclame

O salão tem ficado cheio, tão cheio que é preciso chegar-se antes das quatro para obter bom lugar. Boa parte do elcgante Botafogo tem estado ali de pé firme, dando a tudo a graça incomparavel que só o elemento feminino é capaz de dar.

Já se vê que devem os rapazes, em grande parte, o successo alcançado principalmente a serem essas “vesperaes” presididas, ora por D. Angela Vargas Barbosa Vianna, ora pela senhorita Margarida Lopes de Almeida, as duas eximias interpretes que todo o Rio admira. Ellas presidem e colaboram, pesoalmente e com suas discipulas, nessa obra de justiça e de cultura.

Outro motivo pelo qual as “vesperaes” mereceram a sympathia de todos é não se fazer politica literaria na escolha das individualidades que sejam lembradas ali.

Na segunda celebraram-se os nomes e leram-se paginas de Adolpho Caminha, naturalista, B.

Lopes e Mario Pederneiras, symbolistas, Augusto dos Anjos, realista.

Nas outras procederam com o mesmo criterio. Cruz e Souza, Francisca Julia, Gonzaga Duque, Azevedo Cruz, Antonio Lobo, Alphonsus de Guimaraens, Marcello Gama, Auta de Souza, Ferreira de Araujo, Luiz Delfino, Domingos Olympio, Saturnino Meirelles e Baptista Cepellos foram ou ainda hão de ser falados e citados ali, sem que a escola a que tenham pertencido os houvesse recommendado ou não recommendado, mas apenas o seu valor.

Basta citarem-se os nomes dos moços que tem collaborado ou já se sabe que hão de ainda collaborar nas "vesperaes", para ver-se que elles foram escolhidos até aqui entre os que mais saliencia ganharam por emquanto. São: Claudio Ganns, Brenno Arruda, José Oiticica, Andrade Muricy, Rodolpho Machado, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Aggripino Grieco, Gomes Leite, Viriato Correia, Perillo Gomes, Homero Prates, José Guilherme, Leal de Souza, Mario José de Almeida, Gustavo Barroso, Garcia Margiocco e Tavares Bastos.

Ainda não houve um dentre esses oradores que deixasse de alcançar muitas palmas porque houvesse escripto mal o elogio de que foi incumbido. Nota-se que os moços geralmente estão escrevendo muito bem, sobretudo attendendo-se a que elles são moços ainda. Nesse particular mostram-se bastante superiores á gente da minha geração, mas porisso mesmo está-se tornando cada vez mais difficil uns tomarem o passo aos outros.

Cousa curiosa, entretanto, é que poucos, embora escrevendo assim tão bem, se hajam revelado nestes torneios com verdadeiro talento de critica. Viriato Correia, por exemplo, produziu uma pagina que foi largamente applaudida, falando do es-

criptor maranhense Antonio Lobo, conhecido tão pouco no sul. A pagina mereceria esses applausos como uma bonita, franca e corajosa pintura do ambiente literario e social de provincia, mas o certo é que muito ainda não poz de pé o seu patricio definitiva e inconfundivelmente. Fez critica litteraria incompleta.

Talvez dentre todos, Tasso da Silveira, falando de Cruz e Souza, Brenno Arruda, fazendo a psychologia de Adolpho Caminha, Andrade Muricy, determinando o valor de Francisca Julia e Claudio Ganns procurando collocar Mario Pederneiras como é de justiça, estes quatro moços foram os que fizeram critica propriamente dita.

Mais para notar-se ainda, entretanto, é que todos os quatro, mesmo o proprio Brenno Arruda, que tratou de Caminha, revelaram-se francamente avessos aos velhos processos: o naturalismo e o parnasianismo, e que dentre os outros, dous, pelo menos, Aggripino Grieco e Rodolpho Machado, lançaram sobre os academicos dos quaes alguns estavam presentes, juizos e epithetos nada lisongeiros.

E' claro que os outros moços não podem assumir conjunctamente a responsabilidade destas cousas.

Nem porisso entretanto ellas deixam de ser symptomaticas.

“Jornal dos Debates”, S. Paulo, n.º 44 1921).

INDICE DOS NOMES CITADOS

A

- Abilio (Henrique) — 213.
Abreu (Casimiro de) — 67, 188.
Abreu (Manoel de) — 278 a 289.
Alencar (José de) — 46, 160, 167, 170, 207, 209, 268 a 272.
Alcoforado (Marianna) — 101.
Almeida (Guilherme de) — 55, 70, 103, 113, 125, 199, 228, 243, 249.
Almeida (José Americo de) — 143 a 152, 231, 243, 249.
Almeida (Mario José de) — 321.
Almeida Magalhães — 174.
Almeida (Renato) — 105, 115, 175.
Alvares de Azevedo — 45, 46, 141.
Amaral (Amadeu) — 175.
Anchieta — 117.
Andrade (Mario de) — 28, 29, 55, 76, 153 a 173, 185, 199, 209, 229, 230, 232, 243.
Andrade (Oswald) — 120, 199, 209, 232.
Anjos (Augusto dos) — 46, 320.
Araujo (Murillo) — 55, 70, 103, 105 a 115, 175, 198, 199, 213, 229, 230, 243, 250, 293, 321.
Arinos (Affonso) — 179, 184, 208.
Arruda (Brenno) — 175, 205, 321, 322.
Athavde (Tristão de) — 28, 29, 158, 171, 174 a 193, 206, 208.
Azevedo (Aluizio) — 208, 319.
Azevedo Cruz — 321.

B

- Ballão Filho (Jayme) — 296 a 303.
Ballivián (Henrique Bustamante y) — 238 a 246.
Balzac (Honoré) — 135.

Bandeira (Manoel) — 175, 221, 227, 230, 232, 243.
Banville — 52, 262.
Barbosa (Rafael) — 255, 257.
Barbosa (Ruy) — 195, 257, 258.
Barbusse — 59.
Barreira (João) — 275, 300.
Barreto (Fausto) — 293.
Barreto Filho — 135 a 142, 213.
Barreto (Tobias) — 34, 45, 258.
Barroso (Gustavo) — 321.
Baudelaire — 157.
Beethoven — 107.
Bergson (Henry) — 21.
Bilac (Olavo) — 48, 98, 230, 291.
Brandão (Wellington) — 251 a 254.
Bremnd (Henri) — 226.
Brunot (C.) — 11.
Bueno (Monteiro) — 318.

C

Calogeras (Pandiá) — 186, 188.
Caminha (Adolpho) — 320, 322.
Camões — 310.
Carrière — 63.
Carvalho Filho — 260 a 261.
Carvalho Ramos — 175, 320.
Carvalho (Ronald de) — 55, 70, 175, 199, 228, 243, 292, 293.
Castro (Eugenio de) — 111.
Castro Alves — 46, 138, 230, 250.
Castro e Silva (Guilherme) — 290 a 295.
Catullo Cearense — 196, 200, 208, 250.
Cendrars (Blaise) — 121, 144, 209, 218, 280.
Cepellos (Batista) — 321.
Chateaubriand — 107, 165, 166.
Chesterton — 185.
Chiachio (Carlos) — 256, 257, 258, 259, 260, 261.
Claudel (Paul) — 24, 59.
Cocteau (Jean) — 21, 110, 121, 280.
Coelho Netto — 27, 229, 262.
Cooper (Fenimore) 165.
Correia (Viriato) — 321.
Costa e Silva (Da) — 175.
Cruz e Souza — 13, 17, 19, 54, 63, 98, 99, 110, 188, 230, 250, 258, 262, 273, 283, 293, 300, 304, 318, 321, 322.
Cunha (Euclides da) — 122, 195, 196, 198, 207, 208.

D

- Damasceno Vieira (Arnaldo) — 175.
D'Annunzio — 11, 15, 23, 33, 54, 108.
• Dante — 62, 101.
Debussy — 24.
Delgado (Luiz) — 263 a 267.
Delfino (Luiz) — 230, 321.
Domingos (Olympio) — 321.
Dostoiewski — 15, 120.
Drieu-La Rochelle — 282.

E

- Einstein — 177.
Epstein (Jean) — 297.
Eschylo — 253.

F

- Farias Brito — 34, 35, 175, 195, 207, 208, 275.
Farias Brito — 34, 35, 175, 195, 207, 208, 275.
Ferreira (Ascenso) — 224, 231.
Ferreira de Araujo — 321.
Ferrero (G.) — 21.
"Festa" (revista) — 211 a 214.
Fialho de Almeida — 20.
Figueiredo (Jackson) — 27, 28, 34 a 44, 134, 141, 175, 183, 190.
Fonseca e Silva (Laura da) — 175.
France (Anatole) — 126.
Francisca Julia — 321, 322.
Freud — 108, 173.

G

- Gama (Brasilio da) — 168.
Gama (Luiz) — 118.
Gama (Marcello) — 321.
Ganns (Claudio) — 321, 322.
Garcia Rosa — 35.
Gauthier (Jules de) — 176.
Gauthier (T. H.) — 52.
Gide (André) — 21, 24.
Giraudoux (Jean) — 121, 125, 131, 134, 136, 218.
Godoy (Adoasto de) — 174.
Goethe — 18, 107, 157.
Gomes (Eugenio) — 260 a 261.
Gomes Leite — 175, 321.

Gomez de La Serna — 282.
Gomez Perillo — 321.
Gonçalves Crespo — 221, 254.
Gonçalves de Magalhães — 207.
Gonçalves Dias — 45, 46, 170.
Gongora (Luiz) — 218.
Gonzaga (Thomaz Antonio) — 188.
Gonzaga Duque — 262, 275, 318, 321.
Gorki (Maximo) — 74.
Goulart de Andrade — 318.
Graça Aranha — 11 a 34, 69, 155, 158, 170, 177, 178, 180,
184, 207, 208, 229.
Grieco (Agridino) — 183, 321, 322.
Guerra Junqueiro — 20, 111, 114, 223, 226, 232.
Guilherme (José) — 321.
Guimaraens (Alphonsus de) — 321.
Guimarães (Luiz) — 254.

H

Heredia — 52, 53, 92.
Hermes-Fontes — 46, 175, 238, 260.
Homero — 253.
Horacio — 291.
Hugo (Victor) — 107, 138.
Huidobro (Vicente) — 282.

I

Ibsen — 11, 15 170.
Itiberé (Brasilio) — 213.

J

Jacob (Max) — 282.

K

Karam (Francisco) — 309.
Kayan (Omar) — 25, 63.
Keiserling — 136, 193, 285.

L

Laet (Carlos de) — 38, 293.
Lamartine — 254.
Larbaud (Valéry) — 121, 218.
Leal de Souza — 321.
Leconte de Lisle — 54, 55, 253.

- Lenine — 22, 27.
 Leoni (Raul de) — 45 a 56.
 Lessa (Aureliano) — 46.
 Lima (Augusto de) — 46.
 Lima Barreto — 175.
 Lima (Hermann) — 262.
 Lima (Jorge de) — 103, 220 a 237.
 Lins do Rego (José) — 220.
 Lisboa (Francisco) — 257.
 Lobo (Antonio) — 321, 322.
 Lopes (B.) — 114, 250, 318, 321.
 Lopes de Almeida (Margarida) — 320.
 Loyola (Leonidas) — 174.

M

- Machado de Assis — 13, 20, 184.
 Machado (Gilka) — 97 a 104, 175, 243.
 Machado (Rodolfo) — 321, 322.
 Maeterlinck (Maurice) — 11, 15, 23, 33.
 Magalhães (Adelino) — 160, 175, 198 a 204, 319, 320.
 Magalhães (Domingos de) — 45, 46.
 Magalhães (Valentim) — 157.
 Maistre — 41.
 Mallarmé — 20, 54.
 Margiocco (Garcia) — 321.
 Marguerite (Victor) — 69.
 Marinetti — 58, 125, 176, 280.
 Mauclair (Camille) — 21.
 Maurras (Charles) — 42, 59.
 Meirelles (Cecilia) — 103, 213, 243.
 Meirelles (Saturnino) — 321.
 Mendés (Catulle) — 52, 262.
 Menucci (Sud) — 311.
 Meunier — 63.
 Monteiro Lobato — 174.
 Montesquieu — 165.
 Morand (Paul) — 121, 125, 131, 133.
 Morris (William) — 54.
 Muniz Barreto (Francisco) — 102.
 Muniz (Rosendo) — 102.
 Muñoz (Maria Elena) — 92.
 Muricy (Andrade) — 124 a 134, 158, 161, 175, 177, 213, 214,
 215, 216, 218, 255, 321, 322.
 Musset (Alfred) — 11.
 Mussolini (Benito) — 23, 58.

N

- Nabuco (Joaquim) — 13, 17, 81, 184, 195.
Nietzsche — 15, 16, 70, 72, 121, 191, 253.
Nobre (Antonio) — 111, 304.

O

- Oiticica (José) — 321.
Olavo (Silvino) — 253.
Oliveira (Alberto de) — 98, 155, 188, 221, 291, 318.
Oliveira Vianna — 175, 198.
Ortega y Gasset — 106, 107, 177, 279, 283, 297.

P

- Paranapiacaba (Barão de) — 291.
Pederneiras (M.) — 114, 293, 320, 321, 322.
Peixoto (Afranio) — 187.
Péladan (Sar) — 17.
Penha (João) — 221.
Pereira da Costa (Francisco) 102.
Pereira da Silva — 175.
Pernetta (Emiliano) — 175, 317, 318.
Picchia (Menotti del) — 175, 249, 296 a 303.
Pinto da Silva (João) — 174.
Pirandello — 193, 279.
Poe (Edgar) — 135.
Pompea (Raul) — 20.
Prado Kelly — 291.
Prata (Ranulpho) — 175.
Prates (Homero) — 321.
Proust (Marcel) — 24, 60, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132,
133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 193, 218.

Q

- Queiroz (Eça de) — 20.
Quental (Anthero de) — 47.

R

- Rabellais — 81, 170.
Racine — 107.
Radiguet (Raymond) — 282.
Ramalho Ortigão — 20.
Régnier (Henri de) — 21, 24.

Ribeiro Couto — 175, 213, 243, 309.
Ribeiro (Julio) — 319.
Ricardo (Cassiano) — 247 a 254.
Rimbaud — 20, 54.
Rio Branco (Barão do) — 21.
Rocha Pombo — 207.
Rodin — 15, 24.
Rodrigo Octavio — 318.
Rodrigues de Abreu — 286, 304 a 316.
Rollinat — 46.
Romain Rolland — 15, 175, 217.
Romero (Sylvio) — 13, 19, 34, 208.
Roquette Pinto — 167.
Rosny Ainé (J. H.) — 24.
Rouget de Lisle — 58.
Rousseau (J. J.) — 127, 151, 252.

S

Saint-Pierre (B.) — 126.
Salgado (Plinio) — 116 a 123, 249, 283.
Salmon (André) — 282.
Sapho — 101.
Schiller — 47.
Schmidt (Affonso) — 175.
Schopenhauer — 24.
Seilliére — 166.
Shakespeare — 11.
Shelley — 47.
Silveira (Tasso da) — 47, 55, 57 a 96, 103, 158, 174, 175,
176, 177, 187, 213, 230, 243, 255, 293, 309, 321, 322.
Socrates — 117.
Sophocles — 253.
Souza (Auta de) — 304, 321.
Souza (Claudio de) — 175.
Souza Caldas — 291.
Souza e Mello (Hortensio da Gama) — 102.
Spengler (O) — 84.
Staden (Van) — 166.
Strawinsky — 21, 25, 28, 58, 60, 279.
Sully Prudhome — 47.

T

†
Tagore — 15, 60, 63, 86, 88, 90, 309.
Taunay — 13.
Tavares Bastos — 321.
Teixeira (Mucio) — 254.

Théo Filho — 209, 210.
Tolstoi — 15, 279.
Torre (Guillermo de) — 110, 282.
Torres (Alberto) — 195, 196, 207.
Torres (Antonio) — 174.

V

Valéry (Paul) — 21, 24, 47, 60.
Varella (Fagundes) — 188, 250.
Vargas (Angela) — 291, 320.
Varzea (Virgilio) — 262.
Veiga Lima (Carlos da) — 273 a 277.
Veiga Miranda — 175.
Verde (Cesario) — 114, 221.
Vergilio — 291.
Verhaeren — 15, 63, 108, 110, 215.
Verissimo (José) — 11, 13, 16, 184.
Verlaine (Paul) — 20.
Vieira (Padre Antonio) — 257.
Vieira (José) — 174.
Vinci (Leonardo da) — 310.

W

Wagner (Richard) — 107.
Wilde (Oscar) — 54.
Whitman — 15, 108, 110, 163, 199, 215, 251.

Z

Zola (Emile) — 107, 209, 210.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).